



ENTRE A
ESCRITA
E A
IMAGEM

30 CONTOS 30 ROTEIROS

CARLOS HENRIQUE SCHROEDER (ORG)

Livro digital de circulação gratuita
ISBN 978-65-86363-25-8

Revisão dos contos: Jéssica Ulbricht

Revisão dos roteiros: Marcos Leptretinf

Capa: Design Produções sobre fotografia de Sergey Vinogradov
(Licença Unsplash)

Diagramação e projeto gráfico: Marília Bitencourt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Entre a escrita e a imagem [livro eletrônico] :
30 contos 30 roteiros / Carlos Henrique
Schroeder (org.). -- Jaraguá do Sul, SC :
Design Editora, 2021.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-86363-25-8

1. Contos - Coletâneas - Literatura brasileira
2. Roteiros I. Schroeder, Carlos Henrique.

21-86027

CDD-B869.9308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Coletâneas : Literatura brasileira
B869.9308

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à
Cultura -Edição 2020, executado com recursos do Governo do
Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense da
Cultura.



ENTRE A
ESCRITA
E A
IMAGEM

30 CONTOS 30 ROTEIROS

CARLOS HENRIQUE SCHROEDER (ORG)

SUMÁRIO

A METAMORFOSE _____	7
ANNA THERESA SCHIPMANN REBELO	
A (DI)AR _____	11
GUSTAVO ZINDER	
ALGUNS PORÕES _____	15
PIMENTEL FILIPI	
A PRAIA E O FOGO _____	20
LUIZ CLÁUDIO CERQUEIRA	
ARRITMIA _____	32
NATÁLIA TRENTINI	
ASAS QUEBRADAS _____	41
MAYKON ELY	
A VISITA _____	50
THAYSA PETRY LISBÔA	
BUTCHER _____	59
CRISTINA PRETTI	
CAIXINHA _____	68
JÉSSICA DOS SANTOS DE SOUZA	
CÉU E MAR _____	77
FELIPE UTPADEL	
CHAMAS _____	80
ADRIANA NIÉTZKAR	
COLCHA E RETALHOS _____	87

LEONARDO BITTENCOURT	
COMO VOLTAR PARA CASA _____	92
BRUNA MARTINS	
ENTRANHAS _____	100
SUELLEN CORDOVIL DA SILVA	
ESCARABOCHO _____	102
PAULO ZWOLINSKI	
ISSO ESTÁ ACONTECENDO AGORA _____	107
ADRIANO SALVI	
ISOLAMENTO _____	114
DIDIÊ KINSEY	
MALDITO SEJA O ESPECTADOR DA MINHA VIDA ____	118
NELSON DE FARIA CAMPOS	
MARTINHA _____	122
NIELSON MODRO	
NASCI PREPARADO _____	132
HELOISA DIAS	
NÃO TOC _____	136
AMILCAR BRITZ	
NÃO TEM NOME _____	145
RITA DUARTE	
O MONSTRO _____	149
EDUARDA VIDAL	
O ÚLTIMO PRÍNCIPE _____	153
DIRLEI FELIPPE	
O RELATÓRIO _____	159

DANIEL R. S.	
PREVIDÊNCIA PRIVADA _____	171
RODRIGO DE SOUZA BORTOLOTI	
SAGRADA SUBVERSÃO _____	180
DIOVANE RUBENS RIEDEL	
TRAZIDA DO MAR _____	194
MERY PETTY	
TEM UM GNOMO NO JARDIM! _____	202
LILIAN REGINA SCHMEIL	
UM DIA QUE QUASE ACONTECEU _____	211
CAIO HENRIQUE LEIVAS BORGES	
VASSOURAS _____	220
ROTEIROS. _____	226

A METAMORFOSE

UMA APRESENTAÇÃO

1. Esta publicação é o resultado do curso **Entre a escrita e a imagem**, que reuniu dois grupos sob minha tutela para pensar, discutir e praticar técnicas de escrita literária e escrita audiovisual nos meses de abril, maio, junho e julho de 2021. São trinta autores/as, trinta contos e trinta roteiros de curta-metragem (inspirados nesses mesmos contos) que encontraram no fator Carrière um mundo de desafios e incertezas.
2. O roteirista e romancista Jean-Claude Carrière (1931-2021) trabalhou com algumas das mentes mais brilhantes de sua época: Godard, Jacques Tati, Buñuel, Peter Brook, Milos Forman, Nagisa Oshima, Philippe Garrel e muitos outros. Sua contribuição ao cinema não se restringiu apenas aos roteiros que escreveu ou aos filmes que dirigiu, mas também aos livros que elaborou sobre suas experiências e a arte de contar histórias através de imagens. E como muito bem já disse o crítico de cinema José Geraldo Couto, Carrière encarava as artes e a vida como vasos comunicantes, e estabelecia entre elas uma relação de diálogo permanente, sem barreiras ou hierarquias. Tudo é criação.

3. O que me leva ao início do livro “Bonsai”, do chileno Alejandro Zambra: “No final ela morre e ele fica sozinho. Embora na realidade ele ficou sozinho vários anos antes da morte dela, Emília. Bom, supomos que ela se chama, ou se chamava Emília, e que ele se chama, se chamava ou continua se chamando Júlio. Júlio e Emília. No final Emília morre e Júlio não morre. O resto é literatura”.
4. Mas voltemos ao Carrière. Em seus livros e palestras, sempre afirmou que a imaginação é um músculo que precisa de exercício constante e que ela “pode ser treinada, como a memória, ou como o pianista que treina os dedos, o ouvido”. E também que o roteiro é um esboço destinado a desaparecer ao se transformar em imagem e som. E usava essa metáfora: “...o roteiro representa um estado transitório, uma forma passageira destinada a se metamorfosear e a desaparecer, como a larva ao se transformar em borboleta.”
5. O presente livro trabalha em dois estágios criativos, em duas voltagens: na primeira, é borboleta, livre para voar. É uma narrativa pronta. Na segunda, é um esboço, guia, para quem sabe algum dia voar. Por isso essa coletânea é, na verdade, duas coletâneas, dois livros. Isso fica bem claro quanto ao aspecto formal: são dois sumários diferentes, duas tipografias e formatações distintas. Quando um termina, o outro começa. A ruptura é visível. O estranhamento também.
6. Diferenças à mostra. Muitas. Mas a grande dissensão é: na primeira parte temos narrativas breves de ficção, que podem usufruir de toda a liberdade que a literatura

oferece, na sua forma e conteúdo, e na segunda a escrita audiovisual, com uma formatação mais rígida mas que explora a visualidade. São duas linguagens completamente distintas que aqui conversam de maneira ímpar: uma alimentou a outra. A narrativa breve, o conto, serviu de inspiração para a estruturação do roteiro.

7. Um conto é um recorte preciso de uma realidade (por mais irreal que seja), e também um fim em si. Ele existe e se sustenta sozinho, e vai se realizar na cabeça do leitor. A literatura é uma espécie de cinema interior: tudo acontece na tela da mente. Já o roteiro audiovisual não é o fim. É o início, um guia, um mapa, para toda uma equipe trabalhar: o diretor, o diretor de fotografia, os atores, o editor, dezenas de pessoas. E precisa ser claro na forma e na intenção.
8. A transformação de um roteiro em filme é um pequeno milagre, e depende de diversos fatores (qualitativos, financeiros et cetera). Outro pequeno milagre é a transformação de um conto em um roteiro audiovisual: um choque de propósitos. O que funciona no conto geralmente não funciona no roteiro e muito menos no filme, mas aspectos da narrativa breve certamente abrem portas e janelas para um entendimento do que realmente importa naquilo que se quer contar.
9. Os trinta participantes escreveram seus contos, leram para o seu grupo, e puderam criticar e elogiar o trabalho de todos, com flores e pedras, numa arena aberta de entrega e resiliência. Puderam mexer nos textos, depois da enxurrada de opiniões, em busca de uma versão final de agrado a gregos e troianos, mas sobretudo dos

próprios autores. E somente quando a história já estava cristalizada, segura, e conseguiram identificar a *logline* e *storyline* (a essência dramática e a essência narrativa da história), foram para o argumento, a escaleta, e por fim o roteiro. Horas e horas de trabalho e dedicação.

10. Não bastasse isso, tiveram que defender seus trabalhos perante uma banca: cada grupo encarou um pitching. Certamente a experiência foi desgastante, mas tenho a convicção de que também causou um ponto de inflexão no fazer artístico de cada um. Dizem que o que vale, de verdade, é a trajetória, o processo. Mas o interessante neste projeto é que o próprio registro é um processo: poder comparar uma narrativa e sua transformação em um roteiro audiovisual é um aprendizado para os leitores mas sobretudo para os próprios autores.
11. A muralha que divide o texto literário do cinematográfico é na verdade o próprio enigma da criação, o estalo que açoita os disparos e gatilhos de nossas limitações e anseios, o grande ponto de interrogação. Pois bem, leia o conto, e depois o roteiro, ou vice-versa. A borboleta. O casulo. A metamorfose.

Carlos Henrique Schroeder

A (DI) AR

Anna Theresa Schipmann
Rebelo

Sempre gostei de observar o mar, e geralmente faço isso nas manhãs de domingo. Gosto da sensação de tristeza: poética e torpe. Não vou negar que a caminhada até a praia acaba me isentando de alguns afazeres, que consigo adiar até o fim do dia.

Hoje foi diferente; tive de ir mais tarde, com pressa, parecia que estava atrasada tal qual o coelho de Alice.

É que ontem capotei no sofá da sala depois de uma garrafa e meia de vinho, tinto. Após o habitual sorteio dos livros da minha estante e satisfeita com a minha escolha nada inesperada, deitei-me à meia luz para degustar as minhas páginas de estimação.

Bebi com sede e folheei os livros como se nunca os tivesse visto antes. Alguns deles já machucados, por noitadas anteriores regadas a decepções e respingos de vinho. Quando o sono me visitou, fui até o quarto, mas logo me dei conta de que havia fugido de lá.

São as coisas dele, que não me pertencem mais... quem vai ter de sair sou eu.

Abro a segunda garrafa, bebo o ódio que sentia por ele e por ela (ainda vão ter um filho!).

Pedro sabia que eu não queria ser mãe. Sinto vontade de mastigar a taça de cristal, mas me concentro em pegar no sono antes de fazer qualquer besteira.

...

Acordo com o sol incendiando a sala, e com uma dor de cabeça terrível. Levanto do sofá e tropeço na segunda garrafa, derramando o resto de vinho quente naquele carpete que eu nunca gostei.

Lavo o rosto e escovo os dentes, mas não me olho no espelho, não tenho coragem de encarar o meu reflexo. Visto um short e encho uma garrafa d'água. Na primeira sacola que vejo, enfio meus óculos de sol, uma canga, e os mesmos livros de ontem.

No caminho até a praia, penso em comprar um cigarro, mas já saio de casa sem dinheiro para não resgatar esse vício. Por trás dos meus óculos redondos e escuros, finjo que sou invisível e num passo apertado, chego à areia.

Estendo minha canga longe das famílias e de festeiros, prefiro observar distante a movimentação. Arrepio-me só de pensar no trabalho que dá trazer criança para a praia, o medo constante de que esses minisseres se afoguem ou fujam enquanto alguém se distrai.

Deito-me um pouco e fixo meu olhar nos grãos de areia (que pira!). Quando eu era criança, amava construir castelos, reinos inteiros, mas me divertia mesmo é quando o mar tomava conta de tudo. Talvez o Pedro tivesse razão e ter uma criança não fosse tão ruim assim... agora é tarde.

Levanto-me e caminho até o grande abismo, a espuma gelada e cálida abraça os meus pés. Caminho sem direção, enquanto ouço o quebrar das pequenas ondas de um azul-infinito, e mais para a frente avisto uma criança brincando na baía rasa, formada por algumas pedras.

(A criança que fui. A criança que sou. A criança que poderia ser minha).

Como é inconstante e livre a infância.

Curiosa, e em busca de qualquer sinal que possa amenizar o caos em que me encontro, aproximo-me aos poucos da idílica cena, procurando entender a brincadeira infantil.

A pequena criança dá gargalhadas de sua façanha, parece ter uma joia em mãos.

Coçando repetidamente a barriga áspera do bicho, que resistente, infla e fica no formato de um balão, a criança sorri estridente e violentamente arremessa o animal entre as pedras, comemorando o estouro do baiacu.

ALGUNS PORÕES

Gustavo Zinder

Como é bom. Ter o próprio canto, chegar em casa depois de um dia cansativo, largar tudo em cima da mesa e seguir em direção ao sofá enquanto livra-se dos tênis durante o caminhar. Ficar lá jogado, olhando para o teto, a calça já desabotoada, os pés para cima. O corpo parece relaxar por um momento, a cabeça não. O olhar fixo no teto demonstra inquietação. Pensamentos vêm e vão como num cruzamento onde não existe preferência. As preocupações são muitas, talvez exageradas, porém, o que mais perturba neste momento é a fome.

— Porra, não tem nada na geladeira.

A preguiça o mantém inerte.

Decide então pedir um lanche. Hoje em dia é tudo tão fácil; abre o aplicativo e pede por ali mesmo. Assim como as mulheres com quem se relaciona. Enquanto segue em busca de algo que possa ser grande o suficiente para saciar o vazio que o preenche, a fome cresce proporcionalmente ao seu mau humor. Decide pela pizza, tamanho gigante. Uma tradição mantida às sextas-feiras, estrategicamente pensada para ter o que comer no sábado. Assim como as mulheres com quem se relaciona.

Reúne forças e resolve tomar uma ducha enquanto aguarda. A pele grudenta e encardida de quem é capaz de suar parado suplica por um banho quente e demorado. A

sensação de prazer só seria superada mais tarde, com a chegada da pizza.

Agora sim, renovado e de barriga cheia, consegue apreciar o momento. Olha ao redor, admirando o simples fato de estar em casa, sozinho, sem ninguém para dar satisfação. Já não precisa mais fingir interesse em conversas banais, concordar com o cliente incoerente que tem sempre razão, assumir responsabilidades por coisas que já não fazem mais tanto sentido. O apartamento reformado e estiloso, apesar de pequeno, contrasta com o prédio antigo e que sempre pedia por reformas. Ali, naquele espaço-tempo, era como se estivesse numa bolha.

Mas nem sempre foi assim. Apesar de fechado, ele se misturava com todos os tipos. Sua presença era intensa, apesar de confusa. E vez ou outra, essas amizades lembravam-se de sua existência. Costumava ser uma boa companhia. E até gostava da interação, de compartilhar ideias, beber umas ou várias; mas poucas horas eram o suficiente. Mais do que isso o cansava. Os assuntos de sempre, as mentiras que se repetem, aquele papo chato. Já não queria mais estar ali. Suas expressões sempre o denunciavam, era nítido o seu desconforto.

Mantinha amizades que duravam sua própria existência, amigos que conhecia desde que se entendia por gente. Nem mesmo eles conheciam as intimidades, angústias ou alegrias de Pedro. Parecia confundir solidão com solidude. Sentia uma facilidade muito maior em se expor para as mulheres sazonais com quem se relacionava. Falava de sua infância, suas aspirações e seus medos de uma forma que poucos conheciam. Elas diziam admirar sua personalidade, enquanto ele via aquilo como um distúrbio.

Os romances fluíam naturalmente, já que também assim seriam descartados. A certeza disso era o que alimentava sua curiosidade por novas histórias. Queria aproveitar aqueles momentos ao máximo, pois expirariam em breve. Um encontro casual rapidamente ganha intimidade e a conversa, até então descontraída, evolui para um papo ao pé do ouvido. O filme que servia apenas de pretexto, é deixado falando sozinho.

— Foda é quando resolve dormir aqui.

Acordar no outro dia e ter alguém ali, dividindo a cama. Que situação. A pessoa não sabe se fica para o café ou se vai embora, e a outra fica ali, sem oferecer café, justamente para que ela vá de uma vez.

— Imagina morar junto, acordar todo dia com a mesma pessoa. Que merda.

Sempre disse isso, não tem como dar certo.

— Paguei com a língua. Essa história de morar junto não é que é boa?

Pois é, agora Pedro mora junto. Agora não, já faz uns meses. E pior que está dando certo. Mas tem pavor da rotina. Enjoa rápido.

Até que certa vez escutou um empresário bem-sucedido, daqueles com potencial para palestrante motivacional, dizer: “Eu adoro rotina, sou eu que faço, sou eu que escolho, e se não estiver boa, eu mudo”. O desgraçado tinha razão.

— A rotina é boa. Ainda não enjoei, acho que ela também não.

Está se alimentando melhor agora. Dá até gosto, sente prazer em cozinhar. A geladeira está sempre cheia, quase sempre. Acorda cedo, faz exercícios todo dia, ou quase todo

dia. Ela também. O mais engraçado é que ela acha que ele sempre foi assim. Dia desses falou:

— Tô me sentindo bem melhor, acho que a convivência tá me fazendo superbem.

Mas ela é o motivo por ele estar assim.

Até as tarefas da casa funcionam em harmonia, sem cobranças. Discutem a relação como se fosse a caneta conversando com o papel. Tudo parece finalmente em equilíbrio.

Mas Pedro enjoa rápido.

É um ser inquieto.

E de alguns porões.

A PRAIA E O FOGO

Pimentel Filipi

Quase fronteira do Brasil com o Uruguai, bem ali no comecinho do país — ou, se preferir, no fim — chega o músico de bigode imponente. É a prainha mais fria que já havia visto. O vento era gelado, barulhento, nada convidativo.

Sem demora, com o frio que batia pelo corpo todo, colocou a única jaqueta que tinha dentro da mochila. Era a mochila com algumas poucas roupas, uma garrafa d'água e seu violão: tudo o que trazia. Apressado, perguntava a quem encontrava onde haveria um lugar para passar a noite e os dias a seguir.

Do lado de fora do portão, bateu palmas. Ana Carolina, gordita e sorridente, atendeu. Mostrou as cabanas que tinha para alugar, todas vagas. Já era começo de abril e no lugar só restava seus moradores. Os veranistas não se arriscavam a passar frio na praia, muito menos ficar horas e horas sem luz no lugar que parecia inimigo da rede elétrica.

Ele gostou do ar de desertidão que habitava as ruas, gostou das janelas pintadas de azul, gostou da cabana e da grama baixa do pátio. Gostou ainda mais de não ter vizinhos próximos para dividir aquele gramado. Não queria encontrar ninguém, talvez porque tinha uma necessidade de tentar se encontrar, de deixar toda a sua vida para trás e começar uma nova vida no Uruguai. Foi por ali mesmo que resolveu ficar alguns dias.

Assim como são selados os negócios no interior, bastou o pagamento de duas semanas adiantadas e o sorriso por trás de seu bigode para conquistar a confiança de Ana Carolina, proprietária das cabanas e contadora das melhores histórias do Balneário Hermenegildo.

Hermena, para os íntimos.

O lugar que o músico acabava de adotar fica bem ao sul da maior praia do mundo, 220 km de faixa de areia contínua. Quase toda essa extensão é desabitada, e o que se vê é, de um lado, a imensidão do oceano Atlântico, bravo, de águas geladas; do outro, a vegetação nativa de tons verdes em meio às dunas. À frente, os olhos não conseguem enxergar o fim da faixa de areia.

O último destino no Brasil antes de se mudar de vez para o Uruguai era um amontoado de casas simples perto do mar, um vilarejo separado da cidade por campos com vacas, plantações de arroz e torres de energia eólica.

— Antônio Carlos! — Respondeu, depois de uma infinidade de perguntas metralhadas por Ana Carolina. Questionou sobre como foi a viagem, se veio de ônibus ou carona, o que pretendia fazer depois que fosse embora, se ficaria somente duas semanas mesmo, se era a primeira vez que estava ali, se vivia sozinho, onde estava sua família. Tantas indagações que só deixou para perguntar seu nome quando ele já não aguentava mais ser interrogado. “Antônio Carlos”, ela ouviu enquanto o músico fechava a porta da cabana — a mais afastada da entrada, a mais longe da rua.

Ana Carolina, antes de dormir, ouviu o músico cantar algumas canções da Música Popular Brasileira. Músicas que não ouvia há algum tempo, mas que as conhecia. Sabe

aqueles sons que são parte do cânone musical do brasileiro? Aquelas músicas que tocam em novelas, ou de alguma forma já tocaram nos programas de domingo na TV aberta.

...

Mesmo depois de tomar quase todo o vinho da garrafa de plástico, Antônio Carlos acordou cedo. No pátio onde ficavam as cabanas, mirava uma bicicleta barra forte azul escura, com algumas ferrugens no quadro e com aparência de que ainda rodava bem. Olhou, mexeu, ajustou a altura do banco e deu algumas pedaladas. Logo apareceu Ana Carolina, com cara de quem queria ter dormido mais, mas a curiosidade para saber o que estava se passando no pátio era maior que o sono. Disse-lhe que aquela bicicleta há um tempo havia sido deixada para trás por algum inquilino.

— Se tu quiser, pode usar. — Falou ela.

Com a confiança em seu físico de um homem que já passou dos cinquenta e que parou de fumar há mais de dez, pegou a barra forte, seu violão, a garrafa d'água e foi cruzar a fronteira com o Uruguai. Pela orla da praia era um pouco mais de 14 km, coisa que com uma garrafa d'água cheia dava para chegar, calculou.

Não era fácil pedalar pelas ruas de areia fofa do vilarejinho que desafiavam seu equilíbrio. Na última esquina antes de chegar na orla, deu-se por certo de que ia cair quando desviou da mulher que atravessava a rua. Esther, que só queria comprar um filtro de papel no mercadinho, teve que dar um passo atrás, saindo da direção do velho riponga:

— Só doido me aparece nessa praia.

Pedalando ao lado do mar, o vento parecia que cortava o rosto, e o barulho da bicicleta rangendo fez Antônio Carlos pensar se chegaria mesmo até a fronteira, ainda mais pela areia. Pelo menos dessa vez, era mais firme do que a areia das ruas.

...

Esther, salva do acidente bicicletístico e do vento que vinha do mar, comprou o filtro para o café e algumas gajetas, seu tipo de pão preferido, ainda mais quentes como estavam.

A sua casa, que na verdade não era bem uma casa, mas sim dois quartos improvisados e um banheiro precário, ficava na parte de trás do seu empreendimento: um barzinho praieiro. Lá se vendia cervejas baratas e outras artesanais, por ali não dava muito para ficar escolhendo o público. O bar chamado “Na passada” tinha sido inaugurado naquele mesmo verão, teve música ao vivo, vitrola, DJ, playlist no YouTube, sarau de poesia, oficina de produção de cerveja... Teve de tudo, só não teve lucro para ela e seu sócio Deco, que ainda estava dormindo quando Esther chegou com as gajetas e começou a esquentar água para o café.

Além dos eventos pouco bem-sucedidos, tentaram vender no Na Passada pizza artesanal, xis, salgadinhos fritos e aperitivos. Trocaram o cardápio umas quatro vezes naquele verão e nada, nada mesmo tinha alcançado algum sucesso. A esperança de Esther e Deco era ter feito um pouco de dinheiro para passar o inverno ali sem precisar fechar o barzinho. Já era abril, os turistas já tinham ido embora, o movimento era quase nulo, mas mesmo assim o Na Passada continuava

aberto com a esperança de sobreviver ao inverno e à falta do que fazer naquela praia fria, distante e encantadora.

— Acorda, André, caralho! Vai ficar a manhã toda aí dormindo!?

Com força, Esther bateu à porta do quarto do sócio:

— Porra, mana, já te disse pra me chamar de Deco. Tô indo.

Ana Carolina, que além dos aluguéis das cabanas, às vezes fazia comida para vender, chegou no barzinho perto do meio-dia. Foi mais uma decepcionante tentativa de receber o dinheiro dos salgadinhos que tinha feito lá em dezembro. Ela conhecia Esther desde pequena, então isso não era um grande problema, só não ia com a cara desse tal de Deco.

— Apareceu ontem aqui na praia e já tá dando calote, vê se pode.

Enquanto Esther falava o quanto tinha dado errado o barzinho, lamentando que provavelmente eles fechariam no inverno, pedia mais uns dias para pagar os salgadinhos.

As duas riam do mais recém-chegado por ali, o músico de bigode grosso que achava que sabia andar de bicicleta. Enquanto uma cantava as músicas da noite anterior, assim que ia lembrando uma a uma, a outra ficou com a mão no queixo e as sobrancelhas tensionadas:

— Ana Carolina, tu não assistiu o Fantástico da semana passada? — Disse Esther como alguém que descobriu o óbvio que ninguém tinha notado. Esther até chamou Deco para a mesa, pedindo que Ana Carolina recontasse tudo o que sabia sobre o novo inquilino de suas cabanas.

Deco, já chapado com seu baseado matinal, não conseguia entender o porquê estava na mesa da veia que não ia

com sua cara. Tudo o que ela sabia fazer era cobrar a conta daqueles salgadinhos horríveis que ninguém comprou de tão ruins que eram. Então, Esther bateu na mesa:

— Meu Deus, vocês não tão vendo que esse Antônio Carlos é o Belchior!?

Deco começou a entender por que ele estava sentado ali. Muito incrédula, Ana Carolina aos poucos foi ligando os pontos que o cara que ela ouviu cantar era nada menos do que Belchior. Mesmo Ana Carolina não sabendo muito bem quem era, conhecia algumas das suas músicas, e só pensava que “Para aparecer no Fantástico deve ser um famoso muito importante mesmo”.

Numa atitude sonhadora, como de costume, Esther disse que um show de Belchior salvaria o Na Passada. Salvaria nada. O bar entraria para história do Balneário Hermenegildo, já que fazia mais de dois anos que Belchior não subia em palco nenhum. Determinada, não tinha nada que passasse em sua cabeça que a fizesse desistir. Menos ainda que Belchior poderia recusar. Podia ser um show discreto, sem câmeras, sem alarde, nem mesmo cartazes. Um show só para os amigos e conhecidos.

Evidentemente os amigos e conhecidos pagariam um ingresso justo para ver Belchior ao vivo, com seu violão e sua voz latino-americana de um sujeito do interior sem parentes importantes ou dinheiro no banco.

...

Foi cedo ao encontro de Belchior nas cabanas. Passou toda a manhã ouvindo as histórias de Ana Carolina sobre

as pessoas que conhecia desde sempre, os moradores do Hermena. E falava, e falava:

— Sabe o Marcel, filho do Seu Mathias? Separou da mulher. Já é a segunda vez que ele sai de casa. Pobrezinha. — Ainda não eram nem dez da manhã e Esther se deu por vencida. Avisou que voltaria depois do almoço.

Treze horas e sete minutos marcava o relógio quando retornou. Começou novamente a sessão de fofocas, algumas eram as sequências das histórias da manhã: “Marcel desistiu da vida, hoje só bebe e fica ouvindo rádio o dia todo”.

Outras eram idênticas às que tinha ouvido um milhão de vezes, só que com pessoas diferentes. Parecia uma tortura. Adorava Ana Carolina, mas não suportava mais ficar ali de ouvinte inanimada enquanto esperava Belchior chegar. Desistiu e foi preparar o bar para abrir:

— Amanhã eu venho de novo.

E nos próximos três dias, nada de encontrar Belchior.

...

O mais novo mistério do Hermena, o músico que saía de bicicleta todos os dias ao amanhecer e ia para o Uruguai. Não conseguia ser achado por ali durante o dia. Não comprava pão, nem comida, nem mesmo vinho em garrafa de plástico ele comprou em algum mercadinho.

Ana Carolina se encarregou de espalhar a novidade. Pairava sobre todas as conversas, nos churrascos, na ida ao mercado, com as senhorinhas tomando chimarrão na frente de casa: Belchior estava morando no Hermenegildo, ali nas cabanas.

Desistir não era uma das primeiras opções em nada na vida de Esther. Pegou uma bicicleta emprestada e ficou esperando na areia da praia por Belchior, que devia passar por ali. “Não é possível que ele saiu mais cedo do que eu”. Esperou, passou frio, até que avistou o velho desajeitado descendo a bicicleta pelas escadarias. Isso se podemos chamar de escadarias o resto de madeira em meio às pedras que davam acesso à orla. Queria descobrir o que ele fazia todos os dias no Uruguai. Se ficava lá o dia todo, por que alugou uma cabana ali no Hermena? E o mais importante de tudo: convencê-lo, ou melhor, conquistá-lo com sua história a cantar no Na Passada. Cumprimentou, sentiu até vergonha, mas finalmente falou com Belchior.

...

Deco se encarregou de fazer a lista dos convidados para o show. O grande show do Hermena com Belchior. Mandou mensagem um a um dos conhecidos da praia, foi na casa de alguns outros. O ingresso era apenas cinquenta reais. Foi praticamente uma operação de guerra, pois só tinha dois dias para avisar a todos, consertar alguns cabos que estavam com mal contato e trocar a pia do banheiro. Nada podia dar errado.

— Olha, o show vai salvar o bar, Esther!

Os sócios do bar tinham chegado no acordo de que o show seria reservado, não anunciariam na rádio e muito menos colocariam algo na internet. Impossível. Era o evento do ano, o evento mais importante que se tinha notícia da vida cultural daquela fronteira esquecida. Nas rádios, todos

os programas de alguma forma questionavam sobre o show, anunciavam, mesmo sem ninguém pedir ou confirmar, o dia, hora e local.

Deco sempre foi um cara metido a esperto, ligado em tudo e vez ou outra colocava-se à frente dos outros. Desta vez, passou por cima do acordo com sua sócia. Fez uma postagem no grupo do Facebook “Amigos do Cassino”, que reunia moradores da praia do Cassino, em Rio Grande, a cidade populosa mais próxima do Hermenegildo.

“Se liga

Show do Belchior no Hermena só pra convidados

Ingressos comigo, mande mensagem”

Carros e carros desceram do Cassino em direção ao Hermena. O lucro antes mesmo do bar abrir já era astronômico, Deco vendia, na porta, ingressos a R\$ 120 antes mesmo do almoço. Lá pelas três da tarde, já cobrava R\$ 250, e logo informou ter acabado todos ingressos, pois já tinha vendido duas vezes a capacidade de lotação da casa.

...

Esther estava apreensiva para abrir o bar. Logo a hora chegou. Venderam cerveja como nunca antes, eram recém sete da noite e o show ia começar lá pelas onze. Uma confusão total! Não davam conta de manter as cervejas geladas, o banheiro, mesmo que limpassem a cada meia hora, estava sempre imundo. Os garçons que contrataram eram inexperientes, perdiam-se nos pedidos, derrubavam bandeja.

Tiveram que tirar as mesas, mal dava para andar. Cerveja, agora só no balcão.

O artista subiu no palco como se estivesse encabulado. Afinou o violão e começou a tocar, deixando todos catatônicos com cada sílaba cantada. A energia do lugar simplesmente virou ainda mais do avesso. Como se podia prever, as caixas de som não eram suficientes para aquela quantidade de gente, mesmo se todos fizessem silêncio.

Ele continuou com uma desenvoltura sem igual, jogando todos seus sentimentos em cada verso. O público não podia acreditar que estava vendo Belchior tocar ali no Hermena. Tanto não podiam, que começou uma confusão lá no fundo, onde fica o caixa. Umás três gurias e um cara apontavam o dedo para Deco e Esther, completamente transtornados. O músico seguia cantando, com a esperança de que os inconvenientes lá do fundo fossem embora e o deixassem fazer seu show em paz. O número de indignados crescia, todos quase saindo no soco com Deco, atormentando quem estava curtindo as músicas.

— ¡Hijo de puta, vete a la mierda!

Viraram-se para o palco e ficaram em silêncio os que estavam discutindo com os donos do bar, quem estava na frente começou a vaiar o bêbado que interrompeu o show. Marcel, fora de si de tanta raiva, quebrou a garrafa do whisky mais cara do bar no pedestal do microfone. Jogou o álcool, que tinha pegado nos utensílios de limpeza do banheiro, nos tapetes do palco e no teto de palha.

Quem estava na frente tentou impedir que o isqueiro fosse aceso, tirando Marcel de cima do palco à força. Não era possível que o show não fosse continuar. Uma das três gurias

lá de trás gritou, quando Marcel tirava o isqueiro do bolso “Taca fogo doidão!”.

Era som de cabo se desconectando e o microfone caiu bem em frente à caixa de som do retorno, gerando uma microfonia ensurdecadora.

— Bem feito pra ti, Deco, se acha o espertão! — Disse um cara subindo pelo balcão e pegando Deco pela gola da camiseta. O público da frente, na esperança de salvar o show, ainda tentava alguma racionalidade emocional contra Marcel, na base da força: “Que isso, tu tá louco!?” “Para com isso!” “Sai daqui!” “Saaai!!!”. Caos. Escapou parcialmente de quem o segurava, foi suficiente para acender o isqueiro nas palhas baixas do teto, que logo foi caindo nos tapetes do palco. Ainda tentaram inutilmente apagar o princípio de incêndio.

Correria insana, todos fugindo do fogo ateadado pelo bêbado em plena segunda música do show.

Talvez o músico era um velho riponga a caminho do Uruguai que adotou, por uns dias, aquela quase fronteira. Ou era Antônio Carlos Belchior deixando o palco assustado na música que não conseguiu terminar de cantar:

*“Mas eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais”*

E foi o fogo que deu fim ao Na Passada.

Caso você passe por lá, até hoje alguns vão lhe contar que um bêbado e o fogo destruíram o show do Belchior no Hermena.

ARRITMIA

Luiz Cláudio Cerqueira

1º Movimento

No leito de UTI toca uma música singular. Os aparelhos que mantêm a vida fazem sons ritmados, e tocam uma melodia que provoca sentimentos. Talvez os mais comuns sejam tristeza, opressão, desalento.

O ritmo diz o que acontece. Naquela batida habitual, tudo sob controle. Alterações no ritmo, instabilidades no paciente. Certas alterações exigem providências imediatas, emergenciais.

Som constante, intermitente, é a morte. É o fim.

Com dona Mirtes, foi essa a composição. Uma sonata triste.

Dona Mirtes, 82 anos, perfeitamente lúcida e viva, olhar ainda vivo e perscrutador, chega ao hospital acompanhada da família. Mesmo com o risco mortal de sair à rua, todos estão ali. Nota-se de imediato o quanto é querida, quanta preocupação e medo o seu estado causa naquelas pessoas.

Respiração ofegante, febre alta, fraqueza. Reclamou de perda de olfato e paladar.

Consegue o último leito da emergência, pela condição já agravada, mas ainda lúcida e falante. Mostra insegurança de um jeito simples, verdadeiro e comovente. Não é o medo de morrer, como ela própria diz. Afinal, vivera uma vida boa,

um lindo caso de amor com o marido, conquistara o carinho e o respeito dos filhos e netos. Mostrava mais preocupação com o marido do que consigo.

O sentimento mais forte é a indignação. — Como puderam deixar as coisas chegarem a este ponto! — murmura várias vezes aos enfermeiros, vendo a correria caótica, a tentativa de apagar o grande incêndio com canecas d'água.

Piora no estado de Mirtes. Surge um leito na UTI, Leito 2. Assim que chega, é intubada.

Organismo fragilizado pela idade, mente viva num corpo que já não responde, vinho precioso num copo rachado, prestes a partir.

Três dias de internação, declínio contínuo. A sinfonia de Mirtes nos derradeiros compassos, algumas ações de urgência. O caso é gravíssimo. As chances, poucas. Os instrumentos se afinam para o movimento final, intermitente Poco Allegretto.

Neuza está no computador, atualizando informações sobre o estado de Mirtes. Lá fora, a fila de espera rugem. Os dramas são inúmeros, todos são pessoas, todos sofrem. Todos precisam ser salvos.

Demanda urgente, liberação imediata de leito de UTI. Paciente jovem, masculino. Estado grave, mas há chance de recuperação se for intubado imediatamente.

O novo algoritmo, recém-implantado no hospital, compara os dados de Mirtes com os do paciente jovem, cuja demanda por leito é urgente. Define: Chance Leito 2 menor que chance demanda urgente. DESLIGAR Leito 2. Conectado aos aparelhos que mantêm a vida de Mirtes, o algoritmo automaticamente os desliga.

Neuza observa de longe a mudança na melodia, no ritmo. De longe ela vê Dona Mirtes morrer.

O semblante carregado de Neuza demonstra profundo abatimento e tristeza. Ela respira profundamente, levanta-se e vai até o Leito 2, conferir os equipamentos e confirmar as condições da paciente. Lembra-se de quando chegou, ainda lúcida. Neuza estava muito estressada e Mirtes a acalmou, apesar de ser ela a doente, doente grave. Lembra-se de seu olhar bondoso e calmo, sua postura altiva.

A melodia triste impregnou Neuza. Para ela, soa como um samba canção de perda, de derrota. Até seu andar mudou, ela caminha lenta no lamento do surdo.

É assim que chega à lanchonete, num intervalo do caos. Encontra o intensivista Joel e sentam-se para o cafezinho rápido e nervoso, cinco minutinhos só para respirar.

— E aí, Neuza? Segurando as pontas?

— Ah, Joel, nem sei dizer. Tá pesado, muito pesado. Uma culpa que me corrói feito ácido, sabe?

— Eu entendo, minha amiga. Muita gente chegando, muita gente morrendo. Só de ontem pra hoje foram três decisões. Pra quem trabalha como nós, pra salvar, é pesado demais. Mas olha, você não tá sozinha, não. Conta com a gente. Conta comigo. Se precisar de um ombro pra chorar, tem este aqui.

Ele pousa a mão direita no ombro esquerdo, o punho sobre o coração, seu sorriso é generoso e lindo. Neuza quer aquele ombro agora, mas não há tempo. Muito a fazer.

2º Movimento

Já é hora de voltar ao batente, como se dizia, agora cada um é combatente, todos doentes, o ambiente é de guerra.

Caminham no ritmo da pressão.

Encontram o enfermeiro Joubert, que se junta a eles e pergunta:

— E aí, galera, vocês tão acreditando na salvação? O tal do algoritmo?

— A salvação somos nós, Joubert, responde Neuza com azedume.

— Quero ver quem salva a gente.

— Pois é, minha preta, aí é que tá o negócio. Você não ouviu a explicação do Dr. Osmar? A gente alimenta os dados do candidato. Não precisa pensar muito, está tudo parametrizado. O algoritmo avalia e diz: Mais chances pra Fulano, menos chances pra Beltrano. Então não foi Neuza quem desligou o respirador, não foi o médico da emergência quem decidiu internar A e não B. Foi o algoritmo!

Joubert é assim, inconveniente. Fala demais, sem pensar, parece uma metralhadora. No fundo quer ajudar, mas muitas vezes atrapalha. No começo, repetia aquele bordão ridículo, “é só uma gripezinha, gente!”. Até hoje afirma, quando encontra quem escute, que o vírus é chinês.

— Candidato a que, cara pálida? A viver ou morrer? A escapar e ficar com um monte de sequelas? Ah, Joubert, me poupe!

Joel olha duro para Joubert, como quem diz: “Pô, cara, se toca!”. Joubert cala a boca. O resto do percurso até a UTI transcorre num silêncio tenso.

Na UTI, dezoito leitos. Todos ocupados, a maioria com pacientes intubados.

Ritmo frenético, os sons dos aparelhos se sobrepõem descompassados, a música que resulta é caótica como toda a situação.

Joel só pensa em Neuza. Isso até atrapalha, pois precisa estar preparado, concentração total. Seu trabalho não permite erros.

Neuza chega e se senta bem pertinho. Vai alimentar dados do paciente do Leito 3. Está na hora de dar comidinha para o algoritmo.

Olha para Joel e retribui aquele sorriso lindo da lanchonete. Ele se anima e diz:

— Você tá sabendo que o pessoal quer botar um apelido nele?

— Em quem, no Joubert? Babaca é o melhor apelido, com certeza.

— Não, no algoritmo, sussurra Joel num riso discreto. Estão apelidando ele de Chefe.

— Ih, é mesmo, cara? Neuza também ri com discrição, na tonalidade do ambiente.

— Sei lá, acho que tá mais com cara de... Deus.

Joel olha pra Neuza, olhos arregalados.

— Como é que ninguém pensou nisso, meeeeu Deeeuus! — Ele sussurra bem baixinho, mais porque gosta de falar sussurrado com Neuza do que para preservar o ambiente da UTI. Mesmo porque não conseguiria, aquilo ali está um pandemônio.

3º Movimento

No meio do pandemônio, uma equipe de UTI confirma a presença de Deus.

Doentes chegando, fila por leitos crescendo, gente morrendo assim, ó! O risco cada vez maior, o cansaço cada vez maior, um desânimo que mata e certamente mataria muitos mais, não fosse uma energia maior que passeia bem naquele grupo, que dança com cada um.

Uma energia que também vem dos que passam, pacientes salvos e não salvos, de poucas palavras, de olhares, de atitudes, pequenas nobrezas perante uma força muito maior.

Enquanto dá comidinha para Deus, Neuza recorda a conversa com uma enfermeira da emergência, sua conhecida, que deu o primeiro atendimento a Mirtes.

— Olha, Neuza, aquela senhora me impressionou muito. Sonho com ela toda noite. Sei lá, ela parecia flutuar acima de toda esta loucura. Ela conseguia encontrar uma serenidade que me comoveu muito, sabe?

— Uma hora ela me falou assim: Menina, parece que é o fim do mundo, mas não é, não. Sempre há um novo começo. Foi justamente num momento em que eu estava despenhando, sabe? Minha vontade era jogar tudo pro alto e correr pra casa, pra perto da minha mãe. Até esqueci que não posso, não posso nem chegar perto da minha mãe e pedir um colo!

O que pega mesmo é decidir quem vai, quem fica. Para o leito, para a morte. Não conseguem mais dormir como antes, eles sabem que não têm esse direito. Que isso não é direito.

Como falou a médica do Ceará, “dá uma sensação de impotência muito grande, de que estamos lutando contra algo muito maior do que a gente”.

Escolher quem vai para a UTI quando surge uma vaga. Não é assim, “Próximo!”, o sujeito vai até um guichê, apresenta-se, alguém bate um carimbo, tudo resolvido.

Não, não é. É olhar, levantar dados, avaliar, desviar o olhar de quem não irá para não desmoronar perante a súplica, a crítica, o pavor, o ódio.

Agora, muitos dados nem vão para o algoritmo, nem viram comidinha para Deus, porque os pacientes estão morrendo à espera de leitos.

Desligar um paciente dói na alma. A dor do algóz.

É esta vida tão frágil, que é nossa, mas não nos pertence. É de Deus.

4º Movimento

O que Neuza percebe, enquanto arrotta com azedume o café de há pouco, é que Deus sabe das coisas. Mas é bom não abusar, porque está escrito que a máquina vai dominar o homem. E o andar da carruagem não desmente.

Quem é o inimigo? O vírus, é claro?

“Deus não é”, Neusa pensa e sorri com amargura, “afinal, baixou aqui na forma de algoritmo, pra fortalecer o grupo...”

Ela murmura: “O inimigo é... algo muito maior do que a gente. Esconde-se num buraco que está muito mais embaixo. O inimigo é o rancor que floresce no obscuro do coração da gente. O que tiver que ser, é de Deus. Estamos todos nas mãos de Deus.”

Sorri de novo, outro sorriso amargo que rima com o arrote azedo do café.

Seria ótimo beber umas cervejas com Joel e trepar com ele. Do jeito que se fazia antes, quando as pessoas se tocavam sem medo.

Seria mais, muito mais do que ótimo, se não tivesse desligado Mirtes. Sim, desligado Mirtes.

Seria melhor do que tudo saber que não precisará desligar mais ninguém. Deixar a vida seguir seu curso, parar de brincar de Deus, deletar esse algoritmo insano.

Na guerra, o máximo que um soldado vê e entende é o seu sargento. Se muito, um tenente.

Os generais estão longe do front, confortáveis, olhando outros horizontes. Mais amplos?

E acima deles, mais longe ainda, aqueles que inventaram as guerras e os generais.

Quase enlouquecer, esquecer que existe um raio de sol que aquece e doura a pele, que existe uma luz que ilumina o pensamento, o momento bom de uma boa conversa, um sentimento bom que é o melhor que há, a natureza que é linda, o sexo que é saboroso e saudável.

A morte bate o tambor, dá o ritmo corrompido. Sinfonia infeliz, incolor, Quinta The Best Over do quinto dos infernos.

ASAS QUEBRADAS

Natália Trentini

Mentalmente, ela rezou para que já estivesse morto. Parada no meio do gramado de 3x3 do geminado, tentava perceber sinais vitais com os olhos cerrados diante da luz intensa do sol nascente. Lilica batia na porta de vidro, tentando encontrar uma fresta para sair.

— Que merda, Lilica, já pra cama! — Gritou Marcela.

Repentinamente, o passarinho, que estava de barriga para cima, virou-se e começou a saltitar. Marcela ficou aliviada por um segundo, até perceber a asa com um punhado de penas faltando.

O passarinho corria pela grama. Encontrou o muro nos fundos, depois foram as laterais. Parecendo sem fôlego, parou no lugar de onde havia saído. Marcela ainda estava parada, dando-se conta de que passarinho com asa quebrada não consegue voar.

Do varal com meias, calcinhas e panos de louça, puxou a única toalha e jogou em cima do bicho. Foi enrolando até ficar com o pássaro entre as mãos. Pegou uma caixa do lado da porta e colocou lentamente o embrulho.

Um passarinho meio tonto, pensou Marcela. Era pequeno, rechonchudo, meio marrom, meio bege. Cor de nada. Não sabia o que era. A lista mental tinha quero-que-ro, gaivota, urubu e papagaio. Esforçando-se um pouco,

Marcela lembrou de calopsita e tucano, talvez galinha? Ficou na dúvida se galinha era pássaro.

Agachada, olhava a bola de penas. De um lado a asinha perfeita, do outro, uma janela do tamanho do focinho da Lilica. Marcela então se percebeu apreciando a visita inesperada até que um pensamento dominou sua mente: o que ela faria com aquele bicho?

— Deveria ter deixado ela matar você — disse ao passarinho, julgando-se automaticamente por parecer tão dura.

Mas não seria a ordem natural das coisas? Agora estava ela, que por impulso havia se metido na lei da selva, olhando para um passarinho que não consegue voar, cercado pelas paredes de uma caixa de papelão.

— Considerando o momento, você não tá tão mal. Somos eu, você e meio mundo presos entre paredes — sussurrou ao passarinho, que começava a parecer bonitinho. Ela se moveu para acariciar a cabeça dele, mas voltou o braço pelo medo de não medir a força e acabar esmagando a cabeça do coitado.

Seria um problema a menos, refletiu, no momento em que o telefone começou a tocar. Nem deu tempo para ela analisar a frieza do pensamento. Era o alarme “Hora do Remédio”, que tocava sempre às 8 horas. Não que algum dia fosse esquecer a rotina, mas não confiava tanto assim em si mesma.

Foi ao banheiro pegar as vitaminas e a dose da manhã. Fez o teste de glicemia, aplicou o medicamento e tirou uma foto com um sorriso de orelha a orelha e o cartuxo de insulina vazio. Dona Aline nunca entendia a ironia e mandava palminhas para as fotos. Marcela confiava que um dia a mãe

compreenderia que perguntar toda noite se ela estava se cuidando direito era demais. Talvez a mãe conhecesse Marcela melhor que ela mesma.

— Filha, tomou seus remédios? Você tem que tomar na hora certa. O sobrinho da Cema está intubado faz duas semanas. Os médicos nem falam mais nada. E ele teve bronquite quando era bebê, depois se recuperou. Não dá para entender mesmo. É mais novo que você, deve lembrar dele da escola talvez... Eduardo o nome dele... Mas é, filha, tem que se cuidar. Ainda está pedindo entregas do mercado? Nem pense em sair porque eu vi na TV que a coisa está feia por aí. Agora o mercadinho aqui do Dirceu tá entregando, só fazer encomenda pelo Whats, ficou ótimo pra mim. Toma os remédios, direitinho, e fim de semana eu te ligo no computador pra gente se ver um pouco. Te amo, filinha — dizia o último áudio de menos de um minuto da mãe, que dava o boletim diário de casa e sempre reforçava os encontros nos fins de semana.

Ainda no banheiro, Marcela observou as oito conversas no WhatsApp com pontinhos verdes mostrando mensagens não lidas. Também tinha pelo menos uma semana de posts de Instagram para agendar em cinco contas diferentes. Mas sua mente estava fixada na caixinha. Passarinho que não pode voar deveria ser emergência que vale dispensa em uma terça-feira, refletiu.

Foi até o pátio observar o bichinho, que estava acuado em um dos cantos da caixa. Marcela imaginava a família do passarinho procurando por ele, tentando entender o que havia acontecido. Onde eles moravam? Nas calhas dos prédios, talvez. As árvores devem ser luxo na cidade.

— Você precisa voltar logo, capaz até de esquecer que sabe voar — disse, olhando o bichinho naqueles olhos tão vazios de expectativa.

Marcela ligou para o primeiro Pet Shop na lista do Google.

— Oi, eu estou com um passarinho de asa quebrada, bom, eu acho que está quebrada. Umas penas estão faltando com certeza, e ele não consegue voar. Caiu aqui no meu pátio.

— Temos uma especialista em pássaros aqui amanhã à tarde. Mas se não é ave doméstica, você poder levar para o serviço de resgate animal, moça.

Em uma segunda ligação, descobriu com alívio que o pássaro poderia ser tratado em um local que recebe animais selvagens. Mas ela teria que levar. Teria que sair de casa.

Já eram oito meses que a porta da frente só se abria para entregas. As únicas interações humanas diretas haviam sido com o entregador do mercado, da farmácia, da pizzaria e com a vizinha do andar de cima, que raramente ia à varanda fumar um cigarro. Interações que a faziam pulverizar álcool até mesmo em lugares que não haviam sido tocados. Ter diabetes a fez se tornar uma bomba-relógio durante a pandemia.

Marcela se pegou pensando muito sobre não existir. E isso pouco importava para ela. O vazio não era um problema. Mas deixar a mãe sozinha, isso parecia triste demais. Cuidava-se pela mãe e por outras pessoas, não por si mesma.

Mas naquele momento, não precisou pensar duas vezes. Deixar o pássaro à própria sorte não era uma opção. Ignorou as mensagens no celular e abriu a porta da frente tentando

dar passos certos, afastando o som da voz de Dona Aline de sua cabeça.

Marcela havia se mudado duas semanas antes do vírus bater. Seriam 10 quilômetros de caminhada guiadas pela voz do GPS nos fones de ouvido, mas parecia mais seguro do que pegar um Uber ou um ônibus. Pela vizinhança, tudo parecia normal. Tinha lanchonete, barbeiro, prédios e mais prédios de tons pastéis, umas casinhas dos anos 70 espremidas, chaveiro e uma lavagem de automóveis.

No vai e vem dos carros, parecia que todo mundo seguia a rotina, alheio ao que pairava no ar. Caminhava com uma mochila nas costas e uma caixa de papelão nas mãos, tão assustada quanto o passarinho na caixa. Tudo parecia rápido demais, barulhento demais, estranho demais.

A vida seguia para quem não estava à mercê — parecia não haver motivo bom o suficiente para parar. Marcela pensou se estariam todos indo para o supermercado depois do expediente com um cometa vindo em direção à Terra. Talvez daria até fila para garantir a promoção para o churrasco do fim de semana que nem iria existir. Pensou que estaria de costas na grama só olhando tudo acabar, acariciando as orelhas fofinhas da Lilica, entupindo-se de chocolate.

— O que tem na caixa?

Ela percebeu que estava parada no cruzamento de uma rua movimentada. Sinal vermelho para pedestres.

— Que coisa, Enzo, desculpa, moça, é um tagarela — respondeu o pai que segurava o menino pelo pulso.

— Tudo bem — respondeu e olhou a criança — é um passarinho, ele caiu na minha...

— Pai, pai, eu também quero um passarinho!

— A gente vai ver se você se comportar... — Respondeu o homem, barganhando, e seguiram atravessando a rua.

O carro buzinou. No volante, um motorista visivelmente irritado por Marcela não aproveitar a oportunidade de atravessar enquanto ele estava parado no vermelho. Ela seguiu em ritmo de apuro, apressada pelo som estridente.

A calçada dali em diante se tornou um jogo de xadrez. Marcela era o peão fugindo de torres que vinham atropelando o que estivesse na frente. Algumas nem vestiam máscara e falavam ao telefone, deixando suas gotículas de saliva em suspensão. Com máscara cirúrgica e outra de acrílico, Marcela parecia estar muito adequada ao contexto e captava olhares de questionamento.

Na padaria em que comeu o lanche ao chegar na rodoviária, as mesas pareciam cheias demais. Começou a sentir como se estivesse vivendo em um mundo paralelo por todo esse tempo, onde imaginava fenos de faroeste circulando pelas ruas. Não fossem as pessoas de máscara, teria certeza que alguém tinha esquecido de contar que ela já podia sair de casa, que o vírus sumiu inexplicavelmente.

A voz no celular seguia dando as direções e, com o passar da hora, as ruas foram se esvaziando conforme ela cruzava a área central da cidade. Os cenários voltavam a ser mais acolhedores e até sentia o passarinho saltitar. Cogitou parar em uma praça que parecia ignorada por seres humanos. Mas a dúvida ficaria pairando e teria que passar o resto da caminhada sem tocar na roupa. O vírus consegue viver em tecido?

Seguiu o caminho. Era uma terça-feira ao meio-dia, e ela caminhava segurando uma caixa de papelão com um pássaro dentro. Era engraçado demais, mas ninguém além

de Marcela seria capaz de entender. Por instantes, era como se tivesse saído consigo mesmo dentro de uma caixinha. Até duvidava que existia passarinho.

— A 500 metros, seu destino estará à esquerda — anunciou a voz que tentava não parecer robótica.

Na reta final, Marcela se pegou pensando se o passarinho seria solto na vizinhança. Talvez o levassem para o interior. O coitado iria ter que descobrir tudo de novo: onde tem comida, onde tem água, onde vai dormir. É meio que nem se mudar. Pelo menos no reino animal as interações seguem acontecendo e ele poderia conhecer passarinhos novos, iria se adaptar bem.

Ele teria muita história para contar se pudesse lembrar. Mas a beleza do passarinho era aquele estado de presença. É bom não ter memória, não tem trauma para curar, pensou Marcela. Mas talvez ele não seja mais o mesmo e nem saiba porquê. Então, talvez, lembrar seja bom. Ajuda a aprender, a mudar algumas coisas.

Já estava na frente do prédio e ficou feliz que a porta estava aberta, nada para tocar. Uma mulher em uma sala cinza recebia quem chegava com um sorriso mascarado.

— Oi, eu liguei perguntando se poderia deixar um passarinho de asa quebrada.

— Sim, claro, o veterinário passa aqui para levar para a clínica no fim do dia... Está dentro da caixa? Pode me passar.

Tanto pensamento para agora nem saber o que iria acontecer. Mas achou demais perguntar se poderia ter notícias do passarinho, se poderia ligar para receber o prontuário. Será que era um canarinho? Sabiá, talvez? Nem mesmo per-

guntou onde iriam soltar o bichinho. Ela apenas abriu uma fresta da caixa e olhou o bichinho, que agora, pensando bem, parecia ter olhos de imensidão. Marcela sussurrou.

— Fica bem, pelo menos um de nós vai conseguir voar.

A VISITA

Maykon Ely

Fernando

Meu filho completará quinze anos em breve. Nossa... como o tempo passou. Eu e Stela nunca planejamos ter filhos, o nosso negócio era festejar, diversão, mas depois que você tem filhos as coisas mudam. Foi Stela quem deu a ideia de fazer uma festa de aniversário para Fernando, afinal são quinze anos... Achei que seria um bom momento para conhecer seus amigos, e para ver se ele estava saindo com alguma menina, essas coisas de pai abelhudo.

Eu disse a ele que poderia escolher quem gostaria de convidar, talvez fazer uma lista, sei lá, e que seria um prazer conhecer seus amigos. Ele me respondeu na hora, citou vinte nomes, rapidamente, e afirmou que queria somente essas vinte pessoas. Eu me surpreendi, e fiquei um tanto desapontado. Os nomes eram todos de familiares próximos, nada de amigos ou garotas. O que está acontecendo com esse menino? Enfim... a festa era dele.

Risadas

Chegou o dia. É noite. A casa está cheia. Ou melhor, nossa área de festas está cheia. Uma pena que as crianças não vieram, até encomendei uma cama elástica, acho que eu vou pular lá depois. Faltam alguns convidados, o Alex, por exem-

plo, não chegou, ele é meu irmão mais novo (ele tinha trinta e três anos e eu, quarenta). Aliás, ele é meu único irmão!

Tudo parece em ordem: conversam e riem. Stela está muito feliz, fazia tempo que não a via assim. Pergunto a ela onde está Fernando, ela não sabe, e diz que vai para a cozinha. Ofereço-me para ajudá-la, mas ela nega e se afasta. Eu saio à procura de Fernando e o encontro na sala, jogando videogame, sozinho, com um sorriso amarelo.

Sento ao seu lado e pergunto se está tudo bem, ele sorri e diz que sim. Bato em suas costas e saio. Então vou até a cozinha, e vejo Stela a mil, preparando o molho do cachorro-quente. Pego duas cervejas na geladeira e volto para o sofá. Dou uma para Fernando, que fica sem jeito. Mas eu insisto que ele pegue, nós abrimos as cervejas e bebemos, ele faz uma cara feia e dou uma longa risada, digo que isso é normal, que logo ele irá se acostumar, e rimos juntos. Fernando me abraça, que coisa boa!

Digo que está na hora de ele baixar o chip da diversão e ir para o salão de festas, afinal, a família estava ali por sua causa. Quando nos levantamos, ele chega.

A caixa

Alex aparece na sala, com um presente em suas mãos. Cumprimenta a mim, depois dá um beijo no rosto de Fernando e entrega o presente. Fernando não abre e coloca o presente ao lado do sofá.

Alex pede uma cerveja. Enquanto vou buscar, os dois seguem conversando e peguei no ar uma frase que me deixou intrigado: “A caixa ainda não chegou”.

Stela não está mais na cozinha. Pego a cerveja e retorno, eles estão muito próximos, e Alex parece bravo: olha para os lados e dá um sermão em Fernando. Entrego a latinha para Alex, ele abre a cerveja e faz um brinde. Fernando sai. Eu pergunto para Alex que negócio de caixa era esse. Ele dá de ombros e faz um gesto de deixa para lá, de não é nada. Vamos para a área de festas. Alex cumprimenta todos os familiares. Ainda fico me perguntando por que meu filho os convidou, e não seus amigos, por que a criançada não veio, festa de família sem crianças não é festa.

Volto para a cozinha.

Stela está lá, com a sua mãe, ainda em função do cachorro-quente. Eu as ajudo. Pela janela, vejo Fernando chegar à área de festas e dizer algo para Alex, e os dois se afastam. Parecem discutir. Pego mais duas cervejas e vou lá ver o que está acontecendo.

Ao me aproximar, pergunto se está tudo bem, Fernando diz que sim e caminha para dentro de casa. Alex diz que Fernando está com dor de barriga porque está ficando mais velho, rio e entrego mais uma cerveja para Alex. Viro de uma só vez a minha, para o espanto do meu irmão.

— Agora é sua vez, vai lá e traz uma para mim — digo para ele.

Parabéns

Eu circulo, converso, conto as mesmas piadas de sempre, bebo mais uma, duas, três cervejas... Stela se aproxima e diz que está tudo pronto para cantar os parabéns, e começo a chamar o pessoal.

Há uma mesa grande no lado de fora da casa com o bolo, cachorro-quente, alguns salgados e doces. É a hora da foto.

Fernando está atrás do bolo, sem graça. Eu e Stela estamos ao seu lado, acendo as velas e todos começam a cantar os parabéns, muito animados. Fernando assopra as velas e sorri forçado, Alex olha sério para Fernando enquanto bate palmas.

Nada de criança

Fernando não come nada e vai para dentro de casa. Vejo Alex o seguindo.

— Tem alguma coisa errada aqui? — Digo.

— Tem? — Responde Stela.

— Alex e Fernando estão conversando muito hoje, e você viu a cara do Fernando?

— Eu acho que ele está assim porque nenhuma criança veio hoje.

Resolvo ver o que está acontecendo. Os dois conversam no corredor, em frente à porta do quarto de Fernando. Eles não me veem, mas eu escuto tudo e consigo vê-los.

A caixa

— Você deve estar me enganando, né, a caixa está aí dentro? — Diz Alex.

Fernando balança a cabeça faz um sinal de positivo, Alex larga seu braço.

— Isso aconteceu comigo quando tinha sua idade, eu também estava com medo. Cuide dessa caixa ou você irá sofrer com as pragas.

Meia-noite

Meia-noite e ninguém foi embora. É muito estranho. Nem a tia Lucy, irmã do meu pai, que sempre dorme antes das 21h... Nunca ficaram até tão tarde... Eles se divertem, mas já estou de saco cheio. Vou até a geladeira conferir a bebida e vejo que tem bastante ainda, aproveito e pego mais uma para mim. Agora bebo porque não tem o que fazer, acho que vou beber até explodir. Mas deve ter uma maneira de ficar doidão mais rápido. E tem.

Vou até o quarto e pego um comprimido de clonazepam da Stela. Com o tanto que bebi, vou decolar já, já.

Está chegando a hora

Estou sentado no sofá, meus olhos querem fechar. Quanto tempo não fico assim, que merda.

Alex e Fernando passam pela sala e vão para o corredor. Consigo me levantar, com dificuldade, e vou atrás deles. Os dois entram no quarto de Fernando e fecham a porta. Eu me encosto na porta para escutar.

— Tio... A caixa está começando a feder, meu quarto já está com cheiro de podre, o que vou fazer?

— Que horas são?

— É 1h10.

— Está quase na hora, não tenha medo.

A visita

Abro a porta do quarto, estou cada vez mais tonto, sinto ânsia e vomito. Olho para Alex, ele está com uma caixa em suas mãos. Os dois olham assustados para mim e ficam mudos.

— Mas que porra de cheiro é esse? — Pergunto.

— Pai... me desculpe — diz Fernando, que sai do quarto correndo e fecha a porta.

— Alex... O que tem aí dentro?

Alex abre a caixa e saem algumas moscas. De dentro, ele tira um vidro com um líquido pastoso e vermelho, e com cuidado ele coloca o vidro no chão.

— Que merda é essa?

— Sangue de bode.

— Sangue de bode? Por que diabo tem sangue de bode aí? — Digo com a língua completamente enrolada. Mal consigo me manter em pé.

Alex abre a tampa. Molha sua mão de sangue e passa em meu rosto, eu vomito mais um pouco, é um cheiro insuportável. Ele molha novamente sua mão, mas agora passa em seu rosto.

— Irmão, hoje viveremos uma nova era.

A porta do quarto abre e todos os convidados entram, está tudo turvo, mas percebo que todos estão vestidos de branco. Eu preciso me sentar, ou me deitar. As mulheres vêm até mim, seguram-me, eu tento me desvencilhar, não consigo, elas tiram minha roupa. Não entendendo o que está acontecendo, e me arrependo profundamente por ter roubado aquele comprimido da Stela, estou mais louco que o Batman. Começo a empurrar as mulheres, porém elas são mais fortes, estou nu e vomitando sem parar, mas elas não se importam que eu vomite sobre elas. Começam a cantar em uma língua estranha, que não conheço ou não entendo, e os homens empurram os móveis do quarto para um canto, deixando o ambiente mais espaçoso.

Colocam em mim uma roupa branca também, e a cantoria continua. Fico de joelhos, só vejo vultos borrados, mas reconheço Stela e meu filho, que também estão de branco, e muito próximos. Tento dizer algo mas não consigo. Eles estão na minha frente, e com o vidro nas mãos.

As mulheres param de cantar e todas vão até meu irmão, tiram a roupa dele e também o vestem de branco.

“O que está acontecendo, Stela?”, eu penso ter dito, mas as palavras que saíram da minha boca foram um amontoado de sílabas desconexas.

Ela abre o vidro, molha sua mão e passa o sangue em meu rosto, ela sorri e conversa comigo em uma língua que eu não compreendo.

Choro, olho para Fernando, ele não olha para mim; Stela me dá um beijo na testa, levanta-se e abraça Fernando.

Alex aparece na minha frente. Fernando solta a mãe e sai do meu campo de visão.

— Corpo do meu corpo, sangue do meu sangue, feliz de você ser o escolhido.

Fernando reaparece, com a caixa nas mãos. De dentro, ele tira uma coroa de espinhos, aproxima-se, ergue a coroa, todos os homens começam a tocar sinetas.

Olho para cima e Fernando coloca a coroa em minha cabeça, ele empurra com força para baixo e sinto dor.

Um barulho no corredor, um grito, todos ficam quietos, não se ouve mais o barulho da sineta. Mais um grito.

— Nosso criador está chegando! — Diz Alex.

Todos se ajoelham e rezam em uma língua que não conheço, aproveito para vomitar mais um pouco, com vontade,

e agora é só bÍlis, com o resto de cerveja. Minha cabeça está doendo.

Um homem velho, vestido de vermelho e com barba longa aparece.

— Saúdem nosso criador! — Grita Alex.

Todos começam a se mexer e ajoelhados, gritam. O homem velho se aproxima, passa a mão em alguns cabelos e se ajoelha na minha frente.

— Meu maior orgulho foi ter criado você da maneira certa, e assim nosso Pai poderá retornar e governar esse mundo.

Eu reconheci aquela voz na hora. Era meu pai. Então vi a faca na mão dele e já era tarde demais.

— Irmão, o sangue será derramado.

Ele olha em meus olhos, e eu nos olhos dele. Mal acabou de dizer a frase e a lâmina passou pela minha garganta. Continuei olhando para ele, não doía muito. Senti o sangue escorrendo em meu pescoço.

— Não se esqueça, você foi o escolhido, você estará nos livros, é um privilegiado... — Disse meu pai.

Eu me debruço no chão e me viro. Vejo Stela e Fernando abraçados, com lágrimas nos olhos, mas muito felizes, como nunca os vi na vida. E como nunca os verei na morte.

BUTCHER

Thaysa Petry Lisbôa

Presente. Escuro. O que se ouve é uma imensidão de aplausos e manifestações calorosas. É possível escutar algumas pessoas gritando: Bravo! O escuro vai ganhando forma, de baixo para cima, vê-se uma janela de vidro e, por ela, um borrão de luz vermelha intermitente e rotativa, acompanhado de sirenes. O som das sirenes vai ficando em segundo plano devido aos murros e berros que vêm da porta. Ainda é possível ouvir os aplausos, que se propagam pela caixa de som conectada ao computador. Na tela, a imagem estática do ato final de F. Tudo estava sendo transmitido ao vivo para quem quisesse assistir. Ao lado do vídeo de transmissão, o chat não parava nem por um milésimo de segundo. Todos os espectadores queriam expressar suas emoções a respeito da performance visceral. F, a Butcher, havia conseguido um grande feito: orquestrar o ponto final da linha da vida. Bombeiros e policiais conseguem arrombar a porta e a imagem que eles veem é ainda mais impactante que a da tela do computador. O bombeiro, fazendo o sinal da cruz, pede para que ninguém toque em nada! Ele olha para o corpo no chão como quem se pergunta: O que aconteceu aqui?

Passado. Criança. O pai entra na sala de casa e vê a menina deitada no chão, com a boca cheia de guloseimas.

Ela mal consegue respirar enquanto mastiga, até que um marshmallow salta de sua boca.

— Oi, papai.

Enfurecido, parte pra cima dela, arrancando à força cada pedaço de doce, xingando-a de gorda para cima, para baixo e para os lados. A menina chora. Na sua cabecinha, imaginava ele chegando em casa com uma superpizza, e não com uma porção de raiva. Ele sai, bate a porta do quarto. Sentada, ela tira dos bolsos mais guloseimas e continua comendo.

Passado. Adolescente. Sentada, mexe impaciente as mãos nos bolsos cheios de guloseimas, e segura-se para não desembulhar nenhuma bala sequer. A dentista entra animada, pergunta se a garota está preparada para mais uma sessão. Ela assente com a cabeça e aos poucos tenta acomodar o corpo, que está grande demais para a cadeira.

— Parece que alguém comeu muitas guloseimas, não é mesmo?

Assente mais uma vez, enquanto a máscara de gás sedativo se acomoda em seu rosto. Após o procedimento, ela vai acordando e escuta, ao fundo, a voz sempre enraivecida.

— Nesta idade já está pior que a mãe dela quando morreu. Nada adianta!

A dentista conta o número de cáries e canais tratados, enquanto a garota conta os minutos para sair dali e finalmente comer alguma coisa.

— Fome?

Ela vai se levantando. — E dor também, pai!

Passado. Adulta. O enfermeiro digita o prontuário: mulher, 33 anos, dor em toda a parede abdominal.

— Profissão? — Fica na dúvida de como digitar a informação — Açougueira, é isso? Ela assente com a cabeça. O enfermeiro leva o prontuário à sala médica.

Passado. Criança. Ela está vestida de bailarina, caminhando pela rua de casa. Os meninos da rua insistem em provocá-la, chamando-a de F. Meu nome não é F, já disse. Eles não estão nem aí para a menina e continuam zombando. F, por que, hein? Antes não tivesse perguntado nada. Um dos meninos, o mais velho do bando, desata uma lista de adjetivos que começam com a tal letra.

— Faminta, fedorenta, feia... fempre fom fome.

Os meninos ficam rindo e ela, chorando, pega as guloseimas do bolsinho da saia e leva à boca. Mastiga tudo, lágrima, doce e embalagem.

Passado. Adolescente. A história se repete. Flácida, fracassada, folgada... A lista do F parece não ter fim. Gargalham. Ela tira um pedaço de doce do bolso e leva desesperadamente à boca. Mais uma vez, o mais velho do bando se aproxima dela.

— Cuidado, F, senão você vai acabar no cemitério, igual a sua mãe.

Passado. Adulta. Ela sabe que não quer acabar no cemitério. Pacientemente, o médico tenta convencê-la de fazer a cirurgia de redução, mostra fotos dos famosos “antes e depois” de outros pacientes, fala das técnicas cada vez mais

modernizadas, reforça que as cicatrizes serão mínimas. Mas, nada parece convencê-la. Ela pouco se importa com as cicatrizes. Ela não quer morrer em uma mesa de cirurgia, igual a sua mãe.

— Sinto que não fiz nada de significativo na minha vida para que eu me despeça dela, doutor.

Levanta, pega o atestado da consulta e vai embora.

Ela mal pisa no açougue, e o pai arranca o atestado de sua mão. Ele olha fulminante para o relógio e a manda direto para o corte. Em um quartinho, ela começa a trocar de roupa. Apenas de calcinha e sutiã, observa o seu corpo em frente ao espelho. Pega na pele da sua barriga, nas camadas de gordura, tenta sorrir. Começa a vestir a roupa branca do açougue, que entra com muita dificuldade. Cada vez mais apertada. É possível notar a costura cedendo em alguns lugares. Veste o restante do equipamento e vai para o local dos cortes da carne.

— Bom dia, pessoal.

Ninguém responde, como de costume.

— Bom dia, pessoal!

Passado. Adolescente. Ela está no centro do palco de um teatro de escola, vestindo figurino de ballet.

— Bom dia, pessoal.

Na plateia, olhos de desaprovação parecem fuzilar a garota, até que o silêncio é interrompido: liga o microfone. Todos caem na risada. O dedo dela é tão gordo que nem consegue ligar o microfone. Mais risadas. Ela insiste:

— Bom dia, pessoal. Hoje eu vou apresentar uma coreografia inspirada...

As risadas aumentam a cada frase dita. Ela escuta alguém gritar o quão acima do peso ela está para dançar ballet. Mais risadas.

— O nome desse número é...

Um garoto na primeira fileira dispara:

— GGGG.

Ela paralisa, uma lágrima salta de seus olhos direto à boca. Ela mastiga e engole. Nada doce. As risadas se tornam o ato principal do dia.

Passado. Adulta. No celular, na página do Instagram de uma loja de roupas de dança, ela digita “você teriam esse look no 4G?”. A atendente responde que não, que o manequim vai apenas até o número 42. Ela insiste “e sob encomenda, é possível no 4G?”. “Apenas até o 42, querida”, finaliza a atendente. Ela tira do bolso guloseimas e mastiga sem parar. Volta o olhar para o celular e vê uma propaganda que diz “lipo sem corte”, dá risada e volta ao trabalho.

— Boa tarde, pessoal.

Estão todos dando risada, enquanto olham os celulares, e parecem não a escutar. Ninguém responde.

— Boa tarde, pessoal.

Continuam as risadas. Na sua cabeça passam imagens da infância, da adolescência e da vida. Recolhe seu material de corte e, com a roupa que está, vai direto para casa. Chegando lá, pega tudo o que encontra na despensa e na geladeira, e se tranca no quarto, onde passa dias. Fica constantemente no celular.

Passado. Criança. A dentista pacientemente examina todos os procedimentos finalizados em cada dente. Para quebrar o silêncio de sempre, pergunta à menina o que ela gostaria de ser quando crescer. Um sorriso aparece em seu rosto ao escutar a resposta:

— Artista! Quero me apresentar para o mundo todo!

Sem hesitar, a dentista diz que vai aguardar o convite de uma apresentação dela. A menina promete enviar um especial à doutora, com os seguintes dizeres:

Presente. Adulta. “Dra., esse é o convite que tanto demorei para enviar à senhora. Gostaria de agradecer por ter cuidado dos meus dentes, quando ninguém mais cuidava de qualquer parte minha. É uma pena que a senhora não tenha podido costurar minha boca também, teria sido bom. Infelizmente não terei os efeitos do gás na minha performance de hoje, mas ficarei imensamente feliz com a sua presença na transmissão ao vivo. No link abaixo, a senhora poderá acessar todas as informações. Com carinho, F.”

Ela disparou outras tantas mensagens a diversas pessoas — colegas de escola, vizinhos, companheiros de trabalho, atores, críticos de arte. Publicou o evento em suas redes sociais, em grupos, e pagou propagandas atrativas, inclusive nas rádios, a respeito da performance. Ao que tudo indicava, seria um evento promissor. Ela orava pedindo para que o tão esperado dia de artista fosse um sucesso, que muitos espectadores estivessem conectados durante a sua performance, e que finalmente pudesse se libertar. Precisava sentir que havia feito algo significativo na vida. Durante os dias confinada em

seu quarto, já havia orquestrado tudo para a sua performance: acessórios, cenário, figurino, sonoplastia, iluminação, maquiagem e um roteiro de poucas palavras. Ela sabia exatamente como começar, só não saberia até que ponto chegaria a sua performance.

No açougue de seu pai, sua apresentação era o assunto mais comentado. O pai sequer dava ouvidos, sabia que vez ou outra ela se enclausurava, mas depois tudo seguia como de costume. Ela saía do quarto mais gorda, mais triste e com espaço para novas guloseimas no moletom. O link da performance corria pela internet velozmente, e cada vez mais acessos a página de transmissão conquistava. Durante o dia ela foi se preparando, no visor do computador a contagem regressiva anunciava que faltavam poucos segundos para o início... 3, 2, 1.

Presente. Performance. Música calma de ballet. Foco de luz ao centro do quarto. Ela entra e se posiciona embaixo da luz. Está vestida de bailarina. As meias finas comprimem as pernas e apresentam rasgos. O collant dificulta a respiração. Suas mãos estão cheias de guloseimas, que vão de encontro à boca rapidamente. Ainda mastigando, ela olha fixamente para a câmera do computador, saúda os milhares de espectadores e se apresenta: popularmente sou conhecida como F, e até onde posso me recordar nunca alguém sequer perguntou o meu nome. Eu sou aquilo que vocês me fizeram acreditar ser... Butcher. Senhoras e senhores, meu júri, este é o ponto final da linha da vida. Aproveitem!

Ela lentamente tira da saia uma faca, demonstra o quanto está afiada. Passa pelo seu corpo como se estivesse passando um objeto muito delicado e macio. Quando a faca alcança a altura de sua barriga, ela corta o collant, que se rasga por completo, e revela a sua grande barriga flácida. Ela então segura com uma de suas mãos seu tecido abdominal gorduroso e, com a outra mão, a que segura a faca, dá início àquilo que todo bom açougueiro faz cirurgicamente: corta a carne. A performance dura um tempo maior do que qualquer ser humano seria capaz de suportar. Sangue, gordura, dentes, língua, carne, vísceras por todo o quarto. Ela está caída em si mesma. A luz programada vai se apagando. O que se ouve é uma imensidão de aplausos e manifestações calorosas. É possível escutar algumas pessoas gritando: Bravo! Pouco a pouco, o escuro vai ganhando forma, é possível ver, de baixo para cima, uma janela de vidro e, por ela, um borrão de luz vermelha intermitente e rotativa, acompanhado de sirenes. O som das sirenes vai ficando em segundo plano devido aos murros e berros que vêm da porta. Ainda é possível ouvir os aplausos, que se propagam pela caixa de som conectada ao computador. Na tela, a imagem estática do ato final de F. Finalmente ela havia alcançado aquilo que todos queriam: presenteou o mundo com o ponto final da própria vida.

CAIXINHA

Cristina Pretti

Numa casa de madeira cor do céu, moravam Catarina, de oito anos, Cati para os íntimos, seus pais e a cachorrinha Paquita. A casa era rodeada por chão de terra batida, com uma árvore de castanheira muito grande cobrindo o telhado. Os cômodos eram cada um de uma cor. A cozinha era amarela, a sala lilás e o quarto de Cati rosa, dos restos de tinta que seu pai pegou na loja de tintas. Ah, e do bairro, também era a única casa de madeira e que tinha uma árvore. Perto dali passava o trem, todos os dias, sempre apitando, mas não trazia nada, só passava e apitava. Cati adorava correr com Paquita juntas ao trem, dando adeus ao maquinista.

Fim de tarde, Cati carregava uma caixinha de madeira em direção à casa da vizinha da frente. Olhando para os dois lados, atravessou a rua e chegou à calçada. Subiu na caixinha e ficou ali, na ponta dos pés, olhando por cima do muro da casa. Com um canudo de papelão rente a um olho aberto e o outro fechado, espiou a televisão ligada no interior da casa. Arregalou os olhos, sorriu e ficou curtindo cada cena que passava. Lá pelas tantas, quando já se fazia a escuridão da noite, ela ouviu a voz do seu pai gritando:

— Catarinaaaaa! Já pra casa, menina, é hora de ir pra cama!

Quando seus pais a chamavam de Catarina, ela já sabia que vinha bronca! Com o coração batendo forte, feito galope de cavalo em disparada, olhou para os dois lados antes de atravessar a rua e voltou para casa de mansinho. Mas, ao chegar, viu o seu pai na porta de casa, com as duas mãos na cintura e com a bronca na ponta da língua. Cati fechou os olhos e sentiu ser conduzida para dentro de casa erguida pela orelha, ouvindo o que seu pai dizia enquanto tirava a caixinha de suas mãos.

— Eu já disse que não é para você pegar as coisas do lixo, menina, e nem para ficar muito tarde na rua. Vai escovar os dentes e depois direto pra cama.

Antes de dormir, Cati grita:

— Bença, Paiiiiiii!

— Deus te abençoe, filha!

— Bença, Mãeeeeeee!

— Deus te abençoe, filha!

O trem apitou às seis da manhã, quando Cati pulou da cama com sua habitual responsabilidade, e com o brilho no olhar de quem vai dar cor à felicidade. Magrinha, de cabelos muito lisos na altura dos ombros e uma franjinha em forma de zig zag, culpa da tesoura cega da sua mãe. Sua pele branquinha dava um tom rosado em suas bochechas, que iluminavam o seu olhar azulado. Cati, apressada, vestiu-se com o uniforme de camisa branca e bermuda azul, e pegou sua mochila. A escola era a sua maior diversão, depois, é claro, das tardes com o seu tesouro. O que mais gostava mesmo na escola era dos lanches gostosos, que nunca tinha em sua casa. Às vezes, sua mãe dizia:

— Se hoje tiver polenta com coco ralado por cima ou arroz doce, traz um pedaço pra mim!.

— Ah, mãe, é só um pedaço pra cada! Mas vou pedir pra tiazinha da cozinha!

Cati pegou uma banana na fruteira em cima da mesa, descascou e, ainda com a boca cheia, foi em direção à mãe, que cozinhava no fogão a lenha. A mãe abaixou a cabeça, Cati deu um beijo em seu rosto e saiu saltitante. Enquanto abria a porta, ouviu sua mãe dizendo:

— Cuidado com o trem, menina! Olhe sempre para os lados, viu?

O pai de Cati saía bem mais cedo para catar recicláveis pelas redondezas com sua carroça e voltava sempre na hora do almoço, quando Cati já estava em casa. Depois dos materiais separados, ele vendia no quilo. Desempregado, resolveu se virar como pode, vendendo recicláveis.

Quando via seu pai separando os recicláveis, a menina suava frio, seu coração disparava, tamanho desejo de ter aqueles materiais: potinhos, latinhas coloridas, caixinhas de papelão. Mas a vontade morria em sua garganta e ficava só na imaginação, pois já tinha sido proibida de pegar qualquer coisa.

Seu pai sempre dizia que os recicláveis eram para o sustento da família. Ele se orgulhava de só precisar dizer uma vez sobre o que era certo e o que era errado. Recado dado, comunicavam-se com rápidas trocas de olhares e Cati já sabia o que tinha de ser feito.

Ela já tinha aprendido sua lição. Certa vez, fora flagrada com a saia cheia de tampinhas e bugigangas. Foi o maior

grito que ouviu em toda a sua vida. Seu corpo todo tremeu, dos fios de cabelo até as pontas dos pés, deixando cair no chão tudo o que carregava.

— Catiiiiiiii! Já te falei para não mexer no lixo. Não quero minha filha mexendo com lixo!

Cati desandou a chorar. Abriu a boca tão grande, fechou os olhos tão apertados e chorou um choro tão forte que toda a vizinhança ouviu.

Mas era só seu pai sair para levar os materiais para vender, que Cati corria para a garagem para bisbilhotar e pegar alguma coisa.

Seu pai se preocupava com o que pegava para reciclar, desde quando ouviu falar do pó brilhoso em Goiânia. Catadores de recicláveis pegaram uma peça num prédio abandonado de uma clínica médica e depois de abrirem a peça, contaminaram-se com a radiação. Ele não queria que a filha corresse um risco parecido.

Na escola, Cati não ia muito bem com as notas. A professora sempre lhe dizia que ela era muito distraída. Sentava-se perto da janela da sala de aula vendo as nuvens passar, imaginando formas animadas que se faziam e se desfaziam. Um ursinho, uma bruxa, um dragão, uma galinha.

— Uma galiíííííinha!

— Onde, menina? — Perguntou a professora.

— No céu, no céu! — Disse Cati, apontando para cima. A turma toda caiu na gargalhada.

Uma manhã, Cati chegou da escola toda eufórica dizendo para sua mãe:

— Adivinha o que eu trouxe para a senhora? — E, sem mesmo esperar a mãe responder, disse:

— Polenta doce com coco.

Sua mãe, toda feliz, deu um sorriso e abriu os braços para um abraço.

Nessa tarde, pela janela de seu quarto, Cati viu a empregada da vizinha da frente colocando caixas de papelão e sacos de lixo na calçada. Observou atentamente escondida e ficou tentada, hipnotizada, arrepiada com o brilho das coisas que estavam nas caixas. Mesmo de longe, ela pode ver coisas prateadas e douradas brilhando, e quase não conseguiu se controlar. Só esperou a empregada entrar na casa para ir em direção ao lixo. Mal podia caminhar de tanta excitação em poder achar peças para o seu tesouro.

Atravessou a rua atentamente olhando para os dois lados, para não ser notada. Vasculhou cuidadosamente as caixas, sentindo seu coração bater acelerado. Com um frio na barriga, foi escolhendo tudo o que achava bonito e colocando dentro de uma das caixas. Pegou mais um saco azul cheio de coisas e pensou:

— Chega! Daqui a pouco não vai dar pra carregar.

Voltou para casa lentamente, pois além do peso que carregava, seu pai não podia saber de nada. “Imagina se ele sabe que eu tô catando lixo!”

Entrou direto em seu quarto, sem que ninguém a visse, e fechou a porta. Guardou tudo embaixo da cama e sentou-se aliviada, quando ouviu sua mãe gritando:

— Cati!!!!!! Já varreu seu quarto? Aproveita e varre também a casa.

— Sim, mãe. Pode deixar! — Respondeu a menina.

“O bom de varrer a casa é que minha mãe nunca vai achar o meu tesouro embaixo da minha cama”, pensou.

Depois de terminar sua tarefa, Cati foi para o quintal e, com os dois braços abertos, equilibrou a vassoura na cabeça. Ora em uma perna só, ora em duas.

No dia seguinte, ao fim de sua aula, tirou o tênis, amarrou os cadarços um no outro e os pendurou no ombro. Voltou para casa se equilibrando no meio fio e assoviando feito passarinho. Aprendeu a assoviar com uma coleguinha da escola, depois de ficar o recreio todo fazendo bico. Fazia o caminho de casa se imaginando na corda bamba do circo, que ela só conhecia de longe, porque o dinheiro era pouco. Uma vez, um circo chegou nas redondezas de sua casa, mas o que deu mesmo foi só olhar por debaixo da lona e vibrar calada com cada apresentação.

Chegando em casa, Cati só tinha um pensamento: “Hoje eu abro aquele saco azul!”.

Dentro do quarto, virou a caixa e jogou tudo no chão. Abriu o saco azul vibrando de emoção. Viu uma lanterna, palitos de picolé, carretéis de linha. Pegou um batom e passou nos lábios. Abriu um frasco de vidro de perfume, fechou os olhos, inspirou profundamente e sorriu. Abriu os olhos e viu sua cadela Paquita fungando ao seu redor. Pegou a caixa de sapato, e quando abriu, viu várias fotos picadas e negativos. No chão, brincou de quebra-cabeça com as fotos, mas faltavam peças. Pegou um negativo, olhou contra a luz e, para sua surpresa, viu as fotos completas. Fotos de uma família, fotos de crianças brincando.

— Catiuuuuuuuuuu! Tá na hora de dormir! — Disse o pai.

Cati pegou a lanterna, ligou e desligou. Apontou para a parede e fez desenhos de círculos com a luz. Pegou o livro de dentro do seu tesouro, que ela amava tanto, mas TANTO,

que chegou até a beijar o livro de tanto amor. E ela fez isso de batom. Adorava deixar marquinhos de boquinhas.

“1 - O cocô do Vombate, animal nativo da Austrália, é em forma de cubo;

2 - Quando um gato caminha em sua direção com o rabo para cima, significa que ele gosta de você e está feliz em vê-lo;

3 - Seres humanos são bioluminescentes e brilham, mas a luz que emitimos é mil vezes mais fraca do que nossos olhos podem enxergar.”, leu Cati em voz baixa.

— Apaga essa luz, Cati. Tá na hora de dormir!

Cati olha para a luz por uns segundos e, quando a apaga, vê formas de lâmpadas brancas, iluminadas, ao piscar os olhos. “Está brilhando, estou brilhando, estou brilhando”, pensou.

Cati acordou com o “piuiiiiiiii” do trem. Levantou-se, escovou os dentes, colocou o uniforme, pegou a mochila, deu um longo abraço em sua mãe e saiu saltitando para a escola. Não via a hora de voltar para casa e fazer o que tinha sonhado naquela noite.

A manhã demorou a passar. Naquele dia, as nuvens não passaram, o lanche do recreio foi sem graça e quando o sinal da escola bateu, ela saiu em disparada a caminho de casa. Com os pés descalços, caminhou em direção à porta de seu quarto e a fechou. Pegou a caixa de sapato, desenhou círculos usando uma tampinha de garrafa como medida, e recortou os buracos com a tesoura. Um na frente, um atrás e dois maiores nos lados. Colocou a caixa em cima da cama e fechou a janela do quarto, deixando escurinho. Voltou para a cama, se acomodou em frente à caixa e com suas mãos den-

tro da caixinha direcionou a luz da lanterna para o negativo, projetando a imagem na parede. Aproximou e recuou o foco no negativo dentro da caixinha, diminuindo e aumentando a imagem na parede. Sua imaginação foi longe, dando movimento àquelas cenas. Cati sorriu.

Seu pai, desconfiado do que a filha estaria aprontando, com um chinelo na mão foi em direção ao quarto. Abriu a porta silenciosamente e viu a caixinha, as projeções na parede e a alegria da filha. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ele entrou no quarto, foi em direção à Cati e os dois deram um longo abraço. Os dois sentaram-se na cama e brincaram juntos, projetando as imagens na parede.

Depois desse dia, Cati e seu pai foram companheiros nas brincadeiras, criando brinquedos que os dois se divertiram muito. Construíram juntos um tripé para a caixinha de projeções de sombras; pernas de pau e pernas de lata, que faziam Cati se sentir nas nuvens; telefones sem fio feitos com copinhos de plástico, com os quais podiam mandar recadinhos ou contar piadas; casinhas com caixinhas de papelão, que ela pintou das cores do arco-íris; corrupios com tampinhas de garrafa, cada um com um barulho de zum-zum diferente; carrinho de rolimã; patinete, robôs, móveis e tudo, tudo o que a imaginação e criatividade dos dois permitiu.

CÉU E MAR

Jéssica dos Santos de
Souza

Quando fecho os olhos, fica escuro aqui dentro.

Volto para a posição inicial. Meus pés se movem, mas não sei onde eles estão. Estão comigo aqui. Estão onde está o meu corpo. Queria ir para outros lugares sem precisar me levar junto. Ir sem mim. Seria possível?

As ondas balançam suaves, como um carinho no silêncio. É misterioso e acolhedor.

Deitada no barco no breu da noite, somente ondas, vento e cheiro.

Ergo minhas mãos para o alto, quase toco as estrelas. Quem me dera! Quem poderia tocar as estrelas?

Abro os olhos novamente. Quando abro os olhos, o mundo se reconstrói ao meu redor.

Ondas respingam em meu rosto e me refrescam. Ainda estou aqui. Queria mudar as cores e as coisas de lugar, mas não alcanço. Queria poder colocar a Lua em minha boca e senti-la deslizando em minha língua. Seria doce?

Balanço as minhas mãos em minha frente. Aproximo elas de mim. Só enxergo as minhas próprias mãos. Será que sou essas mãos? Os outros têm rostos.

Ajoelho-me próximo à proa. No grande negro que é esse azul profundo, sinto algo que me cativa. As ondas balançam como um orgasmo. E se toda essa água pudesse enlugar meu corpo e tocá-lo tão profundamente com sua beleza?

Viro-me um pouco. Coloco as mãos na boca. A minha baba escorre entre os dedos. Ainda tenho gosto.

Quando fecho os olhos, tudo ao meu redor acaba. Quando fecho os olhos, as coisas se quebram e cada pedaço do céu despenca. São lâminas de vidro caindo como chuva, são estilhaços. São estrelas dançando véus ao meu redor.

Estou protegida aqui dentro.

Eu estou?

É escuro aqui dentro. De longe, consigo ver a Terra. Nado no ar, mas não tem ar, não tem cheiro. Isso me conforta. Aqui não tem nada.

Coloco a nebulosa entre meus dedos e ela se desfaz como espuma do mar. A Via Láctea é uma ninfa que me abraça em seu corpo etéreo.

Se eu existo somente para mim, eu existo?

Apesar de tudo, ainda sou eu.

Eu não consigo falar.

Se as coisas acabam ao meu redor, eu ainda existo?

Viro-me novamente. A Lua está brilhante e marota, refletindo nas ondas. Toda esta imensidão líquida me envolve com sua escuridão macia. Eu me jogo no mar e afundo no céu. Nas profundezas do oceano, a Lua ainda consegue me tocar.

CHAMAS

Felipe Utpadel

Como de costume, fui até a frente de casa e acendi uma vela. Minha mãe não gostava que eu acendesse velas em casa, tinha medo, então todos os dias eu me sentava na calçada e a acendia lá. Amava observar a dança das chamas, sentir aquele calor, as vezes eu ousava encostar, na ilusão de que a ardência pudesse ser satisfatória. Eu tinha essa paixão pelo fogo, e desde pequeno refletia sobre o que era aquilo. Era majestoso, destrutivo, encantador. O estado de combustão me angustiava, e no ensino médio vivia pesquisando, intrigado com aquele estado físico.

De alguma forma, eu enxergava ao meu redor um padrão, um crescimento lógico do universo, mas não apenas no crescimento de plantas e rios; também, na morada de um Deus nas chamas. As filosofias orientais pregam algo adverso dos preceitos ocidentais. O oriente prega o equilíbrio, “Yin-yang”, escuro e claro, as dualidades clichês. Na minha cabeça, soava apenas como criação e destruição, essa era a regência de tudo. Todo esse meu pensamento que eu resguardava junto com minhas inquietações, andava de mãos dadas com o meu silêncio.

E lá estava eu, observando minha chama. Os vizinhos não gostavam, chamavam-me de louco, mas quem se importa. Quando estou com a vela acesa, nada importa. Ou quase.

Meu celular vibrou, era uma notificação do Tinder, dizendo que uma menina havia me dado match — algo que era raro, já que as meninas achavam estranhas minhas fotos, que sempre envolviam fogo: segurava velas, madeiras queimando. Uma bela moça deu match, com o apelido de Lady Fire. Trocamos algumas palavras, ela disse que amava o fogo, e como estava próxima, combinamos de nos encontrar ali mesmo, em poucos minutos, na minha calçada. Apaguei minha vela e a guardei dentro do bolso traseiro da calça.

Eu fiquei ali, e ela chegou de Uber.

— Você! — Ela disse.

Eu, meio intimidado, respondi:

— Haha, sou eu mesmo.

Ela me deu um longo abraço apertado, não nego que minha autoestima aumentou com tamanha atenção sobre mim. Ela, curiosa querendo saber mais sobre mim, questiona:

— Mas e aí, fazendo o que a essa hora na calçada? Que lugar para um encontro?

Minha cabeça já me incomodava dizendo o quão estranho ela acharia o motivo ser a vela, porém sou muito sincero para inventar uma história e disse:

— Tenho costume de acender uma vela de vez em quando, parar para pensar, observar o fogo... E faço aqui...

Para minha surpresa, seus olhos pareciam brilhar ao ouvir o que eu falava, eu não estava acostumado a receber tanta atenção. Ela empolgada me responde:

— Achei que eu era a única louca que amava observar o fogo, já perdi algumas horas da minha vida observando essa luz.

Tirei a vela do bolso da calça e a acendi com meu isqueiro vermelho.

Eu não podia acreditar, qual a possibilidade de tudo isso, o match, o encontro na mesma hora, a mesma paixão pelo fogo. O universo parecia reger a nosso favor, parecia que tinha data e hora marcada, minha mãe sempre dizia que nada acontece por um acaso. Olhei pra ela, tentando não parecer chocada com toda situação:

— E eu me amarro em loucas, haha...

Que vergonha, foi a primeira frase que veio à minha cabeça, mas foi tão sincera pela situação! O medo da resposta começou e me apavorar num instante de segundo, até que ela respondeu com um sorriso no rosto e aquele olhar brilhante — no fundo da sua pupila eu conseguia enxergar o reflexo das chamas.

— Eu também me amarro nos loucos — disse ela.

Meu coração já palpitava e uma chama parecia nascer daquele encontro. Não tive nem tempo de responder aquela frase, ela parecia um pouco apressada e disse:

— A gente se vê, louquinho...

Eu estava babando por ela, e parece que quando me deu as costas, senti o seu calor indo embora.

Gaguejei, tentando responder um tchau, e só pensei: que diabos de encontro foi esse! Ela veio de Uber e voltou a pé? Maluca... Vejo ela sumindo, parece que está mexendo no celular, deve estar pedindo um Uber. Meu celular vibra. O Tinder. É uma mensagem dela, avisando que amanhã estaria aqui no mesmo horário.

E assim foi. Por dias e dias.

Caminhávamos pela cidade, acendendo velas. Ou colocando fogo em entulhos, em terrenos baldios.

Dividíamos nossa paixão pelo fogo. Ela me entusiasmava a conversar, e o jeito que ela falava era invejável — sua oratória e a força que colocava nas palavras, sem medo de talvez estar errada e confiante de que estava certa, era apaixonante. E eu me apaixonei.

E pela primeira vez na vida eu via o fogo muito mais brilhante e aquecedor do que destrutivo e caótico. O garoto depressivo, que não tinha ânimo de existência e só enxergava o caos, agora via beleza na vida, tudo por conta daquela garota que tanto a amava.

Demoramos semanas para nos beijarmos, pois eu sou tímido, ela também. E embora já tenhamos mais de vinte anos (eu, 21, ela, 20), acho que nunca fomos muito bons em namoros.

Ela trabalhava numa pequena empresa da cidade, uma distribuidora de papel. Sua função era fiscalizar as entradas e saídas das enormes bobinas de papel, e mesmo sendo algo monótono, enjoativo, ela fazia tudo com o maior prazer. Gostava daquele cheiro do papel. E de vez em quando ganhava restos de papel, que levava para casa, e fazia enormes fogueiras. Sua mãe não gostava nada disso.

Já eu trabalhava numa loja de conserto de celulares. Fiz um curso no ano passado, obrigado por minha mãe, e então consertava aparelhos. Foi a solução que encontrei para evitar falar com muitas pessoas. Eu recebia o celular e a ordem de serviço e pronto, só tinha que consertar. Não precisava falar com ninguém. Guardava minha saliva para ela.

Víamo-nos todos os dias após seu serviço. Lá estava eu, ansioso para quando desse a hora de ela chegar, com os pensamentos já aflorados sobre o que iria compartilhar. E eu sempre a esperava, todos os dias, e com uma vela no bolso. Mas um dia ela não apareceu. Tentei ligar para ela e nada. À noite, recebi uma ligação da mãe dela. Julia estava morta. Uma bobina mal presa escorregou do caminhão de entrega e a esmagou.

Eu não podia acreditar, eu tinha encontrado minha chama, e ela foi tirada de mim, sem aviso, sem dó nem pena, por que o universo tirou ela mim?

Eu saí gritando pela rua, como um louco.

Surge um sentimento de indignação, eu sabia que aquele trabalho não era seguro, ela me contava de como eles não tinham segurança alguma, e recebiam uma miséria. Meu peito só inflava cada vez mais, aquela morte tinha um culpado, e eu sabia muito bem quem era.

Minha sanidade, em meio ao turbilhão de pensamentos de revolta, sumiu, e num ato de bravura, levantei da minha cama na madrugada, passei no mercadinho 24h e fui até a empresa. Era um galpão mal iluminado, na verdade, sem vigia, mas com câmeras nos quatro cantos externos do galpão. Sem problemas, eu estava com uma máscara do motoqueiro fantasma que ganhei do meu tio, há muito tempo, e um capuz. Não tive muitas dificuldades para arrombar a porta pequena do galpão, pelo jeito não se preocupavam muito com segurança, afinal, não era fácil roubar algo que pesava toneladas, como as bobinas de papel. Tirei os litros de querosene da mochila, comecei a espalhar os líquidos inflamáveis por todo

o espaço, num ódio misturado com uma sensação amena de calma... Fiz um rastro de querosene fora do galpão, e numa pequena faísca do meu isqueiro — não precisei tentar duas vezes — a chama que havia dentro de mim tomou conta de tudo. Era lindo ver aquele show de luzes, a minha chama consumindo aquele lugar.

Eu estava em meio ao caos, ela me mostrou a luz. Eles me tiraram dela e eu o mostrei a eles.

COLCHA E RETALHOS

Adriana Niétzkar

— Estou com frio, vó!

A vó foi procurar mais cobertas no guarda-roupas. Sua casa nunca estivera tão cheia, a filha, o genro, os dois netos, todos alojados às presas por conta de uma infestação de ratos no prédio. Sorriu enquanto abria a primeira porta, tão difícil passarem tempo juntos, ainda que morassem na mesma cidade, em bairros próximos. Era uma época agitada, bem diferente de seu tempo, e os mais novos sempre tinham mais coisas do que tempo para fazer. Os compromissos sempre vinham primeiro, a família depois, e isso significava quase nunca vê-los.

O neto mais jovem estava com frio. Lembrava-se vagamente que tinha pelo menos mais um edredom, e o encontrou bem no fundo, escondido entre as toalhas, dentro da embalagem. Há anos que não punha a vista nele. O pôs em cima da cama: era branco e cheio de detalhes bordados em fios cor de ouro e rosas, havia se esquecido dele. O edredom mais lindo que ganhara.

Lembrou-se do neto mais velho, hoje um rapaz, ainda pequeno vendendo uma rifa da escola. Recordou-se da sua alegria chegando com um pacote maior que ele, com a mãe segurando de um lado, para entregar o presente que a avó ganhara da rifa. O edredom que deixara guardado, porque era lindo, para uma ocasião especial.

Um sentimento frio que não soube entender percorreu seu peito, será que nunca tivera este momento especial durante tantos anos? Agora seria um momento especial? Tirou-o da embalagem com cuidado, por medo de usar, de estragar algo tão lindo. E aos poucos foi percebendo manchas amareladas aqui e ali, no velho edredom novo, que parecia muito usado.

Procurou uma capa, afinal, só poderia lavá-lo no dia seguinte, e o envolveu no verde-amarelo da capa de pequenos florais, tirando das vistas a destituição do belo. O neto, aquecido, logo dormiu. A avó quase não encontrou sono para si.

No dia seguinte, logo que o menino acordou para a escola, aproveitou o sol e colocou o edredom na máquina. Mas não importava o quanto esfregasse ou quarasse, as manchas não sumiriam.

O neto mais velho, ao descer do celta, trazendo o irmão da escola, sorriu ao ver a coberta na grama, cheia de sabão.

— Vó! O edredom da minha rifa! Nossa, como tá velho... Ainda está bonito!

E entrou na casa apontando e contando para o irmão:

— Eu não tinha mais visto ele, mas pelo jeito a vó o usou bastante! Que bom! A mãe disse que a vó nunca o aproveitaria. Por ele ser bonito demais...

— Ele é bem quentinho!

— Parece, né?!

— Parece e é! A vó deu ele pra mim ontem, pra dormir!

Uma sombra percorreu os olhos do mais velho, a ele (sempre...), tantas restrições, ao mais novo (sempre?!), tanto de tudo:

— Então essa noite eu vou dormir com ele!

— Não! A vó deu ele pra mim!

— Não! Eu que dei ele para a vó!

— Deu, tá dado!

E rolaram os dois no gramado, embolando-se ao edredom.

A avó ficou ali, transformada em branco-mármore por um tempo que pareceu horas, os dois netos arfando, olhando para o edredom com espumas, pedaços de grama e porções de terra. O mais velho sentiu-se muito pequeno:

— Eu é que tenho que te pegar na escola!

O mais novo se sentiu muito preso:

— E eu nem queria ir pra escola!

A avó suspirou:

— Quem vai conseguir dormir com ele hoje...

Os netos abaixaram suas cabeças sem ver chão algum, estendendo a culpa de um para o outro, já sentindo a futura censura da mãe. Aquele sobressalto amargo que só passaria ao fim do castigo. Provavelmente teriam de dividir outro edredom. Não era fácil ser irmão.

Eles silenciaram, mas a mente dela deu muitos saltos e gritos desesperados e urgentes, tantas coisas sobre a família que ela não participava, não sabia, não ajudava. Quis dizer muitas coisas à filha, ao genro... sobre edredons?! Mas pra quê? Melhor deixar a história passar, para tudo ficar em paz.

No dia seguinte, quando a família pôde voltar para o apartamento, agora sem ratos, e ela novamente estava só, sentou-se em frente ao edredom estendido e um sentimento de rosas murchando dentro de uma floresta inabitada a percorreu. Resolveu ocupar o tempo, e a mente, fazendo algo útil. Talvez uma faxina?! Abriu caixas e armários e achou

alguns “tesouros”, coisas bonitas demais para serem usadas, guardadas e esquecidas no fundo de uma gaveta; um jogo de porcelana muito delicada e já sem brilho que ganhara de sua mãe quando era muito jovem, um cordão de ouro com um pequeno rubi empoeirado, presente de sua melhor amiga de anos de convivência, um sobretudo rosa-azul que a encantou tanto em uma viagem em que ela e o marido passaram momentos muito agradáveis, um rato... um rato? Um rato, cinza, focinhudo, que entrara na caixa (feita com muito esmero pela filha moça), cortara fios do casaco-pipoca e — vejam só! — começara seu ninho dentro do bule de porcelana...

COMO VOLTAR PARA
CASA

Leonardo Bittencourt

No caminho para a área rural mais próxima, Helena suspira enquanto dirige em meio ao trânsito lento, como de costume. A primeira pedalada do sábado! Ninguém sabe o quanto ela aguardou por isso, parece que emergiu para respirar em meio ao líquido viscoso e denso de suas dores.

Algumas horas sem ter de atender celular, sem explicações, sem choro e sem ter que mentir dizendo: “Estou bem”.

O trânsito melhora, finalmente ela chega e desembarca a sua bicicleta. Da mochila no banco de trás, retira seu equipamento, coloca as sapatilhas, afivela o capacete, coloca seus óculos de ciclismo e se olha no retrovisor do carro. Até que gosta de como seu rosto fica melhor com o capacete, os óculos espelhados... tudo isso esconde algumas cicatrizes.

Sua preparação é interrompida pelo som do celular anunciando novas mensagens.

Helena resolve dar uma rápida olhada antes da pedalada.

Lu:

E daí, amiga, escolheu uma foto para o Tinder?

Helena:

*Não encontro uma foto minimamente sensual que seja :-(
não posso pegar uma muito antiga,
senão os interessados me processam
por falsidade ideológica kkkkk*

Lu:

kkkkk

Que nada, coloca uma foto meio de costas, meio nua e pronto.

Sair hoje? Chopps?

Helena:

Hoje não dá Lu, estou pedalando

volto tarde e cansada

outro dia vamos

Lu:

Outro balão :-(

Mas não desisto! kkk

Bjos

Helena passa para a próxima mensagem.

J.H.B. Advogados:

Helena, boa tarde. Estou te chamando novamente para saber se entramos ou não com as medidas de proteção.

Quando puder, me ligue.

Indignada, ela desliga o celular, coloca no bolso da camiseta e finalmente começa sua pedalada.

A força que imprime nas pernas no início parece fazê-la relaxar. Uma certa dor prazerosa a faz sentir-se viva novamente. Segue sem uma rota estabelecida, uma liberdade que não tinha antes e, agora que pode, quase não encontra motivos.

Estrada de chão, meio esburacada, um cheiro de mato úmido e as casas de João-de-barro nos postes mais antigos trazem uma simplicidade que ela gostaria de ter na vida.

Hora mais tarde, encontra uma turma de ciclistas descansando sob uma sombra e resolve que também é hora de uma água, uma parada. Cumprimenta e para por perto, a segurança de um grupo é sempre bem-vinda, mas com boa distância para ninguém puxar conversa.

Entre um gole e outro, rende-se ao vício e liga o celular.

O som de duas novas mensagens chama atenção de algumas pessoas do grupo.

Helena começa a ouvir as mensagens de áudio.

Heitor - AMAR:

Boa tarde, Helena, espero que estejas bem. Queria confirmar contigo a data para a palestra durante o AMAR, queremos muito ouvi-la, sua história é fundamental para a transformação que nossa sociedade necessita. Você precisa nos ajudar a inspirar outras mulheres que passaram pelo que você passou. Mostrar como dar o passo adiante. O hotel já está certo, só as passagens que ainda não conseguimos a verba. Mas acredito que vamos conseguir. Pensei no dia 30, o que acha?

Ela dá um sorriso irônico e fala baixinho:

— Eu dizer como dar o próximo passo?

Por um instante, reflete sobre como a vida pode ser ingrata ao fazê-la celebridade de sua própria desgraça. Passa a ouvir a próxima mensagem.

Mana:

Lena, a mãe me chamou, disse que te ligaram de uma escola, eu não entendi direito. Ela ficou puta com isso, disse que te ligou mas só deu caixa postal. Sabe do que ela estava falando? Beijos.”

Ela suspira e observa um homem, que passa pedalando com o filho pequeno. A criança na bicicleta com rodinhas está radiante, e se esforça para seguir atrás de seu pai.

Nessa hora, tudo fica num silêncio profundo, como se estivesse em um vácuo. Olha para o lado e vê sua filha Carol, ainda com seus quatro anos, sentada com o capacete de ciclismo, aquele olhar brilhante que a encantava, o cabelo encaracolado e uma joaninha nas mãos. Carol sopra a joaninha para que ela voe, como se quisesse dizer que está na hora de seguir.

Sua visão é interrompida pelo toque do seu celular anunciando uma nova mensagem de áudio.

J.H.B. Advogados:

Desculpe, Helena, eu preciso mesmo da sua autorização para entrar com as medidas. O dia está chegando e não podemos deixar para cima da hora. Me retorne, por favor.

Indignada, ela responde com uma mensagem de áudio em voz alta:

— EU NÃO QUERO MERDA DE MEDIDA DE PROTEÇÃO NENHUMA, EU QUERO É QUE

ELE FIQUE LÁ MAIS 10, 20, 30 ANOS. É DIFÍCIL ENTENDER?

Algumas pessoas do grupo ao lado olham, outras falam baixinho. Ela se levanta, coloca o celular no bolso e sai novamente em busca de algum alívio.

Não se conforma com a situação e exclama para si mesma:

— Como é tão difícil manter na cadeia um monstro desses? Por que eu tenho que tomar medidas para me proteger de um cara que nem deveria estar solto?

Então ela lembra da música do Legião Urbana e começa a cantar.

*“Ninguém vê onde chegamos
Os assassinos estão livres, nós não estamos
Vamos sair, mas não temos mais dinheiro
Os meus amigos todos estão procurando emprego
Voltamos a viver como há dez anos atrás
E a cada hora que passa envelhecemos dez semanas”*

À medida que canta, Helena vai se empolgando e aumentando o ritmo da pedalada. Sente o vento leve no rosto como carícias que há tempos não recebe.

Sua cantoria é interrompida pelo toque do seu celular. A vontade é atirá-lo longe e nunca mais ter que falar com ninguém. Mas resolve parar na beira da estrada e atender.

É sua irmã que, entre gritos ao fundo, começa a falar com uma voz embargada:

— Lena, vim aqui na mãe, ela está passando mal...

Gritos da mãe podem ser ouvidos ao fundo.

— Ela tá me contando uma história que não estou acreditando. Uma mulher ligou dizendo que está aguardando a documentação para a matrícula da Carol? Que porra é essa, Lena? Não acredito no que está acontecendo.

Helena rapidamente responde:

— Ahhh, isso deve ser coisa da creche antiga dela, segunda eu resolvo.

Então sua irmã continua com a cobrança:

— Pelo amor de Deus, Lena! Não é do colégio antigo, é de um novo. Por que isso agora, se já faz tanto tempo? Meu Deus, Lena! Eu não consigo... calma, mãe!

Com os olhos cheios de lágrimas, Helena responde:

— Diz pra mãe não se preocupar que está tudo bem.

— Não tem nada bem, Helena! — Grita sua irmã, que continua — A Carol se foi, mas você fica presa nisso. Mãe, calma, estou falando com ela. Me responde Lena, por que isso agora?

Num desabafo que mistura emoções tão distintas, como saudade, raiva, amor e resignação, Helena responde gritando:

— Porque é o natural, era o que eu deveria estar fazendo, ela deveria estar na escola e eu cuidando dela.

Agora, com a voz mais branda, como que tentando consolar, sua irmã continua:

— Lena, você está onde? Você precisa voltar para casa. Volta, por favor!

— Como eu posso voltar para casa? — Responde Helena, sem segurar o choro. E continua:

— Eu não suporto olhar os retratos, o silêncio, o cheiro que ainda está lá. Ela não está mais lá...

Neste momento, Helena desliga o celular, debruça-se sobre a bicicleta e chora uma dor que já chorou em vários outros dias. A dor de quem perde parte da alma e tem certeza de que nunca mais se sentirá completa novamente.

O sol vai descendo no horizonte, o tempo passa sempre tão rápido.

Não demora e um outro grupo de ciclistas passa ao seu lado. Helena observa seu distanciamento, respira profundamente, enxuga as lágrimas, arruma o cabelo no capacete, posiciona-se na bicicleta e segue em direção ao grupo.

Ela sabe que a dor está tanto em voltar como em seguir, mas seguir parece ser seu único caminho.

ENTRANHAS

Bruna Martins

Da janela eu vejo pés descalços, peles brilhando como a pura prata exposta. De cada lado da rua, duas Havaianas paralelas marcam a área do gol.

De tempos em tempos, vozes ecoam. Não é a algazarra que as destaca, é a pureza das risadas que contrastam com o cansaço de cada pedra torta que pertence àquele espaço.

Quando a chuva cai mais forte, as poças que nunca secam voltam a encher, e a água gelada parece combustível. Os pés descalços agora fazem ainda mais barulho a cada passo, e são tantos que, quando o estrondo vem, demoro a entender o que significa.

Mas o silêncio depois do trovão é inconfundível.

Da janela eu vejo a bola, vermelha, rolar sozinha. E, quando ultrapassa a linha imaginária entre as duas Havaianas que faziam às vezes de trave, ninguém mais está ali para comemorar.

Só há um pedaço pequeno de prata deitado de borco em uma poça que só aumenta, mesmo que a chuva já não caia. No escuro que se sucede, o grito de uma mãe preta transborda o vazio que nunca tem fim.

ESCARABOCHO

Suellen Cordovil da Silva

Em uma ilha em Belém, 21 de março
de 2020

Fui encontrado à deriva numa ilha e avistei uma cor vibrando. Essa cor inconfundível invadiu o meu ser. Fiquei paralisado. Entrei num estado de choque psicótico. Encontrei dois seres estranhos, sem cor definida, de imprecisão corporal e com tentáculos. Eram fortes. Seus rostos brilhavam e suas mãos eram extensas, como possíveis tentáculos. Esse foi o meu primeiro contato com os seres desconhecidos. Não sabia onde estava, se era uma ilha ou uma cidade abandonada. A minha pele recebeu cortes com aparelhos estranhos e logo se reconstitui, em um reflexo. Eu era um experimento dos seres estranhos.

Depois, caí num sono profundo e, ao mesmo tempo, recuperava minhas lembranças, gradativamente. Parei numa floresta inóspita e labiríntica, sob um primeiro olhar. Então, segui esse caminho levado pelos seres cósmicos. Eram apenas visões de um instante. Fiquei perdido nos meus pensamentos e só dormia. Dormia, somente dormia. Não me lembrava sequer do meu nome, minhas origens, nem como teria parado lá.

Em uma ilha em Belém, possivelmente em maio de 2020

Os seres enigmáticos de cor inexplicável e instigante. Eles perceberam que eu precisava de cuidados e trataram de um ferimento em minha cabeça, colocando uma venda nos meus olhos. Recebi cuidados dos seres estranhos. Mas as dores de cabeça continuavam, e resolvi, dissimuladamente, tirar a venda. Eu via, em surtos, um caos de imagens distorcidas, sem lógica alguma. Enlouqueci. Não enxergava muito bem. Só via uma cor estranha, que me parecia infernal.

Coloquei novamente as vendas nos olhos e as dores eram assombrosas. No sonho-lúcido, estava num inferno verde. Mistério infundável. Vagava sem destino com esses seres de cor imprecisa, sem nomes, sem traços humanos e com algumas particularidades corporais semelhantes a guelras e escamas. Poderia ser uma alucinação, quem dera fosse, mas não era!

Os experimentos eram imprecisos, nunca imaginei que estaria com seres de outros planos como uma espécie de *co-baia*. Colocaram uma venda nos meus olhos. Fiquei quase cego com os experimentos. Continuava a não identificar as vozes dos seres e muito menos as cores vibrantes que me invadiam. Até que fui levado para um lugar bem distante da floresta, próximo de um verde inóspito, onde parei numa casa antiga de madeira de cedro, com uma infinidade de quartos e um silêncio incontestável.

Em uma ilha em Belém, num tempo desconhecido.

Os sons das ondas do mar e dos ventos eram fortes ao redor da casa. As entidades não tinham um corpo andrógono e tinham uma comunicação sinistra. Deitaram-me em um lugar confortável e desmaiei novamente. No outro dia, não os encontrei mais. Só ouvia o barulho das ondas e das árvores balançando. Estava numa ilha. Vi uma enorme quantidade de peixes no mar, que também exalavam um odor forte. Às vezes, penso que os seres ainda estão me vigiando para os seus interesses inexplicáveis.

As perguntas vinham em minha cabeça. Estou vivo? Vivi neste labirinto de floresta gigante. Será que me tornei um monstro? Qual o motivo de ser um escolhido pelos seres estranhos?

Adotava qualquer forma e podia atravessar o tempo e o espaço, mas tinha algo que corria nas minhas veias. Isso era na velocidade da luz e me impelia à uma espécie de loucura ou hábitos de outro plano, diferente deste terráqueo. Tudo era adventício. Joguei-me novamente ao mar, em busca de respostas. Parecia que estavam ali para me ajudar. Decidi mergulhar e não voltar mais. Simplesmente afundar.

Em Manaus, num dia fatídico do mesmo ano

Pessoas curiosas me capturaram em uma rede enorme. Lutei com todas as minhas forças para escapar. Descobri que me tornei outra coisa. Estou numa sala branca, ouvi alguém dizer que era aqui que examinavam criaturas insanas. Os

doutores me avaliaram e queriam saber quais eram as minhas habilidades.

Os noticiários comentavam sobre a pandemia de um vírus em mutação. Continuava em outra prisão. Estava me transformando num outro corpo. Eu ainda servia para os testes de laboratório. Sentia-me novamente uma cobaia, um experimento. Criei uma forma corporal não humana, com escamas e mais além. Posso ter qualquer forma temporariamente, atravesso o tempo e o espaço quando sirvo para os experimentos eletromagnéticos. Adquiri uma forma corporal mutável.

O que sou? Continuo investigando a minha identidade. Agora estou aqui, contando este acontecimento para vocês nesta folha de papel higiênico que encontrei no banheiro. Espero que alguém leia essas cartas algum dia por baixo do meu colchão deste laboratório.

Os doutores dizem que sou *Escarabocho*, uma entidade cósmica.

ISSO ESTÁ
ACONTECENDO AGORA

Paulo Zwolinski

— Céu, cidades, bairros, ruas, prédios, apartamentos, salas, quartos, cozinhas, sofás, camas, poltronas, janelas. Pessoas que habitam, *que nos habitam, pessoas. Vassouras atrás das portas, meias secando atrás das geladeiras, lixeiras cheias. Santa Catarina, Sul, Brasil, Mundo* —

Eu

Estou bem

Passo bem, obrigado por perguntar.

Animais nas ruas, sem máscaras.

Sem o teatro, sem o cinema, sem o manifesto da arte em sua maior potência, aqui, nesta cidade, neste estado que estamos — nos encontramos.

É um zunido sem fim e já se vão semanas, meses, vidas, dias.

E o que nos aguarda?

Um planeta grávido, que respira bem.

Exaustos,

Respiramos.

E os artistas?

Precisamos nos organizar, nos reunir,

Prefeituras,
Organizações,
Cobrar
Direitos.
O que nos sobra?

Bate palma, pessoal, bate palma, pessoal, que talento!

O preço que pagamos num apartamento neste bairro é pra ter gente talentosa na vizinhança. Mas esse não é artista, artista, esse é trabalhador profissional de carteira assinada, que trabalha dia de semana e toca violão pra nós da varanda nas sextas e sábados, porque ser artista não dá, é complicado demais, é dinheiro de menos, eu mesma sei, queria ter levado mais a sério as aulas de violão quando era jovem, agora eu escuto o vizinho tocar Lulu Santos enquanto eu costuro máscaras, e ele canta muito bem, o Lulu. Eu tô fazendo essas máscaras pra ajudar as pessoas aqui da cidade. Sim, eu moro aqui, eu nasci aqui, e eu costuro, e vem uma van pegar aqui toda semana, mas eu pergunto sempre se as máscaras serão usadas por pessoas aqui da cidade, porque, não por nada, não me entenda mal, mas eu não tô aqui costurando máscara pra esse pessoal que chegou da Venezuela ou os haitianos da rua, que ficam na sinaleira, ficar usando. Com tanta gente local, que nasceu aqui, ó, precisando, que tá quase morrendo, por falta de ar, por falta de

máscara. Eles que voltem pro país deles, que ninguém me escute! Não dá pra ajudar todo mundo, senão vira festa, né?

Um amigo meu, meu amigo, ele me contou:
Esses dias, ele caminhava pelo centro da cidade.
Ele não é louco!

Mas ele disse que enquanto caminhava, ele me viu pela rua, enquanto eu estava em casa.

Era impossível, porque eu realmente estava em casa, mas a vontade de sair era tão grande que eu estava lá, eu estava sendo visto lá fora, mesmo estando em casa, cuidando-me, eu estava lá, os meus pés estavam descalços, e isso é muito doido.

Ele disse:

— Eu estava descalço na rua, andando e observando paisagens, pessoas, eu descalço, e isso que estamos no inverno aqui, e faz um frio danado.

— A gente precisa se falar mais — eu falei — precisamos dar risada.

Ele me disse que de triste já bastava o teatro, o pensamento crítico e o cinema.

— Sim, vamos dar risada – eu falei.

Temos que ajudar esses artistas que estão surgindo agora, não esses artistas que fazem as coisas que só eles entendem, que querem carnaval o ano inteiro, que só eles se ajudam, fazem com que a gente tenha vergonha de perguntar, pois não entendemos. Fazem com que a gente, o

povo, o cidadão que paga as contas, se sinta um burro, inculto, desinformado, ignorante, incompetente. O que eu digo é que temos que ajudar esses artistas da gente, esses que tão cantando as músicas que a gente sabe cantar.

Ontem, na reunião do condomínio, falaram que vão colocar uns blocos de concreto, cimento, pros mendigos da rua não dormirem mais na calçada aqui na frente do prédio. Teve a minha vizinha de cima, a vegana, que tem um cabelo lindo, armado, tá sempre bonita, eu adoro ela, mas ela foi falar que isso era uma aberração, que nós não podíamos fazer isso porque eles, os mendigos, não estão na rua porque querem. Eu até acho que tem uns que não estão lá porque querem, mas também sei que tem casas de apoio em que eles podem dormir, comer, tomar banho, a gente sabe que isso existe e esse pessoal não usa. E também se o cansaço for muito grande, ele vai dormir em cima desse bloco mesmo, falo da minha experiência própria, quando estou cansada consigo cochilar em qualquer lugar, até em cima de uma pedra, se for o caso.

Mas eu estou bem sim, estou bem, respirando pesado, mas respirando.

Eu te reconheço na rua, eu te olho

Você me olha e eu te pergunto quem seremos no final do ano.

Eu te pergunto quantos seremos até o final do ano.

Eu te pergunto o que vai existir até o final do ano.
 E você começa a chorar.
 O que vamos criar, eu te pergunto,

então eu volto pra casa.

Uma espera, um dia e noite normal, uma semana, um mês, um vermelho que já está pálido com tudo isso e uma chuva que não chega, uma estiagem, antes era um ciclone, é um Brasil que nem brasileiro entende, um governo que nem brasileiro gosta, um clima, uns vários preços altos malucos que ninguém consegue pagar, uma apatia que ninguém, nem os próprios artistas entendem. Mas sim, precisamos reagir sim, precisamos reagir. Eu deveria ter te perguntado sobre isso, mas lembro de ter te visto antes de tudo isso começar, antes de toda essa bosta, eu me recordo de estar cantando, eu estava fodido, mas mesmo assim cantava. Até acho que eu era feliz.

----- isso está acontecendo agora -----

-----seremos responsabilizados pelo que está acontecendo agora -----

----- que fotografia deixaremos para quem vem ----

Olha o absurdo! Hoje eu chamei um casal de amigos pra jantar aqui — são bem próximos, estão se cuidando, fazem tratamento preventivo, usam máscara — pra ver o vizinho que toca toda sexta. O folgado hoje nem apareceu, e eu com as visitas em casa, que vieram exclusivamente para vê-lo. Eu falei um monte, fiz propaganda do trabalho, e ele não aparece. Essas pessoas, esses artistas de maneira geral, não podem ganhar um pouco de fama e já se acham importantes, mas tudo bem, depois dessa eu é que não vou mais ajudar. Eu fiz propaganda do trabalho dele, dei chance várias vezes, bati palma, gritei BRAVO!, mas não vou mais bater palma, NÃO VOU, vou fechar minha varanda quando ele for tocar ou até vou colocar uma música bem alta pra ele saber a merda que fez! Chega de ser boazinha, isso é coisa de filho da puta que não valoriza quem valoriza o trabalho dele! E o que eu faço com meus convidados hoje? Sobre o que eu falo com eles? Vizinho filho da puta, sujeitinho folgado! Deve ser esses vermelho que gosta de aborto.

Aqui tá um céu nublado e nada de chuva, um frio desgraçado e nada de chuva.

ISOLAMENTO

Adriano Salvi

Deitado na cama, olhava para o teto. Já fazia quase um ano que ele estava em isolamento, mais por condição do que por escolha. Nunca imaginou que aquela quitinete de aproximadamente 30 m² se configuraria num casulo, à espera de uma liberdade que não chegava nunca. Descia sempre que precisava comprar cerveja e cigarros. Isso ajudava a passar o tempo entre devaneios de fumaça e livros de Albert Camus. No porta-retratos que estava sempre ao alcance de seus olhos, uma profunda saudade o mantinha submerso.

Uma ligação o traz de volta à tona, pela primeira vez após longos meses, uma promessa de trabalho representaria uma esperança de fissura em seu longo e incômodo invólucro. Abre a janela e a luz do dia se espalha por todo o ambiente.

Precisava levar documentos e carteirinha de vacinação, não se lembrava da última vez que a tinha visto. Procurou em todas as gavetas e nada. Saiu sem ela. Tomou um ônibus até a Secretaria de Saúde, lá se apresentou para o trabalho.

— Faltou sua carteirinha.

— Não a trouxe.

— Sem falta da próxima vez, aqui trabalhamos com saúde, precisamos dar o exemplo. A gente te espera amanhã cedo para o início da campanha de vacinação. Não se atrase.

Um sol de janeiro fazia com que seu corpo derretesse dentro daquela fantasia de Zé Gotinha. Políticos se sucediam

em discursos intermináveis, repletos de demagogia e intenções eleitoreiras. Com suas máscaras de pano e dispostos em fila, o povo aplaudia como num longo espetáculo de grande farsa e cinismo. O calor aumentava, na mesma proporção da crise de rinite que o acometia ali dentro. Concentrava-se em sua respiração e aproveitava os momentos de maior excitação daquele falatório para soltar contidos e espaçados espirros de alívio.

O suor banhava-o por inteiro, e uma sensação de vertigem e desmaio passou a tomar conta de si. Precisava resistir. Resistiu. O fim dos discursos deu-lhe novo ânimo. As pessoas aglomeravam-se ao seu redor para tirar fotos com as crianças. Um menino coloca-se diante dele e diz:

— Eu sei que você não é o Zé Gotinha, é só um homem fantasiado, mamãe me contou. Deve ser quente aí dentro, né? Por onde você me vê? Você também tem que tomar vacina?

Ele observa a criança sem responder nada. Logo, a mão chama seu filho, e o menino se vai. Por algum tempo, seu olhar se perde no vazio, um carro passa diante de si projetando seu reflexo através da película nos vidros. Ele se vê, mas não se reconhece. O sol já começa a baixar e o dia vai lentamente morrendo no horizonte.

Em casa, o noticiário na TV informa sobre a campanha de vacinação. Objetos unitários desfilam sob seu olhar: um relógio de parede, um único prato sobre a mesa, acompanhado de um copo americano, uma cerveja, o maço de cigarros e o porta-retratos a deter sua visão. Retira um cigarro do maço, acende-o, e em meio às profundas tragadas, percebe uma caixa de sapatos em baixo da cama. Apanha-a e retira

dela vários papéis antigos, alguns exames médicos, pequenas chapas de raios-X, e em meio a tudo aquilo, sua carteirinha de vacinação. Abre-a. Está vazia, sem nenhuma anotação ou carimbo sequer. Fixa-se nela por algum tempo, depois pega o isqueiro e uma pequena chama passa a iluminar seu rosto.

MALDITO SEJA O
ESPECTADOR DA MINHA
VIDA

Didiê Kinsey

Malditos sejam os espectadores de minha vida. Desde que nasci, brinco no jardim, todos têm uma visão indecorosa das minhas poses e querem me arrancar da mansidão. Tenho dono! Dou risada na cara da multidão que passa todos os dias por minha vitrine — modo de falar, não vivo numa vitrine, mas merecia, sou a mais bela do jardim, a mais bela enjaulada, a mais colorida, a mais engraçada, aquela para que todos pagam pau.

Tem um fumante que para todo dia na minha vitrine, ou na minha jaula, ou no meu jardim, e insiste em deixar sua fumaça na minha cara e as bitucas na minha calçada. Mas o que tanto olha e não vê?!

Meu dono vive nesta casa, logo aqui atrás, depois do meu jardim-vitrine. Esse cara olha lá para dentro como se pedisse para alguém sair. Meu dono quase não recebe visitas, além daquela mulher, todas as noites. Vejo-a entrar na casa, sempre de capuz, com as pernas desnudas, com cinta-liga e perfume de camélia noturna. Anda imponente entre as flores mais belas do jardim.

O homem que mirava a casa, depois, cansou de esperar alguém sair e só me olhava, tinha um olhar triste, um olhar de quem nem sabe o que quer. As outras flores da vitrine sentiam inveja, esperavam ser vistas e adoradas como eu, pois o homem era hipnotizado por mim; fumava tanto, que tos-

sia até suas tripas. Eu até gostava, pois me sentia acalentada. Sempre gostei de atenção, não ruborizava por motivos óbvios de cor de pétala.

Nunca cairei, pensava, seguirei adiante, mas inerte! Meu dono me alimenta e me enfeita. Meu admirador me adora, as crianças tiram foto comigo, os amantes me desejam, mas, infelizmente, tudo tem cheiro de bosta, tanto cheiro de merda, já que minha raiz se enterra nela. O cheiro da desgraça sempre acompanhou minha trajetória, que nem é trajetória, afinal, não fico andando por aí.

Às vezes, bem de manhãzinha, quando o sol nasce, ele vem, atravessa a rua, olha para cima primeiro, depois olha para mim, prende-se em mim, seus olhos se enterram em minhas pétalas. Um dia ele cruzou as grades, invadiu meu espaço, tocou em minhas pétalas, acariciou...

— Pode olhar, mas se tocar... te encho de porrada, demonho! — Meu dono gritou lá de dentro. Acordado, abraçado na mulher, olhando pela janela, com a cortina esvoaçando.

O meu fumante saiu rápido, e vi dois adesivos de nicotina na sua nuca — mas por que, então, aquele cigarro em seus dedos? Atravessou a rua, ficou me olhando. Hoje, sei de tudo, daqui sabemos de tudo, são pequenas telas que aparecem direto na nossa cabeça, que nos fazem ver o que se passou na vida de nosso assassino.

Ele arrancou minha vida por amor não mais correspondido, ou pelo amor que sentia por mim? Se ele me perguntasse, quem sabe teria correspondido. Ah, se ele pedisse...

Na noite que fui desenraizada, ninguém estava em casa, as câmeras do jardim falharam. Ele atravessou a rua fu-

mando, jogou a bituca na calçada, como de costume, fiquei olhando imóvel, chegou bem perto e murmurou:

— Bem-me-quer! — Ultrapassou as grades com as mãos violentas...

Eu estava embrulhada em papel celofane vermelho, com etiqueta de coração. Um cartão enfiado no celofane dizia: “Te amo, Carla! Volta pra mim! Você é minha flor!”.

MARTINHA

Nelson de Faria Campos

As cores do arrebol da primavera pintam de vermelho a BR que liga a região de Jaraguá do Sul ao Planalto Norte de Santa Catarina. Ao lado da estrada que divide os bairros de Nereu Ramos e Ribeirão Cavallo, existem conjuntos habitacionais. Dentro de um dos apartamentos, uma adolescente de 14 anos observa, da janela do seu quarto, o movimento dos carros na BR. Depois de um tempo ela fecha a janela, deita na cama e escreve em um caderno.

20/11/2019, quarta-feira. 18h.

Hoje depois da aula, passei na casa da vó Ana. Fui sozinha. A mãe nem sabe. Eu gosto de ir lá. Ela perguntou se estou namorando. Falei do Davi. Ela deu um sorriso bonito. Disse que devo ouvir a voz do coração pra tudo na vida. A vó anda muito estranha, de vez em quando fica com os olhos parados, olhando sem ver, como se tentasse lembrar de alguma coisa. Só não vou mais lá porque tem que atravessar a BR e os motoristas mexem comigo. Que raiva. Hoje quando tava voltando me deu um ódio, vi um cachorro amarrado num pedacinho de corrente. Como fazem isso com o pobre animal? Não tinha ninguém na casa. Bati na porta. Chamei e nada. O bichinho lá amarrado, sem água e comida no fundo do quintal. Preciso fazer alguma coisa pra ajudar ele.

O homem chega cansado do trabalho. Toma um banho e vai até a cozinha. A mulher arrumou a mesa, e agora pega a comida no forno enquanto ele senta na cadeira. Ela coloca a comida na mesa.

— Onde está tua filha!?

— Disse que ia estudar na casa da Maria.

— Pega uma cerveja pra mim.

A mulher pega uma lata na geladeira e coloca na mesa, depois serve a comida no prato do homem.

— Coloca mais.

Ela serve mais comida no seu prato. O homem bebe a cerveja. A mulher se senta em seu devido lugar, coloca um pedaço de lasanha no prato que está à sua frente e come em silêncio.

22/11/2019, sexta-feira. 18h30.

Hoje teve aula da profª Milena. Eu adoro ela. As duas matérias que eu mais amo são ciências da profª e português do profª Luan. Ele que pediu pra gente largar o celular por uma semana e escrever num diário tudo o que fizemos no dia. Amei. Posso contar o que faço sem ninguém me julgar. Essa semana começamos um projeto com as duas matérias juntas. Vamos escrever uma história em que o personagem que a gente vai criar enfrenta um vilão que corta as árvores de uma floresta e vende os animais de lá. Eu propus que o nosso herói salvasse cachorros amarrados em pequenas correntes, mas eles preferiram a outra história, paciência. Sabe?! Tô pensando em ser escritora ou bióloga quando crescer. Hoje falo com a mãe sobre aquele cachorro. Não me esqueci do coitadinho. Quando vim da escola, joguei por cima da cerca um pedaço de salsicha que guardei do lanche.

O bichinho tava com tanta fome que comeu de uma só bocada. Ele até já me conhece e abana o rabo quando me vê. De novo não tinha ninguém na casa. Ontem à noite encontrei com Davi na casa da Maria. Acho que tô gostando dele.

O homem chega cansado do trabalho. Toma um banho e vai até a cozinha. A mulher arrumou a mesa e agora pega a comida no forno enquanto ele se senta na cadeira. Ela põe o prato de comida na mesa e grita:

— Martinha, vem comer que hoje tem culto.

O homem não gosta que ela grite perto dele. E também não gosta de ir ao culto na igreja da mulher.

25/11/2019, domingo. 15h.

Ontem à noite fomos no culto. Coisa chata. Depois da morte do pai, a mãe se converteu pra essa religião. E agora arrumou esse cara. Não gosto como ele me olha. Quando o culto acabou, o pastor disse que queria falar com a mãe. Daí eu e ele ficamos esperando na frente da igreja. Depois de um tempo, ele ficou nervoso e foi lá dentro da igreja buscar a mãe pelo braço, e levou ela embora pra casa assim. Eu fui atrás. Não sei como a mãe deixa ele fazer isso. Outro dia de madrugada, acordei e ele tava na porta do meu quarto me olhando dormir. Falei pra mãe, mas ela ficou brava. Disse que eu tava inventando. Mas o pastor falou uma coisa no culto que gostei de ouvir. Disse que todos nós temos o livre arbítrio, que usamos para decidir o que fazer na vida. Acho que ele tá certo.

O homem não chega do trabalho no fim do dia. A mulher espera. Enquanto espera, ela ora com a bíblia, sentada à mesa da cozinha. Martinha chega à cozinha.

— Mãe.

— Ele não chegou até agora.

— Mãe.

— Outro dia ele chegou depois da meia-noite.

A mãe se levanta da cadeira e agora anda pela sala.

— Mãe, tem um cachorro.

— Não me fale de cachorro, já não basta teu padrasto que não chega?

— Mãe, eu tenho medo dele.

A mãe olha para a filha sem entender o que ela disse. O homem abre a porta do apartamento e entra cambaleante. A mulher se levanta e olha para o homem. Martinha, sai da cozinha e vai para seu quarto. O homem olha ela passar por ele. A mulher aperta a bíblia contra o peito e olha para o homem.

Os carros passam na BR e Martinha observa da janela de seu quarto. Quando escurece, ela escreve em seu caderno.

27/11/2019 terça feira. 19h

Depois da aula, fui de novo na casa da vó. O Davi foi comigo. Ele segurou a minha mão quando atravessamos a BR. Na esquina da casa da vó, ele me deu um beijo e foi pra casa dele. Queria que a vó o conhecesse, mas ele tem vergonha. Vó Ana tá cada dia mais diferente. Não sei bem o que é, mas tá esquisita. Hoje pediu pra eu sentar junto dela e a gente ficou um tempão em silêncio. Ela segurando minhas mãos e eu com a cabeça no ombro dela. Quando tava indo embora, ela mandou um pote de geleia pra mãe. Segurou minha cabeça com as duas mãos, olhou

bem fundo nos meus olhos e disse. “Minha neta, você tem que ter coragem para enfrentar a vida. Não tenha medo de nada, minha filha, nem de ninguém, você me promete isso?”. Me deu um arrepio. Abracei ela bem apertado, prometi e saí dali correndo. Atravessei a BR e quase que não vi um carro que vinha muito rápido. Foi por pouco. Passei na casa e o cachorro ainda tá lá amarrado, num pedacinho de corrente. Que dó! De cortar o coração.

O homem chega cansado do trabalho. Toma um banho e vai até a cozinha. A mulher arrumou a mesa e agora pega a comida no forno enquanto ele se senta na cadeira. Ela põe o prato de comida na mesa. Martinha entra na cozinha.

— Mãe, tão fazendo maldade com o cachorro.

— Que cachorro? Não enche, garota.

— Não falei contigo.

A mãe olha séria para a filha.

— Come tua comida e vai dormir.

Martinha sai da cozinha sem comer. O homem dá de ombros.

— Pois que fique com fome. E você, vê se não fica com pena dessa guria, não, senão tu cria um monstro dentro de casa.

A mulher come resignada.

28/11/2019, quarta-feira. 20h.

Ô, que raiva. E a mãe não fala nada. Se o pai tivesse vivo, ele me ajudava. Droga! Hoje eu e a Marina viemos juntas da aula. Passamos na casa onde o cachorro tá preso. Ela viu uma placa na cerca, escondida entre os galhos de uma árvore que eu

não tinha visto. A placa avisava pra não se aproximar que dava choque. Jogamos um pedaço de pau na cerca e não aconteceu nada. Acho que a placa é só pra assustar. Depois, a Marina disse pra gente ligar pra polícia e contar o que estão fazendo com o bicho. Nós ligamos. O sinal tava bem ruim. A gente demorou pra conseguir ligação, mas daí quando começamos a falar, uma voz entrou na ligação falando de uma festa, sei lá o que, e o policial ficou bravo. Falou que era crime passar trote. Que ele sabia onde a gente tava e ia mandar uma patrulha prender a gente. Desligamos o telefone rapidinho e corremos pra casa. Que ódio.

O homem chega cansado do trabalho. Toma um banho e vai até a cozinha. A mulher arrumou a mesa e agora pega a comida no forno enquanto ele se senta na cadeira. Ela põe o prato de comida na mesa. Martinha entra na cozinha.

— Mãe, você tem que me ajudar. Tem um cachorro preso sem água e comida e não tem ninguém na casa.

— Ô, garota, cê acha que eu tenho tempo pra fazer vontade de aborrescente?

— Não tem por que é um grosso.

— Isso são modos de falar, menina? Peça desculpas ao seu padrasto. Agora!

— Ele não é meu pai.

O homem se levanta da cadeira.

— Essa menina tá ficando saidinha, deve tá aprendendo com a velha da tua mãe.

— Não mete minha mãe no meio.

— É isso mesmo, tua mãe tá ensinando o que não presta pra ela, daqui a pouco estou apanhando de mulher dentro de casa, vê se pode?!

— A casa não é tua, foi meu pai que comprou!

Ele se levanta da cadeira com fúria e anda pela cozinha respirando fundo.

— Trago comida pra casa e ainda tenho que aturar isso?

A vizinhança reclama do barulho. Martinha vai para seu quarto. A mulher continua parada em pé e muda. O homem vai para a sala e se senta no sofá.

29/11/2019, quinta-feira, 20h30.

Um dia fujo de casa. Ninguém merece uma família dessa. Que ódio. Já que ninguém quer me ouvir, amanhã vou pular a cerca e soltar aquele cachorro. Eles vão ver se eu não tenho livre arbítrio. Os dois que se lixem. Que se matem. Que ódio!

O homem chega cansado do trabalho. Toma um banho e vai à cozinha. A mulher arrumou a mesa e agora pega a comida no forno.

— Por que tua filha não está em casa?

— Ela foi estudar na casa da Maria.

— Agora todo dia é isso. Tá na casa da Maria, na casa da Maria... Não sei o que ela tanto faz lá. Abre o olho com essa menina.

Enquanto ele fala, a mulher arruma o prato de comida sobre o fogão e a luz da casa se apaga. Silenciam a geladeira e o homem. Gritos de protestos na vizinhança.

A escuridão toma conta de tudo. O homem se levanta e tenta chegar à janela, mas chuta o pé da mesa e xinga. A luz pisca e acende fraca. O micro-ondas apita. Na breve penumbra, a geladeira liga e desliga. Escuridão. Silêncio. A luz pisca e acende. A geladeira acelera. O micro-ondas apita.

— Pensei que ia perder o jogo.

Barulho de talher no prato. Eles comem. O silêncio ganha vida na cozinha em meio aos ruídos dos eletrodomésticos e da vizinhança, celebrando a lâmpada elétrica.

Ele termina de comer e vai assistir ao futebol na televisão. A mulher arruma a mesa, lava os pratos e vai se sentar ao lado do homem no sofá da sala.

— Pega uma cerveja pra mim.

Ela se levanta, pega uma lata de cerveja na geladeira e leva pra ele.

— Por que tua filha ainda não veio pra casa?

Ela pega sua bíblia e se senta ao lado do homem.

— Lá vem tu com essa bíblia na hora do jogo, não posso nem assistir sossegado? Vai rezar lá pro quarto.

O homem aumenta o som da televisão. Ela fecha o livro e vai para o quarto.

— Vai é cuidar da tua filha, nem sabe por onde ela anda.

Ela aperta a bíblia em seu peito. O time adversário faz um gol. O homem se irrita. Ela se senta na cama do seu quarto e lê a bíblia. O homem xinga o juiz do jogo. Ela fecha a bíblia e a coloca sobre a cama. Sai do seu quarto e se dirige ao quarto da filha. Abre a porta e acende a luz. Vai até a cama e se senta. Observa os livros da filha. O telefone toca na sala. O homem olha o telefone tocar na sua frente.

— Ô, Amélia, atende logo esse telefone.

Ela vai até o telefone e atende.

A telefonista do outro lado da linha está em um hospital. A mulher responde que sim e se senta na cadeira. Como

assim um choque? Ela se lembra da escuridão no começo da noite.

— O curto-circuito deixou o bairro sem luz. Ainda bem que o socorro chegou rápido. Foi Deus que ajudou. Ela vai se recuperar bem.

A mãe fica em silêncio e desliga o celular. A voz da filha falando sobre um cachorro ecoa em sua cabeça. O homem olha pra ela com ar de deboche e pergunta.

— O que foi agora?

Ela levanta da cadeira, olha intrigada pra ele e pega sua bolsa. Vai até a porta e abre, olha novamente aquele homem sentado no sofá da sala. Ela sai do apartamento no instante em que o time adversário faz outro gol.

As cores do arrebol da primavera pintam de vermelho a BR que liga a região de Jaraguá do Sul ao Planalto Norte de Santa Catarina. Ao lado da estrada que divide os bairros de Nereu Ramos e Ribeirão Cavallo, existem conjuntos habitacionais. Dentro de um dos apartamentos, Martinha observa da janela do seu quarto o movimento dos carros na BR. Depois que escurece, ela fecha a janela, deita na cama e escreve em um caderno.

04/12/2019, quinta-feira. 18h.

Ufa! Quase morri. Cinco dias no hospital. Salvei o cachorro e a mãe se livrou daquele homem. Ainda bem que 2019 tá acabando. Espero que 2020 seja melhor.

NASI PREPARADO

Nielson Modro

Olhou fixamente o espelho como há muito já não fazia.

Depois de um banho demorado, renovador, a imagem refletia um semblante sereno, tranquilo. A calma no olhar refletia ainda a serenidade em observar-se atentamente e perceber alguns poucos cabelos brancos não notados em momentos anteriores. A barba esmeradamente feita refletia o corte de cabelo impecável. No pequeno espelho, tentou observar se a roupa estava cuidadosamente impecável como a imagem que via refletida. Enquanto observava sua imagem, analisando cada detalhe, sem qualquer pressa, ouviu uma leve batida na porta.

— Padre! Seja muito bem-vindo, entre. Estava aguardando você chegar para podermos conversar.

— tudo bem contigo, meu filho? Como estás? Estás preparado?

“Preparado”, seu olhar cínico foi notado pelo padre, que nada comentou. “Preparado”, que mania de sempre, sem qualquer exceção, realizar a mesma pergunta, insistentemente e de forma quase ofensiva.

— Padre, como sempre disse, já nasci preparado, meu velho!

— Filho, nunca brinques com essas questões divinas!

— Não brinco, padre. Pode não parecer, mas nasci preparado sim. Aliás, que acha? Que me diz? Olha só como es-

tou todo arrumadinho hoje! Estava me observando no espelho e acho que nunca estive tão bem! Estou preparado como sempre, padre!

— Fico feliz, meu filho! Meio que balbuciou o padre sem ter muita convicção do que afirmava.

Há muito havia se estabelecido uma relativa amizade entre ambos. As confissões, parcas e reservadas no início, tornaram-se amplas e resolutas com o passar do tempo. O padre, ainda que não se permitisse a estas intimidades, passou a estar mais frequentemente com ele, buscando querer saber cada vez mais, e a cada nova visita passava a ter um laço mais estreito de empatia e amizade. Ou seria algo mais?

— Achei que você viria na semana passada, padre... me esqueceu, é?

— Não, meu filho, havia outros compromissos. Desculpe...

— Confesso — esboçou um sorriso entre a ironia e o receio — senti sua falta!

Ambos ficaram se olhando, como se o tempo parasse. Como se a falta de pressa ao se observar no espelho contagiasse também o padre. Nenhuma palavra mais foi dita. “Nasci preparado” ainda ecoava no ambiente. Os olhares fixamente mantinham a direção entre um e outro e a proximidade entre ambos era quase incômoda. O padre deu um breve suspiro e — algo que nunca havia feito até aquele momento — levou suas mãos até as mãos dele; arriscou segurá-las, levemente, com certa delicadeza e de forma quase carinhosa.

Ele esboçou um leve susto, como se não esperasse tal reação, mas há muito sabia que poderia vir a acontecer algo assim. Não recuou. Não esboçou nenhuma reação além de

uma breve mudança no semblante, denunciando a, talvez, nem tão inesperada surpresa.

O padre segurou suas mãos e no momento em que ameaçou começar a dizer algo, uma nova batida de leve na porta.

Após a leve batida, o convite: “vamos!”, entre um tom amigável e intimidador.

Caminharam em conjunto. Sem palavras. Ele ainda esboçando um caminhar entre altivo e trôpego, mas esbarrando de leve a sua mão na mão do padre; estava entre querer mais um contato físico e buscar evitar a demonstração de qualquer fraqueza.

Quando todos chegaram até a cadeira, ele foi convidado a se sentar.

Sentou-se de forma serena e, olhando fixamente nos olhos do padre, voltou a dizer em voz firme: “nasci preparado, padre!”

O pensamento que lhe veio, do âmago de sua alma, era que tinha a certeza de estar preparado. Iria dizer isso novamente, que estava preparado porque sempre foi inocente. Mas a eletricidade foi ligada.

NÃO TOC

Heloisa Dias

Às 7h em ponto ele se levantou da cama, nem um segundo a menos, nem um segundo a mais. Para conseguir tal façanha, Almir acordava todos os dias 5 minutos antes do despertador, justamente para esperar a hora certa de levantar. Colocou seus chinelos que estavam perfeitamente alinhados ao lado da cama, com a distância exata de 15 cm um do outro e 5 cm a frente do pé lateral da cama.

Seu pijama de elastano era branco e cheirava a jasmim, fragrância com a qual havia sido lavado a menos de seis horas atrás. Estendeu a mão para a gaveta do bidê, e retirou um pequeno espelho e um pente fino. Enquanto segurava o espelho com a mão esquerda, dividia o cabelo perfeitamente no centro da cabeça com a direita. Um corte perfeito que, é claro, só Almir poderia ter feito. Guardou o espelho e o pente com todo o cuidado de colocá-los a exatos 2 cm de distância um do outro.

Almir estendeu a mão e alcançou seu celular e os fones Bluetooth, que estavam (perfeitamente) apoiados sobre o bidê. Colocou sua playlist favorita de Mozart e aproveitou alguns (10) segundos de completa paz. O quarto escuro se encheu de música clássica, de harmonias ricas e contagiantes. Ah, era assim que se começava um dia!

Arrumou sua cama, tomando o devido cuidado de manter os travesseiros perfeitamente afogados e a coberta de-

vidamente a 10 cm de distância deles. Abriu as cortinas e o blecaute, iluminando o quarto. A luz não era amarela como o sol, mas cinza, pálida. Ao som da Sinfonia n. 40, abriu as janelas e respirou profundamente, sentindo o cheiro da terra que antecede uma manhã chuvosa. Preferia dias de sol, a chuva era incômoda demais para Almir, mas mesmo assim apreciava o cheiro. Apreciava tudo ao seu redor: seu quarto estava perfeito, alinhado e organizado. Perder cinco horas na noite anterior para tirar o pó das estantes pela décima segunda vez no dia tinha valido a pena. Sempre valia. A música acariciava seu ego recém-abastecido.

Almir saiu do quarto e foi em direção ao banheiro, mas parou no pequeno corredor. Aquele maldito pendurado no centro da parede, entre um retrato de Mozart e um quadro que Almir mesmo havia escrito aos cinco anos. Uma cópia perfeita da partitura Minueto e Trio em Sol Maior. Exatamente a 3 m da porta, o quadro da família pendia pendurado pela extremidade superior. Um Almir de quatro anos o olhava sem expressão, assim como sua mãe séria e seu padrasto, com o rosto vermelho da bebida. Horrível, uma grande desgraça para um dia regado a Mozart. Almir colocou o quadro novamente (e perfeitamente) no centro. Mas aquela desgraça não ficava no lugar. Tentou arrumar uma, duas, três vezes e nada. O quadro se negava a cooperar. Tentou mais uma vez, conseguindo manter o quadro no lugar. Com um sorriso satisfeito no rosto, Almir se alegrou.

Foi quando o quadro escorregou e voltou à sua posição ridiculamente torta. Em um ataque de cólera, Almir arrancou o quadro da parede e o arremessou no chão. Milhares de caquinhos de vidro voaram por todo o corredor, ao som de

Mozart. Embebido pela raiva, juntou a fotografia amassada da família e a apoiou na estante de livros que estava logo atrás. Caminhou a passos fortes para a lavanderia, e a cada respiração pesada, sua raiva era transmitida para o ambiente. Pegou um saco plástico, a vassoura, a pazinha de limpeza e seu aspirador de pó e voltou, a passos curtos e cautelosos, para o maldito corredor.

Mozart zombava de sua desgraça através das notas. Seu dia havia sido estragado por um maldito quadro de 1,99. Jamais voltaria àquela infeliz Casa China. Com cuidado, Almir retirou os cacos maiores de vidro e os jogou no saco plástico. A cada caco que retirava do chão, sentia-se mais leve, pleno, feliz. Mozart agora o acolhia e beijava, sem mais julgamentos. A cada pedaço de vidro que caía, mais Almir relaxava e se sentia bem. Seu semblante voltava a manter a coluna alinhada e reta. Foi quando ouviu um relâmpago, mesmo com seus fones de ouvido. Olhou para a janela e percebeu que a chuva castigava do lado de fora, com raios e uma grande ventania.

Quando terminou o trabalho braçal, passou a vassoura e recolheu o excesso com a pazinha de limpeza. O antes odiado corredor, agora se tornava um lugar aconchegante, perfeito para um gênio da música como Mozart. Jogou os minúsculos caquinhos de vidro no saco plástico e passou o aspirador no chão, nas paredes e no teto, para aproveitar o embalo da limpeza. Não que necessitasse muito, havia limpado-o a menos de seis horas atrás.

Terminou então com um sorriso radiante nos lábios e os braços cansados. Recolheu a vassoura, a pazinha, seu aspirador de pó e o saco de plástico. Caminhou a passos confian-

tes de volta para a lavanderia, Mozart o encorajava a manter o ritmo do caminhar. Foi quando percebeu que seus passos eram confiantes demais. Ao dar o último passo, pisou sem querer no cabo do aspirador de pó e caiu por cima de tudo, menos do saco plástico. Este voou em direção ao chão, espalhando toda a sujeira para a copa.

Por um minuto, Almir ficou deitado no chão sobre o aspirador de pó, com a coluna curvada sobre ele, como uma bexiga murcha depois de uma festa. Levantou-se e olhou para o aspirador, nunca havia odiado tanto um objeto em toda a sua vida. Agarrou o aparelho com tanta força que os sulcos em seus dedos se tornaram brancos. Caminhou até a entrada do apartamento arrastando o grande traidor logo atrás de si. Abriu a porta principal e o jogou escada abaixo. Ao som do Réquiem em Ré Menor, ele rolou, quicou, pulou e se espatifou ao final da longa queda. Almir o jogou com tanta força que o aspirador chegou a descer dois lances de escada, e agora seria dor de cabeça do vizinho de baixo, não dele. Um fim trágico para uma grande tragédia de aspirador. Almir fechou a porta e voltou o olhar para seu belo apartamento. Quer dizer, antes belo.

Alisou o cabelo com as mãos e voltou para a enorme bagunça com um sorriso no rosto. Maldito aspirador de pó, maldito seja! Seus braços estavam exaustos, mas nunca se deve deixar uma casa bagunçada. Lembrou-se do braço de sua mãe descendo rápido em direção às suas mãos estendidas, segurando a vara de marmelo. Aquele dia ela o avisou para que parasse de atrapalhar a vida dela, que ela não toleraria mais bagunça. As cicatrizes não doíam mais, mas atrapalhavam a perfeição de seu visual.

Novamente, recolheu os cacos maiores de vidro e os colocou na sacola de plástico. Depois de longos minutos, passou a vassoura sobre a sujeira causada pelo maldito quadro. Sentiu seu peito apertar com o arrependimento de ter destruído seu único aspirador de pó. Precisava compensar a perda de seu bem mais precioso com algo ainda melhor para sua casa. Dessa vez, passou um pano molhado de desinfetante por toda a copa e cozinha do apartamento.

Conforme o cheiro de limpeza entrava em suas narinas, ele relaxava e melhorava seu humor. Alla Turca da Sonata n. 11 em Lá Maior trazia, novamente, a sensação de bem-estar que apenas Mozart era capaz de proporcionar. Ah, o que poderia ser melhor que uma vida organizada? Aproveitou e esfregou as paredes também, uma casa limpa nunca é trabalho demais. Depois de longas horas, tinha retirado o pó não só da copa e da cozinha, mas da sala também. Tirou o pó da televisão e esfregou suas janelas pela vigésima segunda vez naquela semana. Do lado de fora, a chuva não perdoava e o vento só aumentava, fazendo a fechadura ameaçar abrir.

Finalizando sua faxina necessária, recolheu o saco plástico e o colocou sobre a bancada. Seus ombros gritavam e sentia muita dor na coluna quando olhou para o relógio na parede e notou que já se passavam das 17h. Seu estômago confirmou a veracidade do fato com um alto ronco.

Foi para a geladeira e retirou o pão e a mortadela, colocando-os sobre o balcão. Não era o melhor que podia fazer, mas certamente era a única refeição que ainda tinha energia para preparar. Abriu a primeira gaveta e retirou uma faca com ponta e uma minirrégua laranja. Abriu duas fatias de pão, mediu a quantidade certa de mortadela e comeu. A

mortadela de porco desceu pela garganta numa velocidade absurda, custando o saboreio do jantar. Em seguida, lavou sua louça três vezes para garantir que nenhuma gordura se mantivesse ali e voltou para seu quarto.

Ao passar pelo corredor, notou que a foto amassada ainda estava em cima da pequena estante, arruinando o ambiente impecavelmente arrumado. Olhou mais de perto, quando seu apartamento sumiu, sendo substituído pela sua antiga sala de música. Seu piano o apoiava, como um amigo a consolar o outro. O cheiro azedo da bebida esquentava sua nuca enquanto as gotas de suor caíam e escorriam em sua bochecha.

Foi quando a forte buzina acompanhou o tremer de todo o prédio, enquanto o trem passava ao lado. Ele se lembrou do saco de plástico apoiado na bancada da cozinha. Seu rosto empalideceu e o coração ameaçou parar. Correu para a cozinha o mais rápido que pôde, mas já era tarde demais. Ao som de uma forte buzina, o prédio tremeu com maior intensidade com a passagem do trem. O retrato de Mozart e a partitura de Minueto e Trio em Sol Maior tremiam sobre a parede.

Almir chegou ao destino apenas a tempo de presenciar o momento derradeiro: a queda inevitável do saco plástico. Ele voou para baixo, como em câmera lenta, rumo ao chão. Os cacos de vidro dançavam no ar ao som de *As Bodas de Fígaro*. E, como num passe de mágica, aterrissaram no chão, multiplicando-se em milhões de minúsculos caquinhos. O quadro se espatifou no carpete recém-esfregado. Almir não conseguia respirar.

Como se não bastasse, de seu quarto ouviu um estrondoso barulho. Correu com o coração batendo forte, mas a ventania já havia feito seu estrago. Esquecera a janela do quarto aberta durante a manhã e agora presenciava seu maior erro. A cama estava ensopada e coberta de folhas mortas. Uma grande poça já havia se formado no chão e a água escorria dos armários como o suor desce pela face de um bêbado.

Sentiu novamente o suor pingar em sua bochecha, escorrendo para sua boca. Não tinha reação, o pequeno Almir estava em estado de choque. O vento frio de julho arranhava suas pernas nuas, arrepiando suas coxas. Durante dois minutos, em tempos de um em um segundo, ele o prensava com força contra as teclas de seu piano, onde estava apoiado. O som horrível e desarmônico chicoteou sua mente como um lembrete permanente da crueldade que sofrera. Almir não chegou a ver seu padrasto se afastando, apenas ficou ali, deitado de bruços, tentando entender o que acabara de acontecer.

O frio da chuva o atingiu com força no rosto, em contraste com as lágrimas quentes que lhe corriam pelas bochechas. Já fazia muito tempo que não relembrava o que acontecera há 30 anos, e ligaria para seu psiquiatra durante a manhã, assim que levantasse. Com movimentos lentos e pesados, Almir se aproximou da janela para tentar conter o estrago que a ventania havia causado, quando seu reflexo no vidro o fez parar. Seu rosto estava horripilante, com olheiras profundas devido ao cansaço, os olhos inchados por chorar, o queixo roxo pela pancada no aspirador de pó e a boca curvada em uma bizarra expressão de dor.

Por alguns instantes, analisar seu reflexo fora sua única razão de vida. Reconheceu seu cansaço, sua dor, seu pesar e se acolheu no pequeno menino que ainda vivia dentro dele. Concretizando seu fim ao som de *As Bodas de Fígaro*, Almir voltou para a cama e se deitou sobre as sujeiras trazidas pelo vendaval. Seus olhos se fecharam enquanto ele permitia deixar a faxina para o amanhã.

NÃO TEM NOME

Amilcar Britz

Ele e ela

Marcos e Laura são um casal de classe média que divide o apartamento de três quartos com os seus próprios fantasmas. Ambos têm quarenta anos e se conhecem desde os doze anos, mas agora são quase desconhecidos. Ele pouco fala, e ela não quer que ele a toque. Mas essa não é a única ausência: a filha deles, Sofia, também não está mais entre eles. Mas o quarto continua intacto. Arrumado e limpo todas as semanas por Marcos, já que Laura não entra no cômodo, nunca. Não se permite. Aquele é o santuário de Marcos, e ela não consegue transpor essa barreira. Laura quer vender o apartamento, mas Marcos é contra. Foi o primeiro imóvel deles, conquistado com muito suor: ele havia há poucos anos conseguido passar em um concurso e agora era analista fiscal da Receita Federal, e Laura dava aulas de matemática em cursos pré-vestibulares. O dinheiro não era mais um problema. Mas agora, Marcos está de licença, uma atrás da outra, e fica em casa, recuperando-se fisicamente e psicologicamente. Ela ficou apenas com as aulas da tarde, para ocupar um pouco a cabeça. E assim eles se esbarram, durante as manhãs e noites, nesse campo de batalha que se tornou o apartamento.

Ele, ela e Sofia

Sofia não morreu. Alguém que habita as memórias de outras pessoas nunca morre.

Podemos dizer que ela estacionou no tempo, com oito anos. É assim que os pais se lembram dela, e mesmo que ela já pudesse ter completado nove anos, o tempo tem outra relação com as memórias. Ela sempre terá oito anos. É assim que eles se lembram dela. A última noite em que estiveram juntos, os três, foi de muita alegria. Estavam na casa do vovô e da vovó, dos pais de Laura, para um jantar. Comida, piadas, brincadeiras. Despediram-se com abraços carinhosos e rumaram para casa. No cruzamento, Marcos ainda se lembra de ter visto os olhinhos dela, brilhando, pelo retrovisor. Sinal vermelho. Olhinhos. Sinal verde. Ele aperta a embreagem, troca a marcha e acelera. Do nada, outro carro aparece e bum. Um motorista bêbado. Um playboyzinho. Bum. Marcos no hospital, dias de UTI, e quando acorda, não tem mais Sofia, e nem seus olhinhos. Ainda bem que Laura não se machucou, praticamente nada, um pequeno milagre. Mas quanta desgraça.

Os quatro

Marcos tem cicatrizes pelo corpo. E alguns problemas de locomoção. Está manco. Sequelas que o tempo talvez cure. Laura não sorri mais. Mas quem sorri nessa casa? Ela sempre chora, principalmente à noite, afundada com o rosto no travesseiro. Marcos não suporta isso, e só vai para cama bem tarde, quando tem certeza de que ela está apagada, dormindo. É um jogo, de sofrer sozinho, cada um com seu silêncio, evitando se escorar no silêncio e na dor do outro, o que poderia amplificar ainda mais a dor dos dois. Vezes quatro. Mas em alguns dias, eles tomavam café da manhã juntos. E é num desses dias que tudo muda. Laura prepara o

café, coloca a mesa com muito cuidado e carinho, e vejam só, está feliz, até sorrindo! Marcos sai do quarto e encontra sua companheira radiante, não entende, mas compreende. Ela está linda, ele pensa. E se senta. E tudo desmorona. Na mesa estão o prato, o copo de princesas e os talheres rosa de Sofia. Marcos fica chocado, Laura também. Foi ela que colocou tudo ali, na mesa. Esqueceu que sua filha não mais caminha entre os vivos? Enlouqueceu? Que mãe é essa?

Ela vai para a cozinha, não sabe o que fazer, não sabe o que fazer da sua vida... E num ato desesperado, vai até o quarto de Sofia, mas para na porta, escora-se no batente, não tem coragem de entrar... ou tem? Agora, que talvez tenha enlouquecido, tem? Entra... A cama está lá, os bichinhos de pelúcia também... Senta-se ao lado da cama e a abraça... Como gostaria de ouvir mais uma vez, só mais uma vez a voz de Sofia... Mas não pode. Chora. Marcos chega, consola Laura, e por fim dormem no quarto, na cama da filha que sempre será filha, sempre. Mesmo que digam que não.

Laura sonha com Sofia e acorda assustada. Marcos a consola. Tocam-se, beijam-se... Quanto tempo faz que eles não têm essa intimidade... Muito tempo.

Meses depois, Laura está no banheiro e o risquinho vermelho, o segundo, aparece. Grávida. De novo. O teste enfim é entregue para Marcos, enquanto está perdido em seus pensamentos, olhando pela janela do apartamento, procurando um motivo de alegria. Ou para viver.

E agora não serão mais apenas os três. Marcos, Laura e Sofia ganharão companhia e o apartamento voltará a ter luz própria.

O MONSTRO

Rita Duarte

Marília tem doze anos, é decidida e teimosa, e cursa o ginásial no internato das freiras em Loureiro do Canto, interior do Rio Grande do Sul. A sós, e aborrecida, na biblioteca do colégio ela tentava ler O Ateneu, tem ficha de leitura para fazer.

Fora criada na fazenda de seu pai. Tinha boa mira no bodoque, habilidade em escalar árvores e mangueiras com cerca de pedra. Arriscava-se a qualquer aventura para acompanhar os dois irmãos: um maior, Júlio, outro menor, Fernando. Só respeitavam o horário de sol mais quente, no início da tarde. Era a hora em que o monstro do sol andava solto, e comia criancinhas.

Certo dia, num verão depois do almoço, os pais ressoavam na sesta. Marília, então com cinco anos, deitada em sua cama, inquieta e preguiçosa, observava a boneca de porcelana em cima da cômoda. “Por que diabos alguém pintara o cabelo dela de vermelho?” Os irmãos apareceram na porta do quarto, com gesto de “faça silêncio”, cada um trazia as alpargatas na mão. Marília levantou-se com cuidado, pegou o chinelinho Havaianas e saiu. Na sala, perguntou baixinho:

— Onde vocês vão?

— Talvez seja melhor não vir junto — advertiu Júlio com gravidade.

— Nós vamo vê o monstro do sol — completou Fernando.

Ela arregalou os olhos, hesitou por algum tempo, mas decidiu ir também.

As venezianas da casa estavam fechadas para espantar o mormaço. Eles passaram pela cozinha, pegaram água, abriram uma fresta da porta dos fundos e saíram, fechando-a com toda cautela. Seguiram pela estradinha das ovelhas até o fim do pomar, atravessaram o potreiro e depois o campo de inverno. Próximo à estrada de ferro, Júlio ordenou que deitassem no chão, atrás das moitas, pois ele já podia sentir o bicho se aproximando. Marília deitou atrás da mais alta, não queria ser vista. Fernando deitou-se junto dela e deram-se as mãos, ele também nunca tinha visto o monstro.

— Tá com medo?

— Tô! — Fernando já quase chorando.

— Eu também.

— E se ele comer a gente?

— Não se preocupe, o Júlio já é grande e defende a gente — ela não tinha muita certeza do que dissera, mas àquela altura dos acontecimentos, não dava para voltar atrás.

Júlio mandou que calassem a boca, pois o monstro se aproximava. Marília levantou a cabeça devagarinho e, por cima da moita, enxergou um enorme bicho preto que se aproximava veloz. No reflexo do sol, viu a bocarra prateada, devia ter dentes enormes. Não se sabia o que era maior, o medo ou o monstro. Ele vinha soltando fumaça preta pela pança e pelas ventas, de vez em quando jogava uma língua de fogo que sapecava todo o pastíçal por onde passava. Vinha cada vez mais perto. Marília abaixou-se, ela e Fernando se

abraçaram, fecharam os olhos bem apertados, podiam sentir o bicho em cima deles. O ronco e os grunhidos eram ensurdecedores, o chão estremecia a cada pisada, os corações batiam desenfreados, Fernando abriu o berreiro sem trégua. Os dois levantaram numa corrida em direção à casa e só pararam dentro da cozinha.

— E o Júlio? — Fernando ia recomençar a choradeira.

Marília conseguiu acalmá-lo; o Júlio era grande, forte e corajoso. Além do mais, já havia enfrentado o monstro outras vezes.

Querendo nunca mais saber de monstro algum, foram deitar.

Com o pensamento de volta à biblioteca da escola, Marília ouve o apito do trem de carga passando perto do rio. Levanta-se e vai até janela, ainda consegue ver um pedacinho da vermelha máquina moderna. Sorri, está com saudades dos irmãos. Ainda faltam três meses para as férias.

O ÚLTIMO PRÍNCIPE

Eduarda Vidal

*Ela é como um filhote de lobo, sem mãe, que rola e brinca
na clareira, sem perceber o lince de quase 50 quilos que se
aproxima vindo das sombras.*

Clarissa Pinkola Estés

I .

Gostava de ler não só porque os livros eram livros
nunca sentiu obrigação de ser culta
mas por que apreciava qualquer história que não fosse a sua
o que lhe deixava às vezes em uma posição de
Divã
menos gente e menos triste que a maioria
Ao mesmo tempo, livre para reescrever seu próprio enredo
no minuto seguinte em que era atravessada.
Virgínia estimava a vida que tinha
mesmo sendo mais curiosa pelo que desconhecia

Seus lábios
levemente flácidos e um pouco maiores na parte inferior
entregavam as duas décadas dando bicadas em cigarros

fim de semana, sim
fim de semana, não
comprava dois no varejo

e se anestesiava com a fumaça que subia e descia pelo seu
peito cansado de engolir

sapos

Desenvolveu inclusive uma certa fixação pelos anfíbios
e passou a encontrá-los em seus passeios noturnos

Mas isso foi depois

quer dizer

isso foi depois de um acidente com um sapo gordo com cara
de pai.

II .

Uma noite

Virgínia saiu com o cachorro
vestindo apenas um chinelo velho

[mal cobria o calcanhar]

Usava uma saia de tecido leve
sem nada por baixo, pois

tava numa fase

em que evitava apertos, beliscões e empurrões seguidos de eu
te amo.

Com a sua vira-lata adulta o suficiente para ter rituais
andava pela rua, deixando-se guiar por ela aos lugares de
sempre

[os que tinham grama]

Vendo que estava muito próxima da casa do sapo com cara
de chefe de família

com quem cruzava todas as noites

teve o cuidado de andar devagar e evitar a grama com os
 pés, mas como nessas situações em que o destino desperdiça
 ironias
 sentiu sob seus chinelos uma estrutura que
 pelo estalo
 parecia um copo descartável, uma lata
 que nada
 ossinhos
 foi um clac só

Ao olhar para trás
 viu ali parado
 de olhos abertos e soturnos
 cada um olhando para um lado
 sem demonstrar qualquer sofrimento
 tampouco vitalidade
 o sapo.
 Sentiu subir pelas partes internas da coxa um arrepio úmido
 de petrificar os músculos
 Berrava embargada
 com um ar de constrangimento por saber que havia gritos
 mais importantes pra vizinhança [se preocupar]
 Mas a repulsa, a pena e o horror de ter talvez matado um
 bicho enorme
 subiam pelo pescoço, de modo que lembravam mãos que
 asfixiam em quartos aonde a polícia não chega

Foi para casa e começou a pesquisar sobre cartilagens e ter-
 minações nervosas de anfíbios. Percebeu que estava indo lon-
 ge demais quando se viu pensando que, de repente

o sapo
 de tanto vê-la, confiou e saiu seguro do bueiro
 como uma mãe que suspende a medida protetiva no natal

Ainda perturbada, dormiu um sono pegajoso

e se ele tivesse pulado
 e se tivesse espirrado sangue
 podia ser uma cobra
 e ela entraria facilmente em cada buraco,
 nunca mais saio sem calcinha,
 depois é estuprada e não sabe por quê
 delirava sonada.

III .

Os dias passavam e Virgínia já estava se acostumando com
 seus encontros repentinos com sapos de todos os tamanhos
 e raças

Disseram que eles sabiam fumar
 que eram usados em feitiço
 costurados com agulha comum
 que eram dissecados em aulas de ciências
 mutilados à gilete, como duzentas milhões de meninas pelo
 mundo

[ela franzia a cara]

Disseram para jogar no bicho
 procurar o significado no dicionário dos sonhos
 mas não foi sonho, pensava

Aos poucos Virgínia aceitava a ideia de que talvez os sapos

fossem os novos ratos, gambás, homens, baratas ou pombos
e se ela já havia se acostumado com todos esses seres
haveria de se acostumar com eles também.

IV.

Num domingo
dessa vez numa manhã escorregadia de ruas vazias
Virgínia dava o seu passeio
carregando uma melancolia que de tão parecida com o dia
[era fácil de levar]
Quando olhou
Esmagado, atropelado e exposto
dessa vez, claramente com olhos que não demonstravam dor
tampouco felicidade
o último sapo pelo qual sofreria.

Sentiu repulsa, pena e horror de perceber que
[na vida]

as coisas morrem às vezes sem termos tempo de gostar.

O RELATÓRIO

Dirlei Felippe

Parte I

Para muitas culturas, a aurora é um sinal de recomeço; para ele, era um sinal de que mais uma vez o trabalho o havia tirado o sono.

Quando mais jovem, acreditava que entregar relatórios existia no mundo apenas como função narrativa em história com protagonistas estagnados em sua zona de conforto, que em breve receberiam um chamado para a aventura e o relatório seria esquecido, como todas as demais coisas medíocres do primeiro ato. Hoje, não consegue evitar a ansiedade ao pensar que algum pobre gerente perderia todo seu sentido de vida por não receber aquele relatório, enquanto algum protagonista egoísta brincava de herói.

Talvez a explicação para essa inesperada empatia seja o fato de ter conhecido em sua vida muito mais gerentes do que heróis. Ou apenas uma tentativa de valorizar sua própria realização profissional.

Era um especialista em relatórios, fazia-os como um artista. Regia funções, fórmulas, gráficos e tabelas em total harmonia, e considerava seu trabalho tão belo quanto qualquer Brahms. Torturava-o a possibilidade de sua obra não ser entregue no costumeiro “na minha mesa até as 10” quase tanto quanto o fato de as únicas pessoas com o bom gosto necessário para admirá-la serem os pobres gerentes.

Os raios da manhã que entravam com facilidade por entre as frestas da janela fechada eram um alerta de que corria o risco de se atrasar com suas responsabilidades tal qual Da Vinci, que tinha de gênio a mesma quantidade que tinha de procrastinador.

Bebericou seu café recém-preparado, ainda em temperatura não recomendável aos lábios, e foi levemente punido por sua pressa. Agora, munido do café e do conforto de quem tem uma vida realizada apenas com a frase “Bom trabalho, Carlos”, tinha todas as ferramentas para encarar o novo dia que se apresentava.

BZZZZ BZZZZZZZ

A vibração do celular era reverberada pela bancada de mármore e produzia um som estrondoso demais na opinião de quem ativou o modo “não perturbe”, na esperança de que ele cumprisse o que prometia.

Era muito cedo para ser alguém do trabalho, o escritório só abriria dali a quatro horas, e tinha absoluta certeza de que a maioria dos seus colegas só acordaria próximo disso. Também não poderia ser seus pais, não pelo horário de acordar, mas por não terem o costume de lhe fazer as rotineiras cobranças paternas pela manhã.

Restou Júlia como a última opção no círculo de pessoas que conheciam seu número. Esta que só lhe falava com o objetivo de saber como Fred estava, se estava se alimentando direito e se tinha alguma irregularidade em suas fezes. Até hoje, ele acha engraçado que um relacionamento com tanto amor tenha se resumido a um tópico ocasional sobre a consistência de fezes caninas.

— Deve ser telemarketing, eles adoram te incomodar pela manhã. Deve ser mais fácil aceitar um novo plano de internet se você está sonolento.

Fred respondeu com suas orelhas levantadas e olhar de pidão, que denunciava muito mais suas esperanças de receber um carinho do que sua capacidade de entender.

BZZZZ BZZZZZZZ

“Um número desconhecido adicionou você ao grupo OS CARLOS”.

A notificação parecia tão estranha quanto pitoresca. Primeiramente, por ser de conhecimento geral que ele odiava ser colocado em grupos do WhatsApp e, segundo, por ser um grupo com seu nome.

Pensou que poderia ser algum desses grupos que ex-colegas de faculdade fazem para tentar reviver os bons tempos da juventude, mas que sempre acabam em brigas quando todos percebem que, embora a juventude tenha sido realmente boa, eles não foram tão legais assim uns com os outros.

Estava preparado para sair do grupo, ou silenciá-lo com a opção “para sempre”, mas, ao clicar, percebeu que havia apenas duas pessoas no grupo. Ele e um número desconhecido que o havia adicionado e enviado a mensagem:

— Bom dia, Carlos, preciso falar com você!...

Olhou para Fred e, quando se preparava para lhe dizer “Falei que era telemarketing”, o celular vibrou novamente e o número enviou outra mensagem no grupo:

— +55 11 99955-6878 [06:03]: Não é telemarketing...

Parte II

Todas as coisas ruins têm a necessidade quase inerente de afirmar que não são aquilo que são. “Não é telemarketing” parece muito o que diria alguém de telemarketing em negação. Assim como “não é um esquema de pirâmide” é comumente dito por pessoas em esquemas de pirâmide, e “não sou um péssimo chefe” era dito pelo seu chefe, o único admirador de seus relatórios.

Mas, se aquilo fosse telemarketing, não poderia negar que era, no mínimo, o melhor que já haviam feito. E havia algum mérito nisso.

“+55 11 99955-6878 está digitando...”

BZZZZ BZZZZZZZ

— +55 11 99955-6878 [06:04]: Você não vai acreditar nisso, eu sei, por que eu mesmo não acreditaria. Mas preciso que você acredite. Não saia, nem silencie esse grupo para sempre. Preciso mesmo falar com você...

“+55 11 99955-6878 está digitando...”

Carlos afastou a atenção do celular e bebericou novamente seu café, mas desta vez o assoprar abrandou a temperatura para que seus lábios não fossem punidos novamente.

Ao voltar seu olhar para o celular, agora na bancada, leu a mensagem do seu companheiro de grupo anônimo.

— +55 11 99955-6878 [06:05]: Não tenho tempo para ficar aqui tentando te convencer que eu sou eu. Não sei por quanto tempo conseguirei falar com você, sem que...

— +55 11 99955-6878 [06:05]: Enfim... isso não importa...

— +55 11 99955-6878 [06:05]: Aqui está, esse sou eu...

A última mensagem veio acompanhada de uma imagem desfocada. Se tinha algo que os longos anos sendo adicionado em todos os tipos de grupos no WhatsApp haviam ensinado à Carlos, é que era preciso desativar o download automático de imagens. Caso contrário, sua galeria de imagens no celular se tornaria um repertório sem sentido, propício para as mais aleatórias colagens dadaístas.

Clicou no ícone para baixar a imagem e os dois segundos de carregamento não foram suficientes para prepará-lo para o que veria.

A caneca de café congelou no movimento de subir à sua boca e sua mão vacilou ao segurá-la. O líquido preto dançou pelo ar enquanto a caneca precipitava rumo ao chão, denunciando sua total incapacidade de lutar contra a gravidade por conta própria.

O som da caneca se despedaçando ao chão foi ofuscado pelo grito de dor.

— AAAAAAAAAARHG. FILHO DA PUTAAAA!

Fred, assustado com o pandemônio repentino, correu para sua caminha no escritório. Carlos pegou um pano de prato seco e começou desesperadamente a secar o café na sua calça.

— DESGRAÇADO, BURRO DO CARALHOO.

Sua coxa não teve a sorte que seus lábios tiveram de ter o café apaziguado pelo sopro, e agora ardiavam com a temperatura não recomendada para a pele. Carlos tirou rapidamente sua calça para passar o pano molhado sobre sua coxa, agora vermelha.

BZZZZ BZZZZZZZ

— +55 11 99955-6878 [06:06]: Não se preocupe, vai formar só uma pequena marquinha.

A mensagem era seguida de uma imagem desfocada, Carlos clicou para baixá-la. Era a imagem de uma pele com uma pequena mancha de queimadura.

“+55 11 99955-6878 está gravando um áudio...”

Carlos recobrou a razão do acidente com o café. A imagem enviada pelo número desconhecido era uma foto sua. Não era bem sua, pois não se recordava de a ter tirado em momento algum de sua vida. E sua aparência na foto era algo que também nunca tivera. Estava com cabelo desgrehado, grande, abaixo da orelha e uma barba relaxada por fazer. Tinha também grandes olheiras e um olhar triste e derrotado, como se a vida tivesse feito de si um relatório mal construído. Nem em sua adolescência mais rebelde, Carlos se permitiu ter um visual tão anárquico assim.

BZZZZ BZZZZZZZ

“+55 11 99955-6878 enviou um áudio.”

Parte III

Carlos, hesitante, embora devidamente convencido de que não se tratava mais de telemarketing, apertou o botão para ouvi-lo.

— Desculpe pelo café, vai formar uma pequena bolha na perna. Não irá doer muito, mas você vai precisar evitar dormir de bruços pelos próximos dias. O pior do acidente foi perder a caneca, a gente realmente gostava daquela caneca.

Carlos olhou para o chão, para os destroços da caneca que havia sido um presente e lhe lembrava de momentos em que acreditava que seria algo mais heroico do que um

contador. Ganhou em um amigo secreto do seu grupo de teatro, daquela com quem dividiria amor e ódio durante o espaço-tempo entre o início e o fim. E agora, divide apenas a preocupação pelo Fred. “Pobre Fred, deve achar que é sua culpa”, pensou.

— O Fred ficará assustado por um bom tempo, e não irá mais te seguir até a cozinha quando você for buscar seu café.

Continuou a voz no áudio. Uma voz que logo reconheceu como sua, mas marcada com um cansaço e desânimo que nunca imaginou ter, mesmo após duas noites de trabalho em claro.

— Bom, você já deve ter percebido. Se ainda estiver em dúvida, você pode ver que escrevo da nossa maneira característica, colocando reticências ao final das mensagens. Pois é, alguns hábitos não mudam mesmo com o tempo. Ainda gosto de como a mensagem parece muito melhor com reticências. Bom, eu sei o quanto você odeia áudios longos, hoje em dia isso já não me incomoda mais. Talvez por não falar com tantas pessoas eu goste de aproveitar mais o som das vozes quando elas falam comigo.

Carlos, sem perceber, havia puxado a cadeira da mesa e estava sentado, com um olhar fixo e trêmulo que aparentava encarar o nada, mas que na verdade encarava com medo essa situação impossível. Não tinha forças para negar ou não acreditar no que estava acontecendo e seu corpo e mente limitavam-se a apenas a ouvir, sem qualquer reação.

BZZZZ BZZZZZZZ

“+55 11 99955-6878 enviou um áudio.”

— Eu não sei muito bem quanto tempo a gente tem. Mas eu preciso te contar algumas coisas importantes. A gente passou, ou melhor, você vai passar por tantas coisas. E. (silêncio)...

— Não vai ser fácil, sabe? (silêncio)...

— Bom, antes disso, tem um erro na coluna de contas a pagar na planilha de gastos. Se você for até lá, vai ver que colocou a vírgula na casa decimal errada em toda essa coluna. Depois disso a gente aprendeu que não é uma boa ideia fazer relatórios a madrugada toda. Não há café no mundo que te deixe imune aos erros da falta de sono.

Carlos pausou o áudio, levantou-se e foi com pressa até o escritório. Sentou-se em frente ao computador, vasculhou sua planilha de relatório e lá estava. O erro da vírgula nas casas decimais na coluna de contas a pagar. Lutou com todas as forças contra sua natureza perfeccionista, que gritava repreensões e culpa para si. Relaxou na cadeira e voltou a prestar atenção ao que dizia o áudio.

— Você seria demitido por isso. Um erro que iria custar vinte mil reais para a empresa e o ego ferido do nosso gerente, que apresentaria o relatório na frente de todos os diretores. Até hoje não tenho certeza se o que pesou mais foi o dinheiro ou ego ferido.

— Depois disso, muita coisa ruim aconteceu. Poucas coisas boas. Escolhemos a profissão errada, cara. Contador em pleno Século 21, em época de inteligência artificial e machine learning? É o mesmo que ser um tecelão artesanal em plena Revolução Industrial. Daí para frente, nenhum emprego pagou o mesmo que antes. Tivemos que devolver a casa, voltamos a morar com papai e mamãe e perdemos o Fred.

Sabe, devíamos mesmo ter ouvido a Júlia, os sinais estavam sempre no cocô.

Carlos baixou os olhos para Fred, deitado em sua caminha abaixo da escrivaninha, que o encarava com os olhos ainda assustados do acidente com a caneca. Puxou-o para seu colo e começou a fazer carinho como nunca fizera antes. Sentia que amava Fred um pouco mais agora que sabia que o perdeu.

Parte IV

BZZZZ BZZZZZZZ

— +55 11 99955-6878 [11:37]: E esse é o resumo dos seus próximos quinze anos...

— +55 11 99955-6878 [11:38]: Não precisa me falar nada, nem me responder... Eu só queria desabafar com alguém que entenderia....

— +55 11 99955-6878 [11:38]: E queria te entregar isso:

“Eu do futuro enviou um arquivo.”

Carlos abriu o WhatsApp no seu computador, baixou o arquivo que ele mesmo havia lhe enviado com o título “Relatório final.xlsb”. Começou a investigar a planilha e, depois de achar que nada poderia superar quatro horas de confissões do seu eu do futuro sobre todas as desventuras que sua vida teria daqui para a frente, surpreendeu-se novamente com o conteúdo do que via.

BZZZZ BZZZZZZZ

— +55 11 99955-6878 [11:38]: Esse é o melhor relatório que já fizemos em toda nossa vida. É nossa obra prima!

Parte V

O conteúdo do arquivo parecia infinito, linhas e linhas, colunas e mais colunas de informações que em uma primeira olhada eram apenas caos. No momento em que começou a compreender o que aquela massa bruta de dados significava, Carlos, empolgado, ajeitou-se na cadeira e se inclinou para ficar mais próximo da tela do computador.

Seu eu do futuro havia feito um relatório dos últimos quinze anos, ou melhor, dos próximos quinze anos, que continha todas as informações sobre a sua vida. Todos os empregos, salários e dívidas que teria. Todos os romances e os motivos de terem chegado ao fim. Seu histórico de saúde, com todos os exames, doenças, crise de apendicite e o dia e horário exato do infarto que quase lhe custaria a vida.

Ao percorrer a coluna com as datas de mortes de familiares, sua atenção foi tomada pelo 21 de abril de 2022. Seus pais morreriam dali a um ano.

Carlos lutou contra o nó em sua garganta e o dilúvio que se formava em seus olhos. Resistiu ao fulminante desejo de pegar seu celular e ligar para seus pais na esperança de evitar o destino computado. Queria tê-los agora em seus braços, em seu colo para afagá-los tal qual fez com Fred.

Havia mais.

As últimas colunas não eram sobre si. Eram sobre o mundo. Uma lista com todas as catástrofes mundiais dos próximos anos, as guerras, os terremotos, furacões, tempestades e tudo mais que a natureza poderia oferecer de mortal. Havia também uma lista com os próximos presidentes e celebridades que iriam morrer. A história do mundo nos próximos quinze anos.

Algumas colunas eram a oportunidade de uma vida completamente diferente daquela que seu eu havia descrito como sua. Números da loteria, histórico da bolsa de valores, uma lista com as melhores peças de teatro que seriam lançadas e o número de telefone de agentes. Caso desejasse, poderia realizar o seu antigo sonho de ser um autor de teatro reconhecido.

Caso desejasse, poderia ser qualquer coisa que quisesse.

Carlos deixou-se cair para trás, sendo reconfortado por sua cadeira. Deu-se conta de que já não era mais um protagonista estagnado em sua zona de conforto, e que esse papel o havia sido suprimido ao longo de cada anúncio vibrante, mensagem após mensagem.

Não pôde deixar de pensar, com uma leve tristeza, que em algum lugar alguém não receberia seu relatório.

PREVIDÊNCIA PRIVADA

Daniel R. S.

A cabeça escorada na mão, o cotovelo apoiado na beira da janela, na outra mão o cigarro — um dos raros e poucos prazeres da vida pesada de Etelvina. Nessa vida recheada de dramas e dificuldades, as pequenas alegrias eram o cigarro com um cafezinho depois do almoço, o gato chamado Romeu e a pequena — agora já uma moça — Sofie. Quando a filha morreu, o vazio deixado foi preenchido por aquela criaturinha de olhos grandes e brilhantes. Superou a tristeza amando. Amando uma criança que não era sua, a caçula dos patrões, e ali depositou todo o amor que tinha pela própria filha e pela vida, foi assim que sobreviveu. Sentimento traiçoeiro o amor, pois é este mesmo amor que a impede de ir embora, de procurar um emprego mais digno, patrões mais humanos.

O peito dói com a tosse. Etelvina é mulher prática, não é dada a ciências e estudos, mas tem certeza que o gás que vaza da central ao lado do seu quartinho sem janela contribui bastante para o declínio de sua saúde. Sabe também que a qualquer dia, em qualquer momento, por pouca coisa ou por coisa nenhuma pode ser demitida. Aí o peito dói mais. Conhece os patrões, não são nada sentimentais, aliás, não fosse pela Sofie — acredita — já estaria no olho da rua. Os filhos da puta. A vontade de Etelvina é pegar veneno e botar na comida deles, aí sim iam ter o que merecem, menos a

Sofie, essa criaria como uma filha, mais do que já cria. Ah, se tivesse coragem.

O sol de inverno pós almoço refletindo no branco da sala entra pelas janelas tornando o ambiente ostensivamente iluminado e confortavelmente aquecido. Enzo, deitado no sofá, mexe no celular. Sofie, a caçula, entra se joga no sofá onde Enzo esta deitado e afunda nas almofadas — mexe no celular. Vera Lucia, a mãe, está ao lado da janela em pé, fala ao celular. Ouve-se a descarga do lavabo e o abrir e fechar da porta, até que o Sr. Adolfo vem do corredor terminando de secar as mãos na calça, rigorosamente escolhida para combinar com a camisa azul-claro, o sapatênis, as meias o cinto.

— Vou tentar ser breve. — O Sr. Adolfo olha de cara feia para Vera Lucia em pé ao lado da janela falando ao celular, ela o percebe e termina a ligação. Vera Lucia senta-se no tapete felpudo, ao sol, encostando-se no sofá.

— Eu e sua mãe conversamos e chegamos numa conclusão que é o seguinte: a Etelvina tá velha demais e não dá mais conta do serviço aqui de casa, tá fazendo as coisas tudo errado. Outro dia peguei ela fumando ali na janela da lavanderia, perto da central de gás, olha o perigo! quer o que, a doida, explodir o apartamento?

— Vocês tão querendo demitir a Etelvina? É isso, mãe?

— Não me mete nisso, Sofie, você sabe que a palavra final é do seu pai.

— Ah, tá bom, né, Vera Lucia, você como sempre se isentando. O trabalho sujo fica pra mim, depois o pai malvado que proíbe tudo sou eu, né?

— A palavra final não é sempre sua? Então é você quem decide as coisas, esposo amado — a ironia na voz de Vera Lucia é tão afiada que cortaria blocos de gelo.

— Eu não acredito que depois de todos esses anos, vocês vão botar a nossa Tata na rua.

— Não, Sofie, estamos aqui pra decidir o que fazer.

— Mas a mãe não disse que você já resolveu?

— Não é isso, vocês não me deixam falar, aí não entendem o que eu tô dizendo.

— Eu acho que entendi a mesma coisa que a Sofie, papai.

— Cala a boca, Enzo, e presta atenção. O fato é que a Etelvina tem deixado a desejar, não faz mais nada direito, tá ficando teimosa, precisamos decidir o que fazer com ela, é isso.

— Contrata outra empregada pra fazer o serviço da Tata.

— Aham, Enzo! Vocês acham que eu sou o governo? Vou pagar uma empregada pra fazer o serviço que a empregada que eu já pago não tá fazendo? — Enzo volta a mexer no celular. Vera Lucia dá uma olhadinha na tela do seu.

— Meu Deus, pai, parece que não tem coração. Não lembra da vez que nós pegamos catapora e a Tata ficou em casa com a gente, enquanto você e a mãe foram pra um hotel?

— Sofie, minha filha, eu já expliquei um milhão de vezes que seu pai e eu tínhamos uma viagem agendada pra Itália, e se pegássemos catapora era perigoso, até porque somos adultos e nunca tivemos...

— A Tata também era adulta e nunca tinha pego catapora.

— Mas a Etelvina não tinha uma viagem marcada pro exterior.

— Ai, pai, eu sei. Só tô falando que ela criou a mim e ao Enzo e agora você quer se livrar dela.

— O problema, Sofie, é que a Etelvina tá ficando esquecida, vai fazer as coisas, faz pela metade — Enzo, Vera Lucia e o Sr. Adolfo mexem no celular. Sofie olha para o pai consternada. Não foi só na vez da catapora que Etelvina cuidou dela e de seu irmão. Em cada febre, dor de barriga, cada dor de dente, quando nascia ou caía, a Tata estava lá. Apesar de não aparecer nas fotos oficiais da família, estava lá, fazendo o bolo, os docinhos, os salgadinhos; estava na preparação da mesa e depois na hora de arrumar a bagunça e lavar a louça. Estava sempre junto, amparando Sofie e seu irmão. Etelvina cuidou deles a vida toda, coisa que não pôde fazer pela própria filha, pois a via a cada quinze dias, um mês. A filha foi criada pela madrinha — uma vizinha.

— Mas ela não tem ninguém, a filha dela morreu.

— Êpa, pera aí. Isso é problema dela, arrumar filha, arrumou, devia ter arrumado um marido ou algo assim. E tem mais, se ela botar a gente no pau, as coisas vão mudar aqui em casa, a mordomia vai acabar.

— E se a gente fechar a porta da cozinha e a janela da lavanderia de noite? A Tata morre dormindo, nem vai sentir nada por conta do gás que vaza da central ali do lado do cantinho dela. Morria dormindo, sem saber, sem sentir nada, dormia sonhando, ficava bom pra todo mundo, sem sofrimento, sem custos.

— Credo, Enzo, tá louco? Não fala uma coisa dessas nem de brincadeira. Tinha é que mandar arrumar aquele gás vazando.

— Tava só brincando, Sofie.

— A ideia do Enzo não é ruim, mas é óbvio que ninguém aqui é assassino, ninguém vai cometer nenhum crime, nem por acidente.

— Às vezes você me dá medo, pai. O senhor é muito cruel.

— É porque você é comunista, quer ajudar todo mundo.

— Cala a boca, Enzo, não fala assim com a tua irmã.

— Poxa, mãe, a guria não entende uma brincadeira? É pro meu stand-up. O problema é que pra ela tudo vira sério e lá vem ela querendo salvar os frascos e comprimidos.

— Enzo, chega. — O Sr. Adolfo vê as horas no celular, levanta-se e vai até a janela. — Então é isso. Quem vai cuidar da Etelvina ou onde ela vai morar não é problema nosso, ela não é da família, de verdade, ela é só a empregada, gente. Nós sempre pagamos direitinho, nos últimos dez anos até carteira assinada. Ela vai se aposentar, vai ficar bem, vocês vão ver. Logo ela aluga um lugar só dela pra morar e passar o resto da vida bem feliz. Não é mesmo, Vera Lucia?

— Você que está dizendo.

— Ei! Você veio reclamar que ela não tá fazendo as coisas direito. Que no Natal e no Ano-Novo ela não ajudou em nada, ficou tudo pros garçons contratados com o buffet. Disse também que não aguentava mais o cheiro de cigarro em volta dela, que não ia nunca mais entrar na lavanderia por causa do cigarro e do cheiro da caixa de areia do Romeu.

— Isso foi mesmo, os coitados dos garçons fizeram tudo sozinhos. Mas do Romeu eu não tenho reclamação. E vou dizer uma coisa, gato se acostuma com a casa, eu acho que não adianta ela levar o gato pra uma casa nova, ele vai acabar fugindo.

— Mãe, até o gato? — Vera Lucia olha para Sofie, sem entender — Vocês nunca gostaram do Romeu, agora não querem deixar ela levar o gato?

— Sofie, tá decidido. Vai lá na cozinha e chama Etelvina aqui, diz que eu preciso falar com ela.

Enzo pouco se importando com a cena da demissão, levanta-se e sai para suas ocupações. Vera Lucia fica em pé ao lado da poltrona onde o Sr. Adolfo tornou a sentar imponentemente — como um coronel numa antiga fazenda de café, como seu pai, como seu avô nos quadros que estão na parede do escritório; com a diferença de que, em vez de herdar e prosperar, Adolfo está falindo.

— Não, pai, não faz isso hoje, por favor, eu te imploro, depois de amanhã é o aniversário da Tata, deixa pelo menos passar o aniversário. São mais dois dias só.

— Tá bom, Sofie, mas passando o aniversário você já sabe, nem mais um minuto, é a última vez. Vai lá na cozinha e pede pra Etelvina fazer um café fresquinho e trazer aqui pra gente.

Etelvina chega na cozinha tropeçando em Romeu, que se enrosca em suas pernas, e vê Sofie mexendo nos armários, que se assusta e dá um grito.

— Que isso, Sofie? Tá assustada, minha lindinha? Por que tá aí, mexendo nos armários?

— O pai pediu pra você fazer um café e levar até a sala, mas vi você ali na janela fumando teu cigarrinho, pensando na vida, tão plena, tão linda, com uma cara tão de paz, que tive uma ideia: resolvi eu mesma fazer o café e te deixar ali, no teu momento.

— O café não fica aí não, nega, aí é o material de limpeza, minha princesinha. Quer me ajudar? Põe a água pra ferver e me deixa fazer esse café, tu nem sabe fazer café, teu pai ia me azucrinar com um café ruim. Vai lá que eu já levo pra vocês.

— Eu espero você fazer, e deixa que quando ficar pronto, eu levo pra sala. Assim você não perde o começo da tua novelinha da tarde. Minha mãezinha de criação. — Abraça Etelevina e dá um beijo em sua testa.

— Tava ali fumando meu cigarrinho e pensando bem nisso, Sofie. Como eu te amo, minha filha! Você é um ser iluminado que abençoa a minha vida todo dia — Sofie sorri meio cabisbaixa.

Quarenta dias depois, Etelevina está na janela da lavanderia fumando seu cigarro e tomando um cafezinho, enquanto pensa que a vida é assim, cheia de surpresas. Uma hora você está vivo, outra hora come uma coisa estragada por aí e morre do que parece ser uma intoxicação alimentar, ou cocô de um rato envenenado que defecou na sua comida — não dá para confiar nesses buffets de gente rica. Para morrer, basta estar vivo. Ela termina o último cigarro no antigo apartamento, depois da última faxina. Mudaram-se para um novo apartamento, ela e Sofie, uma nova vida, em que Etelevina não é mais a empregada, mas a tutora.

No apartamento novo, Sofie tira as coisas das caixas de mudança e põe nos armários. Numa das caixas ela encontra o seu baú de memórias, abre — o souvenir mais recente é o saquinho de veneno de ratos usado, lembrança da vida no antigo apartamento.

SAGRADA SUBVERSÃO

Rodrigo de Souza
Bortoloti

AMÉRICA DO SUL, 2184
DOMINGO, DIA DO SAGRADO IMPERA-
DOR, 17h59

A Velha Estação estava deserta, assombrada por um silêncio mortal, como se toda a vida tivesse sido sugada dali. Eu olhava para os lados, como a me certificar de que não havia ninguém a me observar. A essa altura, minhas pernas tremiam sem controle algum. Passados dois ou três minutos — que pareceram uma eternidade — um jovem rapaz veio ao meu encontro. Não disse nada, entregou-me apenas um pequeno objeto retangular e saiu. Examinei-o; era um antigo pen drive, uma mídia obsoleta que na PIA conhecíamos muito bem, pois era frequentemente usada por terroristas para planejar seus atentados sem serem rastreados. O que haveria de conter ali? Que surpresa final ela havia me reservado, se é que era possível surpreender-me ainda mais? Minha mente estava em ebulição.

NOVE HORAS ANTES

Meu nome é Pedro Benítez. Eu era agente especial da Polícia Imperial Antiterrorismo (PIA) quando tudo aconteceu. Meu trabalho, como é óbvio, era identificar e desmantelar células terroristas espalhadas por todo o território do Sagrado Império da América do Sul, que um dia formaram

as Velhas Repúblicas Sul-Americanas, especialmente na região do Vale do Itapocu, onde eu estava alocado. Das ruínas daquela pseudodemocracia imunda, que há décadas banhava-se no suor dos cidadãos honestos, construímos, a duras penas, uma nova sociedade, livre dos antigos vícios que outrora empurraram milhões de pessoas ao abismo. Ainda me lembro das palavras de meu velho meu pai em seu leito de morte: “Pela Gloriosa Revolução!”

Quando ingressei na Academia da PIA, aos 18 anos, os Manuais do Bom Cidadão — obrigatórios em todas as escolas e ambientes acadêmicos — deram sentido às palavras de meu pai: era meu dever lutar pela manutenção do Império e zelar pela liberdade de nosso povo. Não me refiro àquele falso conceito de liberdade, que aniquilou moralmente as antigas repúblicas, mas à verdadeira liberdade, aquela que vai sendo distribuída em pequenas quantidades, com prudência, seguindo os valores de nossos fundadores, sob a tutela salutar do Sagrado Imperador.

A Gloriosa Revolução Imperial de 2108 enterrou o tenebroso passado do Continente. Glória ao Império! Infelizmente, saudosistas inconformados com o fim daquele reino de devassidão começaram a se organizar em milícias, e rapidamente angariavam mais e mais adeptos. Assim surgiram as células terroristas, com um fortíssimo poder de persuasão. O trabalho dos radicais era recrutar adeptos e ensinar-lhes as antigas práticas sociais; o meu era caçá-los, prendê-los e levá-los à força.

Era um belo domingo de primavera, dia de louvor ao Sagrado Imperador. O sol tocava meu rosto de maneira agradabilíssima enquanto assistia ao culto. Com a celebra-

ção já a meio, fui chamado por colegas da PIA. Demorou algum tempo até que meu cérebro conseguisse captar o que eles diziam. Não podia ser verdade, era simples assim. Há meses não tínhamos nenhum atentado em nosso vale, e os terroristas, que por vezes capturávamos, eram inexpressivos. Quando tínhamos sorte, prendíamos o quinto em comando de alguma organização de pequeno ou médio porte. É... a vida como agente especial no Vale do Itapocu não era tão glamorosa quanto eu imaginei em meus dias de jovem recruta na Academia. Então, como podia ser verdade? Meus colegas falavam e eu ouvia, sem assimilar. Há poucos quilômetros dali, um destacamento da Patrulha Imperial havia capturado, com vida, ninguém menos que Larissa Rojas, a terrorista mais procurada de todo o Sagrado Império. Eu seria o primeiro a interrogar aquela criminosa de alta periculosidade. Ela, que havia perpetrado tantos ataques à liberdade de nosso povo, ela, que tinha sob seu controle centenas de súditos completamente fanatizados e que espalhavam o terror em todos os cantos da nação.

Durante o trajeto, encontrava-me em uma espécie de transe. Não sabia o que dizer quando a visse. Tentava antecipar o que ela diria, mas meus pensamentos simplesmente não fixavam. Quando o carro parou em frente à casamata onde ela se encontrava detida, tentei me lembrar de tudo o que aprendi na Academia. Eu sabia que um momento como aquele era plenamente possível. Estar preparado para enfrentá-lo era a parte difícil, e eu decididamente não estava. Surpreendentemente, conforme eu me aproximava daquela sala de interrogatório, uma força quase que sobrenatural me

acometia por dentro. Era o espírito de bravura dos líderes da Revolução. Só podia ser!

— Larissa Rojas, 32 anos, líder da organização terrorista Libertadores de América. Você é responsável por liderar mais de 200 atentados na Costa Oeste, durante quase 15 anos. Um currículo bastante impressionante. Se me permite a franqueza, jamais imaginei que a pessoa mais procurada do Império seria capturada neste pacato vale, banhando-se em uma cachoeira tão próxima às áreas vigiadas pela Patrulha Imperial — disse, utilizando a ironia como escudo de minha insegurança, que começava a dar sinais de retorno — acho que com o tempo, é natural nos descuidarmos cada vez mais, não?

Algemada, ela ergueu a cabeça devagar, e me encarou pela primeira vez com aqueles olhos profundos que jamais esquecerei. Era como se ela pudesse ver através de minha alma, como se ela soubesse com exatidão quem eu sou, quem eu fui. Havia em sua postura uma dignidade serena que me perturbava. Lá estava ela a me encarar, ensaiando um leve sorriso, com aqueles olhos faiscantes. Onde estariam seu ódio e seu medo? Soma-se a tudo isso uma estranha sensação de déjà-vu. Não passaram dez segundos daquela troca de olhares, mas pareceram uma tarde inteira deitado nas areias de uma praia deserta. Meu corpo estava adormecido, eu não seria capaz de me mexer. Era muito estranho.

— Você pode me chamar de Lari. Ninguém me chama de Larissa há muito tempo. É só Lari.

Ignorei imediatamente a tentativa de manipulação. Não podia permitir que aquela celebridade se impusesse através de uma artimanha de familiaridade. Sim, ela era uma

terrorista, mas a mais célebre entre todos, e eu não podia vacilar. Se fosse capaz de arrancar alguma coisa dela, aquela poderia ser a minha grande chance de ser promovido na PIA. Quem sabe até ser condecorado pelo Sagrado Imperador! Eu não teria muito tempo até alguém solicitar sua transferência para um presídio de segurança máxima. Recobrei os sentidos tão rápido quanto os havia perdido.

— Vamos direto ao assunto. Após mais de 13 anos, a casa caiu pra você. E a lista de atos subversivos, crimes e atentados é extensa — disse, enquanto jogava uma pasta com sua ficha completa na mesa — sua única chance é cooperar comigo, dizendo o nome de seus colaboradores, onde estão, quais os próximos passos, enfim, o organograma de sua organização, quem a financia... e quem sabe eu consiga evitar que você seja condenada à morte. O que me diz?

— Uau, falando assim fico até impressionada com as palavras do soldadinho, gritando de dentro de sua confortável caixinha de fósforos. Mal sabe ele que seu falso deus logo, logo o riscará, atirando-o ao lixo — debochou — mas isso não importa, a caixinha é tão confortável que não dá vontade de sair, não é?

— Deixa eu adivinhar. Não sou livre, certo? — sorri, adquirindo confiança novamente — você sabe o que é isso, ser livre? Acha que vai libertar as pessoas fazendo mal a elas? Você não passa de uma ilusionista. Transforma a mentira amarga na mais doce verdade, que é o nobre propósito de reconstruir a liberdade perdida. Eu jamais vou permitir que alguém como você destrua o que alcançamos com tanto sacrifício por meio da subversão à sagrada ordem, da aniqui-

lação à verdadeira fé — aponte para o crucifixo pendurado em seu pescoço.

— Você age como um cão que late, valente dentro de seu quintal, mas não tem coragem de passar do portão e enfrentar o mundo lá fora. Escolher crer no Deus que quiser, ou não crer. Ir, não ir, ser, não ser. Isso é destruição? Quem disse? Seu homenzinho-deus? E você, só engole? Te basta só existir, como um animalzinho?

— Javé, Cristo, Alá, Buda, Brahma, Darwin... mentiras com sabor de cereja. Escolhas, todos temos. Veja aonde a sua falsa e miserável escolha te levou — aponte para as algemas — um brinde à sua liberdade!

Eu não sei bem o porquê, mas prosseguimos naquela conversa por quase uma hora. De repente, era como se eu estivesse de volta à Academia. Nós fazíamos esse tipo de encenação, um debate com uma figura subversiva, representada pelo instrutor. Já tinha ouvido aquele discurso antes, mas na boca de Larissa Rojas ele ganhava paixão, convicção, era quase uma entidade com vida própria. Ela realmente acreditava em sua causa, pensava ser capaz de restaurar as antigas repúblicas sul-americanas do início do século XXI. Para ela, o controle social salvífico exercido pelo Império era como a prisão de Guantánamo, uma antiga instalação na ilha de Cuba, palco de torturas no início do século anterior. Ela falava de uma vida edificada em um tipo de liberdade que eu desconhecia, capaz de proporcionar plenas escolhas do ser, por meio da razão e da vontade, e de um governo popular que as respeitasse e as garantisse. Ora, a liberdade que o Império construía era pautada nos princípios da Religião Imperial e na lealdade absoluta ao Regime. Não havia por que se aven-

turar por caminhos desconhecidos e perigosos para a mente. O Imperador era a força que precisávamos. Ele nos garantia a liberdade de viver os valores e a vida que valiam a pena ser vividos: escola, trabalho, casamento, serviço militar e a verdadeira fé. Larissa queria destituir o Sagrado Imperador. Sua prepotência bailava por meio de suas palavras, ao defender que o povo era capaz de construir um governo democrático por meio de uma sociedade livre, fraterna, senhora de seus próprios sonhos e ideais. Absurdo! Que seria de nós se não fossem as mãos poderosas dos imperadores e do Exército Imperial que, varrendo as antigas repúblicas, guiaram-nos até aqui com santidade e amor?

A vida dos habitantes do Sagrado Império era muito bem conduzida pelo Sagrado Imperador. Cada um tinha um papel claro e importante a desempenhar: crianças estudavam nos Colégios Imperiais; jovens serviam ao Exército Imperial ou à Inteligência Imperial, como eu; homens casados deviam trabalhar nas empresas ou nos jornais do Império; mulheres casadas deviam cuidar de seus maridos e filhos em suas casas; idosos que completassem 60 anos recebiam, no dia seguinte ao seu aniversário, a Eutanásia Sagrada, sacrificando sua existência já sem propósito em prol do Império, evitando assim os problemas de superpopulação das antigas nações caídas. Dessa forma, tornamo-nos a principal nação do planeta, respeitando a ordem e mantendo a devoção ao nosso modo de ser. Estávamos muito bem.

Aquela conversa não iria me levar a lugar algum. O que eu precisava era ser objetivo. Tinha um dossiê na mesa com as atividades criminosas de Larissa, era hora de pressioná-la.

— O atentado à escola de Guayaquil. Noventa e sete crianças se preparavam para mais um dia de aula. Inocentes, indefesas, e você... como pôde? — Perguntei, como que a tentar fazê-la reconhecer sua insanidade.

— Eu faria novamente. Quantas vezes fosse preciso — respondeu, sem remorso — pela liberdade daqueles que um dia hão de enterrar esse maldito Império!

— Você destruiu o futuro de crianças! Crianças! E depois fez o que, tomou uma xícara de café? Eu quero saber quem mais estava com você naquele dia, quem ajudou na entrada e na fuga da escola, e onde seus lacaios estão agora! Eu te dou dez minutos, e depois disso eu prometo que ninguém vai impedir que você seja enforcada em praça pública! — Cuspi, com uma raiva que até então desconhecia possuir.

Pensei que ela fosse colaborar. Mentir, quem sabe, ou ficar quieta, se realmente não tivesse medo de morrer. Ao invés disso, perfurou meus olhos com os dela, brilhantes, prestes a lacrimejar. E de seus lábios, saiu uma canção:

— Se essa rua, se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes, para o meu, para o meu amor passar.

Era meu dever tê-la impedido, tê-la silenciado, mas... aquela música me arrastou a um lugar distante, que estivera trancado a sete chaves por muitos e muitos anos. E me vi mergulhado naquela lembrança: eu, uma criança, talvez três anos, era embalado nos braços de uma mulher — minha mãe — que cantava essa mesma canção com uma doçura angelical. Ao lado dela, uma menina de uns seis anos, a me fitar com olhos profundos, enxergando através de mim. Voltei, de súbito, como quem acorda de um pesadelo. Lembrava-me

muito vagamente de minha mãe, ela era uma terrorista que havia desaparecido durante a Insurreição do Rio de Janeiro, há 26 anos. Meu pai jamais se perdoou por ter se casado com uma inimiga do Império sem perceber. Jamais falávamos dela. Minha irmã tivera o mesmo destino de minha mãe. E, no entanto, ali estavam seus olhos, idênticos àquela lembrança, a me encarar com amor. Agora eu sabia o que eles estavam transmitindo. Fui nocauteado por perguntas que me vinham à cabeça como uma chuva de granizo em fim de tarde. Como ela terminou daquele jeito? Teria sido criada por minha mãe? Estaria viva minha mãe? Rojas não era o sobrenome de minha mãe, nem de meu pai. Larissa era casada, então? Com outro terrorista? Ou seria esse um sobrenome falso? O que ela estaria a pensar agora? Minhas dúvidas foram cerradas por sua voz, que prosseguiu:

— Você já viu alguma de nossas campanhas, Pedro? — Chamou-me pelo nome, que eu não havia revelado.

— É assim que você chama suas atrocidades? — Rebatí, confuso. — Se você sabia da minha existência, por que nunca procurou por mim? Eu poderia ter te ajudado.

— Não sou eu quem precisa de ajuda. Responda a minha pergunta — pediu, com aquela serenidade irritante.

— Não temos permissão para assistir imagens dos atentados. Elas são reservadas somente à cúpula do Exército Imperial e ao Sagrado Imperador. Nós investigamos e prendemos, nada mais.

— É claro — desdenhou, como se aquilo fosse óbvio e conveniente.

Foi então que a porta se abriu, e o General Quispe, responsável pela Divisão Regional da PIA — meu superior — entrou com ar de urgência.

— Larissa Rojas, eu sou o General Quispe. Por ordem do Sagrado Imperador, você será escoltada por mim até Assunção dentro de cinco minutos, onde ficará detida na sede da Prisão Imperial à espera de julgamento — declamou e saiu.

— Eu não tenho muito tempo — disse Larissa, às pressas — presta atenção, Pedro. Precisava te ver, prometi à nossa mãe em seu leito de morte.

— Prometeu o quê?

— Que tentaria te salvar. Me escuta! Por favor, chega mais perto.

Atendi seu pedido. Cochichando em meu ouvido, ela disse:

— Eu não sou descuidada, nunca fui. Nem mesmo hoje. Olha só, às 18h, na antiga Estação Ferroviária, você precisa encontrar um amigo meu. Ele tem algo muito importante pra te mostrar.

— Espera aí, mas por que você fez isso? O que é que você quer que eu veja? — Cochichei, perdido.

— A verdade.

E dois agentes da PIA irromperam na sala. Antes que a levassem, disse-lhe ao pé do ouvido: “Vou te encontrar, Lari”. Estava confuso, não sabia o que dizer. Enquanto era escoltada para fora, ela se virou, e seus olhos penetrantes encontraram os meus uma última vez. Estavam esperançosos e irradiavam um amor puro. Dois segundos depois, ela se foi.

Nas horas que se seguiram, as capas dos jornais imperiais anunciavam por toda parte a captura da inimiga número um do Império, Larissa Rojas. Mas eu só conseguia pensar em meu encontro na antiga Estação Ferroviária. Era uma parte abandonada do subúrbio, não haveria problema. Mas meu coração batia descompassado. Jamais havia cometido qualquer delito contra o Império, por menor que fosse, e um encontro às escondidas com um associado de Lari certamente haveria de significar um crime gravíssimo. Por outro lado, não podia fugir. Ela tinha se deixado capturar para me mostrar alguma coisa. O que seria?

A Velha Estação estava deserta, assombrada por um silêncio mortal, como se toda a vida tivesse sido sugada dali. Eu olhava para os lados, como a me certificar de que não havia ninguém a me observar. A essa altura, minhas pernas tremiam sem controle algum. Passados dois ou três minutos — que pareceram uma eternidade — um jovem rapaz veio ao meu encontro. Não disse nada, entregou-me apenas um pequeno objeto retangular e saiu. Examinei-o; era um antigo pen drive, uma mídia obsoleta que na PIA conhecíamos muito bem, frequentemente usada por terroristas para planejar seus atentados sem serem rastreados. O que haveria de conter ali? Que surpresa final ela havia me reservado, se é que era possível surpreender-me ainda mais? Minha mente estava em ebulição.

Já é noite. Estou em casa, sozinho. Insiro o pen drive no sistema. Jamais presenciei um atentado terrorista, nem mesmo vi imagens de um, não nos era permitido. Eram cenas traumatizantes, principalmente de atentados que uma célula grande como a de Lari praticavam. Conseguiria supor-

tar? Do que ela esperava ser capaz de me convencer, afinal? A filmagem começa. Percebo, para meu espanto, que são imagens da câmara de segurança da escola de Guayaquil. Estou prestes a ver o maior atentado da história do Império. Vejo Larissa e seus comparsas, cuja entrada foi facilitada por um professor infiltrado. Lá estão as crianças inocentes, reunidas no pátio, sem saber o que lhes espera.

Lari e seus comparsas estão a fazer gestos e mímicas, uma espécie de faz-de-conta. Eles vestem fantasias que replicam animais. Lari é uma gata, e seus amigos, uma galinha, um jumento e um cachorro, respectivamente. Estão felizes, declamando textos, interagindo com as crianças. Finalmente me dei conta do que era aquilo, havia aprendido na Academia. A mais perigosa forma de terrorismo, uma mentira encenada para subverter a ordem dos valores sagrados: uma peça teatral. Era algo tão perigoso e cruel que fora banido de nossa sociedade, juntamente com todas as outras formas artísticas, como música, cinema, pintura e literatura. A arte é a personificação do abominável, torna as pessoas infelizes e miseráveis, e corrói tudo ao seu redor. Mas... vendo aquela peça, ouvindo aquelas músicas, eu começava a me sentir como aquelas crianças: feliz, com vontade de correr, pular, abraçar, demolir-me por inteiro, só para poder reconstruir-me, tijolo por tijolo. Era uma sensação de realização indescritível.

— Todos juntos somos fortes, somos flecha e somos arco. Todos nós no mesmo barco, não há nada a temer. Ao meu lado há um amigo, que é preciso proteger. Todos juntos somos fortes, não há nada a temer. E no mundo dizem que

são tantos Saltimbancos como somos nós — cantavam, alegres, Lari, seus amigos e as crianças.

Sorri, e depois chorei. Ouvi os aplausos das crianças, estupefatas, e bati palmas também. Estava inebriado, sentia-me capaz de mover o mundo. Eu era a Criança-Estrela que acabara de sair do útero, com uma vida inteira pela frente.

TRAZIDA DO MAR

Diovane Rubens Riedel

O filho de J. L. lembra-se de que, quando criança, por volta dos seis anos de idade, foi com o pai na curva onde o rio Doce encontra o mar. Seu pai ficou ali conversando com pessoas que estavam no local sobre coisas relacionadas à pesca e deixou o menino sentado bem perto da beira do encontro das águas, em um banco. Foi aí que, sozinho, o menino viu uma mulher sair de dentro da água, lançando sua cabeça para fora; ela sorriu para ele e mergulhou, mas nunca mais emergiu. O filho de J. L. ficou assustado, pensou em sua morte por afogamento e nunca mais esqueceu-se disso, embora não tenha dividido a história com mais ninguém, nem mesmo com seu pai e as demais pessoas que não perceberam o que havia aparecido naquela ocasião. Era muito vívido, uma mulher com cabelos que desciam pelos ombros, próximo à beirada, levantou, olhou para seus olhos e mergulhou; passando vários minutos, o menino esperou por seu retorno, mas isso não aconteceu; era como se ele a tivesse matado com o olhar, e aquele acabou virando um segredo só seu. Não encontrava maneira de relatar o ocorrido e acabou optando por não dividir com ninguém, conforme uma clausura íntima. Sabia nadar e mergulhar e obviamente sabia que sem ar, morreria afogado.

...

A noite respira fundo em uma praia distante, ao sul do trópico dos meses de dezembro e janeiro, envolvida em neblina e no eco das ondas do mar derramando cadências, com o branco da espuma pincelando gesticuladamente a paisagem líquida. Não há uma só pessoa caminhando pela praia, nem pelas ruas. Tudo espaçado e escuro. As corujas voam e a lua reluz nebulosa, dissolvida, diluída em escuridão, espianando a face da Terra. As águas vivas contornam o mar sobre a areia, muitas e enfileiradas. Têm-se para amanhã combinada a saída ao mar de quatro amigos. Tem feito frio e ventado, mas o mar estava tranquilo como quem dorme e só acorda na manhã seguinte, sem sonhos e outras interrupções.

Cada um deles está em sua casa, com suas esposas e filhos. Um dorme fácil, outro custa a dormir, outro não dorme e outro fica conversando consigo mesmo, na mesma cama que sua esposa. Na véspera de um dia de trabalho, não se tem muito bem a hora, mas estão todos sincronizados num tempo em que não há energia elétrica, e o relógio biológico determina muito o modo de agir. Os vãos entre as tábuas das paredes das casas permitem a infiltração do ar. Venta um pouco lá fora de um modo pouco diferente em cada uma das casas, apenas para sugerir que há distinções entre as construções, como uma pele com cicatrizes que mudam de corpo para corpo.

A noite passa mais depressa para um, mais lenta para outro, ou não passa simplesmente e os espíritos que habitam estes corpos em repouso começam a se interligar para compor uma sincronia coletiva, que talvez tenha no conforto a necessidade fundante e a explicação para compensar o lado

ruim das coisas. Aos poucos, os espíritos que habitam esses corpos que buscam repouso e descanso começam a se conectar com o despertar, levantar o corpo inerte, que respira fundo e passa horas sem notar o ar entrar e sair. Tudo é ar na praia, na faixa litorânea. A água agitada pelo movimento das ondas clareia a noite em tons de verde fosforescente. No meio dessa calmaria, alguns cães passeiam livremente procurando comida e outras coisas mais. As corujas saem das tocas e caçam as serpentes noturnas, imagens muito perturbadoras — as serpentes se mexem freneticamente para serem soltas das garras das aves.

Também há gatos nos espaços mais altos, nos telhados e muros, levando a sina de prosseguir com a linhagem felina. Neste local, cães e gatos disputam devorar os filhotes da coruja, que como num ato de superioridade, voa e aterrissa, impedindo-os que os animais devorem seu ninho. Muitos gatos já apanharam das corujas e assim são as relações da natureza neste lugar. É muito difícil deixarem restos de peixes fora das casas, principalmente por causa dos urubus, e o que sobra de iscas é mantido em locais com bastante sal para conservá-las. É, a noite respira, as nuvens baixas e a Lua sem forma espalha sua luz pelo lugar revelando animais marinhos, que emergem da água, experimentam o ar e logo depois voltam para o fundo, em mistério, sem ganharem forma nem visibilidade — ecoam das águas sem serem vistos por olhos humanos.

O vento é soprado e espalha pelo ar a leve areia que sobe dos areais, com sal, grãos cinzas amarronzados e outros cristalinos e esbranquiçados. Todos dormem com cobertores, com exceção do morador da casa amarela, que tem suas flo-

res do jardim temperadas com sal, sendo que em muitos de seus sonhos tem a imagem de comê-las junto com a esposa e as duas filhas, e quando as flores tocam a boca por dentro, pela língua sente-as temperadas de sal, um aperitivo salgado. Recorda da sensação de comer flores salgadas e imagina o quarto com essas flores também, decorando a mesinha e servindo de tira-gosto, de maneira a fazer o tempo parecer mais rápido. Muitos relatam que mesmo as coisas doces ganham uma quebra de sabor para com o salgado, é como se a atmosfera da região fosse um imersivo manguê, com a mistura de dois tipos de água — ao mesmo tempo, tinge com o lodo a noite, suas nuvens, os olhos das pessoas e os seus corpos. Talvez por conta disso os habitantes desta localidade sentem tanto o sabor doce, talvez por isso os busquem com tamanha frequência.

...

A hora de acordar vai se infiltrando pelas casas, invadindo cada um dos quatro corpos. A hora de acordar também chega para aquele que não adormeceu. Ainda na madrugada escura, vão aos poucos recuperando suas interioridades, vestimentas, alimentação, café e constatações de companhia. Hora de se dar conta do que sonharam, se é que sonharam. Para uns, as mulheres já estão acordadas, para outros, ainda não. Eis, portanto, o momento de sair da horizontalidade e ir ao encontro da linha do horizonte do mar. O relógio biológico está aguçado e sincronizou o levantar da cama dos pescadores. O barco de quatro metros esbranquiçado os espera na praia, com suas redes e remos. Por volta das três horas

da madrugada já estão lá, e percebem que tudo está calmo, sendo o tema primeiro das primeiras conversas. Pouco vento; é hora de embarcar depois de soltar a corda amarrada à âncora que prende o barco. As águas vivas não estão mais nas beiradas, foram levadas ou comidas.

A parte onde percorrem é a faixa litorânea, não avançam muito mar adentro. Encontraram-se na praia, que tem mar calmo na maior parte do tempo. Usavam lamparinas e faziam quatro caminhos diferentes um do outro. Quando chegaram à beira do mar, trataram de fazer a embarcação partir com as redes, com muita força física, que ensaia um esboço de felicidade ao perceber que é apenas mais um dia. Conversam muito pouco entre si, embora sempre cada saída ao mar preserve a beleza da novidade e este parece ser o importante assunto.

Conhecem o caminho e têm uma expectativa boa de pesca, que se confirma. Muitos peixes e, aos poucos, a faturação de tipos começa a gerar estranhamento, pois em excesso, quase por completo, preenchem a embarcação. Muitos peixes diferentes, exóticos, desconhecidos, coisa que nunca até então lhes havia acontecido. Desde que se entendem por gente, sabem distinguir os peixes. Quais seus nomes? Por que vieram parar ali? Coisas que passavam pelas suas cabeças. Risos, inclusive, com dizeres do tipo: O que vamos fazer com eles, os peixes? São de comer? O que tem dentro deles? Alguns tinham bom aspecto, outros tinham traços mais agressivos ou mesmo abstratos, outros ainda eram monstruosos.

Estavam se sentindo estranhos com a presença daqueles animais. Talvez fosse a hora de parar, ou escolher os mais diferentes, aqueles que não conheciam ou que criassem al-

gum vínculo afetivo. É aí que quase no fim, antes de voltar à terra firme, a rede é lançada e tranca, impedindo o barco de navegar. Tranca muito forte e tem puxadas bruscas contra o barco. Percebem que, mesmo que os quatro puxassem a rede e ela tendesse a subir, a força não parecia ser suficiente. Mais força, e a rede começa a subir mais; puxando, puxando, mais e mais força. O peixe começa a aparecer, debatendo-se por entre a rede, mas o tamanho e os movimentos têm algo peculiar. Com muita força, conseguem colocar à bordo um ser metade humano, metade peixe, algo que transfigura suas feições. Cabelos compridos, e um jeito muito desesperado com os braços, principalmente. Os seios escondidos pelos cabelos e a pele marcada pelas tramas da rede. Dentro do barco, sofrem para remover a rede ao mesmo tempo em que a criatura agoniza. Qual é seu nome? Quem ela é? De onde veio?

Percebem que ela não sabe falar ou não exterioriza, alternando um jeito brusco e frágil. Não cogitam devolvê-la ao mar, está machucada e seus olhos revirando. Ela então começa a agredir os quatro alternadamente, confusamente, e eles a imobilizam. Ela, porém, tem muita força e pega o remo. Com isso, eles a seguram até que ela pare de se mexer; respira, fraca, desmaiada, sonolenta, entregue ao ar, trazida da água. Aí então, para terem segurança de que ela não irá fugir para o mar, os homens acabam por amarrá-la ao barco com a corda da âncora. Optam por levá-la mesmo assim, morta, desmaiada, sem ar, sem voz, sem ter dito seu nome, o que é. Não devolvem os demais peixes capturados de volta à água, e seguem com o barco cheio e suas feições atônitas. Agora é o barco e a terra e o corpo metade mulher metade peixe, quatro pessoas e um enigma. Quando se aproximam

da praia, olham para a faixa de areia e veem um pequeno grupo de pessoas aparentemente os esperando. Foi aí, que lembrou-se da mulher na água, da sua infância.

TEM UM GNOMO NO
JARDIM!

Mery Petty

Podia até ser um dia chuvoso, mas com certeza em um belo dia de sol, voando pelo céu, um passarinho dissemelhante observa os lugares por onde passa à procura de um local onde possa estacionar e aproveitar um pouco da natureza.

Voando pelo céu, um voo livre sem fim.

Avisto aqui de cima um grande e belo jardim.

Tem grama, tem flores, tem tudo pra mim.

Tem horta, tem fruta e até amendoim.

Tô até achando que eu vou estacionar.

Comer observando enquanto eu descansar.

Em cima deste galho tudo posso avistar.

O jardim é bem bonito e tem lugar para brincar.

É um jardim da infância, com certeza

Pois tem criança a imaginar coisas da natureza

Que você pode não acreditar!

Crianças vão, crianças vêm,

Brincando e inventando até coisas que não tem.

Agora vão para dentro, todas juntas de uma só vez,

Mas olha lá... ficaram duas...

Isabela e Bruno são alunos do Jardim de Infância, que além de um grande parque com gangorra, balanços, trepa-trepa, escorregador e até pula-pula, tem também um lindo jardim com plantas de todos os tipos, árvores de frutas, carambola, goiaba, pitanga e acerola e canteiros de flores sil-

vestres bem coloridas, tornando esse lugar muito aprazível à infância.

A professora os chamou, mas eles não ouviram e continuaram lá fora. Eles observam um buraco que encontraram no jardim.

— Olha, Bruno. Aqui tem um buraco!

— Tá. Vamos encher de areia...

— Não! Não pode.

— Por quê?

— Lá na casa do meu avô também tinha um buraco assim. E tinha um gnomo lá dentro.

— Sério? E tu viu o gnomo?

— Não!

— Então como sabe que tinha gnomo?

— Meu avô me contou.

— Ele viu?

— Claro, né! Meu avô não mente.

— E onde está o gnomo do teu avô?

— Fugiu.

— Por que ele fugiu?

— Porque gnomos fogem.

— Foi teu avô que disse isso?

— Não! Eu já sabia.

Não demorou para a professora aparecer. Era uma professora muito atenta aos seus alunos.

— Isabela e Bruno, vocês estão aí! Venham, tá na hora do lanche. Vocês não ouviram quando chamei antes?

— Não, profe, é que eu e o Bruno encontramos um buraco no jardim que tem gnomo.

— Ah, é mesmo? Que legal. Mas agora vão lavar as mãos pro lanche, tá bom?

Quem gostou muito do que viu certamente foi o pássaro, que decidiu ficar ali mesmo no galho de uma grande figueira, para ver o que ia acontecer.

(Risos) Ora, ora, essas crianças...

Acharam no jardim um buraco.

Será mesmo que tem um gnomo?

Ou será somente um boato?

Pensando bem, até que o buraco é confortável

Posso até nele me deitar

E comer este morango no sossego...

Sem me esquecer que eles vão voltar.

Olha, mas que ventinho forte soprou agora...

Até deixou uma flor do galho escapar

Lá vem ela voando...

Parece que na minha cabeça irá acabar.

(Risos) Que bela é a natureza!

Mas agora, tenho que zarpar

Parece que Isabela e Bruno

Já estão para chegar!

Isabela e Bruno mal engoliram o lanche e já estavam de volta ao jardim. E para sua surpresa, era fato que o gnomo esteve ali. Comeu e fugiu, deixando seu capuz caído à beira do buraco. Só podia ser.

— Olha, Bruno... um chapéu...

— Foi o gnomo... Ele tava comendo, olha, saiu correndo e deixou cair o chapéu dele.

Foi uma alegria imensa a tal descoberta e precisavam logo contar para a professora. Afinal, era algo inédito na escola e, com certeza, ela saberia dizer algo a respeito.

— Profe, eu e a Isabela achamos o chapéu do gnomo.

— Bruno... Isso é só uma florzinha...

— Não, profe. Eles se vestem com as coisas da natureza. Meu avô que disse. E ele não mente!

— Ele até comeu um pouco de morango, profe... Coitado, ele tá com fome.

— Tá certo, Bruno. Agora vamos fazer uma atividade...

— Profe... guarda o chapéu pra mim? Eu quero mostrar pro meu avô.

— Não, Isabela. Temos que devolver pro gnomo.

— Ai, Bruno... Mas eu queria mostrar pro meu avô.

— Só fala pra ele!

— Tá bom. Vamos lá devolver. — E os dois saem em direção ao jardim.

— Podem ir, mas não demorem, hein, Bruno e Isabela... Temos atividade aqui.

Os dois foram correndo para o jardim. Estavam se sentindo os descobridores da escola. Aquele era um dia especial.

— Eu queria pegar um gnomo. Só pra ver ele, como o meu avô viu.

— Boa ideia. Isabela, fala com o teu avô e pergunta como que ele pegou um pra ver.

— Eu acho que meu avô fez uma armadilha pra pegar o gnomo.

— Armadilha igual de pegar passarinho?

— Não, porque é de pegar gnomo, né.

— E como é uma armadilha de pegar gnomo?

— É que nem uma casinha de gnomo. Porque eles são inteligentes, daí a gente faz eles pensarem que é a casa deles e pega.

— Mas eu não tenho uma casinha, só um posto de gasolina que eu brinco de carrinho.

— Mas eu tenho a casa da Polly, né.

— Então vamos logo pegar a casa.

Mais uma vez, correndo atrás de uma empreitada, Isabela traz a casinha da Polly para o jardim.

— Vamos colocar a casinha em cima do buraco. Daí quando ele sair, já vai entrar na casa direto.

— Não, Isabela, vamos colocar do lado, senão o buraco tampado vai deixar escuro lá dentro e ele não vai ver por onde sai.

— E se ele sair do buraco, olhar pra casinha e não entrar?

— Então vamos colocar uma comidinha dentro da casa, pra ele sentir o cheiro e ficar com fome. Daí ele vai entrar de qualquer jeito na casa.

— Bruno, mas tu sabe de que comida eles gostam?

— Deve ser pão com Nutella. Todo mundo gosta disso, né.

— É mesmo. Boa ideia. Eu vou buscar.

Bruno se encarrega de pegar o pão lá no refeitório. Com certeza passa pela professora, que é conivente com eles. Coloca o pão dentro da casa e a posiciona na frente do buraco. Em seguida, ouvem a professora chamando-os.

— Bruno... Isabela...

— A profe tá chamando...

— Vamos, Isa. Depois a gente volta aqui pra ver se ele já entrou.

O passarinho dissemelhante, que continua atento no galho da árvore, sente o cheiro da Nutella e resolve, sem perder tempo, ver de perto do que se trata.

Ah... crianças... vocês não deveriam fazer isso...

Pão com Nutella, eu não resisto...

Bem que poderiam ter deixado na casa, mas do lado de fora.

Seria mais fácil de comer.

Mas nem por isso eu vou embora.

O passarinho não deixa nada para trás e come até as migalhinhas. Mas é só o tempo de comer e sair voando, pois Bruno era curioso demais para dar muito tempo aos gnomos.

— Isabela, vem cá!

Isabela vem rápido e pergunta espantada:

— O que você fez, Bruno?

— Eu não fiz nada. Quando eu cheguei, a casinha já estava virada e o pão com Nutella também já se foi.

— E você viu o gnomo?

— Sim. Eu vi.

— E por que você não pegou ele?

— É que ele fugiu. Jogou um pó mágico no meu olho. Daí deu uma coceira. E depois fugiu.

— Deu coceira no teu olho?

— Sim. Daí eu fui coçar e quando eu olhei, ele já foi embora.

Mas uma coisa é fato, quando a gente se envolve com algo tão legal como isso, o tempo passa super-rápido. O Avô

de Isabela já chegou para buscá-la. E a professora sabia bem onde ela estava.

— Isabela... seu avô veio te buscar! Bruno, é pra você ir junto com a Isabela. A sua mãe vai te buscar na casa dela.

Bruno e Isabela saem da escola contando ao avô tudo o que vivenciaram com o tal gnomo do jardim. E o passarinho lá no jardim, por ser dissemelhante, ficou pensando no que viu.

*Dizem que a criança
Entra fácil na história...
Mas eu digo e repito
Que ela nunca sai de lá!
É nesse mundo imaginário
Que constrói suas verdades;
Ensaia o medo e a coragem;
A malvadeza e a bondade;
Tudo que sua mente cria é um espaço de autonomia
Isabela e Bruno, se viram mesmo um gnomo,
Foi, com certeza, por essa via.*

As crianças foram embora, mas está lá a professora, que recolhe alguns brinquedos ainda perdidos pelo jardim. Quando encontra a casa da Polly jogada perto do buraco, toma-a em suas mãos e olha bem dentro dela. Dá um sorriso estonteante e com esse mesmo sorriso grudado em sua face, deixa a casa posicionada no lado do buraco, no jardim, e vai-se embora.

*Que sorriso foi aquele?
Será que teve uma ideia!?
Ou será que viu um gnomo?
Não sei!*

*Só sei que vou ficar
Porque me parece que essa história,
Não é aqui que vai parar!*

UM DIA QUE QUASE
ACONTECEU

Lilian Regina Schmeil

Capítulo 1 – Love Karl Marx

Sai correndo de casa, ajeita os longos cabelos castanhos, pega a bolsa, os livros de filosofia e sociologia, coloca os fones de ouvido e entra no ônibus.

“Take Five” – David Brubeck Quartet

Quase vazio, o coletivo corre veloz pelas curvas da estrada e balança muito ao desviar dos buracos no asfalto. Entre um buraco e outro, Leila consegue reencontrar a linha na página perdida, de O capital. Coça a cabeça, tira do bolso da blusa uma carteira de cigarros, puxa a cordinha para ônibus parar e desce no lugar de sempre. Acende um cigarro e caminha, atrapalhada e sexy, pelo campus vazio.

Bunda para cá. Bunda para lá. Bunda para cá. Bunda para lá.

A cada passo, olha para o chão e observa as formas irregulares e coloridas dos mosaicos desenhados no piso.

Aos poucos, um par de tênis pretos aproxima-se sobre o chão. Era Marcinha. Leila olha para cima e vê aquele mulherão. Dá um grito histérico.

— Amigaaaaaa!

Abraçam-se e a fumaça do cigarro toma conta da cena. Leila apaga o cigarro no chão e aperta a sandália na bituca, sobre uma pequena poça de água suja furta-cor. Entram na cantina e pedem um café.

Debruçadas na janela....

— Pra que tanto livro? Esqueceu?

— O último capitalista que pendurarmos será aquele que nos vendeu a corda.

Levanta a xícara e toma um gole do café.

— Ahhh... meus amores sempre me acompanham.

— Trouxe o bagulho para hoje?

Sobe a bolsa com a mão, levanta a sobrancelha direita, olha nos olhos dela e dá uma piscadela maliciosa.

— Hoje só quero saber de pegar um daqueles delícia, do Barkunin.

— Qualquer um? Tá bom, né? Te conheço... Hahahaha...

Sobem ofegantes as escadas do prédio de humanas. A cada passo, bota os olhos no marrom quadriculado, brega e gasto, do piso empoeirado.

Espiam pela porta da sala de aula, cheia de adesivos de esquerda, e se olham:

— Bora?

Saem, acenam para o colega de camiseta ilustrada com um foice e um martelo. Beijam a boca de uma imagem gigante de Karl Marx estampada na parede.

Capítulo 2 - Esquentando o corpão

Pizzas congeladas e cervejas saltam aos olhos no vidro suado da geladeira da quitanda. Pingos de todos os tamanhos refletem a luz da lâmpada, no teto, cheia de teias de aranha.

Anotam as compras no caderninho da vendinha e vão para o apê/QG.

Jogam-se nos sofás retrôs, tiram um cochilo e acordam ao som das oito badaladas do cuco pendurado na parede. Marcinha pega um vinil na estante e coloca na vitrola.

“Cantaloupe Island” – Herbie Hancock

Separam um baseado do meio dos badulaques ousados, enfiados naquela bolsa. Fumam, bebem cervejas, dançam e se montam.

Entram num ônibus lotado em direção à Lagoa.

Capítulo 3 – Balada Escândalo

Belas pernas cruzadas à mostra, por debaixo de minisaias de jeans rasgadas e descoladas, sobre bancos altos do balcão, chamam atenção dos vários olhos que passam por ali. Latinhas de cerveja, das mãos, vão até suas bocas molhadas e negras de batom.

Levemente embriagadas, sentadas em banquetas altas, iniciam a caçada por alguém disponível atrás do guichê. Certamente um daqueles tórax descobertos, vestidos com sunguinhas de praia e lenços imitando turbantes na cabeça.

“And I miss you

Like the deserts miss the rain....”

“I miss you like the desert miss the rain”

– Everything But The Girl

Dança!

— Ei, gatão. Vem aqui me dizer uma coisa. Já tem compromisso esta noite?

Com um sorrisinho malicioso:

— Tenho sim. Você — O uruguaio descolado mantém o foco nela e logo sai lá de trás, dá a volta, chega bem perto e começa um ataque voraz mútuo.

Capítulo 4 - Ressaca mortal

*“I want a girl with a mind like a diamond,
I want a girl who knows what’s best,
I want a girl with shoes that cut,
and eyes that burn like cigarettes.
I want a girl with the right allocations,
Who is fast, and thorough, and sharp as a tack.
She’s playing with her jewelry,
She’s putting up her hair,
She’s touring the facility
and picking up slack.
I want a girl with a short skirt and a long jacket”
“Short Skirt\Long Jacket” - Cake*

Entre os lençóis de uma cama apertada, no segundo andar do bar, Leila acorda com a luz do sol bem na cara e o boy jogado ao seu lado. Olha o relógio, sai da cama, coloca a roupa escandalosa e amassada da noite e, rapidamente, sai de fininho em direção ao ponto de ônibus, para a casa da mãe.

Com pressa, pede carona e, numa fração de segundo, um Fiat 147 azul metálico para, imediatamente. Ela entra, sem pestanejar.

*“I can’t seem to face up to the facts
I’m tense and nervous and I can’t relax
I can’t sleep, ‘cause my bed’s on fire*

Don't touch me I'm a real live wire

Psycho killer, qu'est-ce que c'est

Fa Fa Fa Fa Fa Fa Fa Fa Fa Fa Far Better

Run Run Run Run Run Run Run Run away, ooh ooh

Psycho killer, qu'est-ce que c'est

Fa Fa Fa Fa Fa Fa Fa Fa Fa Fa Far Better

Run Run Run Run Run Run Run Run away, ooooh aiaiaiuuu."

"Psycho Killer" – Talking Heads

— Oi, gata — diz o motorista magro e pálido, com óculos quadrados fundo de garrafa, vestido com uma surrada blusa bege de botões cinza e calça de tergal preta. E com o olhar fixo em duas pernas.

— Oi. Tudo bem?

Coloca o cinto de segurança.

— Sim. Beleza!

— Tá indo pra onde?

Coça a cabeça.

— Pro saco dos Limões.

Com os olhos nos detalhes do interior do carro, Leila olha o painel e lhe chama atenção a abertura do porta-luvas quebrado, amarrado com uma mecha de cabelos artificiais louros, além da tesoura velha e enferrujada pendurada no retrovisor. Tensa, acomoda melhor o corpo no banco do carro.

Ele liga o rádio, sintoniza, olha para ela e mexe a cabeça, acompanhando a música.

"Se te pego com outro, te mato. Te mando algumas flores e depois escapo..."

Balança os ombros cantarolando desafinado.

Leila pega o livro, abre na página marcada e resolve ler.

Em alta velocidade, o carro sobe o morro da Lagoa e, de repente, ele coloca sua mão direita na perna esquerda dela. Neste momento, passa o filme de alguns desfechos possíveis em sua cabeça.

Opção 1: Ele estava no bar na noite anterior, cismou com ela, esperou que saísse do bar no dia seguinte. Ele a pega e leva para uma praia deserta, estupra-a com aquela tesoura velha em seu pescoço, ou talvez com um possível revolver escondido debaixo do banco.

Opção 2: Ele se lembra de sua ex-namorada e resolve dar carona quando a vê no ponto de ônibus, então a carrega para uma casa distante. Lá, amarra seus braços com os restos daqueles cabelos artificiais loiros e a estupra, repetindo o nome da ex.

Opção 3: Ele é um evangélico convicto, tem como missão destruir mulheres pecadoras que pegam carona de minissaia e a enforca, dentro de um templo num ritual sado-maso-satânico, em frente a um grande crucifixo.

Ela treme. Gotas de suor descem de sua face sobre a camiseta branca. O coração palpita veloz. Disfarça, ajeita os livros no colo, passa as mãos no cabelo, coça a nuca...

Pensa em pular do carro. Olha para fora, mas sente medo de se machucar.

— Comunista filha da puta. — Ele fala olhando para o livro sob sua bolsa.

Ensurdece. Mexe a cabeça de forma afirmativa para aquelas histórias sem nexos, que saem da boca do provável abusador. Olha para fora do carro e não vê ninguém na rua.

Pela janela passam muros, postes, casas, cercas... A velocidade do carro continua alta.

“Preciso me acalmar”, pensa. Ajeita-se melhor no banco novamente. Olha para frente, respira fundo.

“Já sei”, pensa. Centrada e certa, coloca a mão na perna direita dele e dá uma risadinha maliciosa.

— Gatão, meu nome é Leila e faço sociologia na UFSC. Queria muito tomar um café, ou uma cerveja, qualquer hora dessas. O que acha?

Silêncio demorado.

Ele fecha a cara. Desliga o rádio. Tira a mão da perna dela. Imediatamente, ela faz o mesmo. Passam por um semáforo, por outro e por outro. Luzes verdes e vermelhas surgem uma atrás das outras em sua frente.

Coça os olhos.

A velocidade do carro diminui aos poucos. Seu corpo é jogado para frente depois de uma freada brusca. Em câmera lenta, batem com as cabeças no para-brisa. As gotas de suor voam em todas as direções.

Acostamento. Ele bate com o punho de forma violenta no painel do carro. Pega a tesoura pendurada no retrovisor e... coloca no bolso da camisa. Enojado e com raiva, olha para ela de cima a baixo e fala:

— Dona, olha só, preciso que tu saias do meu carro e pegue outra carona. Não posso mais te levar. Se minha mulher me vê contigo, vou ter muitos problemas.

— Tranquilo.

Aliviada, tenta abrir a porta do carro. Não abre! Tenta, tenta, tenta! Não abre! O tempo se alonga. Passa uma eter-

nidade. Consegue sair. Sai! Respira fundo aliviada. Fora do carro, ajeita a minissaia e nem vê o veículo sair.

Tonta, coloca os fones de ouvido, acende um cigarro e segue pelo acostamento.

Sua imagem some no horizonte, no brilho do vapor quente do asfalto.

*“Now here you go again
You say you want your freedom
Well who am I to keep you down?
It’s only right that you should
Play the way you feel it
But listen carefully to the sound
Of your loneliness...”*
“Dreams” – Fleetwood Mac

Músicas:

“Take Five” – David Brubeck Quartet
“Cantaloupe Island” – Herbie Hancock
*“I miss you like the desert miss the rain” – Everything But
The Girl*
“Short Skirt\Long Jacket” – Cake
“Psycho Killer” – Talking Heads
“Dreams” – Fleetwood Mac

VASSOURAS

Caio Henrique Leivas
Borges

I've still got the scars that the sun didn't heal – Bob Dylan

I

Era uma noite como as outras. Leandro estava sentado embaixo do lustre da sala com as luzes acesas, não só as do cômodo em que ele se encontrava, mas de toda a casa. Tinha acabado sua tarefa de trocar as lâmpadas antes delas queimarem e agora descansava sentado no tapete da sala. Olhando ao redor, as paredes e mobília da cor branca, sentia-se mais calmo e preparado para atravessar a noite depois do trabalho concluído. Sem mais o que fazer, Leandro caminha até o quarto e encara o guarda-roupa, calcula se consegue entrar dentro dele. Pensa que sim, tira as pantufas e se senta, encolhendo as pernas para dentro do móvel. Então, fecha as portas. Depois de 30 segundos, começa a sentir dor no peito e não consegue mais segurar os gritos.

II

Com o fim da noite, vem a manhã e as luzes da casa de Leandro se apagam. A chegada do sol representa a vitória contra a noite, contra o toque da noite, tanto para o mundo quanto para Leandro. Dos seus 42 anos, ele se lembra de dormir tranquilo até os seis. Depois disso, começou aquilo que ele chamava de “escuridão total”, hoje conhecida como

nictofobia. Para o menino de seis anos, diagnosticado apenas aos 25, “escuridão total” dava conta de explicar o medo que tinha não só do escuro, mas do que poderia acontecer dentro dele.

Porém, durante a manhã, nada daquilo era lembrado. O que existia era o Sol, astro-rei, iluminando cada canto da rua para a tranquilidade de Leandro que, finalmente, abria as janelas sabendo que escuridão alguma iria lhe tocar. Café feito, dentes escovados, roupa colocada para o trabalho, luzes acesas, cada coisa organizada para que o retorno para casa não fosse envolto pelo escuro. Seu medo de faltar energia fez com que quatro luzes de emergência fossem instaladas pela casa. Elas eram fracas e espalhavam sombras, mas aliviavam um pouco os tremores causados pela “escuridão total”.

III

Leandro estava no fim do seu expediente de trabalho e já sentia as mãos suarem em resposta à chegada do fim de tarde. Assim que o relógio atingiu a marca de 18h30, Leandro pegou suas coisas que já haviam sido organizadas anteriormente, bateu o ponto e saiu sem dar sequer uma palavra de despedida para o escritório.

Dentro do carro, era hora da corrida contra a noite. Morando no centro da cidade, local sempre iluminado, Leandro demorava apenas 15 minutos para chegar em seu apartamento, garantindo alguma luz do dia durante todo o percurso nos fins de tarde do verão. O problema era o inverno, quando escurecia mais cedo e amanhecia mais tarde. Durante a fria estação, ele sempre dirigia com a luz interna do carro acesa, fazendo com que sua visão da rua ficasse um

pouco prejudicada, porém garantia proteção contra as sombras que o cercavam.

O abrir do apartamento e o encontro da luz do corredor já acesa era como um grande respiro depois de um tempo debaixo d'água, um alívio, um quase gozo. A respiração de Leandro começava a normalizar, o suor diminuía e os músculos relaxavam. Deitado no chão, exausto demais para se arrastar até o banheiro, ele sentia a luz banhar seu corpo e até conseguia expressar um sorriso.

IV

Dos 36 anos convivendo com o medo, Leandro começou a tocá-lo apenas agora. Desesperado pela solidão extrema que dormir com todas as luzes acesas causa ou já disposto a enlouquecer totalmente, a verdade era que todas as noites ele entrava em seu guarda-roupa e tentava ficar lá o máximo que conseguisse. Algumas noites eram mais fáceis do que outras. O foco era a respiração, dica do psiquiatra. E assim o fazia — movimentava o abdômen ao inspirar e expirar, inspirar e expirar, até que a pressão em seu peito se tornasse forte demais e ele precisasse pular direto para o chão, com tremores por todo o corpo. Em outras noites, era como se ele estivesse de volta naquele quarto de vassouras escuro, tentado por uma falsa mão amiga a ir ver o coelho que havia se escondido lá, portador da inocência infantil que é arrancada ao longo do tempo, confiando no rosto humilde do zelador da escola... apenas para ter a inocência arrancada de uma vez só.

V

As coisas estavam progredindo. O tempo dentro do guarda-roupa ficava cada vez maior, o trajeto trabalho/casa já não era tão amedrontador e o tempo deitado no chão, recuperando as forças, diminuía. Naquela ocasião, Leandro pensou que poderia ser a melhor das noites, que conseguiria ficar mais tempo dentro do guarda-roupa e, se tivesse com espírito desbravador, apagaria a luz de algum dos cômodos em que não estivesse.

Preparou tudo o que precisava. Colocou suas roupas brancas, acendeu todas as luzes da casa, descalçou as pantufas, encarou o guarda-roupa. Como se o mundo de Nárnia estivesse do outro lado, ele pensou se não se perderia ali dentro naquela noite. Pensou se sua vida não regredia a cada vez que ele entrava no guarda-roupa, ou a cada vez que saía dele.

De cabeça baixa, sentou-se dentro do seu caixão caseiro, puxou uma porta, depois a outra. Começou a respirar lentamente e tentou pensar no seu café da manhã iluminado pelo Sol. Perdendo a noção do tempo, Leandro também se perdeu nas memórias de dias ensolarados, nos passeios pelo parque, na feira de domingo, na praia antes do almoço. Cada memória sua ia e voltava num caleidoscópio de passado que o fazia desviar os olhares do escuro. Até que nessas andanças imaginárias, ele lembrou-se dos seis anos. Lembrou que o dia do quarto de vassouras era um dia ensolarado, que as crianças brincavam no parque, que os pais estavam longe no trabalho e ele, só ele, estava na escuridão, sujeito ao toque. O Sol o abandonou nesse dia, não o salvou das trevas e não importava a quantidade de tempo que ele ficasse dentro daque-

le guarda-roupa, o quanto lutava para enfrentar o medo... O abandono já tinha acontecido há muito tempo.

Leandro gritou. Gritou o mais alto que pôde sem sair do guarda-roupa. Como Edward Munch coberto em trevas, seu grito transfigurou seu rosto e corpo, as lágrimas molhavam seu peito, seus tremores aumentavam e, mesmo assim, Leandro não vinha para a luz. Tremeu lá dentro cada vez mais rápido, mais rápido, mais rápido, mais rápido, até que não tremeu mais e as lâmpadas ficaram, para sempre, acesas.

ROTEIROS.

A chegada_Maykon Pedro Ely _____	2
A manhã que não entardeceu_Lilian Regina Schmeil _____	14
A(di)ar_Anna Theresa Shipmann Rebelo _____	22
Alguns porões_Gustavo Zinder _____	36
Arritmia_Luiz Cláudio Cerqueira _____	46
Asas quebradas_Natália Trentini _____	54
Ato falho_Paulo Zwolinski _____	63
Butcher_Thaysa Petry Lisboa _____	71
Caixinha_Cristina Pretti _____	81
Céu e mar_Jéssica dos Santos de Souza _____	94
Chamas_Felipe Utpadel _____	99
Colcha e retalhos_Adriana Niétkzar _____	106
Como voltar para casa_Leonardo Bittencourt _____	114
Desapareci_Pimentel Felipi _____	120
Escarabocho_Suellen Cordovil da Silva _____	146
Isolamento_Adriano Salvi _____	153
Maldito seja o espectador da minha vida_Didiê Kinsey _____	159
Martinha_Nelson de Faria Campos _____	167
Nasci preparado_Nielson Ribeiro Modro _____	184
O monstro_Rita Duarte _____	188
O relatório_Dirlei Felipe _____	198
O último príncipe_Eduarda Vidal _____	207
Previdência privada_Daniel R. S. _____	213
Sagrada subversão_Rodrigo de Souza Bortoloti _____	227
Tem um Gnomo no meu jardim_Mery Petty _____	247
Trazida do mar_Diovane Rubens Riedel _____	257
Vassouras_Caio Henrique Leivas Borges _____	264
Não tem nome_Amilcar Britz _____	272
Entranhas_Bruna Martins _____	280
Não toc_Heloisa Dias _____	284

A CHEGADA

MAYKON PEDRO ELY

1

EXT. ÁREA DE FESTA - NOITE

Há duas dezenas de pessoas espalhadas e conversando sobre assuntos aleatórios, a grande maioria tem 40 anos para mais. Algumas pessoas estão tomando cerveja, outras caipirinhas.

Um bolo grande, branco, cheio de chantilly, e em cima do bolo uma vela com o número 15.

Uma cama elástica grande, porém ninguém pulando nela, e dois casais conversando e bebendo em volta dela.

Willian (40) observa os convidados com um olhar curioso, pensativo.

Stela (38) chega ao lado de Willian, segurando um copo de caipirinha na mão.

STELA

Não quer conversar com ninguém?

WILLIAN

Algo está diferente aqui... Você não acha?

STELA

Não.

WILLIAN

Você não acha estranho o Fernando apenas convidar os parentes para seu aniversário?

STELA

Acho que não.

WILLIAN

Poxa vida, eu estava querendo conhecer seus amigos, talvez até mesmo uma garota...

STELA

Ou um garoto.

Willian olha sério para Stela.

Stela dá um gole na caipirinha.

STELA

O que foi?

Willian dá de ombros.

STELA
Você está sendo preconceituoso.

Willian fica mudo por um tempo.

WILLIAN
Você viu o Fernando por aí?

STELA
Está na sala jogando.

WILLIAN
O Alex já chegou?

STELA
Você está vendo ele aqui na festa?

Willian respira fundo.

STELA
Qual é? É brincadeira... Até parece
que você não conhece seu irmão, ele
sempre chega atrasado.

Stela dá um selinho em Willian.

STELA
Relaxa, logo ele vai chegar, agora
segura isso aqui...

Stela entrega o copo de caipirinha para Willian.

STELA
Que eu vou preparar os cachorros
quentes. Te amo!

WILLIAN
Espere um pouco... Você não está
achando estranho que ninguém trouxe
as crianças?

STELA
Pois é, também achei, mas sei lá,
acho que as crianças de hoje só
querem saber de ficar na frente da
televisão jogando.

Stela sai caminhando.

Willian olha ao redor, bebe um pouco da caipirinha.

2 INT. SALA - NOITE

Fernando (15) está sentado em um sofá grande, está sério, jogando vídeo game, um jogo de tiro. Seus olhos estão fixos na televisão que está pendurada na parede.

A sala é bem decorada, quadros, vasos com flor, um tapete peluciado, e dá de cara com a cozinha que é conjugada.

Willian chega e senta ao seu lado.

Fernando não dá muita bola e continua jogando.

WILLIAN

Acho que você deveria ir lá fora,
filho. Já está muito tempo jogando.

Fernando finge que não escuta.

Willian olha para a televisão e sorri.

3 INT. COZINHA - NOITE

Willian abre a geladeira, está cheia de cerveja, pega duas.

4 INT. SALA - NOITE

Willian aparece com duas cervejas nas mãos.

Fernando olha para seu pai e estranha, mas continua jogando.

Willian senta ao lado de Fernando.

WILLIAN

Para de jogar isso e vamos beber.

Willian oferece a cerveja para Fernando e ele nega.

WILLIAN

Pega filho, vamos...

Fernando larga o controle no sofá e pega a cerveja.

WILLIAN

Isso.

Willian sorri, abre a cerveja e dá um gole.

Fernando abre a cerveja e dá um gole de leve, tosse.

Willian dá risada.

Fernando faz cara de nojo.

FERNANDO

Que ruim.

WILLIAN

É só o primeiro gole, logo, logo
vai se acostumar.

Fernando sorri e bebe mais um gole.

ALEX (O.S)

Quem está completando 15 anos hoje?

Fernando e Willian olham para o lado e Alex está perto da porta da área de festas.

FERNANDO

Tio Alex!

Alex (33) está segurando um presente, caminha até Fernando.

Fernando se levanta do sofá, abraça Alex.

Alex dá um beijo na bochecha de Fernando e entrega o presente.

FERNANDO

Obrigado Tio.

Alex sorri.

WILLIAN

Quanto tempo irmão.

Willian se levanta do sofá e abraça Fernando.

FERNANDO

Faz um tempinho mesmo... Está mais gordo.

Fernando dá uns tapinhas na barriga de seu irmão. Os dois dão risadas.

ALEX

Me perdoe por eu não pular de alegria como você. Meu sobrinho bebendo uma cerveja, aí sim! Mano, porque não vai buscar uma pra mim?

WILLIAN

Mal chegou e quer mandar?

Alex sorri.

Willian vai até a cozinha.

Fernando rasga um pouco o papel do presente, ele olha uma caixa preta. Ele fica mudo, olha assustado para Alex.

ALEX
O dia chegou!

5 EXT. ÁREA DE FESTA - NOITE

Fernando, Stela e Willian estão atrás do bolo, a vela está acesa, todos estão cantando parabéns e batendo palmas.

Fernando olha para Alex assustado.

Alex bate palmas devagar, está sorrindo.

Fernando assopra as velas e todos comemoram.

6 INT. CORREDOR CASA - NOITE

Fernando está eufórico, estende a mão para pegar o trinco da porta de seu quarto quando sente uma mão em seu ombro, olha para trás e é Alex.

ALEX
Onde você deixou a caixa?

Fernando se assusta.

FERNANDO
Dentro do meu quarto.

Alex olha para os lados.

ALEX
Olha... Eu sei que você está preocupado, assustado, em pavor, mas eu quero que entenda, nós iremos mudar a história e todos irão ver que o livro do falso messias estava errado. Cuide bem dessa caixa ou você irá sofrer com as pragas!

Fernando olha para a porta, fecha os olhos e lágrimas caem em seu rosto.

7

EXT. ÁREA DE FESTA - NOITE

Willian está sentado numa cadeira, fica olhando todos conversando, pega seu celular no bolso e já passa da meia noite, coloca o celular em seu bolso, pega a cerveja que está ao seu lado e bebe.

ALEX(O.S)

Está bem?

Willian olha para o lado e vê Alex.

WILLIAN

Até que enfim apareceu, onde cê tava?

ALEX

Falando com o tio Chico. E você porque está aqui tão isolado?

Alex senta ao lado de Willian.

WILLIAN

O Fernando está estranho hoje, não estou entendendo nada desse aniversário. Meu filho convida apenas parentes, ninguém traz seus filhos, e quando quero conversar com ele, ele se fecha.

ALEX

Calma irmão, é a idade.

Alex coloca uma de suas mãos no ombro de Willian.

WILLIAN

Só não sei porque o pai não veio.

ALEX

Logo ele vai chegar!

WILLIAN

São quase meia noite.

Alex sorri.

Fernando passa em frente dos dois, olha para Alex, baixa a cabeça e caminha.

ALEX

Depois conversamos mais.

Alex se levanta e caminha atrás de Fernando.

Willian olha para Alex.

8 INT. CORREDOR - NOITE

Willian está de frente para a porta do quarto de Fernando, olha para os dois lados para ver se tem alguém por perto, caminha até a porta, encosta sua orelha na porta com cuidado.

FERNANDO(V.O)
Tio, me ajuda... A caixa está começando a feder, meu quarto já está com cheiro de podre.

ALEX(V.O)
Que horas são?

FERNANDO(V.O)
01:10 já.

ALEX(V.O)
Está quase na hora não tenha medo.

Willian não entende nada.

9 INT. QUARTO DO FERNANDO - NOITE

Willian abre a porta do quarto, sente ânsia de vomito, entra, olha para Alex e ele está segurando uma caixa com as duas mãos.

Alex e Fernando olham assustados para William.

WILLIAN
(grita)
Mas que porra de fedor é esse!

FERNANDO
Pai... Me desculpe.

Fernando sai do quarto correndo e fecha a porta.

Willian coloca uma de suas mãos na boca.

WILLIAN
Alex, o que tem ai dentro?

Alex olha sério para Willian, ele coloca a caixa no chão, abre a caixa devagar e moscas saem, com cuidado ele pega um vidro, dentro dele há um líquido pastoso vermelho, coloca no chão.

Willian fica olhando sem entender.

WILLIAN
Quer merda é essa?

ALEX
Sangue de bode.

WILLIAN
Sangue de bode? Porque diabos tem
sangue de bode aí?

Alex abre a tampa, molha sua mão e passa no rosto do irmão.

Willian fica paralisado.

Alex molha sua mão novamente no líquido pastoso, e passa sua mão no rosto de Willian.

WILLIAN
Alex... Irmão.

ALEX
Hoje vivemos uma nova era!

A porta se abre, e todos os convidados entram dentro do quarto, todos estão vestidos de branco.

Algumas mulheres vão em direção de Willian e tiram a sua roupa.

Willian fica sem entender nada, está tonto e vomita no chão.

Todos começam a cantar em uma língua estranha.

Os homens vão tirando os móveis de dentro do quarto e empilham em um canto deixando o quarto mais espaçoso.

Willian está nu, uma mulher aparece em sua frente segurando roupas brancas, distribui para outras duas mulheres que o vestem.

Stela e Fernando aparecem em frente da porta, Willian fixa os olhos em Stela e Fernando, também estão usando roupas brancas.

Stela caminha até Alex, se ajoelha, pega o vidro e vai até a frente de Willian.

Todos param de cantar, as mulheres vão até Alex, tiram sua roupa e colocam roupas brancas.

WILLIAM

O que está acontecendo, Stela?

Stela sorri, coloca sua mão em seu ombro, ela se ajoelha e Willian ajoelha junto.

Stela abre o vidro, molha sua mão no sangue, passa em seu corpo por diversas vezes, sorri, fala em línguas estranhas.

Willian começa a chorar, olha para Fernando.

Stela passa o sangue na roupa branca de Willian, ele fica paralisado, Stela para de falar em línguas e de passar o sangue na roupa de Willian, olha em seus olhos e beija sua testa, o abraça, se levanta e caminha até Fernando, o abraça.

Alex caminha e fica em frente a Willian.

ALEX

Corpo do meu corpo, sangue do meu sangue, fico feliz de você ser o escolhido!

Todos se ajoelham menos Fernando.

Willian ainda sem acreditar olha para seu filho, Fernando vai até a caixa, ele olha para os olhos de Willian e tira uma coroa de espinhos, ele se aproxima de seu pai, olha para ele, ergue a coroa de espinhos para cima.

Ouve-se o som de sinetas.

Willian olha para cima, a luz do quarto o cega e olha a coroa de espinhos.

Lentamente Fernando coloca a coroa na cabeça de seu pai, e devagar ele empurra para baixo com força, os espinhos vão cravando em sua pele e o sangue começa aparecer.

Willian geme de dor, o sangue escorrendo em sua face faz Fernando ficar aterrorizado.

Ouve-se um barulho no corredor, um grito. Todos ficam quietos, as sinetas param de ser tocadas. Há uma pausa, mais um barulho.

ALEX

Nosso criador está chegando!

Willian fecha os olhos e abre rapidamente, está tonto.

Um homem velho (70) vestido todo de vermelho, barba longa aparece em frente a porta.

ALEX
(gritando)
Saúdem nosso criador!

Todos menos Willian e o Homem velho começam a se mexer, ajoelhados, gritam em línguas, cantam.

O Homem velho se aproxima das pessoas, passa sua mão em alguns cabelos e se aproxima de Willian.

HOMEM VELHO
Meu maior orgulho foi ter criado
você da maneira certa, e assim
nosso pai poderá retornar e
governar esse mundo.

Willian arregala os olhos.

WILLIAN
PAI?!

HOMEM VELHO
Foi para isso que eu nasci, meu
filho, para dar o testemunho da
verdade, todo aquele que escuta a
verdade, escuta a minha voz. Olhe
ao seu redor, veja meus discípulos,
olha só você, nasceu para se
sacrificar por nós, o verdadeiro
messias.

O Homem velho olha nos olhos de Willian, tira uma faca grande atrás de sua veste e passa na garganta de Willian.

Willian, ajoelhado, olha nos olhos de seu pai, o sangue escorre pelo seu pescoço e seu corpo.

O Homem velho se ajoelha em frente de Willian, passa uma de suas mãos em seu rosto e sorri.

Willian sufoca com o sangue, pisca várias vezes.

HOMEM VELHO
Meu filho, meu orgulho, você foi o
escolhido, um novo messias... Você
estará no novo testamento, é um
privilegiado... Agora descanse meu
filho... E lembre-se de quem você
é! Descanse.

Willian cai no chão.

Stela e Fernando abraçados, com lágrimas nos olhos.

O sangue se aproxima dos pés de Fernando.

Fade out.

FIM

A MANHÃ QUE NÃO ENTARDECEU

LILIAN REGINA SCHMEIL

1 INT. QUARTO - DIA

Leila, 25 anos, estudante de sociologia, acorda no segundo andar de um bar da Lagoa da Conceição. Coça os olhos, colados da ressaca, olha para os lados, franze a testa, não reconhece o lugar. Sob lençóis brancos amassados se vira e vê um jovem nu dormindo, deitado ao seu lado. Olha no entorno e vê muitas latinhas de cerveja jogadas sobre uma escrivaninha, entre livros, papéis, canetas e pequenas esculturas. Chama atenção um cinzeiro abarrotado de pontas de baseados e bitucas de cigarro. Bem ao lado, um prato limpo com uma nota de cinquenta reais enrolada, imitando um canudo. Ela boceja e sai nua da cama. Pega suas roupas do chão e vai até o banheiro.

2 INT. BANHEIRO - DIA

Leila entra, faz xixi, lava as mãos, toma banho, coloca a calcinha, a mini saia e a blusa de lurex da noite anterior.

3 INT. QUARTO - DIA

Pega sua bolsa pendurada na cadeira, suas sandálias, seus livros e sai.

4 INT. ESCADAS - DIA

Desce descalça as escadas observando o piso verde a seus pés, segurando o par de sandálias na mão, a bolsa, e os livros na outra.

5 INT. BAR - DIA

No fim da escada encontra o bar no piso inferior. Na saída, quase tropeça numa garrafa de cachaça jogada no chão. Abre a porta e sai.

6 EXT. RUA - DIA

Sai pela porta do bar e anda em direção ao ponto de ônibus, cantarolando, fazendo caras e bocas.

7 EXT. PONTO DE ONIBUS - DIA

Sentada no banco do ponto de ônibus, coloca sua sandália. Levanta e começa a pedir carona. Numa fração de segundos, um Fiat 147 barulhento surge e para imediatamente na sua frente. A porta se abre e ela entra sem pestanejar.

8 INT. CARRO - DIA

Acomoda-se no banco, coloca o cinto de segurança, sua bolsa e seus livros no colo e, então, olha para o lado e vê o motorista do carro. Ele é um homem visivelmente excêntrico.

Com o canto do olho ela vê um homem de aproximadamente 45 anos, grisalho, magro e pálido, usando óculos quadrados com lentes muito grossas. Usa uma blusa bege, listrada de marrom, calça de tergal preta e uma sandália havaiana rosa choque nos pés muito sujos.

Com o olhar, que fixa, vez por outra, as pernas dela.

MOTORISTA RODOLFO
Olá! Rodolfo, muito prazer!

Ela faz que não escuta e olha para o outro lado.

RODOLFO
Calor, né? Tudo bem aí?

LEILA
Oi. Sim. Tudo bem!

Arruma o cinto de segurança.

RODOLFO
Tudo legal mesmo?

Ele gargalha e com um olhar de desprezo.

LEILA
Tá indo pra onde?

Coça a cabeça.

MOTORISTA RODOLFO
Vou pro saco dos Limões, pela Madre
Benvenuta.

Com os olhos curiosos nos detalhes do interior do carro, ela olha o painel e chama atenção a abertura do porta luvas quebrado, amarrado com uma mecha grossa de uma peruca loura pendurada, além de uma tesoura velha e enferrujada pendurada

no retrovisor. Tensa, acomoda melhor o corpo no banco do carro.

Rodolfo liga o rádio, sintoniza uma estação, olha para ela, mexendo a cabeça como que a convidando para acompanhar a música. Balança os ombros cantarolando desafinado.

Coçando o saco:

RODOLFO
Tás vindo de onde?

Olha para ela de cima a baixo.

LEILA
Da casa de uma amiga.

(Silêncio)

RODOLFO
Ahhh tavas numa festa em algum
barzinho, né? Nem vem!!! Deve ter
sido boa, hem?!

Arregala os olhos para ela.

Ela querendo mostrar superioridade:

LEILA
Imagina! Fomos estudar "O capital"
do Karl Marx para fixar melhor o
conceito de mais valia.

Ela pega o livro, abre numa página com um marcador e resolve ler.

Puto, percebendo que ela não lhe dá muita bola, começa a dirigir em alta velocidade e sobe o morro da Lagoa cantando pneus.

De repente solta a mão do volante, tira uma meleca do nariz, joga pela janela e, em seguida, coloca a mão na perna esquerda dela.

9

INT. BAR - NOITE (IMAGINAÇÃO DE LEILA)

Ele está, na noite anterior, no mesmo bar que Leila, sentado numa mesa mais ao longe dela, mas não consegue tirar os olhos das pernas dela.

10 EXT. RUA EM FRENTE AO BAR - DIA (IMAGINAÇÃO DE LEILA)

Em preto e branco.

No outro dia, ele está em frente ao bar, encostado no carro, e espera que ela saia. Ela sai e ele a segue com os olhos até o ponto do ônibus e percebe que ela pede carona. Entra no carro e dirige rapidamente em sua direção e oferece ajuda. Ela entra no carro sem hesitar.

11 EXT. DUNAS DA JOAQUINA - DIA (IMAGINAÇÃO DE LEILA)

Rodolfo e Leila estão em pé, e ele segura nas mãos aquela peruca loura, antes amarrada no porta luvas, coloca na cabeça, arruma para que fique bem encaixada. Em seguida pega a bolsa dela, abre e vasculha até encontrar um batom e passa nos próprios lábios. Pega-a pelo braço com força, joga-a no chão e a estupra com aquela tesoura velha em seu pescoço.

RODOLFO

Vem cá sua gostosa! Não vai querer fugir de mim bem agora, né?

Sobre o corpo dela ele dança mexendo o quadril, o tórax e os cabelos histericamente.

RODOLFO

Me chama de Matilde! Me chama se Matilde! Ahhhhhhhh.

12 INT. CARRO - DIA (PRESENTE)

Ela treme. Gotas de suor descem de sua face, pelo pescoço e caem sobre a camiseta branca. O coração palpita veloz. Disfarça, ajeita os livros no colo, passa as mãos no cabelo, coça a nuca... Olha para fora, insinua um salto pela janela do carro, mas retrai-se, por causa da velocidade.

Ele olha o livro de Karl Marx em seu colo.

RODOLFO

Comuna filha da puta esse aí. Não tem vergonha de ler essas coisas, não?

Ela mexe a cabeça de forma afirmativa e não diz nada. Ele continua falando, mas ela já não escuta mais. Olha para fora do carro e não vê ninguém na rua. Ela o interrompe, abre o livro e começa a ler em voz baixa:

LEILA

A mais valia representa a disparidade entre o salário pago e o valor produzido pelo trabalho. (...). No sistema capitalista, com o afastamento do trabalhador de seu produto final, ele é incapacitado de medir o valor de seu trabalho, o que, de acordo com Marx, possibilita ao capitalista apropriar-se de parte desse valor...

Ele a belisca na bochecha, a interrompendo, e berra:

RODOLFO

Cala boca ai vadia! O comunismo não deu certo em lugar nenhum, piranha. Que papo mais furado esse, afff!

Visivelmente cansada ela desiste da conversa. Pega um chiclete na bolsa, mastiga e passa a ignorar mais uma vez aquele sujeito

LEILA (V.O)

Coxinha idiota!

Pela janela, de dentro do carro para fora, passam muros, postes, casas, cercas. A velocidade do carro continua alta.

LEILA (V.O)

Preciso me acalmar.

Se ajeita melhor no banco outra vez. Olha para a frente, respira fundo.

LEILA (V.O)

Preciso resgatar minha lucidez!

Respira fundo, estica a coluna, coloca a mão na perna direita dele, faz um ar de descolada e dá uma risadinha maliciosa.

LEILA

Então gatão, meu nome é Leila e faço sociologia na UFSC. Queria muito tomar umas contigo qualquer hora dessas. Topas? Vamos nos conhecer melhor. O que acha? Pô mermão, diz aí!

Silêncio demorado.

Ele fecha a cara. Desliga o rádio. Tira a mão da perna dela. Imediatamente.

Ela demora um pouco e também tira sua mão da perna dele.

Passam por um semáforo, por outro e por outro. Luzes verdes e vermelhas surgem uma atrás da outra na sua frente. Ela tosse, sente sede e pergunta se ele tem água

Ele coça os olhos. Olha para ela sério e não diz nada

Ele diminui a velocidade do carro bruscamente. Seu corpo é jogado para frente depois da freada. Em câmera lenta, ela bate com a cabeça no para-brisa. As gotas de suor voam em todas as direções.

Ele estaciona o carro perto do cemitério do Itacurubi e bate com o punho, de forma violenta, no painel. Pega a tesoura pendurada no retrovisor, segura na mão, brinca com ela por um tempo e depois coloca no bolso da camisa.

Expressando nojo e raiva, ao mesmo tempo que assustado, olha para o decote dela:

RODOLFO

Moça, olha só, preciso que tu saias do meu carro e pegue outra carona. Pode ser? Não posso mais te levar. Se minha mulher me ver contigo vou ter muitos problemas.

LEILA

Tranquilo, cara!

Aliviada, tenta abrir a porta do carro, mas não abre! Tenta, tenta, tenta e não abre! O tempo alonga-se. Passa uma eternidade até conseguir sair.

13

EXT. ACOSTAMENTO - DIA

Sai e respira fundo, aliviada. Antes de caminhar, ajeita a minissaia e nem vê o carro ir embora. Tonta, coloca os fones de ouvido, acende um cigarro e segue caminhando.

Grita e chora olhando para cima:

LEILA

Eu sou foda! Eu sou foda! Eu sou foda!

Sua imagem some no horizonte no brilho do vapor quente do asfalto.

Black out.

Iniciam-se os créditos sobre vídeos em fusão de movimentos feministas marchando por ruas de várias cidades do mundo, em várias épocas, onde mulheres gritam palavras de ordem com suas bandeiras.

Fim.

A(DI)AR

ANNA THERESA SCHIPMANN REBELO

(FADE IN)

BARULHO de fitas adesivas sendo coladas em caixas.

A sala semivazia.

Caixas espalhadas pelo chão.

BRUNA (V.O)

Oi Ana, desculpa, só consegui te retornar agora, o Rafael ficou de buscar as crianças na escola, mas acabou sobrando pra mim...

(em tom irônico)

A saga da Mulher Maravilha, sabe como é?

ANA (V.O)

Na verdade não sei, né? Fugi a vida inteira disso.

(em tom irônico)

Mas tu gostas né Bruna?

BRUNA (V.O)

Ah amiga, me planejei pra isso né?! Mas tem dias que é foda. Sempre romantizei demais a maternidade, e não ia largar mão da Editora... Mas às vezes só queria ir embora pra Pasárgada.

As duas riem.

Porta-retratos vazios.

Algumas sacolas, bolsas e malas, sacos de lixo...

ANA (V.O)

Então Bru, minha saga da ponte aérea acaba essa semana, o apartamento em Barcelona já está pronto e eu começo na Universidade na semana que vem. Tô só terminando de empacotar a mudança pra entregar as chaves, ainda posso contar com a tua casa pra despachar as coisas que não vou levar?

BRUNA (V.O)

Claro né Ana, e não vai rolar nenhuma despedida?

ALICE (V.O)

Mãe, onde está o meu uniforme do treino?

BRUNA (V.O)

No teu armário Alice, deixei tudo organizado desde ontem, não é possível que vou ter que ir até aí achar. Teu pai já avisou que estava chegando, não vai se atrasar...

Quadros empilhados, encostados na parede.

ANA (V.O)

Manda um beijo pra ela, diz que tô mandando aquele quadro que ela adora de presente!

BRUNA (V.O)

Mas agora tá se desfazendo de tudo?

ANA (V.O)

Não vou deixar pro Pedro né, acho que ele nunca mais colocou o pé aqui...

BRUNA (V.O)

Ai Ana, um dia isso ia acontecer... Dez anos esperando pra montar uma família contigo, sabendo que esse sonho não era teu...

Uma hora ele tinha que cair na real, pena que aconteceu do pior jeito...

ANA (V.O)

Mas achei que a gente podia continuar bem sabe? Não imaginei que ele seria tão radical.

Algumas caixas empilhadas no chão, escritas com caneta hidrocor o nome Pedro.

BRUNA (V.O)

Não sei amiga, mas já faz meio ano agora né?

ANA (V.O)

Levou uma mala e simplesmente abandonou o resto, ainda mandou um advogado falar comigo pra resolver o divórcio. Também só continuei aqui porque não estava a fim de fazer duas mudanças ao mesmo tempo.

No mais, tens falado com ele?

BRUNA (V.O)

(sem graça)

Encontrei ele esses tempos no supermercado, com a Aline, ia fingir que não vi mas o Gustavo tava comigo e correu pra abraçar o tio.

Ela tá grávida, tá sabendo né?

ANA (V.O)

(indignada)

PORRA Bruna, assim que tu me soltas uma dessas?

BRUNA (V.O)

Desculpa te falar desse jeito, mas uma hora tu ias acabar sabendo.

ANA (V.O)

(com a voz embargada em tom de ironia)

Nossa, que bom que ele achou uma mãe pros filhos que ele sempre quis né? Certeza que a minha mãe não sabe disso ainda, senão já tinha jogado na minha cara.

Alguns papéis amassados espalhados pelo chão.

BRUNA (V.O)

(com a voz firme e séria)

Amiga, você escolheu não ser mãe, e tá tudo bem, fica com a consciência tranquila em relação a isso.

Quer beber um vinho?

Eu deixo o Gustavo com a babá e passo aí pra te ajudar a empacotar as coisas...

ANA (V.O)

Não Bru, prefiro fazer isso sozinha,
obrigada tá?

Vou continuar aqui, quando tiver tudo
pronto te aviso, tá bem?

BRUNA (V.O)

Claro, tô aqui!

Não fica mal, tu estás realizando teu
sonho, te amo!

ANA (V.O)

Te amo.

No balcão da cozinha Ana está lacrando uma caixa bruscamente,
o rolo da fita adesiva acaba.

ANA

(suspira)

Só o que me faltava!

Coloca a caixa em cima de uma pilha no chão, prende os
cabelos bagunçados num coque, alonga o pescoço, coloca as
mãos na cintura e olha ao redor impaciente.

Vira para o armário e pega um pote com café, uma chaleira
italiana, enche os compartimentos, põe a chaleira no fogo.

Abre uma gaveta e começa a separar alguns talheres de prata
em cima do balcão, ouve-se o tilintar dos talheres.

Enquanto ela separa alguns utensílios na cozinha vemos os
mínimos detalhes da bagunça: um porta-retratos com o vidro
rachado com uma foto de Ana e Pedro em cima do aparador, ao
lado um isqueiro, uma carteira de cigarros, algumas
correspondências.

Embaixo do aparador, uma sacola de lixo com várias fotos,
inteiras, rasgadas, algumas pontas de cigarro, e outras
coisas que se camuflam.

Ana caminha até ali, pega o porta-retratos na mão, passa os
dedos sobre o vidro rachado, joga no lixo, pega um cigarro e
o isqueiro e vai até a janela da sala onde começa a fumar e
observar a movimentação da rua enquanto traga profundamente.
Ela está abatida, o rosto cansado, o olhar vazio, parece que
não dorme bem há alguns dias.

Enquanto fuma na janela, vemos a mesa de jantar, metade

ocupada por uma peça de jogo americano com um prato e alguns farelos, um laptop, um passaporte, algumas pastas e papéis. Na outra metade da mesa, caixas e sacolas de mudança.

Ouvimos o café borbulhar e transbordar, Ana apaga o cigarro na soleira da janela e corre pra desligar a cafeteira.

Ela limpa o fogão com uma esponja e pega duas xícaras de café, serve as duas. Se encara no vidro do armário a sua frente, faz que não com a cabeça e solta uma risada tragicômica. Vira o conteúdo da xícara extra na outra, até completar, bebe o café.

Na geladeira alguns imãs de pontos turísticos, um post-it escrito: "entregar as chaves do apê na quinta", outro post-it que diz: "falar com Roberto, advogado (47)981829283. Um cartão da Célia faxineira, fixado com um imã. Ana abre a geladeira e pega uma garrafa de vinho. Arranca os imãs da porta e joga num saco de lixo no chão. Pega uma taça no armário, um abridor na gaveta e põe-se a abrir a garrafa, com força ela gira o abridor enquanto a rolha vai se despedaçando.

Consegue abrir a garrafa e se serve do vinho tinto, vai até a TV e coloca uma música, aumenta o volume aos poucos até ficar bem alto.

Ana dança de olhos fechados, balança os braços no ar, canta enquanto solta o corpo entusiasmada. Pula no sofá, anda pela sala e vai até a cozinha servir mais vinho. O celular está carregando no canto da sala, no chão, ela vai até ele e checa a tela de bloqueio, 2 chamadas perdidas de "Mãe", várias mensagens no grupo das amigas, cinco mensagens de "Roberto ADV" e uma mensagem do Pedro, abre apenas esta última:

LETTERING: "Ana, o contrato e os documentos estão prontos com o Roberto, só falta você passar lá pra assinar e entregar as chaves do apartamento. Soube que você viaja esta semana, boa sorte. Responde o Roberto, ele disse que entraria em contato."

Ana clica na foto do contato, Pedro e Aline abraçados, bloqueia novamente a tela do celular e o coloca de volta no chão, toma um generoso gole de vinho e sai tateando o restante dos móveis empoeirados na sala.

Para na frente da estante, no chão, duas caixas nomeadas, uma "Ana" outra "Pedro", dentro se misturam livros, papéis, fotos, pequenos objetos. Ela começa a folhear alguns álbuns e separar fotos pelas duas caixas.

Em um álbum visualiza uma sequência de fotos onde está deslumbrante, brindando com algumas amigas. É sua festa de aniversário, 37 anos. Em outra foto vemos Pedro, segurando o bolo de aniversário e sorrindo para Ana, que sorri de volta.

Mais fotos da família e dos amigos, Ana e Pedro, Bruna, Rafael, Gustavo e Alice. Em uma das fotos, Ana como que discursando para todos, a notícia que ninguém esperava. Lágrimas caem sobre as páginas do álbum, ela seca com o dorso da mão.

Na página ao lado das últimas fotos, uma carta de aceite no Programa de Doutorado em Urbanismo na Universidade de Barcelona - Espanha. Ana acaricia o papel, fecha o álbum e o coloca na caixa com o seu nome.

Escolhe um livro dos poucos que sobraram na estante - "A Descoberta do Mundo, Clarice Lispector", senta no sofá, encolhida no canto, folheia o livro, cheira as páginas. Procura algo na gaveta do móvel ao lado do sofá, uma carteira de cigarros, mas está vazia.

Levanta e abre outra garrafa de vinho que carrega consigo até o sofá, enche a taça e coloca a garrafa no chão. Bebe com sede. Abre o livro novamente e recosta no sofá.

2 EXT. PRAIA - MANHÃ (IMAGINAÇÃO DE ANA)

A praia está vazia, o céu denso e a neblina baixa, o dia está amanhecendo. Ouve-se o barulho do quebrar das ondas. Vemos dois pés caminhando na areia branca e parando estáticos na beira rasa do mar, onde chega o vai e vem dos resquícios de ondas maiores.

ANA (V.O)
(lendo trecho do livro)

...

"Aí está ele, o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como o ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar."

3 INT. SALA - NOITE

Vemos o vinho dentro da taça no movimento de um gole enquanto ouvimos os goles.

Ana levanta do sofá, alinha algumas caixas no chão, enche um copo de água e apaga as luzes da cozinha. Caminha em direção ao quarto.

4 INT. QUARTO/SALA - NOITE

Ao acender a luz do cômodo vê a cama bagunçada com uma mala aberta em cima, cheia de roupas suas empilhadas, algumas ainda no cabide, numa poltrona algumas roupas e coisas de Pedro, uma mochila, um par de tênis, chinelos. Ana observa com tristeza, nem sequer entra no quarto, apaga a luz e volta para a sala.

Deita no sofá e se enrola em uma manta que estava por ali mesmo, puxa uma almofada e se acomoda encolhida. Bebe em silêncio até adormecer.

5 EXT. PRAIA - MANHÃ (SONHO)

Vemos dois pés caminhando na areia branca e parando estáticos na beira rasa do mar, onde chega o vai e vem dos resquícios de ondas maiores.

O plano abre, vemos uma mulher de costas: não é possível saber se é Ana ou outra mulher.

Ela avança até a água chegar aos joelhos enquanto as ondas quebram contra seu corpo.

ANA (V.O)

(lendo trecho do livro)

"A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. Com a praia vazia nessa hora da manhã, ela não tem o exemplo de outros humanos que transformam a entrada no mar em um simples jogo leviano de viver. Ela está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isto é uma realização. Nessa hora ela se conhece menos ainda do que conhece o mar. Sua coragem é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir. É fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem."

A mulher caminha para dentro da água e mergulha. Mergulha repetidas vezes. Caminha dentro do mar e depois em direção à praia torcendo os cabelos.

6 INT. SALA/COZINHA - MANHÃ

Olhos de Ana abrindo tomados pela luz do sol.

Ana acorda num susto, como quem acorda de um sono profundo. Sentada, se espreguiça no sofá e com cara de dor alonga o pescoço, levanta quase que num tropeço derrubando a garrafa de vinho no tapete.

O vinho escorre, ela ignora.

Vai até a cozinha e bebe muita água.

Olha o celular, diversas mensagens na tela, 11h00.

7 INT. BANHEIRO - MANHÃ

Ana lava o rosto e escova os dentes, evitando se olhar no espelho.

Em um cesto no chão, pega um shorts e veste, calça um chinelo que está por ali.

8 INT. SALA/COZINHA- MANHÃ

Ana pega uma sacola de pano em cima do balcão, enche uma garrafa de água, coloca a manta e o livro na sacola.

Pega o isqueiro e a carteira de cigarros. Vê que está vazia, amassa e joga no saco de lixo no chão.

Na carteira em cima da mesa pega umas notas de dinheiro, olha fixamente para as notas... Deixa ali mesmo, junto do isqueiro.

Coloca um óculos de sol e sai do apartamento.

9 EXT. CALÇADA/RUA ATÉ A PRAIA - MANHÃ

Caminha rápido, ouvimos os chinelos arrastados no chão, na vizinhança alguns cachorros latem. Passa em frente a uma floricultura, tira os óculos de sol e aprecia as plantas.

Vemos detalhadamente algumas flores:

cores,

formas,

Ana toca com carinho uma das flores,

cheira,

sorri.

Segue seu caminho até a praia.

Cruza com um casal jovem de bicicleta, um homem fumando em frente à Conveniência, observa as pessoas na varanda de uma padaria.

10 EXT. VARANDA DA PADARIA - MANHÃ (PASSADO)

Ana está sentada fumando um cigarro enquanto desenha à lápis em um *sketchbook*, a mesa, farta,

tapas,

pães,

azeitonas,

queijos,

um homem senta ao seu lado e coloca uma taça de vinho na sua frente: é Pedro.

PEDRO (V.O)

Dez anos juntos, um bom apartamento,
amigos queridos, profissões que a
gente ama, o que acha de darmos
sequência na nossa família?

Ela o olha com um meio sorriso delicado e passa a mão sobre a sua.

No *sketchbook* vemos o desenho de Ana: a Catedral da Sagrada Família (Barcelona).

11 EXT. CALÇADA/RUA ATÉ A PRAIA - MANHÃ (PRESENTE)

Esfrega os olhos e séria, dá um suspiro.

Segue caminhando até a praia.

12 EXT. PRAIA - MANHÃ

Já com os pés descalços na areia, caminha lentamente procurando por um espaço para sentar.

Vê algumas famílias com várias crianças espalhadas,

brinquedos,
guarda-sol,
piscina plástica,
pranchas,
bate bola,
gritaria.

Caminha para o lado oposto:

um grupo de amigos,
caixa de som
frescobol,
cerveja,

avista um espaço vazio mais adiante, no canto da praia.
Estende a manta na areia, deita e fecha os olhos. Respira fundo.

Ouvimos o barulho do mar.

Ana toca a areia com a ponta dos dedos, enche a mão e solta lentamente o conteúdo, vemos a areia cair como numa ampola.

Com a outra mão acaricia a própria pele, pernas, cintura, barriga, vemos seus dedos acariciando os poucos pelos em volta do abdômen.

13 EXT. PRAIA - MANHÃ (PASSADO)

A praia vazia, apenas um guarda sol com um pequeno grupo de pessoas, mulheres.

Uma adolescente masca chicletes enquanto pega sol deitada em uma esteira, preenche um teste de revista e ouve música em um *discman*.

Uma mulher sentada em uma espreguiçadeira lê um livro, ao seu lado vemos as costas de outra mulher, mais velha, uma senhora fazendo crochê.

Mais a frente do grupo, na beira do mar, uma menina brinca sozinha com balde e pá, construindo um grande castelo de areia.

A senhora se levanta e caminha até a criança, fica quieta observando a pequena menina, que está concentrada.

Lá vem uma onda.

A menina recolhe seus utensílios e aguarda de pé a destruição de sua obra de arte.

A senhora coloca a mão em seu ombro.

Vemos a água do mar desfazendo o castelo e molhando os pés das duas.

SENHORA (70 ANOS) (V.O)
(declamando)

Eu me lembro! eu me lembro!

Era pequena

E brincava na praia; o mar bramia

E, erguendo o dorso altivo, sacudia

A branca espuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe nesse momento:

“Que dura orquestra! Que furor insano!

Que pode haver maior do que o oceano,

Ou que seja mais forte do que o vento?!”

Minha mãe a sorrir olhou pros céus

E respondeu:

“Um Ser que nós não vemos,

é maior do que o mar que nós tememos,

mais forte que o tufão!

Minha filha, é Deus!”

A criança estende o olhar para a senhora e sorri,

as duas se viram de costas para o mar,

e caminham em direção ao guarda sol.

A mulher na espreguiçadeira coloca o livro de lado e estende os braços para a criança, que corre em sua direção,

as duas se abraçam,

vemos que a mulher está grávida, se recosta,

alisa a barriga com ternura.

Seus dedos acariciando a barriga.

Ao seu lado vemos a capa do livro "A Descoberta do Mundo - Clarice Lispector".

14 EXT. PRAIA - MANHÃ (PRESENTE)

Os dedos de Ana acariciam sua barriga.

BRUNA (V.O)

(eco)

Ela tá grávida, tá sabendo né?

SENHORA (70 ANOS) V.O

(declamando)

"Um Ser que nós não vemos,

é maior do que o mar que nós tememos,

mais forte que o tufão!

Minha filha, é Deus!"

Levanta e caminha até a beira do mar.

Vemos seus pés e o vai e vem das ondas, a imagem se assemelha a do sonho.

Enquanto caminha na beira do mar, repete para si

"um ser que nós não vemos, é maior do que o mar que nós tememos"

Ao longe vê uma criança brincando próxima as pedras.

A criança está iluminada pelo sol,

radiante,

pula na água,

sorri,

mergulha,

sobe numa pequena pedra e numa piscina formada pelas rochas,
parece que encontra algo precioso.

Ana se aproxima aos poucos,

a criança ri,

joga água pra cima,

cuida do seu tesouro.

Quando está perto o suficiente para ver o que tanto distrai a
menina ouvimos uma voz.

MULHER

(mulher grita chamando a criança)

Anaaaa!

As duas se viram em direção à voz.

A criança sai correndo.

Um baiacu inflado e morto boia próximo aos pés de Ana.

Blecaute.

Fim.

ALGUNS PORÕES

GUSTAVO ZINDER

1 INT. ESCADAS - NOITE

Pedro, 32, sobe dois lances de escada do prédio onde mora. As caixas de luz, o corrimão de madeira e o corredor estreito, demonstram ser de um prédio antigo.

2 INT. CORREDOR - NOITE

Em frente a porta de seu apartamento, coloca a chave na fechadura e tenta por duas vezes, até que consegue abrir.

3 INT. SALA - NOITE

O apartamento é simples, porém organizado e estiloso. Luz baixa e móveis rústicos, a decoração possui quadros de filmes e bandas de rock. Pedro larga as chaves e a mochila em cima da mesa e segue em direção ao sofá, enquanto tira o tênis durante o caminho.

Deita no sofá, coloca os pés pra cima e desabotoa a calça. As marcas de suor na camiseta e a pele oleosa, indicam um dia exaustivo. Suspira como se conseguisse finalmente relaxar por um instante.

Pega o celular do bolso, abre o WhatsApp, ignora todas as notificações e larga em cima da mesa.

O olhar fixo no teto enquanto balança o pé, demonstra sua inquietação.

PEDRO (IRRITADO)

Porra, que fome!

4 INT. COZINHA - NOITE

Abre a porta da geladeira, mas não encontra nada. Apenas alguns restos já praticamente estragados, ovos e uma jarra de água. Resmungo baixo.

5 INT. SALA - NOITE

De volta à mesma posição no sofá, pega novamente o celular e abre um aplicativo de entrega em busca de algo para comer. Fica por alguns segundos zapeando entre as opções até que escolhe uma pizza combo gigante com refrigerante.

6 INT. BANHEIRO - NOITE

As roupas no chão e o barulho de água indicam que Pedro está tomando banho.

7 INT. COZINHA - NOITE

Com o cabelo arrumado, mas ainda molhado e roupas limpas, Pedro come vorazmente sua pizza gigante diretamente da caixa, sem sequer utilizar pratos ou talheres. A pizza já está na metade. Com as mãos sujas de gordura da pizza e a barba suja de comida, ele para por um momento, se espreguiça na cadeira como se estivesse finalmente satisfeito e bufa o gás acumulado pelo refrigerante.

8 INT. SALA - NOITE

Desta vez sentado no sofá, Pedro liga a TV e escolhe um show de rock psicodélico para assistir no YouTube em alto e bom som. Puxa um maço de cigarros da mesa de centro e se levanta para pegar uma dose de whisky na estante, onde possui algumas garrafas de bebida.

Ao sentar novamente, Pedro encosta no sofá e relaxa. Dá um gole, uma tragada e olha novamente para o teto. Mas desta vez o olhar é de satisfação, por estar sozinho naquele momento em sua própria companhia. Fecha o olho e apaga.

9 INT. SALA - NOITE (PASSADO)

Tocando violão na sala com um cinzeiro cheio de bitucas.

10 INT. BANHEIRO - DIA (PASSADO)

Sentado na privada curtindo fotos de mulheres no Instagram.

11 INT. COZINHA - NOITE (PASSADO)

Fazendo ovo mexido numa frigideira velha.

12 INT. SALA - NOITE (PASSADO)

Assistindo um filme no sofá com uma mulher de conchinha.

13 INT. SALA - NOITE (PASSADO)

Trabalhando no computador tarde da noite enquanto bebe vinho.

14 INT. SALA - DIA (PASSADO)

Bebendo cerveja e conversando com dois amigos de forma animada.

15 INT. QUARTO - DIA (PASSADO)

Acordando de ressaca na cama com outra mulher.

16 INT. SALA - NOITE (PASSADO)

Jogando vídeo game no escuro.

17 INT. BANHEIRO - DIA (PRESENTE)

Pedro escova os dentes se olhando no espelho. O cabelo bagunçado e a cara amassada indicam que a noite foi longa.

18 INT. COZINHA - DIA

Tira a caixa com o resto de pizza da geladeira e coloca numa sanduicheira para esquentar.

19 INT. SALA - DIA

Come a pizza junto com um copo de refrigerante enquanto mexe no celular, respondendo mensagens de forma agitada, como se estivesse atrasado.

20 INT. BANHEIRO - DIA

Roupas no chão e barulho de água. Pedro está no banho.

De banho tomado e arrumado, passa a mão no espelho para desembaçar, borrifa um perfume de cada lado do pescoço e sorri ao ver sua imagem refletida.

21 EXT. CASA AMIGO PEDRO - DIA

Na área externa de uma casa acontece uma festa. Música alta, pessoas sorridentes e descontraídas. Grupos na faixa dos 20 e 40 anos, alguns arrumados de forma mais social, outros mais descolados. O ambiente indica ser um espaço eclético.

Cenas curtas de Pedro interagindo com diferentes grupos, incluindo os mais novos, mais velhos, homens, mulheres. Apesar de fechado, é bem relacionado e tem grupos de amigos diferentes. Até que Bruno o chama de canto para conversar.

BRUNO (AMIGO DE PEDRO)
E aí Pedro, aprontou o que ontem?

PEDRO
Cara, fiquei de boa em casa mesmo,
tava podre.

BRUNO
Pô, te mandei mensagem, a gente foi
naquela balada nova no centro, tava a
turma toda. Até o Caio apareceu.

PEDRO
Nossa, faz tempo que não vejo o Caio.

BRUNO
Pois é, tens que sair mais com a
gente. Tava massa ontem, tinha várias
gatas, tu ia gostar.

PEDRO
É que eu já conheço essa história. O
cara gasta uma grana e acorda azedo no
outro dia. Ando sem saco pra isso. De
vez em quando é bom pra dar uma
despirocada, eu sei, mas prefiro uma
festinha assim com os amigos.

BRUNO
Ah, para! Vais ficar nessa baitolagem
agora. Tens que sair cara, pegar
mulher...

PEDRO (DEBOCHADO)
Prefiro chamar pra sair, comer alguma
coisa, ver um filme, gosto do
romance...

BRUNO (IRÔNICO)
Sei.

A festa segue rolando, pessoas conversando descontraídas,
enchendo os copos, dançando. Até que Pedro se aproxima de
Dani, uma amiga de longa data. Dá um abraço apertado e diz:

PEDRO
Oi Dani, quanto tempo!

DANI

Oi amigo! Saudade! Cadê a Bru?

PEDRO

A gente não tá mais junto...

DANI

Mas por que? Ai, eu adorava ela.

PEDRO (RINDO)

Pois é, eu também. A gente se dava super bem, mas a convivência é foda né, a gente pensa muito diferente.

DANI

Sempre assim, já cansei de conhecer teus rolinhos. Quando começo a me apegar com uma, tu me aparece com outra. Não vai namorar, não? Casar? Já não tens mais idade pra isso.

PEDRO (IRÔNICO)

Vontade eu tenho. De casar e ter filho. Difícil é encontrar alguém que valha a pena. Parece que ninguém quer nada com nada.

DANI

Tá, mas tens que dar tempo ao tempo né? Respeitar mais as diferenças, sempre tem alguma coisa que não bate...

PEDRO (RINDO)

É, talvez tu tenha razão. Uma hora vai.

Cenas da festa, pessoas interagindo e bebendo.

Passado algum tempo de festa, Pedro demonstra já não estar mais interessado naquele ambiente. O sorriso amarelo e a cara de entediado, denunciam seu desconforto. Sentado em uma cadeira já mais isolado do restante da festa, pega o celular com frequência, apenas sorri e concorda sem dar muita margem para que as conversas tenham continuidade.

Levanta para ir embora e se despede dos amigos com um forte abraço.

22 INT. CARRO - NOITE

De cara amarrada enquanto busca uma estação na rádio, Pedro pensa alto sobre as conversas que teve.

PEDRO (VOICE OVER)

Porra, o Bruno sempre com essa história de mulher, balada, tá maluco! Papo chato. Agora eu sei porque fico tanto tempo sem encontrar o pessoal. Acho que preciso conhecer gente nova.

23 INT. SALA - NOITE

Ao chegar em casa, Pedro larga as chaves e a mochila em cima da mesa e segue em direção ao sofá, enquanto tira o tênis durante o caminho.

Deita no sofá, coloca os pés pra cima e desabotoa a calça. Suspira como se conseguisse finalmente relaxar por um instante.

Pega o celular do bolso, abre o WhatsApp, ignora todas as notificações, mas uma delas chama sua atenção. Uma mensagem de texto de um número desconhecido.

ANA (LETTERING)

Oi sumido!

Pedro clica no número para visualizar a foto e reconhece Ana, um antigo caso seu.

PEDRO (SURPRESO)

Caralho, a Aninha!

PEDRO (LETTERING)

Olha quem aparece kkk Oi Ana, quanto tempo!

ANA (LETTERING)

Né? hahaha. Vai rolar um som massa hoje no Coronel Mostarda, lembrei de ti, vamos?

PEDRO (LETTERING)

Assim do nada?

ANA (LETTERING)

Ué, precisa de motivo melhor pra me ver? kkk

PEDRO (LETTERING)

Sabes que isso não vai prestar haha

ANA (LETTERING)

A gente já é bem grandinho agora. Eu sei o que eu tô fazendo.

Pedro começa a digitar e desiste. Fica imóvel por alguns segundos até que responde.

PEDRO (LETTERING)

Se tu diz, bora então

ANA (LETTERING)

Fechou, 22h tô passando aí.

Pedro larga o celular em cima da mesa, olha para o teto e fecha os olhos como se buscasse os momentos juntos vividos no passado.

24 INT. BAR CORONEL MOSTARDA - NOITE

Sentados em uma mesa os dois bebem e conversam como se nunca tivessem se afastado. Assunto não falta, o papo é entusiasmado e regado a muito cerveja. A medida que os copos vazios são preenchidos, o bar vai esvaziando e restam apenas os dois, ainda animados colocando a conversa em dia.

25 INT. QUARTO - DIA

Deitados na cama, Pedro acorda e olha Ana ao seu lado ainda dormindo. Seu olhar é de apreensão, sem saber se fez a escolha certa. Olha para o teto e fecha os olhos novamente.

26 INT. COZINHA - NOITE

Os dois cozinham empolgados ao som de música alta.

27 INT. SALA - NOITE

Assistem a um filme juntos enquanto se pegam no sofá.

28 INT. SALA - DIA

Fazem exercícios juntos.

29 INT. SALA - NOITE

Bebem vinho enquanto jantam pizza e conversam animados.

30 INT. SALA - NOITE

Tem um papo cabeça no sofá da sala.

31 INT. SALA - NOITE

Recebem amigos enquanto bebem cerveja, tocam violão e cantam animados.

32 INT. COZINHA - DIA

Discutem irritados enquanto Pedro lava a louça e Ana faz café.

33 INT. SALA - NOITE

Assistem TV emburrados sentados em cada ponta do sofá.

34 INT. QUARTO - DIA

Com o sol já raiando, estão deitados na cama. Cada um virado para um lado.

35 INT. SALA - NOITE

Ao chegar em casa, Pedro larga as chaves e a mochila em cima da mesa e segue em direção ao sofá, enquanto tira o tênis durante o caminho.

Deita no sofá, coloca os pés pra cima e desabotoa a calça. Suspira como se conseguisse finalmente relaxar por um instante.

Ana aparece na sequência, recolhendo o tênis e guardando a mochila no armário. Olha para Pedro e pergunta:

ANA

O que foi?

PEDRO

Que foi o que?

ANA

Vai ficar assim até quando? Não quer conversar?

PEDRO

Tá tudo certo...

ANA

Tu não responde direito, me deixa falando sozinha, não interage. Parece que tu se tranca num porão e não me deixa entrar. É toda hora isso, a gente nunca consegue ficar bem. Tô de saco cheio dessa merda. Acho que tu nasceu pra ficar sozinho mesmo.

Ana deixa o apartamento batendo a porta com força, enquanto Pedro deitado no sofá, na posição de costume, pega o celular, ignora as notificações e pede uma pizza combo gigante.

Fade out.

Fim.

ARRITMIA

LUIZ CLÁUDIO CERQUEIRA

1 EXT. HOSPITAL - NOITE

Muitas pessoas chegando, a pé e de carro. Movimento intenso de carros e ambulâncias. Buzinas, agitação. Um automóvel caro que chega em velocidade excessiva quase atropela um grupo que vem a pé. Mulher pedestre (30), que ampara uma senhora de idade (70), xinga o motorista.

MULHER

Porra, tá maluco? Vamos respeitar!

O carro estaciona no Pronto Socorro. Homem (52) sai do carro e retira jovem (25). Homem ampara o jovem. Mulher (45) entra com pressa no Pronto Socorro e volta com funcionário e maca.

2 INT. EMERGÊNCIA DO HOSPITAL - NOITE

Paciente jovem entra de maca na Emergência. Emergência lotada. Pacientes se amontoam nos corredores. Agitação de médicos e enfermeiros. Enfermeira (30) se aproxima da maca. Paciente masculino, jovem, bastante debilitado. Ele tosse muito e apresenta dificuldade para respirar. Enfermeira avalia o paciente, demonstra preocupação e chama o médico.

ENFERMEIRA

Doutor!

Médico (45) se aproxima do paciente, examina, mede a temperatura, verifica o batimento cardíaco, faz a ausculta pulmonar. Demonstra a mesma preocupação da enfermeira e orienta.

MÉDICO

Temos que deslocar o rapaz para a
UTI Covid.
Necessita de intubação imediata.

Enfermeira sai conduzindo a maca.

3 INT. SALA RESERVADA DA EMERGÊNCIA - NOITE

Médico vai até um terminal de computador. Acessa o algoritmo por comando de voz.

MÉDICO

Boa noite, Deus.

ALGORITMO (VOZ CIBERNÉTICA)

Boa noite, doutor.

MÉDICO

Paciente jovem, 25 anos, febre alta, síndrome respiratória aguda. Quadro grave de Covid. Necessita intubação imediata.

ALGORITMO

Obrigado, doutor.

O médico suspira.

ALGORITMO

Conectando UTI Covid. Demanda urgente na Emergência. Paciente jovem, 25 anos, febre alta, síndrome respiratória aguda. Quadro grave de Covid. Necessita intubação imediata.

4 INT. SALA - NOITE (PASSADO)

Festa. Sala de apartamento de luxo, lotado. Música alta, pessoas circulando pelo ambiente ou conversando em grupos, todos muito próximos. Jovem que será internado em breve está na festa. Bem alegre e descontraído, ele bebe, abraça amigos, conversa com muita gente.

5 INT. QUARTO - NOITE (PASSADO)

Quarto do apartamento de luxo. O jovem está numa cama, dando um amasso numa garota. É possível ouvir a música e o agito que vem da sala.

6 INT. UTI COVID - NOITE

UTI lotada. Agitação de médicos e enfermeiros. Destaque na sonoridade do ambiente, sons superpostos e descompassados dos aparelhos de monitoração dos pacientes.

A enfermeira Neuza (35) está no computador, atendendo à demanda urgente de Deus. Em mensagem de voz, ela atualiza dados de Mirtes (82), paciente do Leito 2.

NEUZA

Boa noite, Deus.

ALGORITMO

Boa noite, Neuza.

NEUZA

Paciente com piora progressiva.
Não consegue reagir ao tratamento.

Vemos Mirtes no Leito 2, intubada e sedada.

ALGORITMO

Paciente na Emergência com mais
chances que paciente do Leito 2.
Desligar Leito 2.

Imagens e sons dos aparelhos dos aparelhos de monitoração do Leito 2 caracterizam a morte de Mirtes. Abatida, Neuza se levanta e vai até o Leito 2. Verifica as condições e confirma o óbito da paciente. Vai até a supervisão do turno.

NEUZA

Óbito no Leito 2, doutor Osmar.
Paciente desligada.
Outro paciente está vindo da
Emergência para ocupar o leito.
Necessita intubação imediata.

Sério, semblante carregado, doutor Osmar (50) nada diz.
Apenas faz um gesto de assentimento, baixando a cabeça.

7

INT. UTI COVID - NOITE (PASSADO)

Mirtes chega ao Leito 2 da UTI. Frágil, porém lúcida. Neuza está num dia ruim, muito afetada pelo caos reinante. Agitada, respiração, sófrega, suspirando a todo momento. Mirtes percebe.

MIRTES

Tá difícil hoje, querida.

NEUZA

(Vira-se para Mirtes)
Nem me fale.

MIRTES

Fique em paz, minha filha. Parece
que é o fim do mundo, mas não é
não. Sempre há um novo começo.

Neuza responde com um sorriso comovido.

8 INT. CORREDOR NA SAÍDA DA UTI COVID - NOITE

Neuza sai da UTI e caminha um pouco, calada e cabisbaixa. Ao passar por uma sala vazia ela vê Joel (28), sentado numa mesa, fazendo um rápido lanche. Joel mostra um sanduíche e um copo, dá um sorriso e faz um sinal para ela se aproximar.

9 INT. SALA VAZIA - NOITE

Neuza entra e vai até a mesa de Joel. Senta-se ao lado dele.

Joel oferece um sanduíche, ela recusa com um sorriso. Pega um copo de suco.

JOEL

E aí, Neuza? Segurando as pontas?

NEUZA

Ah, Joel, nem sei dizer. Porra, tá difícil pra caralho! Que Deus o que! Que Deus é esse?

JOEL

Eu entendo, minha amiga.
Muita gente chegando, muita gente morrendo.
Só de ontem pra hoje foram quase trinta.
Pra quem trabalha como nós, pra salvar, é pesado demais.
Mas olha, você não tá sozinha não.
Conta com a gente. Conta comigo.
Se precisar de um ombro pra chorar, tem este aqui (ele bate no ombro esquerdo, sorrindo).

10 INT. SALA VAZIA - NOITE (IMAGINAÇÃO DE NEUZA)

Delicadamente, Neuza tira o sanduíche da mão de Joel e o coloca em cima da mesa. Ela segura o rosto de Joel com as duas mãos e lhe dá um beijo ardente. Joel corresponde. Eles se livram dos EPI, deitam na mesa e fazem sexo com a intensidade do desejo e do stress reprimidos, como alguém que já estava morto e volta à vida, após reanimação. Gozam juntos.

11 INT. SALA VAZIA - NOITE

Neuza levanta um tanto bruscamente da mesa.

NEUZA

Tá na hora de voltar. Até passou
(suspira).

Jouber (25) entra na sala meio de repente, no seu jeito folgado de sempre.

JOUBER

E aí, galera, vocês tão gostando da
salvação de Deus?

NEUZA

(com azedume)

A salvação somos nós, Jouber.
Quero ver quem salva a gente.

JOUBER

Pois é, minha preta, aí é que tá o
negócio.

Você não ouviu a explicação do dr.
Osmar?

A gente atualiza continuamente as
condições dos pacientes.

Não precisa pensar muito, está tudo
parametrizado.

O algoritmo avalia e diz: Mais
chances pra Fulano, menos chances
pra Beltrano. Então não foi Neuza
quem desligou o paciente, não foi o
médico da Emergência quem decidiu
internar A e não B. Foi Deus!
Olha só que sacada! Genial!

NEUZA

E aí? Então, tá tudo certo? Ficou
tudo bem?

Ah, Jouber, me poupe! No começo
você repetia que era só uma
gripezinha do vírus chinês, quantas
vezes tive que ouvir essa merda.

Joel olha duro pra Jouber, como quem diz "Pô, cara, se
toca!". Jouber cala a boca. Os três voltam para a UTI, num
silêncio constrangido.

12 INT. UTI COVID - NOITE

Neuza, Joel e Joubert chegam à UTI. Neuza senta no computador. Ela observa o ambiente da UTI, que permanece lotada, com grande agitação de médicos e enfermeiros. Joel chega e senta ao seu lado, bem próximo. Ela sorri para ele.

JOEL

Esse Joubert é um tremendo babaca.

NEUZA

Babaca e escroto. Eu tô só de olho nele.

(Pausa breve)

Cara, eu tô aqui só pensando com os meus botões.

Joel, em silêncio, faz um gesto de acolhimento para Neuza, lembrando a ela que o ombro amigo está à disposição. Ele cruza o braço direito à frente do peito, dá umas batidas no ombro esquerdo e deixa a mão pousada no ombro. Abaixa a face esquerda e levanta um pouco o ombro esquerdo, até encontrar a mão. Depois aponta para ela, com um sorriso enigmático encantador.

A maca com o paciente jovem que vai ocupar o Leito 2 acaba de chegar à UTI e passa por eles.

JOEL

Vou pegar o kit intubação pro paciente do Leito 2.

Neuza sorri pra ele, em silêncio.

Dr. Osmar, o Supervisor, se aproxima. Fica em pé, perto de Neuza.

Não demora muito e Joel vem ao encontro do Supervisor, nervoso.

JOEL

Dr. Osmar, é verdade que não tem mais relaxante muscular?

Doutor Osmar não responde, mas sua expressão tensa confirma o temor de Joel.

JOEL

E agora, doutor, como é que faz? O paciente precisa ser intubado agora!

Neuza vê e compartilha a tensão e angústia. Não há som e ela vê o Leito 2 com o novo paciente, recém chegado e já em risco de vida. A discussão de Joel com o doutor Osmar. Surgem sons dos aparelhos de monitoração e

sons de guerra, tiros e bombas, que se superpõem, enquanto ela olha a UTI lotada. Ambiente tenso, grande agitação de médicos e enfermeiros.

Algum tempo depois:

Neuza sentada, em frente ao computador.

NEUZA (V.O)
Como puderam deixar as coisas
chegarem a este ponto!

Joel, Joubert e o doutor Osmar e dois enfermeiros estão no Leito 2. O paciente piora e começa a ser intubado sem relaxante muscular. Sons dos aparelhos de monitoração e sons de guerra, tiros e bombas, se superpõem.

Algum tempo depois:

Neuza sentada, em frente ao computador.

NEUZA (V.O)
E agora, Deus?

Algum tempo depois:

Neuza sentada, em frente ao computador, sorrindo amargamente.

NEUZA (V.O)
O inimigo é o rancor que floresce
no obscuro do coração da gente.
O que tiver que ser, é de Deus.
Estamos todos nas mãos de Deus.

O sorriso enigmático, amargo, tragicômico, se desenha no rosto de Neuza e nele fica. Sons dos aparelhos de monitoração e sons de guerra se superpõem.

Black out.

Créditos.

Fim.

ASAS QUEBRADAS

NATÁLIA TRENTINI

1 INT. CORREDOR DA CASA GEMINADA - DIA

A porta da frente está fechada e a luz do sol entra pela fresta de baixo.

2 INT. COZINHA DA CASA GEMINADA - DIA

A pia está com louça para lavar, o escorredor de louça cheio e algumas caixas de delivery então empilhadas no balcão.

3 INT. SALA DA CASA GEMINADA - DIA

Em um canto, um home-office improvisado, Marcela (26) está com fones de ouvido em um volume alto, escutando uma música zen enquanto mexe em planilhas de Excel.

Ela se levanta, olha na direção do quintal e sai correndo.

4 EXT. QUINTAL DA CASA GEMINADA - DIA

Marcela segura sua cachorrinha, uma poodle, que late e tenta se desvencilhar.

MARCELA

Que merda, Lilica!

5 INT. LAVANDERIA DA CASA GEMINADA - DIA

Marcela abre a porta da lavanderia, com a cachorra no colo, e a solta no chão. E, brava, aponta o dedo para a poodle, como uma repreensão.

6 EXT. GRAMADO DA CASA GEMINADA - DIA

Um pássaro, imóvel, no gramado, com um punhado de penas ao lado.

Marcela está parada diante do passarinho, olhando de longe.

O passarinho se move e começa a saltitar de um lado pra outro. Ele estende uma das asas e a outra não consegue abrir totalmente. Repete a ação algumas vezes até parar aos pés de Marcela.

Ela se agacha e observa o animal.

Do varal que está ao alcance da mão, puxa uma toalha e lentamente joga no bicho.

Tenta pegar o pássaro com uma mão. Volta atrás. Abre as mãos ao redor do embrulho e suavemente encosta no passarinho.

Olha ao redor e vê uma caixa de papelão vazia perto da lixeira, onde coloca o passarinho e puxa a toalha.

Fica de joelhos ao lado. Marcela vai estendendo o dedo lentamente até encostar na cabeça do passarinho, acariciando a cabeça. Fica ali, observando.

MARCELA

O que eu vou fazer com você agora?
Devia ter deixado ela te engolir de vez...

7 INT. CAIXA DE PAPELÃO - DIA

O pássaro está em uma caixa de papelão, aberta, e saltita de um lado para o outro e começa a piar.

8 EXT. QUINTAL DA CASA GEMINADA - DIA

Marcela olha para a caixa, que está em suas mãos.

MARCELA

Nem vem, é a ordem natural das coisas.
Lei da selva, sei lá. Agora eu te salvei e não sei o que se faz com um passarinho de asa quebrada.

9 INT. CAIXA DE PAPELÃO - DIA

O passarinho está acuado em um dos cantos da caixinha.

10 EXT. QUINTAL DA CASA GEMINADA - DIA

Marcela está agachada ao lado da caixinha, em um dos cantos do quintal, entre muros alto de tom acinzentado. Ela olha para cima

O dia está nublado. Se vê uma pequena fresta do céu entre os prédios.

11 EXT. QUINTAL DE CASA GEMINADA - DIA

O alarme do celular de Marcela toca no bolso do casaco. Ela ainda está agachada ao lado da caixa e pega depois de alguns toques.

A tela do celular mostra: "8 horas - Hora do Remédio".

MARCELA

Já volto, não sai daí.

Se levanta e caminha em direção a porta.

12 INT. BANHEIRO DA CASA GEMINADA - DIA

Marcela entra, pega vitaminas e uma caixa de medicamentos do armário. Pega um aparelho para teste de glicemia e coloca em cima da pia.

O celular toca, sinalizando uma mensagem de áudio. Ela coloca para tocar.

MÃE (V.O)

Filha, já tomou seus remédios hoje?
Você está tomando na hora certa, né?
Sabe que precisa ser na hora certa...

Marcela revira os olhos enquanto fura a pontinha do dedo e coloca uma gota de sangue no aparelho.

MÃE (V.O)

...Sabe, o sobrinho da Cema, quase da tua idade, está intubado faz duas semanas. Os médicos nem falam mais nada. Ele teve bronquite quando era bebê, depois se recuperou. Não dá pra entender mesmo essa coisa. Você deve lembrar dele da escola talvez...

Marcela franze a testa e balança a cabeça. Alcança um frasco de vitaminas, coloca duas na palma da mão e toma com água da torneira.

MÃE (V.O)

...Eduardo o nome dele. Mas é, filha, tem que se cuidar. Ainda está pedindo entregas do mercado? Nem pense em sair porque vi na TV que a situação está feia por aí. Aqui até o Mercado do Dirceu entrega pelo Whats agora. Ficou ótimo. Se cuida, filinha, toma os remédios e fim de semana te ligo no computador pra gente se ver.

Marcela está sentada na privada terminando de ouvir a mensagem. Pega o celular.

A tela do celular mostra mais mensagens de WhatsApp chegando.

13 EXT. QUINTAL DA CASA GEMINADA - DIA

Marcela está ao lado da caixa, que agora tem um potinho de

água. Grava um áudio no celular.

MARCELA

Claro, até amanhã o planejamento vai estar concluído. Estou trabalhando nisso agora... Sim, sim, logo cedo conseguimos revisar... Para mim por Zoom fica bom, pode ser a tarde.

Suspira, aborrecida, tenta empurrar o passarinho, com delicadeza, para o potinho da água.

MARCELA

Passarinho de asa quebrada não vale dispensa do trabalho numa terça... Mas você precisa voltar logo, capaz de esquecer que sabe voar.

Marcela faz uma pesquisa no celular e faz uma ligação.

MARCELA

Oi, eu estou com um passarinho de asa quebrada, bom, eu acho que está quebrada. Umás penas estão faltando com certeza, e ele não consegue voar. Caiu aqui no meu pátio... Ah, serviço municipal gratuito? Não sabia.

14 INT. SALA DA CASA GEMINADA - DIA

A caixa está em cima da mesa. E ouvimos o barulho do pássaro, batendo uma das asas.

Marcela está sentada no sofá com Lilica ao seu lado e fala ao celular.

MARCELA

Sim, sim, entendo. Vou ver como posso ir até vocês sim, obrigada.

Ela passa as mãos no rosto, respira fundo e levanta.

15 INT. COZINHA DA CASA GEMINADA - DIA

Marcela enche uma garrafa de água, separa uma maçã, barra de cereal e pacote de bolachas e coloca em uma mochila.

Lilica observa a movimentação deitada em um tapete.

MARCELA

Essa é a melhor opção, Lilica. Ônibus

nem pensar... Uber, sei lá, acho que depois vou ficar paranoica, você me conhece. Um caminhada de 10 quilômetros não é o fim do mundo. E prometo que vou começar a sair com você na rua a partir de agora se você não contar nada pra ninguém.

Marcela coloca a mochila nas costas. Veste duas máscaras e uma face shield.

MARCELA

É isso então.

16 INT. PORTA DA CASA GEMINADA - DIA

Marcela está parada diante da porta. Com celular no bolso e fones de ouvido, mochila nas costas e a caixinha do passarinho embaixo do braço. Ela encosta na maçaneta e respira fundo. A porta se abre e a luz externa entra iluminando Marcela.

17 EXT. ENTRADA DA CASA GEMINADA - DIA

Marcela dá um passo lento para fora. O dia está claro e ela aperta os olhos. Ela caminha pela pequena ruela em direção a uma via principal.

18 EXT. RUA - DIA

Os sons da cidade estão altos e vão se normalizando. Marcela paralisa. Olha para os lados, observando e vai e vem de carros, pessoas com e sem máscara atravessando a rua. Ela se assusta com uma caminhão que passa inesperadamente e volta a caminhar.

19 EXT. CRUZAMENTO - DIA

Vemos o sinal de pedestre vermelho. Marcela morde a boca e tem a testa franzida.

MENINO (O.S)

O que tem na caixa?

O sinaleiro emite um som progressivo. A poucos metros um homem segura uma criança de 7 anos pela mão.

PAI

Que coisa Enzo, desculpa, moça, adora uma conversa, quer saber tudo sempre, é muito tagarela.

O homem puxa a criança para perto dele.

MARCELA

Tudo bem... Então, tem um passarinho
nessa caixa, caiu...

A criança se exalta.

MENINO

Pai, pai, eu também quero um
passarinho, por favor...

O homem começa a atravessar a rua puxando o filho.

PAI

Vamos ver, se você se comportar...

Ela observa a cena sem esboçar reação. Um carro buzina, ela
se assusta, percebe o sinal verde a atravessa apressada.

20 EXT. CALÇADA - DIA

Virando a esquina, Marcela se depara com uma rua movimentada.
Com a calçada repleta de pessoas passando. Algumas de
máscara, outras sem. Ela caminha tentando se esquivar e
manter a distância. Algumas pessoas olham fixamente para ela.

GPS (V.O)

A 50 metros vire a direita na rua
Alberto de Souza.

Soa o GPS pelo fone de ouvido que está em uma das orelhas.
Marcela apressa o passo e entra na rua.

21 INT. CAFETERIA - DIA

Vemos o ambiente cheio de pessoas, exceto por algumas mesas
isoladas com fita amarela. O ambiente está barulhento. As
pessoas conversam em voz alta e sem máscara. Apenas os
atendentes utilizam máscaras de proteção. Marcela observa o
movimento pela vidraça, parada.

22 EXT. CALÇADA EM FRENTE A CAFETERIA - DIA

Marcela está parada e por reflexo dá um passo para trás,
impedindo que uma pessoa sem máscara esbarre com ela. Olha de
relance com os olhos semicerrados, mas a pessoa segue o
caminho sem reagir.

Ela puxa o celular do bolso e checka o mapa. Abre uma fresta
da caixinha.

MARCELA

Fica tranquilo que estamos quase chegando.

23 EXT. CALÇADA EM FRENTE A PRAÇA - DIA

Marcela segue caminhando. A área é mais residencial, sem tanto barulho e movimento. Ela olha para a caixa embaixo do braço e dá uma risada.

MARCELA

Se minha mãe souber dessa história...

E ri mais uma vez.

GPS (V.O)

A 500 metros seu destino estará à esquerda.

MARCELA

Espero que soltem você num lugar bacana. Você vai ter que se virar por lá, aprender tudo de novo. É meio que nem se mudar. Mas pelos menos vocês passarinhos podem interagir, conversar... Então vai ficar tudo bem.

Um homem sem máscara passa por Marcela olhando sério, de cima a baixo. Ela ri.

MARCELA

Só prova que estou bem melhor trancada dentro de casa ou conversando com você mesmo.

24 EXT. ENTRADA DO PRÉDIO DO SERVIÇO DE RESGATE ANIMAL - DIA

Marcela entra pela porta do prédio.

25 INT. RECEPÇÃO DO PRÉDIO DO SERVIÇO DE RESGATE ANIMAL - DIA

Entra no ambiente, passa álcool nas mãos e observa diversos cartazes sobre cuidados com Covid-19 e orientações de isolamento para pessoas dos grupos de risco. Vê a recepcionista.

MARCELA

Oi, eu liguei perguntando se poderia deixar um passarinho aqui. Eu encontrei ele com a asa quebrada...

RECEPCIONISTA

Sim, claro, o veterinário passa aqui para levar para a clínica no fim do dia. Está dentro da caixa? Pode me passar.

Marcela abre uma frestinha da caixa e sussurra.

MARCELA

Fica bem, pelo menos um de nós vai conseguir voar.

Olha para a mulher e entrega a caixa.

26 EXT. ENTRADA DO PRÉDIO DO SERVIÇO DE RESGATE ANIMAL - DIA

Marcela sai pela porta da frente. Olha para os dois lados e respira fundo. Escuta um pio e volta o olhar para cima.

27 EXT. FIOS DE ELETRICIDADE - DIA

Vários passarinhos estão enfileirados no fio de luz e cantam.

Fade out.

Fim.

ATO FALHO

PAULO ZWOLINSKI

1 TELA PRETA

MURILO (V.O)

Eu estou bem, passo bem, obrigado
por perguntar.

2 INT. APARTAMENTO - DIA

Um apartamento classe média, alguns objetos qua aparentam ter algum valor, misturados com outros objetos baratos de gosto duvidoso. MARA, uma mulher de 40 anos, está de costas olhando pela sacada, vira-se para a câmera. Ela está com um cigarro aceso pousado no cinzeiro e uma garrafa de cerveja artesanal, servida em um copo simples.

MARA levanta-se e vai em direção a sacada com um copo de cerveja em uma mão e com o cigarro na outra.

No fundo escuta-se o som de uma música instrumental tocada ao violão, vinda de alguma sacada do prédio da frente, a qual não pode ser vista.

MARA

Bate palma pessoal! Bate palma!
Que talento! O preço dum
apartamento neste bairro é pra ter
gente assim na vizinhança, mas esse
não é artista artista, esse é
trabalhador profissional de
carteira assinada, que trabalha dia
de semana e toca violão pra nós da
no final de semana porque ser
artista não dá é complicado demais
é dinheiro de menos

Dá o último trago no cigarro e o arremessa da sacada para a rua, vontando-se para dentro de casa

MARA

Eu mesma sei, queria ter levado
mais a sério as aulas de violão
quando era jovem, agora eu escuto o
vizinho tocar lulu santos enquanto
eu costuro máscaras, e ele
canta-muito-bem, o lulu, eu to
fazendo essas máscaras pra ajudar
as pessoas aqui da cidade, sim eu
moro aqui eu nasci aqui e eu
costuro e vem uma van pegar aqui
toda semana, mas eu pergunto sempre
se as máscaras serão usadas por
pessoas aqui da cidade.

3 INT. CARRO - DIA

MARA está parada no semáforo com os vidros fechados encarando um adolescente negro, que por sua vez também a encara. Ele usa uma máscara limpa, que se difere do restante de suas vestes que encontram-se velhas e sujas. Ela fala como se direcionando a voz para o adolescente.

Porque, não por nada não me entenda mal, mas eu não to aqui costurando máscara pra esse pessoal que chegou da Venezuela ou haitianos da rua na sinaleira ficar usando, com tanta gente local, que nasceu aqui ô, precisando, que tá quase morrendo, por falta de ar, por falta de máscara. Eles que voltem pro país deles, que ninguém me escute! Não dá pra ajudar todo mundo, senão vira festa né ? Uma festa danada! Depois reclamam da lotação das UTIs.

O sinal abre, barulho do carro acelerando cantando pneus.

4 EXT. RUA - DIA

Murilo está caminhando pela rua falando para a câmera. Ele segue um homem que está mais a sua frente, como se quisesse alcançá-lo. Só conseguimos ver este outro homem de costas, sem revelar seu rosto. Outros passantes cruzam a sua frente.

MURILO

Um amigo meu, meu amigo,
ele me contou
esses dias ele caminhava pelo
centro da cidade
ele não é louco!

O Adolescente negro passa por MURILO fixando o olhar, como se já o conhecesse de algum lugar.

MURILO

Mas ele disse que enquanto
caminhava, me viu pela rua,
enquanto eu estava em casa,
era impossível porque eu realmente
estava em casa mas a vontade de
sair era tão grande que eu tava lá
eu tava sendo visto lá fora.

Imagens dos pés de MURILO caminhando com tênis, depois descalço.

MURILLO

Mesmo estando em casa me cuidando eu estava lá os meus pés estavam descalços e isso é muito doido - ele disse - eu estava descalço na rua andando e observando pessoas descalço e isso que estamos no inverno aqui e faz um frio danado.

Murilo vê a pessoa entrando em um bar qualquer até sumir da sua vista.

MURILLO

A gente precisa se falar mais, eu falei, precisamos dar risada ele me disse que de triste já bastava o teatro, o pensamento crítico e o cinema. Ele amava o cinema.
Sim, vamos dar risada - eu falei

5 INT. APARTAMENTO - DIA

MARA está sentada em uma poltrona em sua sala. Ela toma a sua cerveja, acende um novo cigarro.

MARA

Temos que ajudar esses artistas que estão surgindo agora.

Em sua sala, MARA vai até uma pilha de discos de vinil, como se procurasse um título específico. Vemos ali LPs do Sérgio Reis, Novela O Dono do Mundo Internacional, Quatro por Quatro, entre outros títulos, até chegarmos a um disco do Lulu Santos, o qual ela coloca para tocar.

MARA

Não esses artistas que fazem as coisas que só eles entendem que querem carnaval o ano inteiro, que só eles se ajudam, fazem com que a gente tenha vergonha de perguntar, pois não entendemos, faz com que a gente, o povo, o cidadão que paga as contas, se sinta um burro, inculto, desinformado, ignorante, incompetente, o que eu digo é que temos que ajudar esses artistas da gente, esses que tão cantando as músicas que a gente sabe cantar.

MARA começa a cantar a música "Tempos Modernos", de Lulu Santos, intercalando alguns movimentos desconexos, criando uma dança estranha que se intensifica até chegar a exaustão. MARA para.

MARA

Ontem na reunião do condomínio falaram que vão colocar uns blocos de concreto, cimento, pros mendigos da rua não dormirem mais na calçada aqui na frente do prédio. Teve a minha vizinha de cima, a vegana, que tem um cabelo lindo, armado, tá sempre bonita, eu adoro ela, mas ela foi falar que isso era uma aberração, que nós não podíamos fazer isso porque eles, os mendigos, não estão na rua porque querem.

Calmamente ela vai deitando em seu sofá.

MARA

Eu até acho que tem uns que não estão lá porque querem, mas também sei que tem casas de apoio que eles podem dormir, comer, tomar banho, a gente sabe que isso existe e esse pessoal não usa. E também se o cansaço for muito grande ele vai dormir em cima desse bloco mesmo, falo da minha experiência própria, quando estou cansada consigo cochilar em qualquer lugar, até em cima de uma pedra se for o caso.

Puxando uma almofada para baixo da cabeça.

6

INT. SALA DE ESPERA DO CONSULTÓRIO - DIA

MURILO está em uma sala de espera de um consultório psiquiátrico. Dividindo o espaço com ele tem um homem bem vestido, que aparenta ter uns 45 a 50 anos, e uma secretária, de aproximadamente 50 anos. MURILO fala diretamente com as pessoas na sala de espera, que não reagem, como se ele não existisse.

MURILO

Mas eu estou bem sim, estou bem, respirando pesado mas respirando eu te reconheço na rua, eu te olho você me olha e eu te pergunto quem

MURILO
 seremos no final do ano
 eu te pergunto quantos seremos até
 o final do ano
 eu te pergunto o que vai existir
 até o final do ano
 e você começa a chorar
 o que vamos criar eu te pergunto
 então eu volto pra casa

7 INT. CONSULTÓRIO - DIA

MURILO está dentro do consultório agora falando para um psiquiatra que o observa por detrás da mesa, mas novamente é como se MURILO não existisse.

MURILO
 Uma espera um dia e noite normal
 uma semana um mês um vermelho que
 já está pálido com tudo isso e uma
 chuva que não chega, uma estiagem
 antes era um ciclone, é um brasil
 que nem brasileiro entende, um
 governo que nem brasileiro gosta,
 um clima, uns preços altos malucos
 que ninguém consegue pagar, uma
 apatia que ninguém entende

MURILO agora está do outro lado da mesa do consultório, nas posições trocadas, como se ele fosse o médico e o médico fosse MURILO.

MURILO
 Mas sim precisamos reagir sim
 precisamos reagir, eu deveria ter
 te perguntado sobre isso, mas
 lembro de ter te visto antes de
 tudo isso começar, antes de toda
 essa bosta eu me recordo de estar
 cantando, eu tava fudido mas mesmo
 assim cantava. Até acho que eu era
 feliz.

8 EXT. CALÇADA - NOITE

A mão de MURILO está aplicando lambe lambe em um poste, escondido. Nas folhas estão escrito: "ISSO ESTÁ ACONTECENDO AGORA!", "SEREMOS RESPONSABILIZADOS PELO QUE ESTÁ ACONTECENDO AGORA" e "QUE FOTOGRAFIA DEIXAREMOS PARA QUEM VEM". Os três lambes são colados em sequência como em um tríptico, acompanhando a circularidade do poste.

INT. APARTAMENTO - NOITE

MARA está de frente para a câmera acendendo um incenso, ao fundo se vê um homem e uma mulher estáticos, sentados, completamente desfocadas do primeiro plano.

MARA

Olha o absurdo...

Foco nos dois amigos, que tem uma aparência catatônica, inclusive a mulher tem uma pequena baba escorrendo no canto da boca, o homem veste uma pólo branca e calça jeans azul e a mulher está com um topete alto bem feito, e está com um vestido de alças verde claro.

MARA

Hoje eu chamei um casal de amigos pra jantar aqui - são bem próximos, estão se cuidando, fazem o tratamento preventivo, usam a máscara - pra ver o vizinho que toca toda sexta. O folgado hoje nem apareceu e eu com as visitas em casa que vieram exclusivamente para vê-lo eu falei um monte fiz propaganda do trabalho e ele não aparece essas pessoas esses artistas de maneira geral não podem ganhar um pouco de fama e já se acham importantes.

MARA pega dois copos e serve uma cerveja artesanal para os dois convidados, que não reagem, ela deixa os copos cheios na mesa de centro em frente ao casal.

MARA

Mas tudo bem depois dessa eu é que não vou mais ajudar eu fiz propaganda do trabalho dele dei chance várias vezes bati palma gritei BRAVO!

MARA acende um cigarro com dificuldade, em virtude de seu nervosismo.

MARA

Mas não vou mais bater palma NÃO VOU vou fechar minha varanda quando ele for tocar ou até vou colocar uma música bem alta pra ele saber a merda que fez chega de ser boazinha!

Pega o seu copo de cerveja e vai à varanda, gritando.

MARA

Isso é coisa de filho da puta que não valoriza quem valoriza o trabalho dele e o que eu faço com meus convidados hoje sobre o que eu falo com eles vizinho filho da puta sujeitinho folgado deve ser esses vermelho que gosta de aborto.

Arremessa o copo pela varanda.

Black out.

FIM

BUTCHER

THAYSA PETRY LISBOA

1 INT. QUARTO DE F. - NOITE

F., a Butcher, 33 anos, está ensanguentada, morta no chão do seu quarto, após sua performance artística, enquanto o cômodo é tomado por aplausos.

ESPECTADOR (V.O)

Bravo! Bravo!

O quarto tem em foco o computador de F., que mostra um chat de reações pós performance. De baixo para cima, uma janela de vidro e, por ela, um borrão de luz vermelha intermitente e rotativa, acompanhado de sirenes. O som das sirenes vai ficando em segundo plano devido aos murros e berros que vêm da porta.

BOMBEIRO (O. S)

Abra a porta! Pedimos que abra a porta!

Os bombeiros batem incessantes na porta até arrombá-la. Eles entram. Um dos bombeiros olha apavorado para o corpo de F., enquanto faz o sinal da cruz.

BOMBEIRO

O que aconteceu aqui?

2 INT. SALA DE CASA DE F. - NOITE (PASSADO)

O pai de F., 35 anos, entra na sala e vê F., 8 anos, deitada no chão com a boca cheia de guloseimas.

F.

Oi, papai.

O pai vai até ela e arranca à força as guloseimas da boca da menina, que começa a chorar.

PAI DE F.

Gordaaaaa! Não sei mais o que eu faço com você!

Após o acesso de raiva, o pai sai e vai para o seu quarto. A menina continua a chorar e retira mais guloseimas do bolso.

3 INT. CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO - DIA (PASSADO)

F., 15 anos, está sentada mexendo impacientemente nos bolsos cheios de guloseimas. A dentista entra no consultório.

DENTISTA

Olá! Preparada para mais uma sessão?

F. assente com a cabeça. Tenta, com bastante dificuldade, acomodar o corpo, que é bem maior que a cadeira.

DENTISTA

Parece que alguém comeu muitas guloseimas, não é mesmo?

F. assente mais uma vez, enquanto a máscara de gás sedativo é acomodada em seu rosto.

Dentista trabalhando.

Após o procedimento, F. acorda aos poucos.

PAI DE F.

Nessa idade, Dra., ela já está tão grande quanto a mãe dela quando morreu!

DENTISTA

É... nessa sessão tratei de mais algumas cáries. Na próxima vamos continuar os tratamentos de canal.

O pai e a dentista continuam conversando, enquanto a menina se levanta da cadeira e vai em direção a eles.

F.

Estou com fome.

PAI DE F.

Fome?

F.

E dor também, pai.

4 INT. TRIAGEM DO PRONTO ATENDIMENTO - DIA

O enfermeiro está digitando o prontuário de F.

ENFERMEIRO

Profissão?

Ele fica na dúvida de como digitar a informação recebida.

ENFERMEIRO

Açogueira, é isso?

F. assente com a cabeça. Depois de alguns instantes o enfermeiro leva o prontuário para a sala médica. F., com dor, fica aguardando.

5 EXT. RUA DE CASA - DIA (PASSADO)

F., 8 anos, está vestida de bailarina, caminhando pela rua de sua casa. Outras crianças brincam pela rua. Alguns meninos começam a provocar F.

F.

Eu já disse que o meu nome não é F.!

Os meninos continuam zombando dela.

F.

F., porque, hein?

MENINO

F. de faminta, fedorenta, feia...
fempre fom fome.

Os meninos ficam rindo e F., chorando, pega as guloseimas do bolsinho da saia e leva à boca. Mastiga tudo: lágrima, doce e embalagem.

6 EXT. RUA DE CASA - DIA (PASSADO)

GAROTO

Flácida, fracassada, folgada...

A história se repete. Os garotos da rua gargalham e disparam uma lista de adjetivos sem fim. F., 15 anos, tira um pedaço de doce do bolso e leva desesperadamente à boca.

GAROTO

Cuidado, F., senão você vai acabar no cemitério, igual a sua mãe.

7 INT. CONSULTÓRIO MÉDICO - DIA

F. está sentada de frente para o médico, que mostra à ela fotos do "antes e depois" de cirurgias bariátricas, tentando convencê-la que tal procedimento é o mais indicado para a situação que ela se encontra.

MÉDICO

As técnicas estão cada vez mais modernizadas, as cicatrizes serão

MÉDICO
imperceptíveis. Essa cirurgia é uma chance de minimizarmos suas dores também.

F.
Eu não me importo com as cicatrizes. Não quero morrer em uma mesa de cirurgia.

MÉDICO
Toda cirurgia é um risco. Mas, ficar do jeito que você está também é, minha querida.

F.
Sinto que não fiz nada de significativo na minha vida para que eu me despeça dela, doutor.

Ela levanta, pega o atestado da consulta e vai embora.

8 INT. AÇOUGUE - DIA

Ela pisa no açougue, logo após a consulta médica, e seu pai, e, também chefe, arranca o atestado da mão dela. Ele olha fulminante para o relógio.

PAI DE F.
Vá para a sala de cortes! Anda!

Ela vai antes para um quartinho trocar de roupa.

9 INT. QUARTINHO DO AÇOUGUE - DIA

F. começa a trocar de roupa. Apenas de calcinha e sutiã, observa o seu corpo em frente ao espelho. Pega na pele da sua barriga, nas camadas de gordura, tenta sorrir. Começa a vestir a roupa branca do açougue, que entra com muita dificuldade. Cada vez mais apertada. É possível notar a costura cedendo em alguns lugares. Veste o restante do equipamento e vai para a sala de cortes de carne.

10 INT. SALA DE CORTES DO AÇOUGUE - DIA

F. chega e tem mais três pessoas desossando.

F.
Bom dia, pessoal!

Ninguém responde.

F.
Bom dia, pessoal!

Ninguém responde, como de costume.

11 INT. PALCO DA ESCOLA - DIA (PASSADO)

F., 15 anos, está no centro do palco, vestindo figurino de ballet.

F.
Bom dia, pessoal!

GRITOS DA PLATEIA
Liga o microfone!

A plateia cai na risada. Todos olham para F. com desaprovação.

ALGUÉM DA PLATEIA 1
O dedo dela é tão gordo que nem consegue ligar o microfone.

A plateia continua rindo.

F.
Bom dia, pessoal. Hoje eu vou apresentar uma coreografia inspirada...

As risadas aumentam a cada frase dita por ela.

ALGUÉM DA PLATEIA 2
Você não acha que está bem acima do peso para dançar ballet?

F.
O nome desse número é...

PLATEIA
GGG!

Ela fica paralisada no palco, lágrimas saltam de seus olhos direto à sua boca. Ela mastiga e engole. As risadas ficam cada vez mais altas.

12 INT. QUARTINHO DO AÇOUGUE - DIA

F. está mexendo no celular. Começa a digitar uma mensagem na página do instagram de uma loja de roupas de dança.

F. (V.O)
Vocês teriam esse look no 4G?

ATENDENTE (V.O)
Nosso manequim vai apenas até o número 42.

F. (V.O)
Por encomenda... é possível no 4G?

ATENDENTE (V.O)
Apenas até o 42, amada.

A(O) atendente finaliza a conversa. F. tira do bolso guloseimas e mastiga sem parar. Volta o olhar para o celular e vê uma propaganda que diz: lipo sem corte. F. dá risada e volta ao trabalho.

13 INT. SALA DE CORTES DO AÇOUGUE - DIA

F.
Boa tarde, pessoal!

Estão todos dando risadas, enquanto olham seus celulares, e parecem não escutá-la. Ninguém responde.

F.
Boa tarde, pessoal!

Continuam as risadas. Nesse momento, a cabeça de F. é tomada por imagens da infância, da adolescência, da vida adulta. Ela recolhe seu material de corte e com a roupa que está vai direto para casa.

14 INT. COZINHA CASA DE F. - NOITE

F. pega tudo que encontra na despensa da cozinha, na geladeira e segue para seu quarto.

15 INT. QUARTO DE F. - NOITE

Ela já está há dias trancada no quarto. Fica constantemente no celular. Há comida, bebida e embalagens por todo o quarto.

16 INT. CONSULTÓRIO ODONTOLÓGICO - DIA (PASSADO)

F., 8 anos, está deitada na cadeira do consultório, enquanto a dentista examina cada dente e verifica todos os procedimentos finalizados.

DENTISTA

O que você gostaria de ser quando crescer?

F.

Artista! Quero me apresentar para o mundo todo!

As duas sorriem.

DENTISTA

UAU! Artista? Vou aguardar um convite de uma apresentação sua, hein!

F.

Prometo que vou mandar um convite muito especial para você.

As duas continuam conversando animadas.

17 INT. QUARTO DE F. - DIA

F. está sentada em sua escrivaninha, digitando um e-mail à dentista.

F. (V.O)

Dra., esse é o convite que tanto demorei para enviar à senhora. Gostaria de agradecer por ter cuidado dos meus dentes, quando ninguém mais cuidava de qualquer parte minha. É uma pena que a senhora não tenha podido costurar minha boca também, teria sido bom. Infelizmente não terei os efeitos do gás sedativo na minha performance de hoje, mas ficarei imensamente feliz com a sua presença na transmissão ao vivo. No link abaixo a senhora poderá acessar todas as informações. Com carinho. F.

Após enviar o e-mail, F. dispara outras tantas mensagens a diversas pessoas - colegas de escola, vizinhos, companheiros

de trabalho, atozes, críticos de arte. Publica o tal evento em suas redes sociais, em grupos, e paga propagandas atrativas a respeito de sua performance. Ela começa a orar pedindo para que sua apresentação seja um sucesso.

F.

Eu preciso finalmente sentir que fiz algo significativo na minha vida.

Ela continua se dedicando à performance. Monta o cenário, veste o figurino, posiciona a iluminação, testa a sonoplastia, repassa seu roteiro e retoca a maquiagem.

18 INT. AÇOUGUE - DIA

A performance de F. era o assunto mais comentado entre os funcionários. O pai nem sequer dava ouvidos.

PAI DE F.

Ela tá fazendo isso pra chamar atenção. Daqui a pouco sai do quarto ainda mais gorda. Mas, se ela acha que esses dias sem trabalhar não vão ter consequências, tá muito enganada.

19 INT. QUARTO DE F. - NOITE

No visor do computador a contagem regressiva anuncia que faltam poucos segundos para o início da performance. Música calma de ballet ao fundo. Foco de luz ao centro do quarto. F. entra em cena e se posiciona embaixo da luz. Está vestida de bailarina. As meias finas comprimem as pernas e apresentam rasgos. O collant dificulta a respiração dela. As mãos estão cheias de guloseimas, que vão de encontro à boca rapidamente. Ainda mastigando, ela olha fixamente para a câmera do computador.

F.

Popularmente sou conhecida como F., até onde posso me recordar nunca alguém sequer perguntou o meu nome. Eu sou aquilo que vocês me fizeram acreditar ser... A Butcher! Senhoras e senhores, meu júri, esse é o ponto final da linha da vida. Aproveitem!

Ela lentamente tira da saia uma faca, demonstra o quanto está afiada. Passa pelo seu corpo como se estivesse passando

um objeto muito delicado e macio. Quando a faca alcança a altura de sua barriga, ela corta o collant, que se rasga por completo, e revela a sua barriga flácida. Ela então segura com uma de suas mãos seu tecido abdominal gorduroso e com a outra mão, a que segura a faca, dá início àquilo que todo bom açougueiro faz cirurgicamente: corta a carne. A performance dura um tempo maior do que qualquer ser humano seria capaz de suportar. Sangue, gordura, dentes, língua, carne, vísceras por todo o quarto. A luz programada vai se apagando.

ESPECTADOR (V.O)

Bravo! Bravo!

O quarto tem em foco o computador de F., que mostra um chat de reações pós performance. De baixo para cima, uma janela de vidro e, por ela, um borrão de luz vermelha intermitente e rotativa, acompanhado de sirenes. O som das sirenes vai ficando em segundo plano devido aos murros e berros que vêm da porta. Ainda é possível ouvir os aplausos, que se propagam pela caixa de som conectada ao computador. Na tela e no quarto está o resultado final de F.

Black out.

FIM

CAIXINHA

CRISTINA PRETTI

1 EXT. VISTA DO VALE - DIA - PRESENTE

Passarinhos cantam, o sol nasce por detrás dos morros da pequena cidade. Vê-se a copa de uma grande árvore.

2 EXT. CASA DE CATARINA - DIA

A casa de madeira azul é rodeada por chão de terra batida, com uma árvore de copa muito grande cobrindo o seu telhado.

A mãe de Catarina (28) estende a roupa no varal, o pai (32) chega com o carrinho de recicláveis cheio de papelões, latas e vidros.

Catarina (7) magrinha, cabelos muito lisos na altura dos ombros e franjinha em forma de zig-zag. Olha para o sol e fecha os olhos.

Molha as plantas com uma mangueira e faz desenhos de flores com a água no chão.

NARRADOR (V.O)

Numa cidade pequena, viviam Catarina, Cati para os íntimos, seus pais e sua cachorrinha Paquita. A vida era muito simples, mas Cati desde cedo tinha o olhar curioso e criativo.

Sua cachorrinha Paquita, uma vira-lata, pula nos pingos da água jogada pela mangueira.

Cati sorri e joga a água da mangueira para o alto, que cai sobre o seu rosto, banhado de sol.

Suas bochechas rosadas iluminam seu olhar azulado.

FADE IN

3 EXT. FRENTE DA CASA DE CATI - AMANHECENDO (PASSADO) PB

O galo canta e o pai de Cati sai com sua carroça vazia para trabalhar.

4 EXT. RUAS DA CIDADE - DIA (PASSADO) PB

O sol nasce por detrás dos morros.

O Pai de Cati passa pelas redondezas recolhendo recicláveis.

Recolhe os papéis que estão do lado de fora de uma gráfica.

Recolhe latas de refrigerantes na porta de um restaurante.

Caminha com o carrinho cheio.

5 EXT. FRENTE DA CASA DE CATI - DIA (PASSADO) PB

O pai de Cati chega com a carroça cheia de recicláveis e vai direto para a garagem separar os materiais.

6 INT. COZINHA DA CASA DE CATI - DIA (PASSADO) PB

A mãe de Cati cozinha no fogão à lenha enquanto Cati coloca os pratos na mesa.

7 INT. QUARTO DE CATI - DIA (PASSADO) PB

Cati vai até a janela e fica olhando seu pai separar os recicláveis na garagem. Potinhos, latinhas coloridas, caixinhas de papelão. Cati leva a mão na boca e arregala os olhos. Som de batidas de coração acelerado.

NARRADOR (V.O.)

Cati quando via seu pai separando os recicláveis, suava frio, seu coração disparava, tamanho desejo em ter aqueles materiais. Mas a vontade morria em sua garganta e ficava só na imaginação, pois já tinha sido proibida de pegar qualquer coisa.

8 INT. GARAGEM - DIA (PASSADO) PB

Cati e seu pai conversam sentados na garagem. Ele aponta para os materiais. Conta o dinheiro e guarda no bolso.

PAI DE CATI

Cati, só vou dizer uma vez: Os recicláveis são para o sustento da nossa família. Não quero você mexendo no lixo. Recado dado?

Ele olha para Cati e pisca o olho. Ela retribui com um sorriso.

9 EXT. CASA - DIA (PASSADO) PB

No dia seguinte, Cati sai da garagem correndo, com a saia cheia de tampinhas e bugigangas.

Seu pai aparece, e grita:

PAI DE CATI (NERVOSO)
- Catarinaaaaaaaaaa!

Cati vê o rosto de seu pai gritando. Pára e seu cabelo se move para trás.

Cati fica paralisada na ponta dos pés.

NARRADOR (V.O.)
Foi o maior grito que Cati ouviu em toda a sua vida. Seu corpo todo tremeu, dos fios de cabelo até as pontas dos pés.

Cati deixa cair no chão tudo o que carregava na sua saia.

Seu pai dá uma bronca enquanto segura pelo seu braço.

PAI DE CATI (NERVOSO)
Já te falei para não mexer no lixo. Não quero minha filha mexendo com lixo!

Cati abre a boca bem grande, fecha os olhos bem apertados e chora. Chora muito.

10 EXT. VIZINHANÇA - DIA (PASSADO) PB

O choro de Cati ecoa por toda a vizinhança.

11 EXT. GARAGEM - DIA (PASSADO) PB

O pai de Cati sai com a carroça cheia e com os materiais selecionados. Cati corre para a garagem. Mexe nas coisas e pega alguns recicláveis brilhosos, enrola na saia e sai correndo em direção a seu quarto.

NARRADOR (O.S.)
Seu pai se preocupava com o que pegava para reciclar, desde quando ouviu falar do pó brilhoso em Goiânia. Catadores de recicláveis pegaram uma peça de uma clínica médica abandonada e depois de abrirem a peça se contaminaram com a radiação do pó brilhoso que estava no seu interior. Ele não queria que sua filha corresse um risco parecido.

FADE OUT

12 INT. COZINHA/CORREDOR/QUARTO DE CATI - DIA (PRESENTE)

Cati corre com Paquita pelos cômodos da casa, cada um de uma cor. Puxa por uma corda, a caixinha de madeira com sua boneca de pano. Passa pela sala Lilás, pela cozinha amarela e entra no seu quarto cor de rosa.

13 INT. QUARTO DE CATI - DIA

Da janela, Cati vê o trem que passa apitando. Vira seu rosto e sai correndo do quarto com Paquita.

14 INT. CORREDOR DA CASA - DIA

Cati com os pés descalços e Paquita correm para fora de casa.

15 EXT. RUA - DIA

Cati e Paquita correm ao lado do trem dando adeus ao maquinista.

16 EXT. FRENTE DA CASA DA VIZINHA - INICIO DA NOITE

A luz do dia diminui até ficar escuro e as luzes da casa da vizinha ascendem. É uma casa de alvenaria grande, igual a todas da vizinhança, menos a de Cati que é de madeira. Cati com sua caixinha de madeira vai em direção à casa.

Cati olha para os dois lados da rua, atravessa e chega na calçada.

Sobe na caixinha e fica ali, na ponta dos pés, olhando por cima do muro.

Com um canudo de papelão rente a um olho aberto e o outro fechado, espia a televisão ligada no interior da sala e sorri.

Ouve o grito de seu pai chamando seu nome. Arregala os olhos.

PAI DE CATI (V.O.)

Catarinaaaaaa! Já pra casa menina, é hora de ir pra cama!

Cati pula da caixinha.

NARRADOR (V.O.)

Quando seus pais a chamam de Catarina,
Cati já sabe que vem bronca!

Som de coração batendo forte. Cati olha para os dois lados antes de atravessar a rua e volta para casa de mansinho, na ponta dos pés.

17 EXT. FRENTE DA CASA DE CATI - NOITE

Cati chega em casa e vê seu pai na porta, com as duas mãos na cintura. Fecha os olhos e é conduzida para dentro de casa erguida pela orelha por ele, que tira a caixinha de suas mãos.

PAI DE CATI (NERVOSO)

Eu já disse que não é para você ficar
tarde na rua! Vai escovar os dentes e
depois direto pra cama!

18 INT. QUARTO DE CATI - NOITE

Antes de dormir, já embaixo da coberta Cati grita:

CATI

Bença, Paiiiiiii!

PAI DE CATI (V.O.)

Deus te abençoe, filha!

CATI

Bença, Mãeeeeeee!

MÃE DE CATI (V.O.)

Deus te abençoe, filha!

19 INT. QUARTO DE CATI/CORREDOR - INICIO DO DIA

Ouve-se o apito do trem. A luz entra no quarto pela janela. A passarinhada canta. Cati pula da cama, se espreguiça com os braços para cima, aperta os olhos, levanta os ombros e sorri com os lábios fechados.

Apressada, se veste com o uniforme da escola, camisa branca, bermuda azul e sai com sua mochila em direção à cozinha.

NARRADOR (V.O.)

A escola era a sua maior diversão
depois, é claro, das tardes com o seu

tesouro.

20 INT. COZINHA DA CASA DE CATI - INICIO DO DIA

Cati senta-se à mesa e apoia sua cabeça com a mão.

Olha para o prato vazio e para cima, pensativa.

NARRADOR (V.O.)

O que mais gostava mesmo da escola eram os lanches gostosos, que nunca tinham em sua casa. Às vezes sua mãe dizia:

21 INT. COZINHA DA CASA DE CATI - DIA (PASSADO) PB

MÃE DE CATI

Cati, se hoje tiver polenta com côco ralado por cima ou arroz doce traz um pedaço pra mim!

CATI

Ah mãe, é só um pedaço pra cada! Mas vou pedir pra tiazinha da cozinha!

22 INT. COZINHA DA CASA DE CATI - DIA (PRESENTE)

Cati pega uma banana na fruteira em cima da mesa, descasca e vai em direção à Mãe, que cozinha no fogão à lenha.

A mãe abaixa a cabeça e Cati dá um beijo em seu rosto.

Cati sai saltitante e fecha a porta.

23 EXT. FRENTE DA CASA DE CATI - DIA

Cati sai e se equilibra no meio fio.

MÃE (O.S.)

"Cati, cuidado com o trem! Olhe sempre para os lados, viu?"

FADE IN

24 INT. SALA DE AULA - DIA

Cati está sentada ao lado da janela da sala de aula e vê as nuvens passar.

Aparecem nuvens em formas de ursinho, de bruxa, dragão, e de uma galinha. Cati grita:

CATI

Uma galiiiiinnha!

PROFESSORA

Onde menina?

Cati aponta para o céu.

As crianças da sala caem na gargalhada.

25 INT. COZINHA - DIA

Cati chega correndo e com as mãos para trás.

CATI

Mãe adivinha o que eu trouxe para a senhora?

Sem esperar a resposta, estende a mão para frente da mãe com um embrulho de guardanapo de pano.

A mãe abre o embrulho e vê-se um pedaço de polenta doce com côco ralado por cima.

Sua mãe abre os braços e dá um sorriso.

26 INT. QUARTO DE CATI - DIA

Pela janela, Cati vê a diarista da vizinha colocar caixas de papelão e sacos de lixo na calçada.

Escondida observa o brilho das coisas que estão nas caixas. Objetos prateados e dourados brilhando. A empregada entra na casa.

27 EXT. FRENTE DA CASA DA VIZINHA/ FRENTE DA CASA DE CATI - DIA (PRESENTE)

Cati sai de casa com sua caixinha em direção ao lixo da vizinha e caminha lentamente.

Atravessa a rua olhando para os dois lados e vasculha as caixas.

Som de coração batendo acelerado que vai se fundindo à uma batida de bateria em samba.

Cati pega algumas peças e coloca dentro da caixinha. Pega mais um saco azul cheio de coisas. A música para.

CATI (V.O.)

Chega! Daqui a pouco não vou dar conta de carregar.

Cati volta para casa lentamente puxando sua caixinha e carregando o saco de lixo azul.

CATI (V.O.)

Imagina se meu pai sabe que eu tô catando lixo!

28 INT. QUARTO DE CATI - DIA

Cati entra direto em seu quarto e fecha a porta.

Guarda tudo embaixo da cama.

Senta-se respirando fundo. Solta o ar e ouve sua mãe gritando:

MÃE DE CATI (V.O.)

Catiiiiiiii! Já varreu seu quarto?

CATI

Sim, mainha.

MÃE DE CATI (V.O.)

Aproveita e varre também a casa.

CATI

Pode deixar!

Cati olha para Paquita e diz:

CATI

Paquita, o bom de varrer o meu quarto é que mainha nunca vai achar o meu tesouro embaixo da cama.

29 INT. SALA DA CASA - DIA

Cati varre a sala. Joga a poeira pela porta da frente e sai para o quintal.

30 EXT. QUINTAL - DIA

Cati com os dois braços abertos equilibra a vassoura na cabeça.

Ora em uma perna só, ora em duas.

31 EXT. SAIDA DA ESCOLA - DIA

Crianças saem correndo. Cati senta no meio fio, tira o tênis, amarra os cadarços um no outro e os pendura no ombro.

Volta para casa assobiando e se equilibrando no meio fio.

Cati se imagina na corda bamba de um circo equilibrando uma cadeira no nariz.

Som de apresentação circense.

32 EXT. FRENTE DA CASA DE CATI - DIA

Cati chega em casa franzindo a testa e mordendo o canto do lábio inferior, com a boca fechada.

CATI (V.O.)

Hoje eu abro aquele saco azul!

33 INT. QUARTO DE CATI - DIA

Cati vira a caixa e joga tudo no chão. Abre o saco azul e sorri. Pega uma lanterna, palitos de picolés, carretéis de linha, um batom e passa nos lábios.

Abre um frasco de vidro de perfume, fecha os olhos, inspira profundamente e sorri. Abre os olhos e vê sua cadela Paqueta fungando ao seu redor.

Pega a caixa de sapato, com várias fotos picadas e negativos. Senta-se no chão e brinca de quebra-cabeça com as fotos, mas faltam peças.

Pega um negativo, olha contra a luz da janela, arregala os olhos e vê as fotos completas. Fotos de uma família, fotos de crianças brincando.

34 INT. QUARTO DE CATI - NOITE

Cati pega a lanterna, liga e desliga. Aponta para a parede e faz desenhos de círculos com a luz.

PAI DE CATI (V.O.)

Catiiiiiiiiiiii! Tá na hora de dormir!

Cati pega o livro de dentro do seu tesouro embaixo da cama.

Beija o livro deixando marquinhos de boquinhas com batom. Se apoia na cabeceira da cama e começa a ler.

CATI (VOZ BAIXA)

1 - O cocô do Vombate, animal nativo da Austrália, é em forma de cubo;

2 - Quando um gato caminha em sua direção com o rabo pra cima, significa que ele gosta de você e está feliz em vê-lo;

3 - Seres humanos são bioluminescentes e brilham, mas a luz que emitimos é mil vezes mais fraca do que nossos olhos podem enxergar.

MÃE DE CATI (V.O.)

Apaga essa luz, Cati. Tá na hora de dormir!

Cati olha para a luz por três segundos. Apaga a luz e vê ao piscar os olhos, formas de lâmpadas brancas.

CATI (V.O.)

Está brilhando, estou brilhando, estou brilhando.

FADE OUT

35 INT. QUARTO DE CATI - DIA

Cati acorda com o apito do trem e se levanta. Coloca o uniforme, pega a mochila e vai para o banheiro.

36 INT. BANHEIRO - DIA

Cati escova os dentes se olhando no espelho fazendo caretas.

37 INT. COZINHA DA CASA - DIA

Cati dá um longo abraço em sua mãe e sai pela porta saltitando.

38 INT. SALA DE AULA - DIA

Cati observa a professora e seus colegas lentamente.

Olha pela janela e não vê as nuvens.

Olha para o lanche do recreio e coloca na mesa sem comer.

O sinal da escola toca tremendo e Cati sai correndo da sala.

NARRADOR (V.O.)

Naquele dia a manhã demorou a passar. As nuvens não passaram, o lanche do recreio foi sem graça. Cati não via a hora de voltar para casa e fazer o que tinha sonhado naquela noite.

39 INT. SALA DA CASA - DIA

Com os pés descalços, Cati caminha em direção à porta de seu quarto e fecha a porta.

40 INT. QUARTO DE CATI - DIA

Cati pega a caixa de sapato, desenha círculos usando uma tampinha de garrafa como medida e recorta os buracos com a tesoura. Um na frente, um atrás e dois maiores nos lados.

Coloca a caixa em cima da cama e fecha a janela do quarto, deixando escuro.

Volta para a cama e se acomoda em frente à caixa. Com suas mãos dentro direciona a luz da lanterna para o negativo e projeta a imagem de uma família na parede.

Aproxima e recua o foco no negativo dentro da caixa, diminuindo e aumentando a imagem de uma criança na praia projetada na parede.

Cati sorri.

41 INT. SALA DA CASA - NOITE

O relógio marca 10h30 da noite.

O pai de Cati, com um chinelo na mão, caminha em direção ao quarto de Cati.

PAI DE CATI (FALANDO BAIXINHO)

O que é que essa menina faz à essa hora da noite?

Abre a porta do quarto bem devagar.

42 INT. QUARTO DE CATI - NOITE

O pai de Cati vê a caixinha, as projeções na parede e o sorriso no rosto da filha.

Seus olhos se enchem de lágrimas.

FADE IN

43 INT. SALA DA CASA - NOITE

Os pais de Cati manipulam figuras de papelão e Cati com a lanterna projeta as sombras na parede.

Cati, e seus pais riem muito.

NARRADOR (V.O.)

Naquele dia, Cati ainda não sabia que estudaria Artes Plástica, que seria Professora de Arte e que faria muitas coisas além de teatro de sombras.

FADE OUT

Projeções continuam na parede em forma de filme antigo, arranhado.

Cenas de Cati e seu pai construindo juntos pernas de pau, e Cati sai se equilibrando e rindo.

44 EXT. QUINTAL - DIA - PB/COLORIDO

As cores das imagens começam a aparecer.

Cati e sua mãe manipulam telefone sem fio feitos com copinhos de plástico e barbante. Cati coloca o copinho no ouvido e sua mãe fala no outro copinho. Cati fecha os olhos e sorri.

Cati e seu pai pintam com cores do arco-íris, as casinhas feitas com caixinhas de papelão.

Cati é puxada pelo seu pai, no carrinho de rolimã.

45 EXT. RUA - DIA

Cati anda no seu patinete. Seu cabelo voa ao vento e ela sorri.

Sombras de Cati no chão andando de patinete. Sombras de árvores e sombra de Paqueta correndo.

Fim

CÉU E MAR

JÉSSICA DOS SANTOS DE SOUZA

1 TELA PRETA

ELA (V.O)

Quando fecho os olhos fica escuro aqui dentro. Meus pés se movem, mas não sei onde eles estão. Estão comigo aqui. Estão onde está o meu corpo. Queria ir para outros lugares sem precisar me levar junto. Ir sem mim. Seria possível?

Fade in para:

2 EXT. MAR - NOITE

Alto mar. Escutamos o barulho de um motor de barco, mas não o vemos. Há poucas ondas. Apenas o balanço das ondas provocadas pelo barco, que vemos através da luz que o barco irradia.

Ponta de um barco pequeno, aqueles de pesca.

Casco do barco: podemos ler LUA, o nome do barco.

ELA (V.O)

Ergo minhas mãos para o alto, quase toco as estrelas. Quem me dera! Quem poderia tocar as estrelas?

3 INT. BARCO - NOITE

A proa do barco, vazia, iluminada pela luz que vem da cabine. Respinga água do mar a todo instante na Proa.

ELA (V.O)

Quando abro os olhos, o mundo se reconstrói ao meu redor.

O barco aumenta a velocidade. O motor ronca mais forte.

ELA (V.O)

Ainda estou aqui. Queria mudar as cores e as coisas de lugar, mas não alcanço. Queria poder colocar a Lua em minha boca e senti-la deslizando em minha língua. Seria doce?

4 EXT. MAR - NOITE

A marola no mar, que vem do barco. Escutamos o barulho do barco, mas baixo, como se ele estivesse já longe.

O reflexo da lua no mar.

5 EXT. PRAIA DESERTA - NOITE

Pequenas ondas batem na areia.

Vegetação se movimenta com o fraco vento.

Escutamos o barulho do barco, mas baixo, como se ele estivesse já longe.

A lua, por detrás da vegetação.

6 EXT. COSTÃO - NOITE

Ondas batem nas pedras de um costão.

7 EXT. CÉU - NOITE

O céu, negro, com algumas estrelas e a enorme lua cheia.

ELA (V.O)

Quando fecho os olhos tudo ao meu redor acaba. Quando fecho os olhos as coisas se quebram e cada pedaço do céu despenca. São lâminas de vidro caindo como chuva, são estilhaços. São estrelas dançando véus ao meu redor.

8 EXT. MAR - NOITE

Silêncio. Apenas o movimento do mar.

ELA (V.O)

Estou protegida aqui dentro. Eu estou?

9 EXT. BARCO - NOITE (PASSADO)

Na Proa, uma mulher, de costas (nunca vemos seu rosto), sozinha, está bem à frente, se curva, se ajoelha, e com dificuldade passa a mão nas águas.

ELA (V.O)

No grande negro que é esse azul profundo, sinto algo que me cativa. As ondas balançam como um orgasmo. E se toda essa água pudesse enluvar meu corpo e tocá-lo tão profundamente com sua beleza?

10 EXT. FUNDO DO MAR - NOITE

A escuridão e o movimento do mar. O barco passa e turva tudo.

ELA (V.O)

Só enxergo as minhas próprias mãos. Será que sou essas mãos? Os outros têm rostos.

11 EXT. VIA LÁCTEA (BANCO DE IMAGENS)

A Via Láctea.

ELA (V.O)

É escuro aqui dentro. De longe consigo ver a Terra. Nado no ar, mas não tem ar, não tem cheiro. Isso me conforta. Aqui não tem nada.

Nebulosa em movimento.

ELA (V.O)

Coloco a nebulosa entre meus dedos e ela se desfaz como espuma do mar. A Via Láctea é uma ninfa que me abraça em seu corpo etéreo.

Uma estrela brilha forte e se apaga.

ELA (V.O)

Se eu existo somente pra mim, eu existo? Apesar de tudo ainda sou eu.

Outra estrela brilha e se apaga.

ELA (V.O)
Se as coisas acabam ao meu redor,
eu ainda existo?

12 INT. BARCO - NOITE (PASSADO)

Na proa, a mulher está de joelhos, na ponta do barco, com as mãos na água. Ela se impulsiona e pula.

PILOTEIRO/CAPITÃO DA EMBARCAÇÃO
Ei! Ei!

O barulho do motor cessa e a embarcação desacelera.

O pilotoeiro/capitão da embarcação corre até a ponta do barco.

13 EXT. MAR - NOITE

Silêncio. Apenas o movimento do mar. A lua refletida no mar.

ELA (V.O)
Nas profundezas do oceano, a Lua
ainda consegue me tocar.

Fade out para preto.

Fim.

CHAMAS

FELIPE UTPADEL

1

EXT. FRENTE DE CASA - ANOITECER

Lincoln (22) sai da porta de entrada de sua casa, com uma vela na mão esquerda, abre o portão, e acende a vela em cima da mureta, e fica na calçada, observando a chama.

Uma jovem mulher, Julia (27), passa pela rua, para e pergunta:

JULIA

Uma promessa?

Silêncio de Lincoln, que envergonhado, olha para a vela.

LINCOLN

Seria estranho falar que vim
acender uma vela e pensar na vida?
(risos)

JULIA

Eu passo por aqui duas vezes por
semana, faço pilates aqui perto.
Sempre te vejo... Com uma vela.

Lincoln olha surpreso para ela, Julia retribui com um sorriso.

JULIA

Não precisa ficar envergonhado não,
estranhão, a gente se fala!

Julia dá as costas e vai embora, Lincoln a observa em silêncio. Ela para, se vira, e de longe grita.

JULIA

Eu também adoro fogo!

2

EXT. FRENTE DE CASA - ANOITECER (OUTRO DIA)

Lincoln sai da porta de entrada de sua casa, apressado e ansioso, com um pacote de velas, acende uma vela em cima da mureta e fica na calçada, observando. Olha para os lados, a procura de Julia, e nada. Mostra-se desanimado. Passa uma senhora que olha para ele e chacoalha a cabeça em tom de reprovação.

3 EXT. FRENTE DE CASA - ANOITECER (OUTRO DIA)

Lincoln sai da porta de entrada de sua casa, com um pacote de velas, acende três velas em cima da mureta e fica na calçada. Olha para os lados, a procura de Julia, e nada. Mostra-se desanimado. Acende mais uma vela ao lado das três já acesas.

4 EXT. FRENTE DE CASA - ANOITECER (OUTRO DIA)

Lincoln sai da porta de entrada de sua casa, acende cinco velas em cima da mureta e fica na calçada. Julia aparece no fim da rua. Ele sorri. Ela se aproxima. Não diz nada. Entrega um papel para ele, com algo enrolado. É uma vela. E no papel está seu número de telefone. Eles não falam nada. Ela segue seu caminho.

5 INT. QUARTO DE LINCOLN - NOITE

Lincoln, deitado em sua cama, olha para o teto.

LINCOLN (V.O.)

Aquela mulher, ela me intriga, não sei bem o que me chama tanta atenção, mas ela parece ter algo especial, sinto uma chama, talvez ela seja realmente louca como eu, me senti confortável com ela, fazia tempo que não sentia isso com alguém...

Lincoln pega seu celular e manda uma mensagem para Julia.

LINCOLN (LETTERING)

Vamos nos ver amanhã? Não consigo parar de pensar em você.

JULIA (LETTERING)

Claro, menino das velas... Mesmo horário, vamos dar uma volta, esteja pronto.

Lincoln desliga o celular com um sorriso no rosto.

6 EXT. CALÇADA DE CASA - ANOITECER

Lincoln espera Julia sentado na mureta de casa balançando as pernas.

Julia chega de surpresa.

JULIA

E aí, garoto estranho!

Lincoln se assusta e se desequilibra da mureta, Julia o segura.

LINCOLN

Não estava esperando essa
(risos)...

JULIA

Precisa estar mais atento, hein!
(risos). Pronto pra dar uma volta?

LINCOLN

Bora!

7 EXT. RUAS DA CIDADE - TARDE

Lincoln e Julia andam juntos pela cidade.

JULIA

Então quer dizer que o garoto
estranho lê muito sobre filosofia e
ainda não decidiu seu caminho?

LINCOLN

É mais ou menos por ai (risos)...

JULIA

Eu já suspeitava (risos), você
parece o tipo de pessoa meio
confusa mesmo, mas eu gosto.

LINCOLN

Eu deixo tão explícito assim?

JULIA

Não! Mas eu percebo quando é dos
meus...

LINCOLN

Não sou o único confuso aqui então
(risos)?

JULIA

Não sei se confuso, confusa, é a
palavra certa, eu diria pensativa,
eu penso muito, mas sempre sigo
minha intuição no final.

LINCOLN
 Queria ter uma intuição aguçada,
 mas vivo numa incerteza meio
 constante...

JULIA
 Mas teve certeza de me chamar pra
 uma volta?

LINCOLN
 Você me chamou atenção mesmo...

JULIA
 Bom saber, porque você também tem
 minha atenção...

Julia e Lincoln trocam olhares e sorrisos.

8 EXT. TERRENO VAZIO - NOITE

Lincoln e Julia, juntos, rindo e dançando em volta de uma fogueira.

LINCOLN (V.O.)
 Ela era louca como eu, amava o fogo
 como eu, mas diferente de mim ela
 amava o brilho e eu o caos, ela era
 positivista, já eu pessimista, mas
 aquela chama acolhedora que vinha
 do peito dela me fazia enxergar
 diferente, eu podia ver o brilho do
 mundo, eu podia ver o brilho dela.

Os dois encontram seus olhares, se fixam no olhar um do outro, se beijam com a luz da chama de fundo.

9 INT. QUARTO DE LINCOLN - MANHÃ

Lincoln está deitado na sua cama. Toca seu celular, que está no criado mudo. Ele estica a mão, pega o celular, olha o número e vê JULIA, e atende.

LINCOLN
 Oi, amor...

MÃE DE JULIA (V.O.)
 Lincoln...

LINCOLN
 Ué, quem está falando?

MÃE DE JULIA (V.O)
É a mão da Julia, Marta...

LINCOLN
Dona Marta...

MÃE DE JULIA (V.O)
Você pode vir aqui... Em casa...

LINCOLN
Aconteceu alguma coisa com Julia?

MÃE DE JULIA (V.O)
Sim.

LINCOLN
Ela está bem?

MÃE DE JULIA (V.O)
Não.

Lincoln desliga o telefone, se levanta rapidamente e procura suas roupas espalhadas pelo quarto.

10 EXT. CEMITÉRIO - DIA

Lincoln olha para uma sepultura, que está desfocada. Umhas cinquenta velas estão em cima do túmulo.

LINCOLN (V.O.)
O motorista do ônibus disse que ela se jogou na frente do ônibus. A família não acredita nessa versão. Eu não sei... Ela sempre seguiu sua intuição.

11 EXT. TERRENO BALDIO - NOITE

Lincoln caminha pelo terreno baldio, começa a coletar pedaços de madeira e mato seco.

LINCOLN (V.O.)
Cada dia me mostrava que o universo regia o caos, que tudo tinha um fim, uma morte me mostrou que a felicidade não é algo constante, não vivemos em equilíbrio, e se vivêssemos, que graça teria? Isso é ser positivo ou negativo? Julia foi como uma linda fogueira em minha vida, que arde, mas uma hora se apaga.

Lincoln acende uma fogueira grande com os pedaços de madeira que coletou.

LINCOLN (V.O.)

Eu enxergava tanta beleza naquela dança caótica que se chamava fogo, seu brilho reluzente em meio a escuridão encantava meus olhos, e aquecia meu peito, aquela luz tão destrutiva que transformava o redor em cinzas com o movimento do vento, dançando e dançando, por que tão belo és tu, fogo? Teu calor me chama mas sei que me queimas, teu brilho me hipnotiza mas sei que se olhar demais tua luz me cega, o estado do caos em harmonia, ambos sincronizados num movimento de luzes de curvas dançantes envolvendo minha alma.

Chamas refletindo sobre o olho de Lincoln.

Expressões ambíguas de felicidade, tristeza e loucura.

Fade out.

FIM.

COLCHA E RETALHOS

ADRIANA NIÉZKAR

Tudo escuro, ouve-se o grito de pavor de mulher.

MARCIA

Rato!

Som de portas e carro batendo, conversa de pessoas e carro arrancando.

CARTELA/ TÍTULO : COLCHA E RETALHOS

1 EXT. FRENTE DE CASA - FINAL DO DIA

Um carro estaciona em frente a casa da AVÓ (70). Descem MARCIA (43), JOÃO (45), LUCA (20) e DUDU (11).

AVÓ sai de dentro da casa, e abraça DUDU. JOÃO tira duas malas do porta malas.

JOÃO

Lamento ter de incomodar esses dois dias, enquanto detetizam tudo...Esses malditos ratos!

AVÓ

Não tem problema!Vou adorar passar um tempo com os meus lindos netos!

DUDU sorri, LUCA checa o celular com desânimo.

MARCIA e JOÃO carregam as malas, todos entram na casa.

A porta da casa se fecha atrás de todos.

Um rato sai do carro e corre, entrando por baixo da porta.

2 INT. QUARTO DE VISITAS - NOITE

No quarto há duas camas de solteiro, DUDU está deitado em uma delas, puxa um cobertor até o nariz, sua voz sai um pouco abafada.

DUDU

Ainda estou com frio vó!

AVÓ

Acho que eu devo ter mais um cobertor...

A AVÓ caminha até o guarda-roupas, mexe entre as roupas e ouve-se barulho de plástico. Tira uma porção de toalhas esvaziando um compartimento, e pega uma colcha embalada em plástico fechado.

Com muito cuidado a coloca sobre a cama vazia. Acaricia a embalagem lentamente. Seu dedos seguem os desenhos bordados na peça.

ESQUIRECE

3 EXT. FRENTE DA CASA - FINAL DE DIA (PASSADO)

Vê-se a casa a distância, LUCA com 11 anos, segurando a colcha por uma ponta, e uma MARCIA mais jovem segurando pela outra ponta, a embalagem é quase maior que o menino, que está rindo.

LUCA

Vó! Você ganhou a rifa!

Vó se abaixa para ficar na altura do neto, sorri, pega a colcha e sorri um pouco mais.

AVÓ

É a colcha mais linda que eu já vi!
Vou guardar muito bem para um
momento especial.

MARCIA

É pra usar mãe!

AVÓ

Vou adorar usar!

4 INT. QUARTO DE VISITAS - NOITE (PRESENTE)

AVÓ continua olhando para colcha e leva a mão ao peito, suspira, olha para o DUDU que a olha com expectativa, rasga um lacre da embalagem e tira a colcha com cuidado.

Sobresalta-se ao perceber que ela está com manchas amareladas. Suspira e vai novamente até o guarda-roupas. Tira uma capa, vai até a cama e coloca na colcha com um expressão de angustia.

Cobre DUDU com ela, que sorri e fecha os olhos.

Guarda a embalagem no guarda-roupas, sobre uma caixa e quando volta a olhar para DUDU, este já está dormindo.

LUCA entra no quarto e deita-se na outra cama com o celular na mão.

LUCA
Boa noite, vó!

Ela apaga a luz do quarto e caminha em movimentos quase mecânicos.

5 INT. QUARTO DA AVÓ/COZINHA - MANHÃ

A luz do sol entra pela janela, AVÓ está de olhos abertos. Olha o relógio de plástico que está em cima de uma mesinha. Levanta-se.

Vai até a cozinha e coloca uma chaleira de água no fogo.

6 INT. SALA/COZINHA - MANHÃ

DUDU, de uniforme escolar, corre pela sala até a cozinha, vê-se objetos e móveis simples e antigos, algumas fotos da família na estante e um quadro amarelado na parede.

DUDU
Bom dia vó!
Eu dormi muito bem.

Senta-se a mesa onde todos já estão tomando café. Há xícaras de todos os tamanhos e cores sobre a mesa, mas todas com aparência de muito usadas, algumas com pequenas lascas e rachaduras.

Vê-se as mãos erguendo e pousando as xícaras, sob o olhar da AVÓ.

JOÃO olha para LUCA, que está olhando o celular.

JOÃO
Vou deixar o carro para você trazer seu irmão da escola.

LUCA
Mas e a topic?

MARCIA
Ele não consegue fazer essa rota.

LUCA
(suspira)

JOÃO
É muito simples para você, eu e sua mãe é que teremos que nos virar

DUDU coloca a mochila nas costas.

DUDU

Tchau vó!

Ela acena e todos saem da cozinha, as mãos da AVÓ começam a recolher as xícaras.

Um pequeno rato passa correndo pela porta mas a AVÓ está de costas olhando, pela janela, o carro partir com a família.

7

EXT. QUINTAL - TARDE

A colcha está estendida no gramado, o sol reflete pequenas manchas amareladas e algumas bolhas de sabão, o quintal não é muito grande e a colcha ocupa quase todo o espaço. O gramado está um pouco alto e vê-se algumas poças de água.

Ouve-se o barulho de carro se aproximando e parando. Portas batendo. Vê-se a colcha e o reflexo do sol formar manchas coloridas no tecido.

LUCA (O.S.)

Vó, a colcha da minha rifa!
Nossa, como tá velha... Mas ainda
tá bonita.

DUDU e LUCA param em frente a colcha.

LUCA

Eu não tinha mais visto ela, a mãe disse que a vó nunca ia usar, por ser bonita demais. Mas pelo jeito a vó usou bastante!

LUCA sorri.

DUDU

Ela é bem quentinha!

LUCA

Parece né?

DUDU

Parece e é!
A vó deu ele pra mim ontem, pra dormir.

LUCA olha para DUDU com irritação.

LUCA

Deu é?!
Então essa noite eu vou dormir com ele!

DUDU
 Não, a vó deu ele pra mim!

LUCA
 Não, eu que dei ele pra vó!

LUCA
 Deu tá dado!

DUDU e LUCA começam a se empurrar, caem no gramado, e entre socos rolam sobre a colcha. Sujam-se de lama e sabão.

A AVÓ vem a passos rápidos e quando vê os netos, para. Olha a coberta com tristeza.

AVÓ
 Quem é que vai conseguir dormir com ela?!...

DUDU e LUCA estão cansados, sujos e sentados na coberta, também suja. Respiram e falam com dificuldade. LUCA olha para o chão.

LUCA
 Eu é que tive que te pegar na escola!

DUDU
 Eu é que tive que ir para escola!

A AVÓ suspira e aparenta tristeza esfregando as mãos uma na outra.

Os netos desviam o olhar dela, DUDU afasta um pouco de sabão da coberta, LUCA observa, eles se olham e viram os rostos, lentamente, para lados opostos.

Pegam a colcha, um em cada ponta e levam para dentro da casa.

A AVÓ permanece imóvel.

8 INT. LAVANDERIA - TARDE

DUDU E LUCA deixam a colcha no chão, está quase escuro.

O rato se aproxima e desvia da coberta.

A luz se apaga.

9 EXT. FRENTE DE CASA - MANHÃ

Vê-se a cena a distância, MARCIA entra no carro, JOÃO coloca as malas, DUDU abraça AVÓ.

DUDU
Desculpa, vô...

JOÃO
Desculpa por que?

AVÓ
Não foi nada... Está tudo certo...

AVÓ pisca para DUDU, JOÃO olha para DUDU e depois para LUCA.

LUCA olha pra eles disfarçadamente, entra no carro e fica olhando o celular.

DUDU entra no carro e olha para a janela.

JOÃO
Obrigado por nos receber!

AVÓ
Venham sempre!

JOÃO entra no carro e dá a partida.

AVÓ observa o carro seguir a rua.

10 EXT. QUINTAL - MANHÃ

Avó caminha até o quintal carregando a colcha, lavada, dentro de um cesto e estende a colcha no varal.

LUCA (V. O.)
A mãe disse que a vô nunca ia usar,
por se bonita demais...

LUCA (V. O.)
Nossa, como tá velha!

DUDU (V. O.)
Desculpa, vô...

AVÓ mexe as mãos nervosamente, e entra na casa.

11 INT. COZINHA/QUARTO - MANHÃ

AVÓ recolhe xícaras da mesa, coloca na pia, liga a torneira.

LUCA (V.O.)

Nunca ia usar...

Desliga a torneira e caminha até o quarto, olha para a embalagem e a capa da colcha. Mexe as mãos, caminha até o guarda-roupas, abre uma porta e suspira. Joga várias peças de roupa no chão até pegar uma caixa grande e encapada e a coloca sobre a cama.

Olha para a caixa e tira sua tampa muito lentamente e com cuidado a coloca ao lado. Dentro da caixa há um casaco de lã azul claro em ponto pipoca, dobrado cuidadosamente, uma caixinha de joia, envelopes e cartões amarrados com uma fita vermelha e um caixa com um jogo de porcelanas.

AVÓ acaricia o casaco sem tirá-lo da caixa e houve uma música

MARIDO (V.O.)

Você gostou, eu compro pra você meu bem! Vai ficar bonito em você!

Abre o caixa de joia e olha o cordão de ouro com um pingente de rubi

IRMÃ (V.O.)

Feliz aniversário! Quero ver você usando irmã...

Abre a caixa de porcelanas com cuidado, dentro estão xícaras e um bule ricamente adornados.

MÃE (V.O.)

Para usar para os cafés da manhã, minha filha!

Percebe um ruído, tira a tampa do bule, e dentro há um rato enrolado entre papéis e fios de lã azul desfiados. Tudo fica escuro, houve-se um grito e o som de porcelana quebrada.

Fim.

COMO VOLTAR PARA CASA

LEONARDO BITTENCOURT

1 **EXT. RODOVIA - DIA**

Carros seguindo em trânsito lento.

Som de veículos, escapamentos de automóveis.

2 **INT. CARRO DE HELENA - DIA**

Helena (32 anos) dirige e bufa por conta do trânsito lento. O celular no banco do carona vibra duas vezes indicando novas mensagens.

Uma bonequinha balança pendurada no retrovisor.

Helena olha um adesivo colado no vidro do carro da frente: "Não me siga, também estou perdido".

Helena sorri e balança a cabeça.

3 **EXT. TREVO DA RODOVIA - DIA**

Carro de Helena sai da rodovia e segue por uma estrada secundária.

4 **EXT. ESTRADA NA ÁREA RURAL - DIA**

Helena chega em uma área rural com estrada de chão, muitas plantações e quase ninguém por perto. Desembarca sua bicicleta, amarra as sapatilhas, coloca o capacete, pega o celular e observa as mensagens que chegaram.

Helena abre a primeira mensagem.

A mensagem aparece em LETHERING.

LU (MENSAGEM DE TEXTO)

E daí amiga, escolheu uma foto para o
Tinder?

Ela dá um leve sorriso, olha ao longe e digita uma resposta.

HELENA (MENSAGEM DE TEXTO)

Não encontro uma foto minimamente
sensual que seja :-)

não posso pegar uma muito antiga,
senão os interessados me processam por
falsidade ideológica kkkkk

LU (MENSAGEM DE TEXTO)

kkkkk Que nada, coloca uma foto meio

de costas, meio sem roupa e pronto

Sair hoje? chopps?

HELENA (MENSAGEM DE TEXTO)
 Hoje não dá Lu, estou pedalando volto
 tarde e cansada

vamos em outro dia. bjo!

Helena passa para a segunda mensagem.

ADVOGADA (MENSAGEM DE TEXTO)
 Helena, boa tarde. Estou te chamando
 novamente para saber se entramos ou
 não com as medidas de proteção.

Após ler a mensagem Helena franze o cenho, balança a cabeça, desliga o celular, guarda no bolso e sai para sua pedalada.

Na estrada vazia Helena pedala com força, respira profundamente, observa as plantações, as aves, o pneu de sua bicicleta girando sobre o caminho de terra.

Som de pneu de bicicleta em estrada de chão.

Canto de aves.

Mais a frente encontra um grupo de ciclistas sob uma sobra, ela passa pelo grupo e para logo em frente. Ela bebe um pouco de água, olha as pessoas do grupo, alguns estão conversando, outros descansando e então pega e liga o celular.

Som de nova mensagem

Som de nova mensagem

Helena abre a primeira mensagem.

DESCONHECIDO (MENSAGEM DE TEXTO)
 Boa tarde Helena, espero que estejas bem. Queria confirmar contigo a data para a palestra durante a AMAR, queremos muito ouvi-la, sua história é fundamental para a transformação que nossa sociedade necessita. Você precisa nos ajudar a inspirar outras mulheres que passaram pelo que você passou. O hotel já está certo, só as passagens que ainda não conseguimos a verba. Mas acredito que vamos

conseguir. Pensei no dia 30, o que acha?

Ela suspira e passa para a outra mensagem.

MANA (MENSAGEM DE AUDIO)

Lena, a mãe me ligou, disse que te ligaram de uma escola, eu não entendi direito. Ela ficou perturbada com isso, sabe do que ela estava falando? beijo.

Ela suspira e observa um homem que passa pedalando com o filho pequeno. A criança na bicicleta com rodinhas está radiante, olha, sorri e empenhada segue atrás do pai.

Silêncio.

Uma luz dourada toma conta do ambiente.

Ela olha para o lado e vê sua filha sentada com o capacete de ciclismo, o cabelo encaracolado e uma florzinha nas mãos. Ela sorri e aponta para a estrada.

Helena olha para a estrada.

Quando volta o olhar sua filha não está mais.

Som de nova mensagem.

Helena pega o celular e abre as mensagens de áudio.

ADVOGADA (V.O.)

Desculpe Helena eu preciso da sua autorização para entrar com as medidas. O dia está chegando e não podemos deixar para cima da hora.

Helena, indignada grava uma mensagem de áudio.

HELENA (V.O.)

Eu não quero merda de medida de proteção nenhuma, eu quero é que ele fique lá mais 10,20,30 anos. É difícil de entender?

Algumas pessoas do grupo ao lado olham, outras falam baixinho. Ela levanta, coloca o celular no bolso e sai pedalando.

Ela começa a cantarolar uma música.

"Ninguém vê onde chegamos

Os assassinos estão livres, nós não
estamos

Vamos sair mas não temos mais dinheiro

Os meus amigos todos estão procurando
emprego

Voltamos a viver como há dez anos
atrás

E a cada hora que passa envelhecemos
dez semanas"

Som de celular tocando.

Helena para no acostamento e sem sair da bicicleta pega o celular e atende a ligação.

MANA

Lena, vim aqui na mãe, ela está muito nervosa...

Som de gritos ao fundo.

MANA

Ela tá me contando uma história absurda, que uma mulher ligou dizendo que está aguardando a documentação para a matrícula da Carol? O que é isso Lena? Isso parece loucura. O que está acontecendo?

Helena hesita por um instante e responde:

HELENA

Isso deve ser coisa da creche antiga, segunda eu resolvo.

MANA

Pelo Amor de Deus Lena, não é do colégio antigo é de um novo. Porque isso agora, se já faz tanto tempo? Meu deus Lena eu não consigo... calma mãe.

Com os olhos cheios de lágrimas e a voz embargada, Helena responde

HELENA

Diz pra mãe não se preocupar.

MANA

Como não se preocupar? A Carol se foi Lena... mas você fica nisso sempre. Mãe calma, estou falando com ela.

Lena, porque isso agora?

Helena responde chorando

HELENA

Porque é o que eu deveria estar fazendo, ela devia estar na escola e eu cuidando dela. Era assim que deveria ser. Eu tinha que cuidar dela...

Chorando Helena desliga o telefone e se apoia na bicicleta.

5 **EXT. ESTRADA RURAL - ANOITECENDO**

Helena está sentada ao lado do carro, retira o capacete, retira as luvas e olha o celular que marca 18:38.

Começa a organizar seus acessórios quando passa um grupo de ciclistas com lanternas acesas.

Helena coloca o capacete e as luvas com pressa.

Abre o carro e pega uma lanterna de capacete, coloca e sobe na bicicleta.

Acende a lanterna, coloca fones de ouvido, dá um play no celular e começa a pedalar atrás do grupo.

Começa a tocar a trilha sonora final.

Helena vai se distanciando e a imagem vai se tornando desfocada.

LEATHERING:

Em homenagem a todas as mulheres que tiveram suas vidas destruídas por relações violentas ou abusivas e sobre seu grande esforço em recomeçar.

Fade out.

Fim

DESAPARECI

PIMENTEL FELIPI

1 EXT. PRAIA - DIA

Vista aérea - direção norte/sul - do mar, praia e vegetação. Começam a aparecer algumas casas do vilarejo.

2 EXT. PONTO DE ÔNIBUS - DIA

Poucas pessoas esperam o ônibus chegar, elas estão levemente agasalhadas. É frio, o vento faz barulho na placa de metal que sinaliza o ponto de ônibus. Chega um ônibus antigo, com aparência desgastada. Desce o músico ANTÔNIO CARLOS, 57 anos, magro de bigode imponente. Ele carrega uma mochila nas costas e um violão em uma bag simples, pendurada nos ombros.

3 EXT. ALAMEDAS DAS ACÁCIAS - DIA

Seguimos Antônio Carlos em direção ao deck que dá vista à praia. No caminho ele observa a estátua de Iemanjá.

4 EXT. DECK - DIA

Ele chega no deck e se debruça no guarda-corpo, olha o mar. O som das ondas é alto e grave.

5 EXT. ALAMEDAS DAS ACÁCIAS - DIA

Antônio Carlos se aproxima da carrocinha de crepe. O ATENDENTE da carrocinha de crepe entrega um crepe para um cliente e recebe o dinheiro.

ANTÔNIO CARLOS

Tudo bom?

ATENDENTE

Oh chefia, qual crepe o senhor vai querer?

ANTÔNIO CARLOS

Não, não... Eu tô procurando um lugar pra ficar. Sabe onde eu posso encontrar?

ATENDENTE

Ahhh bom... Nessa rua
(apontando para rua ao lado)
tem duas pousadas. Uma ali
(aponta para a pousada na quadra ao lado)
e outra antes da ponte do riozinho.
(MORE)

ATENDENTE (CONT'D)

Se tu seguir reto, no final da rua
tem umas cabanas também.

6 EXT. RUA 1 - DIA

Crianças jogam taco no meio da rua. Algumas estão de jaqueta e bermuda, outras com camiseta de manga longa e calça de moletom.

7 EXT. RUA 2 - DIA

Casas de pé direito baixo, algumas com tinta descascando.

8 EXT. RUA 3 - DIA

Casa abandonada com gramado alto em frente.

9 EXT. RUA 4 - DIA

Terreno baldio.

10 EXT. ALAMEDA DAS ACÁCIAS - DIA

Uma placa de madeira rústica com letras coloridas pintadas à mão: BEM-VINDO AO HERMENA - escrito na parte de cima, maior tamanho, - BIENVENIDOS A HERMENA - na parte de baixo, menor tamanho.

11 EXT. FRENTE DAS CABANAS - DIA

A calçada é de grama. O músico bate palmas, chamando quem está dentro. Da casa do terreno ao lado, sai pelo portão, CAROLA, 54 anos, cabelos encaracolados, gorda, usando vestido.

CAROLA

Boa tarde!

Antônio Carlos caminha para a direita, em direção à casa de Carola.

ANTÔNIO CARLOS

Boa tarde, minha senhora. Eu tô...
Tô procurando um lugar pra ficar, a
senhora sa...

CAROLA

Ahh, só, um pouquinho. Vou te mostrar as cabanas.

12

EXT. PÁTIO DAS CABANAS - DIA

Carola, com um molho de chaves na mão, mostra o pátio de grama bem aparada. Algumas árvores, em uma delas está encostada uma bicicleta barra forte, azul escura. No pátio há seis cabanas.

CAROLA

Então você chegou hoje aqui? Veio de ônibus?

ANTÔNIO CARLOS

Uhum...

CAROLA

Veio da onde, que mal te pergunte, tem cara que não é daqui do sul. Veio sozinho?! Não se sente muito só viajando sem ninguém?

Antônio Carlos ri de canto de boca.

ANTÔNIO CARLOS

Não...

Carola abre a porta de uma das cabanas.

CAROLA

Uma vez eu tive que ir até Porto Alegre sozinha, nossa que viagem horrível. Parecia que não ia terminar nunca. Sem falar nesses ônibus que são um caquedo. E fedo...

ANTÔNIO CARLOS

Aquela lá do fundo tá vaga?

Carola começa a fechar a porta, eles se dirigem para a cabana mais ao fundo.

CAROLA

Como pode, as pessoas não se tocam, deixam pra ir no banheiro dentro do ônibus. Tu é acostumado a andar de ônibus?

Antônio Carlos responde com expressões: levanta a sobrancelha e faz sinal de positivo com a cabeça.

CAROLA (CONT'D)
 Eu, já não sou acostumada, odeio
 viajar de ônibus.
 Viu, as cabanas são quase todas
 iguais, pouca diferença. Essa aqui
 foi reformada no ano passado.

Carola deschaveia a porta da cabana. Antônio Carlos abre a porta.

13 INT. CABANA DE ANTÔNIO CARLOS - DIA

Ele entra, acende a luz, coloca o violão e a mochila em cima do sofá.

14 EXT. FRENTE DA CABANA - DIA

Antônio Carlos na porta, sorri de maneira terna.

ANTÔNIO CARLOS
 Vou ficar duas semanas.

CAROLA
 Ah que bom. São 250 reais.

Antônio Carlos pega no bolso de trás da calça a carteira, separa algumas notas. Paga Carola.

CAROLA (CONT'D)
 Aii, me desculpa, não perguntei teu nome!?

ANTÔNIO CARLOS
 Antônio Carlos.

Ele fecha a porta rapidamente.

15 INT. SALA DE CAROLA - NOITE

No sofá, Carola está assistindo novela. Começa a ouvir o novo inquilino cantando, é uma MPB conhecida. Pega o controle, baixa o volume da TV. Canta em voz baixa a música.

CAROLA
 Tenho vinte e cinco anos
 De sonho e de sangue
 E de América do Sul
 Por força deste destino
 Um tango argentino
 Me vai bem melhor que um blues

Ela segue ouvindo a música até que vamos para:

16 INT. CABANA DE ANTÔNIO CARLOS - NOITE

Antônio Carlos canta o último verso da música.

ANTÔNIO CARLOS
Sei que assim falando, pensas
Que esse desespero é moda em 76
E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês
E eu quero é que esse canto torto
Feito faca, corte a carne de vocês

Serve o vinho, de garrafa de plástico, em um copo americano.
Se ajeita no sofá e dedilha o violão.

17 EXT. FRENTE DA CABANA DE ANTÔNIO CARLOS - DIA

Pouco tempo depois do amanhecer. Ouvimos o som dos pássaros e vemos as árvores do pátio. Antônio Carlos sai de sua cabana ajeitando a camisa e o cabelo. Caminha, toca nas árvores. Repara na bicicleta encostada em umas das árvores. A bicicleta está um pouco desgastada, com algumas marcas de ferrugem.

Ele anda de bicicleta pelo pátio, sorrindo.

Carola abre o portão, está com cara de sono.

ANTÔNIO CARLOS
Bom dia!

CAROLA
Bom dia, confortável a cabana, né?
Olha, essa bicicleta ainda anda!

Antônio Carlos para a bicicleta ao lado de Carola.

CAROLA (CONT'D)
Eu nem me lembro mais quem deixou
ela aqui. Faz tempo que tá largada
aí. Sabe, que deve ter sid...

ANTÔNIO CARLOS
A senhora sabe se dá mesmo pra
chegar no Uruguai pela praia?

CAROLA
Acho que foi meu sobrinho que
deixou ela pra trás.
(MORE)

CAROLA (CONT'D)

Então, pela praia tu vai chegar até o arroio, que é a fronteira, mas se tu entrar ali na Barra do Chuí, vai chegar até a ponte. Se quiser pode ir até com a bicicleta. Dá uns 14km.

18 EXT. RUA DE AREIA - DIA

O músico pedala com dificuldade. Nas costas carrega o violão e uma garrafa de metal com alça passando na frente do seu peito. Tenta manter o equilíbrio na rua de areia fofa.

19 EXT. ESQUINA DO MERCADINHO - DIA

Antônio Carlos vem em velocidade com o olhar fixo na roda dianteira. ESTHER, 27 anos, de cabelos pretos e longos, com pele dourada do sol, atravessa a rua, dá um passo atrás, desviando de não ser atropelada pelo músico. Se assusta e bufa irritada.

ESTHER

Só me aparece doido nessa praia!

Ela entra no mercado. Vemos Antônio Carlos ainda pedalando, já está um pouco distante da esquina.

20 INT. MERCADINHO - DIA

Prateleira cheia de produtos variados: leite, achocolatado, sucos de saquinho, pó de café, café instantâneo, até pilhas e guardanapos de papel. Esther olha confusa, aponta o dedo tentando achar o filtro de papel de passar café, na prateleira. Acha o filtro de papel.

ESTHER

Aaaqui!

Pega o filtro de papel.

Na parte dos pães, escolhe algumas gajetas (tipo de pão uruguaio) e coloca dentro de um saco plástico transparente.

21 EXT. PRAIA - DIA

Antônio Carlos pedala ao lado do mar. O vento balança seu cabelo e camisa de manga longa. As ondas do mar fazem um som grave quando quebram. A bicicleta range. Ele segue em direção sul.

22 INT. NA PASSADA - DIA

Bar praieiro, com teto de palha, as mesas são de carretel de madeira, detalhes da decoração em fio sisal, balcão e palco feitos de pallets. Atrás do palco há dois quartos.

Ester coloca água para esquentar no fogão, que fica atrás do balcão, ao lado dos freezers e pia.

Em cima do balcão, está um livro caixa e os utensílios do café. Ajeita o filtro de papel no passador de café, o coloca em cima de uma pequena leiteira toda amassada. Despeja a água quente no passador de café. Abre o saco de pão, o cheira com expressão de satisfação.

DECO, 35 anos, loirinho de dreads, estilo hippie de apartamento, é sócio de Esther no bar, se aproxima do balcão.

Está com os olhos vermelhos, de quem acabou de fumar um baseado. Esther quando vê Deco muda sua expressão de satisfação para séria, um pouco brava.

ESTHER

André.

DECO

Porra mana, já disse pra tu me chamar só de Deco.

Esther pega o livro caixa de cima do balcão.

ESTHER

André. A gente tem que sentar pra fazer as contas. Pelo jeito que tá vamos ter que fechar. Não vai ter como ficar aberto no inverno. Tu tem que se responsabilizar mais, Deco. Porra! Não dá mais pra vender bebida fiado. Ainda por cima, tu nem anota.

Ouvimos alguém bater na porta.

23 EXT. FRENTE DO NA PASSADA - DIA

Fachada e placa rústica escrita "Na Passada". Carola na frente do bar, bate na porta. Esther abre a porta.

ESTHER

Oi minha flor!

Esther dá um abraço em Carola.

ESTHER (CONT'D)
Vãmo entra, tô passando um café.

24 INT. NA PASSADA - DIA

Esther e Carola se dirigem ao balcão. Esther vai até ao lado de trás, Carola ao lado da frente. Carola também muda a feição alegre, para séria, quando vê Deco.

CAROLA
E ai Deco, vim saber quando tu vai pagar o mês que ficou lá na cabana. Sabe que pra mim faz falta. Tu tá me enrolando faz mais de três meses. Outro di...

DECO
Dona Carola, eu já falei pra senhora, que assim que eu arrumar a grana eu te pago. Não tá fácil as coisas aqui no bar. Né, Esther?

ESTHER
Ihh, eu não tenho nada a ver com isso, heim.

Deco, começa a arredar as mesas e cadeiras, pega a vassoura. Inicia a limpeza do bar. Carola fala baixinho pra si mesmo.

CAROLA
Que guri abusado.

Carola senta em uma banquetta junto ao balcão, fica de frente para Esther que serve o café em três canecas. Elas pegam suas canecas, a terceira fica ali esfriando.

CAROLA (CONT'D)
Como tão teus pais, Esther, tão morando na cidade? Faz tempo que não vejo eles aqui na praia.

ESTHER
Tão bem. Em Floripa, na casa da mana.

CAROLA
Que chique, heim! Sabe que aluguei uma das cabanas ontem, pra um músico, muito bonito. Ai, cantou umas músicas tão lindas.

Carola beberica um gole de café. Começa a cantar baixinho, sem nenhuma técnica e um tanto desafinada.

CAROLA (CONT'D)

Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte

ESTHER

Carola do céu, tu não vai acreditar, acretida que um ve...

CAROLA

Ai... (suspira) ele canta tão bem, ficou a noite toda cantando pra mim. Me senti num show particular.

ESTHER

Deixa eu te contar, mulher! Quase fui atropelada hoje. Um velho meio riponga, quase me atropelou de bicicleta. Bem ali na frente do mercadinho.

Carola ri.

CAROLA

E o cara não tava com um violão nas costas?

ESTHER

Sim! Doido.

CAROLA

Eu vi que ele saiu todo atrapalhado quase caindo.

ESTHER

Quem!?

CAROLA

O Antônio Carlos.

ESTHER

Que Antônio Carlos, Carola???

Carola começa a rir. Esther está com a a caneca na boca, pronta para tomar um gole. Deco, no fundo, continua varrendo, arredando mesas e cadeiras de um lado para o outro.

CAROLA

O cantor que tá ficando na cabana. Deve ter sido ele que te atropelou.

Esther gargalha.

ESTHER

Não acredito!

As duas estão riem.

CAROLA
Simmm, só pode ter sido ele.

Esther despedaça uma parte do pão com as mãos, passa margarina. Carola faz a mesma coisa.

ESTHER
Meu, eu achei esse doido a cara do Belchior, foi rápido mas deu pra ver o bigodão.

Carola já com um pedaço de pão na boca, fala enquanto termina de mastigar.

CAROLA
Cara de quem?
Tu tem que ouvir ele cantando, guria. Olha que eu não gosto de gente fazendo barulho de noite. Mas ele canta tão bem que eu adorei.

Deco, continua ao fundo, agora está tirando os tapetes do palco, os sacode para tirar a poeira.

Esther com cara de dúvida, está com as sobranceiras cerradas, larga o pão no balcão. Coloca os cotovelos no balcão, com uma mão segura a caneca e a outra o queixo. Carola começa a cantarolar.

CAROLA (CONT'D)
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro

ESTHER
Pera ai, ele cantou essa música?

CAROLA
Uhum...

Carola continua a cantar. Esther canta com técnica e afinada, e mais alto que Carola, obrigando-a a parar de cantar.

ESTHER
Eu não estou interessado em nenhuma teoria
Em nenhuma fantasia, nem no algo mais
Carola do céu, ele cantou essa também?

CAROLA

Cantou...

Esther bate no balcão, Deco, do fundo, olha para a direção dela. Carola se assusta um pouco.

ESTHER

Meuuu!!! esse cara é o Belchior!

Deco vem em direção ao balcão.

ESTHER (CONT'D)

Vocês não viram a matéria do Fantástico? O Belchior tá sumido faz uns dois anos. Só se sabe que ele tá aqui pelo Uruguai. Imagina Deco, um show do Belchior ia salvar o Na Passada.

25 EXT. MOLE DO ARROIO CHUÍ - FRONTEIRA - DIA

Belchior está sentado ao lado da bicicleta, toma um gole de água e começa a cantar.

ANTÔNIO CARLOS

Minha rede branca
 Meu cachorro ligeiro
 Sertão, olha o Concorde
 Que vem vindo do estrangeiro
 O fim do termo saudade
 Como o charme brasileiro
 De alguém sozinho a cismar
 Gente de minha rua
 Como eu andei distante
 Quando eu desapareci
 Ela arranhou um amante
 Minha normalista linda
 Ainda sou estudante
 Da vida que eu quero dar

Ondas quebrando no mole. Pessoas andando na praia.

26 EXT. FRENTE - CABANAS - DIA

Ester chega em frente às cabanas, bate palmas por algumas vezes.

27 EXT. FRENTE DA CASA DE CAROLA - DIA

Carola, vindo de dentro da casa, abre o portão. O barulho do portão faz a ser notada por Esther, que dá um passo em sua direção.

ESTHER

Bom dia, flor! O Belchior tá aí, será?

CAROLA

Acho que não...

28 EXT. PÁTIO DAS CABANAS - DIA

Carola está com o chimarrão em uma mão, a térmica apoiada entre o braço e o corpo. Esther está com duas cadeiras de praia. Fuma debaixo da sombra de uma das árvores. Esther abre as cadeiras. Carola serve-se o chimarrão e começa uma sessão de fofocas e perguntas.

CAROLA

E teus pais ficam até quando em Florianópolis?

CUT TO:

CAROLA (CONT'D)

Esse verão eu me incomodei muito com essas cabanas. O Deco foi um dos que não me pagou, a Dona Geru...

CUT TO:

CAROLA (CONT'D)

Adivinha quem tá grávida de no...

CUT TO:

CAROLA (CONT'D)

Aquele lá nunca prestou, daqui a pouco tá pre...

Esther suga a bomba, fazendo barulho na cuia. Está com cara de tédio.

CAROLA (CONT'D)

Sabe o Marcel, o uruguaio, filho do Seu Mathias. Saiu de casa de novo. Largou as duas filhas e a mulher, pobrezinha. Saiu até aqui da praia. Tá morando lá...

Com cara de quem não aguenta mais, Esther se levanta interrompendo Carola.

ESTHER

Vou ter que resolver umas coisas lá no Na Passada, se deixar, o Deco não faz nada. Mas acho que eu volto depois do almoço.

29 INT. NA PASSADA - DIA

Esther almoça em uma das mesas do bar. Olha para o relógio que fica pendurado atrás do balcão, ele marca 12:57.

30 EXT. FRENTE - CABANAS - DIA

Carola está no portão espiando pela rua. Vê Esther vindo. Vai para dentro de uma das cabanas e sai com uma forma de bolo. Abre o portão.

CAROLA

Olha só o que eu fiz pra gente espera o Belchior.

31 EXT. PÁTIO DAS CABANAS - DIA

Sentadas nas cadeiras de praia, a sessão de fofocas recomeça.

CAROLA

O Marcel não tem jeito, só bebe e ouve rádio o dia todo.

CUT TO:

CAROLA (CONT'D)

Adivinha quem é que veio aqui me visitar?

CUT TO:

CAROLA (CONT'D)

E a Geruza que passou por mim esses dias na cidade, ela nem pra cumprimen...

CUT TO:

CAROLA (CONT'D)

Eu já falei que esse verão só alugo se for adiantado, esse povo é muito folgado. Sabe o quanto tão me deven..

Esther, novamente com cara de tédio, interrompe Carola.

ESTHER

Carola acho que tá na hora de ir abrir o bar.

32 EXT. PÁTIO DAS CABANAS - DIA

O dia está recém clareando. Antônio Carlos, sorridente, desencosta a bicicleta da árvore e a empurra.

33 EXT. ACESSO A PRAIA - DIA

O sol já saiu. Antônio Carlos chega até o acesso a praia, olha o mar.

34 EXT. FRENTE DAS CABANAS - DIA

O sol já está alto. Esther bate palmas. Carola sai de sua casa.

CAROLA

Ele não tá, não, Esther.

Esther suspira decepcionada.

ESTHER

Tá bom então...

35 EXT. RUA 5 - DIA

Esther caminha em direção às cabanas.

36 EXT. FRENTE DAS CABANAS - DIA

Bate palmas. Ninguém atende. Carola chega com sacolas de compras e balança a cabeça como sinal negativo. Não ouvimos o que elas conversam.

37 INT. SALA DA CASA DE CAROLA - DIA
 Carola está assistindo TV, ouve alguém bater palmas. Abre a cortina, vê Esther. Abre a janela.

38 EXT. FRENTE DA CASA DE CAROLA - DIA
 CAROLA
 Entra, guria!

39 INT. SALA DA CASA DE CAROLA - DIA
 Vemos pela janela.
 ESTHER
 Não, não, só vim ver mesmo se ele tava aqui.

CAROLA
 Eu ouvi ele saindo bem cedo de bicicleta, ele deve tá indo pro Uruguai, todos os dias.

40 EXT. FRENTE DA CASA DE CAROLA - DIA
 Esther responde com cara de decepção.

ESTHER
 Ah. Tudo bem.

41 EXT. PRAIA - DIA
 O sol está nascendo. Deco, espera por Belchior na beira da praia. Com os lábios roxos de frio, a jaqueta de nylon faz barulho com o vento.
 Ele avista o velho carregando o violão e a garrafa d'água. Desajeitado, Antônio Carlos desce a bicicleta pela escadaria de madeira deteriorada pela ação do mar, as madeiras estão capengas em meio às pedras de contenção da maré. O rosto de Deco transparece felicidade. Ela vai ao encontro do cantor. Levanta o braço e o cumprimenta.

DECO
 Oi!

Chega perto de Belchior.

DECO (CONT'D)
 Oi.

Belchior fala baixinho, desviando o olhar para baixo.

ANTÔNIO CARLOS

Bom dia.

DECO

Eu o Deco. Tenho um barzinho aqui na praia, acho que você já deve ter vis...

O som do mar e do vento vão aumentando, não conseguimos ouvir o que eles conversam.

42 INT. NA PASSADA - DIA

Com feição incrédula, Esther ouve.

DECO

Tu não vai acreditar!

ESTHER

O que?!

DECO

Consegui o show com o Belchior!!!!

ESTHER

Como?! Tu consegui encontrar ele?

DECO

Ele topou mana, ele topou!!!

Eles se abraçam vibrando.

43 EXT. PRAIA - DIA

Belchior sentado ao lado da bicicleta. Dobra a barra da calça em cima do tornozelo e se levanta.

Vai em direção ao mar e molha os pés.

44 INT. NA PASSADA - DIA

Esther e Deco sentados à mesa com canetas e papel, anotando listas de tarefas.

ESTHER

Então vai ser assim, ó: nada de divulgar o show. Só os convites vips pra quem a gente conhece.

DECO

Esther, eu to achando 50 pila muito barato pra entrada. Olha o show que vai ser.

ESTHER

Ah, tu que acertou isso com ele. E não esquece que é uma apresentação simples, a gente não pode fazer alarde. Nem cartaz, nem rádio, nem colocar na internet!

45 EXT. NA PASSADA - DIA

Fachada do Na Passada e Av. das Acácias pouco movimentada.

46 INT. NA PASSADA - DIA

Deco agora es, no palco, solda os cabos de som. Testa para ver se ficaram bons.

Esther, no caixa, anota em um caderninho enquanto termina uma ligação em um telefone fixo.

ESTHER

Ahh que bom que vocês vão vir. Viu é só passar aqui no bar que a gente acerta e eu já coloco os nomes na lista.

Ela risca, no caderno, um nome da lista. Inicia uma nova ligação.

ESTHER (CONT'D)

Oi Cíntiaaaa! É a Esther. Como tá? To te ligando pra ti convidar pro show históóórico aqui no Na Passada. Tu não vai acreditar quem vai cantar...

Risca no caderno mais um nome. Disca no telefone. Inicia uma nova ligação.

ESTHER (CONT'D)

Oi Gilberto. Como assim quem tá falando, não reconhece mais minha voz. É a Esther, oras...

O caderno está com vários riscos de ok. Disca o telefone. Risca. Desliga o telefone. Risca. Bate palminhas de felicidade. Risca.

47 INT. BANHEIRO DO NA PASSADA - DIA

Esther e Deco estão atrapalhados tentando encaixar a pia no suporte, quase derrubam a pia no chão. Dão risada. Colocam a pia em cima do vaso para descansar um pouco. Deco se encosta na torneira, quebra a torneira e começa a jorrar água.

ESTHER
Nãããooo! É sério?!

48 INT. NA PASSADA - DIA

Esther conversa com duas mulheres e dois homens. Eles estão em pé na frente do balcão. Esther está na frente deles, anda de um lado para o outro dando instruções, parece um sargento dando ordens para soldados. Um dos dois homens é JOÃO, 41 anos, bem forte/gordo. Ele está com uma dessas camisetas "mamãe sou forte". Esther dá um tapinha no braço de João.

ESTHER
Então, Jão, tu já sabe. Vai ficar na porta junto comigo. Só entra quem tiver o nome na lista. Depois tu vai ficar de olho em tudo pra não dar confusão.

Esther continua andando de um lado para o outro. Aponta para as outras três pessoas.

ESTHER (CONT'D)
Vocês só entregam a bebida na hora que pegar a ficha. Vai ter uma escala, a cada uma hora um de vocês vai ajudar a gente a limpar o banheiro.

49 EXT. RUA 6 - DIA

O sol está se pondo. Deco está na frente da casa de alguém, com um caderninho na mão, fala com essa pessoa. Não ouvimos a conversa.

50 EXT. RUA 7 - DIA

O dia começa a virar noite. Esther, com um caderninho na mão, está na frente da casa de outro alguém. Ela gesticula bastante. Não ouvimos a conversa.

51 INT. NA PASSADA - NOITE

O bar está aberto, somente uma mesa está ocupada com clientes. Deco, no telefone do caixa, faz inúmeras ligações.

Esther, sentada em uma das mesas, na frente dela está um casal, atrás do casal um grupo de três amigas, uma delas é VERIDIANA, 22 anos, negra, cabelos crespos, com um óculos preto de armação grossa. Esther recebe o pagamento do casal, coloca o dinheiro em uma caixa de sapatos. Abre um caderno e anota o nome deles. O casal sai. Veridiana segura três notas de 50 reais na mão, estende o braço em direção a Esther.

52 INT. QUARTO DE DECO/NA PASSADA - NOITE

Deco em frente ao seu notebook velho, com as teclas quebradas. Um teclado externo é ligado pelo cabo usb. Na tela do notebook vemos Deco procurar no Facebook o grupo "Amigos do Cassino". Escreve a postagem:

"Se liga
Show do Belchior no Hermena
só pra convidados
entrada comigo mande mensagem"

53 EXT. BR 471 - ACESSO AO HERMENA - DIA

Um carro para no acostamento da BR, espera entrar na estrada que dá acesso ao Hermena. Começam a parar vários carros atrás, esperam também fazer a conversão.

54 EXT. ESTRADA DO HERMENA - DIA

Carros andando lentamente devido ao congestionamento.

55 EXT. FRENTE DO NA PASSADA - DIA

Uma fila de umas dez pessoas, na porta do Na Passada esperam sua vez para pagar e colocar seu nome na lista de entrada. Deco, sentado em uma cadeira, uma das mesas do bar cobre a extensão da porta de entrada.

DECO

Ow meu bruxo, agora tá 150 reais.

Recebe o dinheiro. Dá troco. Recebe. Ajeita o dinheiro dentro da caixa de sapatos. Recebe. Limpa a testa levemente suada. Recebe. Verifica se o dinheiro não é falso. Recebe. Recebe.

Algum tempo depois vemos uma fila longa, cerca de 50 pessoas. Vemos um vendedor ambulante com um isopor cheio de água e cerveja chegando.

Esther cochicha no ouvido de Deco.

ESTHER

Eu acho que deu, né. Não vai caber todo mundo aqui dentro.

Deco sobe na mesa e grita.

DECO

Pessoal! É o seguinte. Minha sócia aqui disse que é pra encerrar a lista de entrada. Mas como a gente não vai deixar vocês na mão. Vamos vender mais 20 ingressos!

As pessoas da fila reclamam.

DECO (CONT'D)

Como são os últimos, e esse show é histórico (vocês podiam ter vindo mais cedo, né), vamos vender essas últimas entradas por 300 reais.

parte da fila se desfaz. Falando que é um absurdo, que isso é exploração, que vieram lá do Cassino para essa palhaçada.

56 INT. NA PASSADA - DIA

Está entardecendo. Esther cutuca Deco que está sentado no palco fumando um baseado.

ESTHER

Já é sete horas. Vamo abri.

57 EXT. FRENTE DO NA PASSADA - DIA

O dia está quase escuro, há uma fila de umas 30 pessoas esperando. Esther e João abrem a porta. Esther confere o nome no caderno. João libera a passagem.

58 INT. NA PASSADA - NOITE

As pessoas caminham com dificuldade pelo salão, está muito apertado. Fila para comprar as fichas de bebida. Fila grande no banheiro. Aglomerado no balcão para ser atendido. MULHER 1 pega uma cerveja no balcão. Toma um gole, faz cara feia. Reclama para o atendente.

MULHER 1

Pode trocar isso aqui, tá quente!

HOMEM 1 vem com uma cerveja na mão, reclama, entregando a cerveja para o atendente.

HOMEM 1

Meu amigo, não tem condições de tomar isso aqui.

59 INT. CORREDOR DO BANHEIRO - NA PASSADA - NOITE

HOMEM 2 bate na porta do banheiro.

HOMEM 2

Dá pra apurar ai?!!

60 INT. NA PASSADA - NOITE

Vemos pescoços suados. Carola se abana com a mão. Gente fumando no meio de todo mundo.

Atrás do balcão, uma das atendentes sacode sua camiseta encharcada de suor. Limpa o suor do pescoço com as mãos.

Belchior vem dos quartos (que ficam na parte de trás do palco) e sobe no palco, as pessoas gritam, batem palmas, assobiam, ele é ovacionado.

Encabulado, ele ajeita o bigode. Dá um sorrisinho envergonhado. Puxa o cabo de som. Senta na banquetta. Pluga o cabo no violão que faz um ruído alto. Afina o violão e começa a tocar a introdução da música Divina Comédia. Vemos o público, os atendentes, Carola, Esther e Deco encantados com o som do violão.

ANTÔNIO CARLOS

Estava mais angustiado que um
goleiro na hora do gol
Quando você entrou em mim como um
Sol no quintal
Aí um analista amigo meu disse que
desse jeito
Não vou ser feliz direito
Porque o amor é uma coisa mais
profunda que um encontro casual

As pessoas apertam-se ainda mais na frente do palco.

No fundo do bar, o som não é o suficiente, ouvimos baixo, as vozes estão mais altas que as caixas de som.

Deco está no caixa, duas mulheres e um homem começam a discutir com ele. A mulher, muito brava, aponta o dedo na cara de Deco.

Belchior, vê de longe, a discussão.

Algumas pessoas que estão no meio do bar olham para trás.

Esther e os outros atendentes vendem cerveja sem parar.

A feição de quem está bem na frente do palco, é catártica, mal respiram olhando para o cantor. Belchior canta de olhos fechados.

ANTÔNIO CARLOS (CONT'D)

Deixando a profundidade de lado
 Eu quero é ficar colado à pele dela
 noite e dia
 Fazendo tudo e de novo dizendo sim
 à paixão, morando na filosofia
 Deixando a profundidade de lado
 Eu quero é ficar colado à pele dela
 noite e dia

Vemos algumas pessoas emocionadas, lágrimas começam a cair. Uma pessoa coloca a mão no coração dançando no ritmo da música. O PÚBLICO da frente canta em coro.

PÚBLICO

Fazendo tudo e de novo dizendo sim
 à paixão, morando na filosofia

Belchior encerra, com alguns acordes, a primeira música.

ANTÔNIO CARLOS

Boa noite. Espero que a gente se divirta muito hoje aqui. (Começa a segunda música)

61 INT. CORREDOR DO BANHEIRO - NA PASSADA - NOITE

MARCEL (o uruguaio que Carola falava), 36 anos, usa camisa de abotoar, manga curta, tem um pequeno mullets na parte de trás do cabelo, e bigode fino. Está vermelho de calor e raiva. Sua camisa está empapada de suor. Visivelmente bêbado, seu olhar é sem muita direção, corre, cambaleando levemente, para furar a fila do banheiro. Bate violentamente na porta. Sai furioso um CARA de dentro do banheiro.

CARA

Que isso, tá maluco?!

Marcel entra no banheiro, encosta a porta, não a tranca, mija. Olha os utensílios de limpeza, em uma prateleira acima do vaso, pega uma garrafa de álcool.

62 INT. NA PASSADA - NOITE

O número de pessoas indignadas na frente do caixa agora está maior. Ouvimos a música do show com dificuldade. Deco aponta para a porta.

DECO

Vão embora daqui, meuu!!!

João se aproxima das pessoas, tentar as levar para a porta. Um homem segura Deco pela gola da camiseta. Esther está desesperada.

ESTHER

Calma gente!!!

Na confusão, nem Deco, nem João vêem Marcel pegar uma garrafa de whisky, um Johnnie Walker Blue Label, que fica na prateleira atrás do caixa.

ANTÔNIO CARLOS (CANTANDO)

Eu sou apenas um rapaz latino-
americano
Sem dinheiro no banco sem parentes
importantes
E vindo do interior

Marcel sobe no palco, segurando a garrafa de whisky e o álcool. Puxa o pedestal de microfone para si. Belchior se assusta, se levanta da banqueta.

MARCEL

!Deco, su hijo de puta, vete a la mierda!

Marcel quebra o whisky no pedestal. Algumas pessoas do PÚBLICO o agarram e tiram ele do palco.

PÚBLICO (GRITANDO)

Tu tá loco! Vaza daqui, meu! Tira ele daqui!

Marcel tenta se soltar, ao mesmo tempo que tenta abrir a garrafa de álcool, a segura com todas suas forças. Ele consegue se soltar, joga álcool nas palhas do teto e nos tapetes do palco.

No meio do público, Carola com a mão na boca fala para si.

CAROLA
 Santa mãe de Deus... Não faz isso
 Marcel.

No balcão, Esther está com as mão na cabeça, perplexa

ESTHER (GRITANDO)
 Nãããoo!!!

Deco leva um soco na cara.

Marcel, do bolso da frente da camisa pega o isqueiro. Muita gente sobe no palco, agarram ele forte, tentam o tirar dali. Em vão, Marcel acende o isqueiro nas palhas. Rapidamente o fogo toma conta das palhas que começam a cair no palco.

As pessoas correm desesperadas. Empurra, empurra.

63 EXT. FRENTE - NA PASSADA - NOITE

Belchior, Esther, Carola e Deco, com os rostos desolados, quase sem expressão, vêem o fogo destruir o Na Passada.

FADE TO BLACK.

64 EXT. PRAIA - DIA

É sol do meio dia. Muita gente na a beira da praia. Debaixo de um guarda-sol estão três amigos: HOMEM, 36 anos, VERIDIANA, agora com 32 anos e MULHER 2, 27 anos. Veridiana está concentrada lendo e um livro. O homem pega uma cerveja long neck do isopor. Abre a cerveja olhando para a mulher 2, que também está com uma cerveja na mão.

HOMEM
 Nossa faz de anos que eu não vinha aqui pro Hermana. Meeuuu a última vez que tive aqui foi naquele show do Belchior.

Veridiana começa a começa a rir, continua de olho no livro.

MULHER 2
 O que? O Belchior fez um show aqui? Quando?

HOMEM
 To te dizendo, faz dez anos. Foi em 2009. Mas ele não conseguiu tocar nem duas músicas.

Veridiana solta uma gargalhada.

HOMEM (CONT'D)

Pegou fogo o bar. Na real um bêbado incendiou o bar, né.

VERIDIANA

Cara o show não era do Belchior.

HOMEM

Claro que era Veridiana, não viaja. Tu nem tava lá.

VERIDIANA

Tava sim, acho que quem não tava era tu.

VERIDIANA (CONT'D)

Meu, o dono do bar vendeu ingresso dizendo que era o Belchior, mas na real era um show em homenagem a ele.

HOMEM

Nossa, mas tu viaja heim. Óbivio que era o Belchior. Era o Antônio Carlos Belchior que ficou lá nas cabanas da minha tia e ia todos os dias pro Uruguai com uma bicicleta que era minha.

A Mulher 2 levanta e fala com sotaque paulista.

MULHER 2

Ai gente, cês são muito loucos.

Sai correndo, saltitando em direção ao mar. Mergulha. Volta lentamente caminhando pela areia.

MULHER 2 (CONT'D)

Tá. E ai, afinal era ou não Belchior?

Os dois respondem ao mesmo tempo.

HOMEM

Sim!

VERIDIANA

Não!

FIM

ESCARABOCHO

SUELLEN CORDOVIL DA SILVA

1 EXT. MAR ABERTO - DIA

Escarabocho está à deriva no mar.

Ondas do mar quebrando.

Nada. Se desespera.

Nada.

Escarabocho desaparece depois de uma enorme onda se quebrar sobre ele.

2 EXT. PRAIA - DIA

Escarabocho se arrasta no beirada da praia. Com dificuldade. Ele levanta-se da areia e sacode a areia do corpo. Usa uma camisa branca e calça jeans rasgada. A praia vazia. Ele se ajoalha, cansado.

Caminha um pouco.

Saem da mata dois homens muito brancos, carecas e com roupas prateadas - alienígenas- na direção de Escarabocho.

Eles conversam em um idioma ininteligível. Mas a tradução aparece em LETHERING.

HOMEM PRATEADO I

Veja, achamos a nossa cobaia.

HOMEM PRATEADO II

Ele será ideal para o nosso experimento terráqueo.

HOMEM PRATEADO I

Vamos levá-lo.

Escarabocho vê os dois homens prateados vindo em sua direção, acena com a mão e grita!

ESCARABOCHO

Olá, podem me ajudar? Me ajudem...

Homens prateados correm na direção de Escarabocho, que se assusta, tenta fugir mas é rapidamente alcançado pelos dois.

ESCARABOCHO

Como vim parar aqui!? Só me lembro que houve uma explosão do outro lado da praia, senhores? Senhores? Me escutam... Não entendo essa linguagem de vocês... O que querem?

O homem prateado I junta suas mãos, e só deixa os polegares para fora, o que provoca uma descarga elétrica, e dá um choque em Escarabocho, que desmaia.

HOMEM PRATEADO I
Temos um presente para você.

HOMEM PRATEADO II
Nossa cobaia, haha!

Os homens prateados levam Escarabocho arrastado pela areia da praia.

E entram com ele para dentro da mata.

3 EXT. MATA - DIA

Os homens prateados arrastam Escarabocho.

Árvores.

Trilhas.

Sons de insetos e animais.

Escarabocho, adormecido, é arrastado pela trilha da mata. Os olhos do Escarabocho se abrem. Se reviram.

A trilha fica cada vez mais fechada e de repente se abre e é possível ver uma casa abandonada de dois andares.

4 EXT. FRENTE DA CASA ABANDONADA - DIA

Escarabocho é levado pelos dois homens prateados e deixado na frente da casa abandonada.

Escarabocho acorda e adormece com os sons de pássaros ao fundo.

HOMEM PRATEADO I
Vamos levá-lo para cima e aplicar o seu novo poder.

HOMEM PRATEADO II
Correto. Irei pegar as doses da mutação para um Escarabocho.

ESCARABOCHO
Onde estou?

Recebe um novo choque, agora do homem prateado II. E apaga.

Escarabocho é levantado pelo homem prateado I, que entra na casa.

5 INT. QUARTO - DIA

O homem prateado I e Escarabocho entram no quarto. Duas camas de solteiro. Mesa com potes e vidros de experimentos coloridos.

Escarabocho é deitado numa das camas.

HOMEM PRATEADO I
 Logo, será um experimento de júpiter para este planeta. Receberás a iniciação com nossos alimentos jupiterianos para a multiplicação de novas cobaias. Será um marco para nossa galáxia. Poderás espalhar com mais flexibilidade nossa porção de mutação em massa. Nossa mais nova cobaia, Escarabocho!

O homem prateado I amarra o Escarabocho com vários fios coloridos.

Escarabocho acorda.

O homem prateado I injeta uma droga de cor verde.

ESCARABOCHO
 O que estão fazendo comigo? Onde estou? O que é isso? Que fios são esses? SOCORRO....

HOMEM PRATEADO I
 Logo saberás meu caro! Não tenha medo. Serás o nosso experimento jupiteriano.

ESCARABOCHO
 SOCORRO...

HOMEM PRATEADO I
 Injetarei um procedimento que irá aliviar a sua dor.

O homem prateado injeta o líquido verde no homem.

Escarabocho grita, tenta se soltar, mas não consegue.

6 INT. QUARTO - NOITE

Escorre sangue da cabeça do Escarabocho.

Injeções no chão.

O homem prateado II chega no quarto e joga uma manta em Escarabocho.

Fade out.

7 EXT. FRENTE DE CASA - DIA

Os homens prateados saem da casa.

8 INT. QUARTO - DIA

Escarabocho acorda sem cabos. Olha para todos os lados do quarto. Mexe a cabeça.

ESCARABOCHO (V.O)
Parece que vivi um sonho ou um
pesadelo? Que lugar é esse?

Se levanta.

9 INT. ESCADA - DIA

Escarabocho desce as escadas.

10 INT. SALA - DIA

Escarabocho olha a sala vazia.

Escuta o barulho do mar.

11 EXT. FRENTE DA CASA - DIA

Escarabocho sai da casa abandonada, observa tudo com cuidado, e corre.

12 EXT. MATA - DIA

Escarabocho corre com pressa pela mata. A respiração fica ofegante. O seu coração pulsa forte.

Aproxima-se dos sons das ondas da praia. Escarabocho olha para a sua mão e vê que está brilhando.

13 EXT. MAR - NOITE

O corpo de Escarabocho brilha no mar.

MILITAR GODOFREDO (V.O)
 -Câmbio, câmbio, tenente, é o
 Sargento Godofredo, vi um objeto
 não identificado no mar. Ele
 brilha, ele está indo em direção a
 beira mar da região... CÂMBIO...
 CÂMBIO...

14 EXT. PRAIA DO OUTRO LADO DA ILHA - NOITE

Escarabocho chega na praia do outro lado da ilha. Seu corpo brilha muito.

Cansado, se joga na areia. Dorme.

15 EXT. PRAIA DO OUTRO LADO DA ILHA - DIA

Escarabocho abre os olhos e percebe que está cercado por policiais e militares. Se levanta rapidamente e recebe um choque com um Taser.

16 INT. CARRO DE POLÍCIA - DIA

Na parte da frente do carro, um policial dirige e o outro fala ao telefone.

POLICIAL JOÃO
 Olá, Doutor, estamos levando o tal
 homem estranho para a sua sala de
 perícia.

MÉDICO
 Olá, João! Estou no aguardo do
 rapaz. Ele teve alguma reação aí?

POLICIAL JOÃO
 Está tudo sobre controle doutor!
 Ainda não teve reação após o nosso
 choque.

MÉDICO
 Tudo ok! Até!

Escarabocho está dormindo no banco de trás do carro.

17 EXT. FRENTE DO PREDIO DO HOSPITAL - DIA

O carro da polícia estaciona. O policial sai do carro e acena para os enfermeiros do local, com máscaras, que os aguardavam.

18 INT. CORREDOR DO HOSPITAL - DIA

Escarabocho, apagado, é levado na maca pelo corredor por dois enfermeiros e acorda aos poucos.

19 INT. QUARTO DO HOSPITAL - DIA

A sala tem aparelhos de laboratórios. Uma mesa repleta de seringas de várias cores. Numa outra mesa temos caixas transparentes com ratos de laboratórios. A pele de Escarabocho volta com uma cor de pele brilhosa, prateada e em mutação. O médico se aproxima do Escarabocho e sua mão brilha, denunciando que ele também é um alienígena. O médico coloca uma luva para cobrir a sua mão. Médico pega uma injeção. E tira o sangue o Escarabocho, que acorda.

ESCARABOCHO

Onde estou? O que aconteceu comigo?

MÉDICO

És o Escarabocho, uma entidade cósmica.

ESCARABOCHO

Como você sabe?

MÉDICO

Somos o vírus deste planeta. Não se desespere rapaz. Graças a nós, a humanidade será eliminada!

20 EXT. CEU - NOITE

Uma nave espacial alienígena sobrevoa o céu.

COMANDANTE ZÁION (V.O)

Missão cumprida! Resgataram o vírus para a humanidade.

Céu estrelado. Uma fásca aparece no céu.

ISOLAMENTO

ADRIANO SALVI

1 INT. SALA/QUARTO - DIA

Na quitinete, formada por uma sala/quarto, uma cozinha/área de serviço, e um banheiro, um homem branco de 30 anos e estatura mediana está sentado à mesa, na sala/quarto, circulando um anúncio de emprego em um jornal, e com uma expressão preocupada. Ele larga a caneta e pega o maço de cigarros em cima da mesa, acende um cigarro e olha para o porta-retratos em cima da cômoda.

O homem caminha de um lado para o outro de forma angustiada, com o celular em mãos e olha para a tela, para por um instante, abandona o celular sobre a mesa e esfrega as mãos no rosto.

2 INT. BANHEIRO - DIA

Ele escova os dentes em frente ao espelho.

3 INT. COZINHA/ÁREA DE SERVIÇO - DIA

O homem lava os pratos na pia.

4 INT. SALA/QUARTO - DIA

Deitado na cama ele lê um livro de Albert Camus (O estrangeiro).

Um calendário de farmácia preso a parede despende várias folhas indicando a passagem dos meses.

Deitado na cama com a expressão vazia e o olhar fixo no teto o homem permanece imóvel. Seu celular, que está sobre a cômoda começa a tocar. Ele se senta na cama, pega-o e atende a ligação.

TELEFONISTA

Boa tarde! Aqui é da secretaria de Saúde, eu falo com senhor Felinto?

FELINTO

Sim, é ele mesmo.

TELEFONISTA

Nossa ligação é referente a vaga de emprego temporário. O senhor deixou seu currículo com a gente.

FELINTO

Ah sim.

TELEFONISTA

Ainda interessado?

FELINTO

Sim, estou.

TELEFONISTA

Então o senhor deve comparecer a Unidade Básica de Saúde amanhã às 8h, com sua identidade, carteira de trabalho e carteirinha de vacinação.

FELINTO

Ok, obrigado, até amanhã.

TELEFONISTA

Até amanhã.

Após desligar o celular, ele levanta da cama e vai até a janela, abre as cortinas e o sol invade a sala/quarto.

5 INT. SALA - DIA

O homem procura nas gavetas da cômoda por seus documentos, pega a identidade e a carteira de trabalho. Não encontra a carteirinha de vacinação. Em tom de enfado conversa consigo mesmo.

FELINTO

Droga, onde será que isso foi parar? A porcaria da minha carteira de vacinação.

Torna a revirar as gavetas, não encontrando a carteirinha de vacinação, olha para o relógio e percebe que já está na hora e então decide sair sem ela.

6 EXT. PARADA DE ÔNIBUS - DIA

O ônibus se aproxima, ele estende o braço. O coletivo para e ele embarca.

7 INT. ÔNIBUS - DIA

Paga a passagem ao cobrador, atravessa a catraca e se espreme por entre as pessoas até achar um espaço para se segurar na barra de apoio. De pé, segue viagem.

8 EXT. UNIDADE DE SAÚDE - DIA

Chega na unidade de saúde.

9 INT. UNIDADE DE SAÚDE - DIA

Chega até o balcão de atendimento e se apresenta ao atendente.

FELINTO

Bom dia! Meu nome é Felinto Boa Ventura. Vim pela a vaga de emprego temporário.

RECEPCIONISTA

Bom dia! Aguarde um instante que já vou avisar que você está aqui.

Ele procura um acento vago e acomoda-se. Olha ao redor: algumas pessoas agonizam em filas de espera por atendimento outras indiferentes conversam sobre o agravamento da pandemia.

10 INT. SALA DE ENTREVISTA - DIA

Ele está sentado em uma cadeira e em sua frente, do outro lado da mesa, está uma mulher de aproximadamente 50 anos, de fisionomia séria e que com olhar atento confere seus documentos e lhe dá instruções sobre o trabalho.

ENTREVISTADORA

Faltou a carteirinha de vacinação.

FELINTO

Certo.

ENTREVISTADORA

Sem falta da próxima vez, aqui trabalhamos com saúde, precisamos dar o exemplo. A gente te espera amanhã cedo para o início da campanha de vacinação. Não se atrase.

FELINTO
Sim senhora, pode deixar.

11 EXT. FRENTE DO POSTO DE VACINAÇÃO - DIA

Um político - homem branco de 41 anos - discursa para um público de umas 50 pessoas num posto de vacinação.

POLÍTICO

Não foram medidos esforços para que pudéssemos no dia de hoje celebrar essa importante conquista sanitária, pois sabemos que a saúde é a condição mais elementar para a dignidade de um cidadão. Por isso, tenho orgulho de dizer a todos vocês que esta gestão administrativa representada aqui na figura do nosso competente secretário de saúde está de parabéns por zelar e assegurar a saúde. Uma salva de palmas a essa incansável equipe e todos os cidadãos aqui presentes.

O povo usando máscara de proteção de time de futebol, super-herói e personagens da Disney aplaude de maneira efusiva. Ao lado do político há outros homens brancos assessores que também aplaudem e vibram com seu discurso, além dos funcionários do postinho que constrangidos participam daquela cena. Dentro de uma fantasia de Zé Gotinha, o protagonista acompanha o pronunciamento, dá uma bambeada e quase cai.

12 INT. BANHEIRO - DIA

Ele retira a cabeça da fantasia, está todo suado e com semblante cansado, abre a torneira e joga água abundantemente no rosto tentando se refrescar, molha a nuca e passa a mão pelo rosto segurando a face molhada por um instante.

13 EXT. FILA DE VACINAÇÃO -- DIA

Pessoas se aproximam para tirar fotos com o Zé Gotinha. Uma criança de 7 anos para diante dele e começa a fazer perguntas.

CRIANÇA

Eu sei que você não é o Zé Gotinha,
é só um homem fantasiado, mamãe me
contou. É quente aí dentro? Por
onde você me vê? Você já tomou a
vacina?

Ele, de dentro do boneco, apenas olha para a criança, mas não diz nada. Uma mulher de aproximadamente 30 anos chama o menino, que corre em sua direção.

MÃE

Enzo, vem cá com a mãe!?

14 EXT. FILA DE VACINAÇÃO -- DIA

Um carro passa diante do Zé Gotinha, ele se vê refletido pela película de vidro e se detém no reflexo. A cena transcorre lentamente e ao fundo o sol se põe na linha do horizonte.

15 INT. SALA -- NOITE

O homem está sentado à mesa, bebe um copo de cerveja enquanto olha para o porta-retratos na cômoda. Câmera foca em vários objetos solitários: um relógio de parede, cinzeiro, calendário, copo sobre a mesa, maço de cigarros, porta-retratos e por fim no próprio homem. O homem apanha o maço de cigarros, retira um isqueiro do bolso e acende um cigarro, dá uma longa tragada e observa uma caixa de sapatos em cima do sofá. Pega a caixa de sapatos. Senta-se no sofá e com ela em seu colo retira a tampa e a observa por alguns instantes enquanto traga seu cigarro. E começa a retirar alguns papéis antigos, exames médicos e, por fim, sua carteirinha de vacinação. Abre-a e vê que está em branco. Então apanha com a mão direita seu isqueiro do bolso enquanto que com a outra segue segurando a carteirinha. Acende-o e direciona a chama para o documento. O fogo começa a consumi-lo, ele detém a chama em frente ao seu rosto enquanto a observa atentamente.

Fade out.

Fim.

MALDITO SEJA O ESPECTADOR DA MINHA VIDA

DIDIÊ KINSEY

1 INT. SALA DAS TELAS NO ALÉM DAS FLORES - DIA

Um girassol em frente a quatro telas de televisão, como se fosse um guarda em uma sala de segurança. Olha câmeras de segurança, e cada televisão mostra diferentes cenas e espaços. Nas telas: um jardim florido, uma janela, a visão de frente de uma casa e a fachada de outra casa com uma mulher de 30 anos que caminha entre as flores do jardim.

GIRASSOL

Malditos sejam os espectadores de
minha vida. Hoje, eu sei de tudo.
Arruinaram minha vida, felizes? E
aquele fumante?

2 EXT. CALÇADA DA CASA COM JARDIM FLORIDO - DIA

O homem fumante (30 anos) fuma na calçada e observa o girassol no jardim.

GIRASSOL (V.O)

Aquele fumante porco, que jogava
bitucas no chão. Hoje, eu sei de tudo.
Meu admirador mais fiel. Palmas de
folhas abertas. Enganou até meu caule.
Se eu fosse rosa, cravaria meus
espinhos naquela cara de fumaça.

3 EXT. JARDIM DA CASA - NOITE

Uma mulher com um sobretudo e capuz desfila entre as flores, deixando uma cinta-liga à mostra. Ouve-se barulhos de orgasmos e garrafas quebrando, que crescem até o final da cena.

GIRASSOL (V.O)

Quase toda noite era isso, desfilava
imponente até a casa do meu dono.
Entrava carregando uma garrafa de
tequila. Eu, do jardim, só escutava as
risadas e gemidos. Algumas vezes
escutava garrafas quebrando, como se a
casa fosse explodir em orgasmos.

4 EXT. RUA/JARDIM DA CASA - NOITE

Um homem atravessa a rua e para na frente do jardim da casa, fuma e observa as janelas acesas, depois olha atentamente para a flor.

GIRASSOL (V.O)

E era só esperar um pouco, que ele aparecia, fumando cigarros de marca barata bem na minha frente, encarava a casa, depois ficava mirando minhas pétalas como se fossem suas. Eu? A mais bela do jardim, mas ao mesmo tempo, aquela que vivia afogada na merda.

5 EXT. CALÇADA - DIA

Bitucas de cigarro se acumulam no chão.

FLOR (V.O)

Ficava horas nessa, fuma e encara.
Fuma e admira. Fuma e fuma. Aquelas bitucas se acumulando na calçada.
Partia só quando amanhecia.

6 INT. SALA DE ENTREVISTAS - DIA

O dono do jardim, sozinho, sentado num sofá responde perguntas como se estivesse sendo entrevistado.

DONO DO JARDIM

Sim! Acho que ela morreu! Quem matou? Aquele cara do outro dia! O que eu tive que espantar. Ficava horas encarando minhas flores, acho até que tocava uma pro girassol.

GIRASSOL (V.O)

Isso! Ele Tocava! Uma vez com violão!
Outras, com outra coisa!

DONO DO JARDIM

Uma vez eu tive que gritar! Só não saí de casa, porque estava acompanhado. Se é que você me entende.

7 EXT. FRENTE DA CASA DO DONO DO JARDIM/CASA DO FUMANTE - DIA

Plano sequência: o dono do jardim grita, da varanda de casa, com o fumante, que coloca as mãos para dentro da grade e toca o girassol. Depois do grito, o fumante corre e entra em sua casa, que fica exatamente do outro lado da rua. Abre a cortina da janela da frente e fica olhando pelo vidro e fumando.

DONO DO JARDIM (O.S)

Se tocar nela de novo, te mato,
demonho!

GIRASSOL (V.O)

Mata nada! Covarde! Se matasse, eu não
estaria nessa! Só tem cara de mau!

8 INT. SALA DE ENTREVISTAS - DIA

A mulher sentada no sofá, com as pernas cruzadas, fala com desenvoltura. Numa janela, ao fundo da sala, pessoas se aglomeram com faixas na cabeça com a inscrição "We love Queencarly", e carregam cartazes e gritam muito.

CARLA

Eu sou Carla, Digital Influencer e cantora, @queencarly, né, bebês?! Eu nem sei quem morreu! Mas, toda minha solidariedade à família!

9 INT. SALA DAS TELAS NO ALÉM DAS FLORES - DIA

O girassol gira em direção da tela em que Carla dá a entrevista.

GIRASSOL

Putá!

10 INT. SALA DE ENTREVISTAS - DIA

Carla alisa o cabelo e fala com voz sensual.

CARLA

Não, eu não conheço esse cara do cigarro! Eu só conheço o GRrRRR. Ele é tão fofoooo! Que jardim maravilhoso. Sempre mandava flores para mim.

GIRASSOL (V.O)

Era por isso que elas sumiam, então... Nem me importava, sobrava mais espaço para mim.

CARLA

Eu?! Tenho um milhão de seguidores, nunca me sinto só. Eu só vinha na casa do GrRRRRR, porque ele é muito GrRRRRR. Delícia. Sim! Sempre de madrugada! Mas, não vi nada, porque eu não fico olhando pra fora. Eu nasci pra ser

vista, não pra gastar meu rímel
piscando pra fracassados.

11 INT. SALA DE ENTREVISTAS - DIA

O fumante está sentado no sofá, cantarola uma música.

FUMANTE

No fundo dos meus olhos, pra dentro da
memória te levei, amor você me
tentoouuu, oohhhh, Carlaaaa! Eu te
amei, como jamais um outro alguéééém
vai te amar. Antes que o soooollll
pudesse acordaaaaarr. Eu te amei!!!
Ohhhh, Carlaaa!

12 INT. SALA DAS TELAS NO ALÉM DAS FLORES - DIA

O girassol dança, girando para os lados.

GIRASSOL

Não é que o desgraçado canta bem?!

13 INT. SALA DE ENTREVISTAS - DIA

O fumante está deitado no sofá, como se estivesse em um divã
de psiquiatra.

FUMANTE

Não, senhor! Eu moro na frente desse
cara, nem sabia que a Carla tava lá!
Flor? Que flor? Girassol? Não, não,
senhor! Não vi! Nem gosto de flor,
olha lá pra minha casa! Eu uso pedra
brita no pátio. Não tenho paciência de
cuidar. Não presto pra essas coisas,
não! Não que eu preste pra muita
coisa, sabe como é!

GIRASSOL (V.O)

Bom em arrancar flor dos outros. E
sair por aí fumando, emporcalhando o
mundo. Enfia no cu essa bituca.
Bandido.

14 EXT. CASA DO FUMANTE/CASA DO DONO DA FLOR - NOITE

Plano sequência: o fumante fecha a porta de sua casa
decidido. Acende um cigarro. Atravessa a rua fumando, chega
na calçada, dá uma longa baforada, soltando muita fumaça e
joga o cigarro no chão.

15 EXT. CALÇADA/JARDIM/CASA DO DONO DA FLOR - NOITE

O fumante atravessa os braços pelas grades e acaricia a flor.

FUMANTE (V.O)

Carla, eu não tenho jardim florido,
nem corpo que atraí gente pra dançar,
nem aguento muito tempo. Eu só queria
gargalhar contigo bebendo tequila em
noite quente, até amanhecer. Andar
pela cidade de mãos dadas, sentindo um
ar que não fosse fumaça.

O fumante arranca a flor e olha para as luzes da janela da casa do dono da flor. Com a flor nas mãos acende um cigarro e vira as costas.

FUMANTE (V.O)

O único companheiro que tenho é o
cigarro, que corrói minha alma,
pulmões e amor próprio. Ah, se você
soubesse. Quantos poemas que escrevi
pensando em ti. Quantas vezes que
fiquei na frente do teu prédio com
eles nas mãos.

16 INT. SALA DA CASA DO FUMANTE - NOITE

O fumante está na frente da janela fechada, com a cortina florida aberta, sua fumaça bate na vidraça e volta para dentro da casa, bebe tequila da garrafa. Em cima da mesa, o girassol está encapado com celofane vermelho. Tem um envelope com a inscrição "Para Carla" dentro do buquê. Os móveis da sala são antigos, da década de 80.

FUMANTE (V.O)

Escolhi a flor que ele mais gostava
pra te dar. A flor que eu mais
gostava, também. A flor que implorava
pra ser arrancada. A flor que mais
brilhava. Que era mais sacana.

17 EXT. PÁTIO DA ESCOLA - DIA (PASSADO)

Crianças brincando no recreio. Carla, com 9 anos, pula amarelinha. O fumante, também com 9 anos, tem um pirulito na boca, como se fosse cigarro, observa sentado num banco.

FUMANTE (V.O)

Carla, por que você nunca me olhou?

18 INT. SALÃO DE FESTAS - DIA (PASSADO)

Festa de formatura do Ensino Médio. O fotógrafo faz sinal para os formandos se agruparem ainda mais. Carla está no centro, e o fumante se espreme no fundo para aparecer, sorri amarelo. Todos usam becas e capelos azuis de formatura. Todos na cena têm 17 anos.

FUMANTE (V.O)

Sendo que eu sempre estive lá!

19 INT. SALA DA CASA DO FUMANTE - DIA (PASSADO)

Passado recente. O fumante deitado no sofá antigo de sua casa, com o celular na mão, fuma e solta muita fumaça, escreve comentários no Instagram de Carla e manda mensagens no direct que dizem "Você lembra de mim?".

FUMANTE (V.O)

Eu quero ficar contigo pra sempre!

20 INT. SALA DAS TELAS NO ALÉM DAS FLORES - DIA

O girassol vê as três cenas do passado do fumante em uma das telas de televisão. A cena das crianças na escola, a cena da formatura e a cena do fumante deitado no sofá fumando. Numa segunda tela passa um show de Carla.

GIRASSOL

Patético! Maldito seja o espectador de minha vida!

21 INT. CASA DE SHOWS - NOITE

Carla entra no palco, veste uma roupa bem chamativa e sexy, botas muito grandes, estilo as da Xuxa na década de 80, dança e canta, balança muito o cabelo, para na frente do público e rebola com a bunda virada para a plateia, o público vai a loucura. No meio da plateia o fumante sorri, depois gargalha, depois chora. Atira o girassol no palco. Muitas luzes coloridas deixam o palco difícil de olhar sem franzir os olhos, no fundo do palco um telão mostra girassóis piscando, intercaladas com fotos sensuais de Carla.

O girassol voa por cima do público em câmera lenta e cai no lado direito do palco.

Carla dança pelo palco, olha para o público, canta, agita o público, ergue as mãos, sempre rebolando, dança deslizando para o lado direito do palco e pisa na flor.

O girassol é pisado pela bota de salto alto de Carla.

Blackout.

Sobem os créditos.

FIM.

MARTINHA

NELSON DE FARIA CAMPOS

1 EXT. BR/CONJ. HABITACIONAL - ANOITECER

BR por onde trafegam carros e caminhões. Blocos de apartamentos ao lado da BR.

2 EXT. CONJUNTO HABITACIONAL - ANOITECER

Martinha (14 anos) está na janela de um dos apartamentos. Iluminada pela luz do crepúsculo, ela contempla pensativa a paisagem com o olhar indeciso: entre as luzes dos carros na BR e o horizonte laranja.

3 INT. QUARTO DA MARTINHA - ANOITECER

Martinha está na janela observando a paisagem do entardecer enquanto os carros e caminhões passam na BR com as luzes acesas realçadas pela escuridão da noite. Ela sai da janela e acende a luz do quarto. Pega um caderno e um estojo de canetas dentro de uma mochila, deita em sua cama e coloca a caneta no canto da boca por alguns instantes olhando para a folha em branco do caderno.

MARTINHA (V.O.)

Trabalho de português. Escrever um diário.

Em seguida ela escreve: QUARTA-FEIRA, DIA 20/11/2019 18:50H.

MARTINHA (V.O.)

Hoje depois da aula...

4 EXT. RUAS PRÓXIMAS A ESCOLA - DIA (PASSADO)

Martinha caminha com três colegas na saída da escola. Em uma esquina eles se separam.

MARTINHA

Tchau pra vocês. Té amanhã!

AMIGAS EM CORO

Tchau amiga!

Martinha caminha sozinha por outra rua. Logo para de caminhar e olha para trás procurando alguém.

MARTINHA (V.O.)

Que mau... Será que o Davi não vem mesmo.

Ela olha outra vez para a trás.

MARTINHA (V.O.)

Acho que ele não vem mesmo.

Ela se vira para onde estava indo e caminha pela rua, olhando de vez em quando para trás.

5 EXT. FRENTE DA CASA DA VÓ MARTA - DIA (PASSADO)

Martinha abre o portão e entra na casa.

6 INT. COZINHA DA VÓ MARTA - DIA (PASSADO)

Martinha e sua avó (70 anos) comem na mesa. A avó tem o olhar vago e perdido.

A avó corta um pedaço de bolo e serve no prato da Martinha.

MARTINHA

Humm... Que gostoso vó! De que é esse bolo?

VÓ MARTA

É daquele... É daquela... Como é que é mesmo o nome?

Sorridente, Martinha corta uma porção do bolo em seu prato com um garfo e o leva à boca.

VÓ MARTA

Então Martinha, como é mesmo o nome do teu namorado?

Martinha para o garfo antes de chegar na boca.

7 INT. QUARTO DA MARTINHA - NOITE (PRESENTE)

Martinha está deitada na cama. Ela morde a ponta da caneta e tem o olhar perdido no teto do quarto. Um caderno está aberto sobre a cama ao seu lado, com meia página de texto escrito sobre o que aconteceu no seu dia.

MARTINHA (V.O.)

Agora fiquei na dúvida se devo contar isso pro diário... Mas o professor falou pra gente escrever tudo que a gente quiser... Então...

Ela se vira para o caderno e escreve.

8 INT. COZINHA DA VÓ MARTA - DIA (PASSADO)

Martinha está com o garfo e o pedaço de bolo próximo à boca aberta. Ela desce o garfo no prato.

MARTINHA

O nome dele é Davi, vó.

Martinha coloca o pedaço de bolo na boca, mastiga um pouco com os olhos fechados. A avó lhe serve uma xícara com café com leite. Martinha bebe um gole.

VÓ MARTA

Que nome bonito. Como é que ele é
minha filha? Me conta, ele te dá
flores?

Martinha sorri. A avó procura alguma coisa na mesa, com uma faca e um pedaço de torrada nas mãos, depois levanta com a torrada e a faca nas mãos, vai até a geladeira, abre e procura alguma coisa.

VÓ MARTA

Aonde será que deixei aquele doce?

MARTINHA

O que a senhora está procurando?

VÓ MARTA

Aquele doce de...

Martinha pega um pote de doce sobre a mesa.

MARTINHA

Não é esse aqui, vó?

VÓ MARTA

É esse mesmo. Não sei onde estou
com a cabeça?!

Vó Marta vai até a mesa, senta e passa o doce na torrada que segura nas mãos. Neta e avó comem e conversam com desembaraço.

MARTINHA

Nem te conto, vó! O Davi é muito
tímido. Outro dia...

9 EXT. FRENTE DA CASA DA VÓ MARTA/RUA - DIA

Martinha e a avó se abraçam.

Martinha caminha na direção do portão. Antes de sair ela se vira para a avó.

MARTINHA
É milho vó.

VÓ MARTA
O quê?

MARTINHA
O bolo é de milho.

A avó sorri e passa a mão na testa. A neta sai pelo portão e caminha pela rua se afastando da casa. Vó Marta acompanha com o olhar a neta se afastar da casa, depois se distrai olhando uma flor em um vaso no seu quintal.

10 EXT. RUA DA CASA DO CACHORRO - DIA

Martinha caminha e se aproxima do quintal de uma casa onde está um cachorro magro, amarrado com uma corrente bem curta, ao lado de um pequeno abrigo de madeira, sem água nem comida. Ela se aproxima da cerca. Bate palmas, mas ninguém atende. Ela olha para o cachorro e nega com a cabeça.

MARTINHA
(Sussurrando) Que dó! Como
podem deixar um animal preso
desse jeito? (Grita) Ô de
casa! (Sussurrando) Tá com
fome, tá? (Grita) Ô de casa!
(Sussurrando) Amanhã eu trago
comida pra ti.)

Martinha se afasta da cerca onde está o cachorro e caminha pela rua.

Sobre a cerca existe uma placa encoberta pela vegetação.

11 EXT. BR - DIA

Martinha atravessa a estrada e os motoristas buzina pra ela. Ela se irrita e faz um gesto com o dedo do meio da mão direita levantado para os motoristas e corre pra longe da estrada.

12 INT. QUARTO DA MARTINHA - NOITE

Deitada de bruços, na cama, Martinha desenha o cachorro preso no caderno.

Ela fecha o caderno, senta na cama com o caderno nas mãos, levanta e guarda o caderno na mochila, apaga a luz e sai do quarto.

13 INT. COZINHA DO APARTAMENTO DA MARTINHA - NOITE

As mãos de Analice (40 anos), retiram a folha do calendário pregado na porta da geladeira. "QUARTA-FEIRA 20/11/2019".

O relógio do microondas indica 18:30h.

14 INT. SALA - NOITE.

Máurio (45 anos) abre a porta e entra no pequeno apartamento. Fecha a porta e vai para o quarto.

15 INT. COZINHA - NOITE

Analice arruma pratos e talheres na mesa.

16 INT. SALA - NOITE

Martinha sai do banheiro com uma toalha amarrada no corpo e Máurio está parado na porta do banheiro obrigando ela a passar bem próximo a ele. Ela o empurra, sai do banheiro e entra no quarto.

17 INT. QUARTO DA MARTINHA - NOITE.

Martinha fecha a porta do quarto com força.

MARTINHA
Uhhh! Que ódio!!

18 INT. COZINHA - NOITE.

Analice abre o forno, olha e manipula a lasanha com um garfo.

19 INT. BANHEIRO - NOITE.

Máurio se ensaboa enquanto toma banho.

20 INT. COZINHA - NOITE.

Analice arruma pratos e talheres na mesa.

21 INT. QUARTO DE ANALICE E MÁURIO - NOITE

Máurio se penteia na frente do espelho.

22 INT. COZINHA - NOITE.

Analice lava uma panela. Máurio chega na cozinha e senta em uma cadeira da mesa.

MÁURIO

Traz uma cerveja pra mim.

Analice enxuga as mãos em um pano, abre a geladeira, pega uma lata de cerveja e coloca na mesa.

ANALICE

O novo pastor disse que o álcool é coisa do demônio.

Máurio abre a cerveja, bebe um longo gole e depois arrota.

MÁURIO

Esse pastorzinho não me engana. Conheço o tipo. Tu abre o olho com ele...

Martinha chega na cozinha.

MARTINHA

Mãe, vou estudar na casa da Maria Fernanda.

MÁURIO

Agora toda noite é assim?

MARTINHA

Não se mete na minha vida que tu não é meu pai.

MÁURIO

Mas eu que pago as contas da casa. Não esquece.

A mãe pega a lasanha no forno e coloca na mesa enquanto Martinha sai. Escutamos a batida forte da porta de saída. Máurio bebe um gole de cerveja e Analice serve a lasanha no seu prato.

MÁURIO

Coloca mais! E abre o olho com essa menina, depois ela chega barriguda aí... Não vai dizer que eu não avisei.

Analice coloca mais um pouco de lasanha no prato de Máurio, depois senta, serve um pouco de comida no seu prato e eles comem em silêncio.

23 INT. QUARTO DA MARIA FERNANDA - NOITE

Maria Fernanda (14 anos, uma das amigas que estavam com Martinha na saída da escola) está sentada em uma mesinha escrevendo em um caderno. Martinha está deitada na cama ao lado de Davi, que joga no celular.

MARTINHA

Tem dias que a gente não deveria nem acordar.

Maria Fernanda para de escrever e se vira para Martinha.

MARIA FERNANDA

Que foi, amiga? Tás escrevendo no diário?

Martinha senta na cama.

MARTINHA

Adorei o trabalho do professor Luan. Escrever um diário. Amiga hoje eu encontrei um cachorro amarrado numa corrente muito curta. Que dó.

Martinha deita na cama. Maria Fernanda levanta e vai até a cama e senta aos pés de Martinha.

MARIA FERNANDA

Não adianta, Martinha, a turma decidiu fazer o trabalho de ciências sobre o herói que luta contra o vilão que destrói a floresta.

MARTINHA

Eu sei. Tá tranquilo, mas eu vi mesmo um cachorro de verdade amarrado e tenho que fazer alguma coisa.

Davi para de jogar e abraça Martinha.

DAVI

Tô contigo, Martinha!

MARIA FERNANDA

Agora fiquei curiosa.

Martinha levanta e fica em pé na frente de Davi e Maria Fernanda, que se ajeitam na cama olhando atentos para ela.

MARTINHA

Então, tava pensando que uma noite dessas a gente podia...

24 INT. COZINHA - DIA

Analice coloca uma macarronada sobre a mesa, Martinha chega na cozinha, senta na mesa e coloca macarrão em seu prato. Analice abre a geladeira.

Martinha come macarrão, Analice senta na mesa.

Martinha levanta da mesa, Analice come macarrão.

25 INT. SALA - DIA

Martinha sai pela porta com uniforme escolar.

26 INT. COZINHA - DIA

Analice lava louça.

(A luz do sol que entra pela janela muda de direção e indica a passagem das horas).

27 INT. QUARTO DA MARTINHA - NOITE(SONHO)

Martinha dorme em sua cama. A porta do quarto abre lentamente e Máurio entra. Com metade do corpo dentro do quarto ele observa Martinha dormindo. Ela se vira na cama e descobre as pernas. Ele se aproxima e fica em pé ao lado da cama olhando Martinha dormir. Ela acorda e se assusta quando

o vô. Ela tenta levantar, mas ele deita sobre ela e coloca a mão na sua boca. Ela luta tentando empurrar Máurio.

28 INT. QUARTO DA MARTINHA - DIA

Martinha acorda ofegante lutando com o lençol enrolado no seu corpo. Ela desenrola o lençol do seu corpo e o joga com repulsa para fora da cama, depois chora abraçada com o travesseiro.

29 INT. COZINHA - DIA

Analice está lavando uma caneca. Martinha chega assustada na cozinha. Ela olha para trás procurando alguém.

MARTINHA

Mãe, cadê ele?

ANALICE

Que é isso, guria? Parece que viu um fantasma?

MARTINHA

Cadê ele?

ANALICE

Ele quem?

MARTINHA

Mãe, acorda! Esse homem não presta.

ANALICE

Do que cê tá falando?

Martinha senta na mesa. Analice balança a cabeça negativamente e coloca a caneca no escoredor.

MARTINHA (V.O.)

Agora até pesadelo!?

Analice passa um pano sobre a pia, espreme e o deixa dobrado, depois se vira para Martinha.

MARTINHA

Mãe, preciso da senhora pra salvar um cachorro.

Analice senta na mesa.

ANALICE

Que cachorro, guria? Lá vem tu com essas histórias. Olha o que tu tá fazendo...

Martinha se levanta da cadeira.

MARTINHA

Depois que o pai morreu a senhora não liga mais pra mim.

Analice abaixa a cabeça.

MARTINHA

Só quer saber desse homem horrível. A senhora já viu como ele me olha?

ANALICE

Que é isso menina!? Tu não sabe o que tá falando? Ele é bom. Coloca comida dentro de casa.

Analice se levanta e encara a filha. Martinha olha com raiva para sua mãe.

MARTINHA

A senhora está ajudando o animal errado mãe.

Martinha sai da cozinha furiosa. A mãe observa com a boca aberta, incrédula.

30 EXT. BR - DIA

Carros e caminhões passam com intensidade nos dois sentidos.

31 EXT. RUA DA CASA DO CACHORRO - DIA

Martinha, Davi e Maria Fernanda estão parados, com uniforme escolar, ao lado do quintal onde o cachorro está preso em uma pequena corrente. Martinha joga uma salsicha sobre a cerca para o cachorro. Ele come. Davi joga outra salsicha, depois Maria Fernanda joga a salsicha para o cachorro.

MARTINHA

Tudo certo pra hoje?

DAVI

Acho que vou conseguir uma escada.

MARIA FERNANDA

Já peguei a corda nas coisas do pai.

MARTINHA

Boa. Então a gente se encontra na tua casa 7 horas.

Maria Fernanda balança a cabeça afirmativamente, com os olhos brilhantes e um sorriso enigmático. Martinha abraça Davi e Maria Fernanda e eles seguem caminhando.

32 INT. SALA - DIA

Analice lê a bíblia sentada no sofá da sala. Máurio abre a porta e entra no apartamento. Analice para a leitura e olha pra ele. Máurio não olha pra ela e caminha para o quarto. Analice fecha a bíblia, levanta do sofá, coloca a bíblia sobre a mesa e vai para a cozinha.

33 INT. QUARTO DA MARTINHA - DIA

Martinha está na janela do seu quarto olhando o pôr do sol e os carros passarem na BR.

34 INT. CORREDOR - DIA

Máurio caminha pelo corredor e para do lado de fora do quarto da Martinha e a observa pela porta entreaberta. Martinha se vira e ele se afasta. Ela fecha a porta rapidamente.

35 INT. BANHEIRO - NOITE

Máurio toma banho e passa xampu nos cabelos tranquilamente com a água escorrendo pelo seu rosto.

36 INT. COZINHA - NOITE

Analice arruma os pratos na mesa.

37 INT. QUARTO DA MARTINHA - NOITE

Martinha veste suas roupas. Calça, blusa, tênis e jaqueta.

38 INT. COZINHA/SALA - NOITE.

Plano sequência: Analice olha o escondidinho no forno. Martinha aparece na cozinha, mas não se deixa ver, esai furtivamente do apartamento. Analice percebe e vai atrás mas só vê a porta se fechando. Ela volta para cozinha, fecha a porta do forno, e vai até a sala, abre a porta do apartamento, olha para fora. Ela fecha a porta e volta pra cozinha.

39 INT. ESCADAS - NOITE

Martinha desce um lance de escadas e para com o som de uma porta se abrindo. Ela se encosta na parede e fica atenta, em silêncio. Depois que ouve o som da porta se fechar, ela volta a descer as escadas.

40 EXT. CONDOMÍNIO - NOITE

Martinha caminha pelos blocos de apartamentos.

41 EXT. RUA NA FRENTE DO CONDOMÍNIO - NOITE

Martinha passa pela portaria onde está um grupo de rapazes que dirigem seus olhares para ela, que caminha mais rapidamente se afastando do condomínio.

42 EXT. BR - NOITE

Martinha espera os carros passarem e atravessa correndo a estrada.

43 EXT. RUA DA CASA DO CACHORRO - NOITE

Martinha e Maria Fernanda segurando uma corda, estão parados ao lado da cerca do quintal onde está o cachorrro.

Davi chega correndo.

DAVI

Putz! Foi mal, não consegui a escada.

Martinha e Maria Fernanda trocam olhares. O cachorro olha pra eles arfando com a língua de fora.

44 INT. COZINHA - NOITE

Analice se abaixa para olhar o forno.

Máurio chega furtivamente na cozinha e senta na cadeira da mesa.

MÁURIO
Cadê tua filha?

Analice se assusta e deixa a tampa do forno fechar violentamente. Ela se levanta e olha para Máurio.

MÁURIO
Agora só vive na rua?

Analice se abaixa, abre o forno e pega o escondidinho.

ANALICE
Foi na casa da Maria Fernanda.

MÁURIO
Maria Fernanda... Sei, depois aparece grávida e não sabe o que aconteceu.

Analice pega a comida no forno e coloca na mesa calmamente.

MÁURIO
Pega uma cerveja pra mim.

Analice olha pra ele demoradamente. Máurio se surpreende.

MÁURIO
O que foi mulher?! Tá me estranhando?

45 EXT. RUA DA CASA DO CACHORRO - NOITE

Martinha, Davi e Maria Fernanda estão do lado de fora da cerca onde está preso o cachorro. Um carro se aproxima. Eles correm e se escondem em uma esquina. O carro passa pela rua. Eles sorriem aliviados. Caminham até a cerca. Maria Fernanda faz um laço na corda e tenta jogar para engatar sobre a cerca, mas erra. Maria Fernanda dá a corda para Martinha.

MARIA FERNANDA
Tenta você.

Martinha pega a corda das mãos de Maria Fernanda e enrola em uma das mãos, deixando o laço na outra mão, e joga na cerca. O laço prende sobre a cerca em uma placa.

46 INT. COZINHA - NOITE

Analice pega uma lata de cerveja na geladeira e coloca sobre a mesa na frente de Máurio. Ele pega a cerveja, abre e bebe um longo gole. Analice senta em seu lugar na mesa e se serve do escondidinho. Máurio come com vontade e determinação. Analice coloca um pouco da comida no garfo, leva a boca e mastiga tranquilamente.

47 EXT. RUA DA CASA DO CACHORRO - NOITE

Davi e Maria Fernanda olham Martinha subir a cerca segurando a corda. A corda está presa em uma placa. Maria Fernanda vê a placa. Ela mostra a placa para Davi. Eles lêem na placa: "CUIDADO PERIGO! CERCA ELÉTRICA!". Davi e Maria Fernanda são surpreendidos e iluminados pela luz do flash de uma potente descarga elétrica.

48 INT. COZINHA - NOITE

Analice lava um prato na pia. Máurio come.

MÁURIO

Caralho! Quase esqueci que hoje tem jogo.

ANALICE

Semana que vem ficaram de me chamar pra uma entrevista no supermercado.

MÁURIO

Já tá na hora de tu ajudar com as despesas. E tua filha também não ajuda nada, só quer ficar na rua, daqui a pouco aparece com uma criança pra tu criar.

Analice lava um prato. Seus olhos brilham cheios de lágrimas. Analice enxuga o prato com um pano, uma lágrima desce pelo seu rosto e ela enxuga com o pano.

49 INT. SALA/COZINHA/QUARTO - NOITE

Máurio liga a televisão em um jogo de futebol e senta no sofá. Analice passa roupa.

MÁURIO

Traz uma cerveja pra mim.

Analice aperta os olhos e morde os lábios. O telefone toca.

MÁURIO
Vai atender lá dentro pra não
atrapalhar meu jogo.

Analice vai até a cozinha e atende o celular.

ATENDENTE DO HOSPITAL (V.O)
Boa noite. Falo com Analice
Ferreira.

Analice balança a cabeça afirmativamente.

ATENDENTE DO HOSPITAL (V.O)
Marta Ferreira é sua filha? Falo da
emergência do Hospital Geral.

Analice, caminha cambaleante pelo apartamento com o telefone no ouvido, se apoiando nas paredes, ela chega no seu quarto e deita na cama.

ATENDENTE DO HOSPITAL (V.O)
Sua filha teve sorte de ter amigos
por perto. O choque foi apenas um
grande susto. Ela vai ficar bem.

Analice respira fundo e solta o ar entre os dentes com fúria. Levanta da cama, pega sua bolsa e parte decidida para a sala. Ela para na frente de Máurio no momento em que o time adversário faz um gol. Máurio olha para Analice e fica sem entender o que ela faz ali, parada na sua frente. Analice críspa os olhos para ele e sai do apartamento batendo a porta.

Máurio continua sentado no sofá sem entender o que tinha acontecido.

O time adversário faz outro gol.

Máurio levanta do sofá e desliga a televisão.

50 EXT. QUARTO DA MARTINHA - DIA

Martinha observa os carros passarem na BR.

Ela sai da janela, deita de bruço na sua cama e escreve em um caderno.

MARTINHA (V.O)
Querido diário, essa foi por pouco,
ainda bem que a mãe se livrou
daquele traste quase no final do
ano. 2020 vai ser só alegria.

Ela fecha o caderno e se vira na cama.

O cachorro que estava preso pula sobre ela e eles brincam com alegria.

Davi e Maria Fernanda entram sorridentes no quarto.

Na BR passam carros e caminhões enquanto o sol se põe.

Fade out.

Fim.

NASCI PREPARADO

NIELSON RIBEIRO MODRO

1 INT. CELA - DIA

João (35) se observa num pequeno espelho. Cabelos brancos. Barba e cabelo impecáveis. Roupa alinhada.

Escuta uma leve batida na porta.
(Todas as cenas devem ser em plano fechado/close, sem identificar os ambientes)

2 INT. CELA - DIA

Padre José (40) é recebido e entra na sala.

JOÃO
Padre! Seja muito bem vindo, entre. Estava aguardando você chegar para podermos conversar.

PADRE
Tudo bem consigo meu filho? Como estás? Estás preparado?

João olha de forma entre cínica e provocativa. Seu olhar é notado pelo padre, mas este nada comenta.

JOÃO
Padre, como sempre disse já nasci preparado meu velho!

PADRE
Filho, nunca brinques com estas questões divinas!

JOÃO
Não brinco padre. Pode não parecer mas nasci preparado sim. Aliás, que acha? Que me diz? Olha só como estou todo arrumadinho hoje! Estava me observando no espelho e acho que nunca estive tão bem! Estou preparado como sempre padre!

PADRE
(balbuciando e sem muita convicção)
Fico feliz meu filho!

Ambos e olham, calados, de forma cúmplice transparecendo haver contatos de longa data entre ambos.

JOÃO
Achei que você viria semana passada
padre... me esqueceu é?

PADRE
Não meu filho, havia outros
compromissos. Desculpe...

JOÃO
(com um sorriso entre a ironia
e o receio)
Confesso ... Senti sua falta!

Ambos ficam se olhando, como se o tempo parasse. Nenhuma palavra mais. "Nasci preparado" ecoava no ambiente. Os olhares fixos entre um e outro e uma proximidade entre ambos quase incômoda.

PADRE
(olhar fixo, dá um leve
suspiro)

O padre leva suas mãos até as mãos dele, lentamente, quase delicado e de forma quase carinhosa. João esboça um leve susto mas não recua, não esboça reação, quase como esperando isso. Apenas uma leve mudança no semblante.

PADRE
(abre a boca para começar a
dizer algo mas é interrompido
com uma leve batida na porta)

3 INT. CELA - DIA

HOMEM (30)
(entre um tom amigável e
intimidador)
Vamos!

4 INT. CORREDOR - DIA

Caminham em conjunto. Sem palavras. João num caminhar entre altivo e trôpego, esbarrando de leve a sua mão na mão do padre, entre querer mais um contato físico e um buscar evitar demonstrar qualquer fraqueza.

5 INT. SALA DE EXECUÇÃO - DIA

HOMEM
(apontado a maca)
Pode se deitar

JOÃO
(Deita-se serenamente e
seguro, olha diretamente para
o padre. Voz firme.)
Nasci preparado, padre!
(Após breve silêncio, ameaça
falar algo)

6 INT. SALA DE CONTROLE - DIA

HOMEM
(Close em uma mão aplicando
injeção letal)

7 INT. SALA DE EXECUÇÃO - DIA

PADRE
(Close no rosto, sem mostrar a
maca, como complementando a
frase não dita de João)
Sim filho! Nasceu preparado e está
preparado porque sempre foi
inocente!

8 INT. SALA DE EXECUÇÃO - DIA

Plano aberto, mostra João já morto na maca e as pessoas
próximas ao redor. Padre com cabeça baixa, como que rezando.

Fade out.

Fim.

O MONSTRO

RITA DUARTE

Biblioteca, prédio de escola antigo, pé direito alto, porta de duas folhas com vidraças. Na parede ao longo da porta tem um balcão de atendimento, sentada atrás dele lendo algo está Irmã Aurélia(80), vestindo hábito e usando óculos. No centro vemos cinco mesas vazias acompanhadas de quatro cadeiras em cada, nas paredes laterais duas prateleiras de parede inteira com livros variados entre Literatura Brasileira, alguns livros infantis como as Reinações de Narizinho, Cartilhas de Tabuada, Bíblias variadas, livros de História, Geografia, Língua Portuguesa e Organização Social e Política Brasileira. Contos de Fadas e Enciclopédias da época para pesquisas escolares: Barsa, Delta Larrousse, História Universal, Os bichos, História da Civilização, Enciclopédia do Estudante, Conhecer e Medicina e Saúde já encadernados, a Britânica, a Brasileira, a Enciclopédia da Família Cristã, além das raras atualizações anuais de cada uma delas. Na parede do fundo uma janela grande.

Marília(12), de uniforme da escola, carregando sua pasta escolar, entra, cumprimenta a freira, que interrompe a leitura.

MARÍLIA

Boa tarde Irmã Aurélia!

IRMÃ AURÉLIA

Boa tarde Marília! O que você precisa minha filha?

MARÍLIA

Preciso de "O Ateneu" do Raul Pompéia. É prá fazer ficha de leitura para a professora Maria Helena.

IRMÃ AURÉLIA

Hummm!! Muito bem! Menina aplicada! As outras ainda não vieram procurar. Está na terceira prateleira à direita, na segunda coluna.

MARÍLIA

Obrigada!! A sua benção Irmã.

IRMÃ AURÉLIA

Deus lhe abençoe, minha filha!

Marília procura, acha e pega o livro, senta em uma cadeira numa das cinco mesas no centro da biblioteca. Abre o livro em cima da mesa na primeira página. Abre a pasta e tira um

marcador de páginas, coloca na página aberta. Vai tirando da pasta e colocando em cima da mesa, [U+FB01]chas de leitura, caixa de lápis de cor, estojinho de hidrocor e o seu estojo classe. Retira do estojo um lápis grafiti, apontador, borracha branca e borracha de duas cores, caneta esferográfica e a sua caneta esferográfica de várias cores em uma só. Ela olha para o livro e bufa. Espia de canto de olho prá Irmã Aurélia que lê algo concentrada. Marília apoia a cabeça na mão esquerda, pega uma das fichas de leitura, o lápis grafiti e começa a rabiscar um desenho de forma desleixada com a outra mão.

2 INT. QUARTO DE MARÍLIA - DIA (PASSADO)

Marília(5) deitada na sua cama, mãos cruzadas atrás da cabeça. Cabeceira da cama em madeira com recortes de arabescos, pintada de branco e enfeitada com decalques de flores e bichinhos. As paredes do quarto são cor de rosa. No chão, parquê de duas cores. Janelas brancas. As venezianas da casa estão todas fechadas para espantar o calor. Marília olha sorrindo para as bonecas em cima da cômoda, vai passando os olhos pela sua Andinha, pela Alice, a Guigui, as duas Suzys, e fecha o rosto, franze o cenho com olhar de reprovação para uma em especial, a boneca antiga de porcelana com cabelos vermelhos.

MARÍLIA (V.O.)

Porque diacho o cabelo dessa aí é vermelho? Que feio! Credo!

Os irmãos Júlio(7) e Fernando(4) aparecem na porta, de pés descalços, alpargatas nas mãos, fazem gesto chamando por ela. Marília levanta pega sua chinela e sai atrás deles.

3 INT. CORREDOR - DIA

Marília olha pela porta do quarto dos pais que está entreaberta, os dois dormem ressonando. Ela continua pelo corredor na ponta dos pés.

4 INT. SALA DE JANTAR - DIA

Marília, Júlio e Fernando entram na sala de jantar. Chão de ladrilhos hidráulicos, mesa grande de 12 lugares.

Júlio vai na frente, para perto da porta que dá prá cozinha e gesticula com o dedo indicador na frente da boca para que não façam barulho, faz outro gesto para que cheguem bem perto, agora estão posicionados em círculo, sussurrando.

MARÍLIA
Onde vocês vão?

JÚLIO
Acho melhor não vir junto.

MARÍLIA
(indignada)
Porquê?

Fernando, com os olhos arregalados e as mãos bem abertas, um pouco agitado, sussurra.

FERNANDO
Nós vâmo vê o monstro do sol

Ela arregala os olhos.

MARÍLIA
Como assim?

JÚLIO
(fala pausado com impaciência)
Vâmo vê o monstro do Sol!

JÚLIO
O Fernando me pediu prá mostrar prá ele.

MARÍLIA
(assustada)
Mas porque eu não posso i junto?

JÚLIO
Porque tu é menina!

MARÍLIA
E daí?

JÚLIO
E daí? Daí que menina é cagona.

Ele vira e sai da sala para a cozinha, Fernando sai atrás. Ela hesita por um tempo, entrelaça os dedos, morde o lábio, olhos para um lado, olhos para o outro, baixa os braços e sai atrás deles.

5 INT. COZINHA - DIA

Os dois irmãos estão cochichando na cozinha e Marília entra com passos firmes.

MARÍLIA
(indignada)
Eu vô junto, sim!

JÚLIO
Shshshsh... Fala báxo! Tá bem! Mas
depois não diz que não avisei.
Cagona!

Marília bufa, brava, pega os três cantis e enche com água da torneira, entrega um para cada irmão e guarda o seu.

Júlio abre a porta dos fundos - entra bastante claridade - calçam as alpargatas e chinela, saem todos, ele fecha a porta devagar, sem fazer barulho.

6 EXT. POMAR - DIA

As três crianças atravessam o pomar caminhando ligeiro por um caminho estreito, sem pasto. Júlio vai na frente. Marília leva Fernando pela mão, que caminha um pouco atrás dela.

FERNANDO
(choramingando)
Tá muito calor! Tô suado todo!

MARÍLIA
Aguenta um pouco mais, a gente já
vai chegá.

JÚLIO
Quis vim? Agora aguenta!

7 EXT. POTREIRO -DIA

As três crianças atravessam um campo não muito amplo, onde se vê alguns cavalos mansos e duas vacas de leite. Marília chama a atenção do Fernando apontando uma das vacas, tentando distraí-lo.

MARÍLIA
Olha lá FÊ! A Mimosa! Nossa
vaquinha de leite.

FERNANDO
É mesmo! Oi Mimosa!!!(grita). Eu
gosto do leite dela.

Marília sorri.

MARÍLIA
Eu também!

Os dois riem. Júlio, rabugento, repreende os dois.

JÚLIO
Cala a boca! Falando a gente cansa
mais. Eu não vô carregar ninguém,
nem na garupa e nem no colo.

Os dois menores se entreolham, dão de ombros, sorriem,
continuam em silêncio.

8 EXT. CAMPO DE INVERNADA - DIA

As três crianças atravessam um campo largo, com gado em um
canto e rebanho de ovelhas em outro. No final do campo Júlio
pula a cerca de arame. Marília aguarda Fernando que quando
sobe engancha a camisa no arame farpado. O segundo arame de
cima prá baixo. Fica preso.

FERNANDO
Aaai mana!... Pegô!... Pegô!...
Não consigo saí.

MARÍLIA
Júlio! O Fernando prendeu.

Júlio volta impaciente e retira o irmão descendo ele de
volta dentro do campo.

JÚLIO
Meu Deus! Vocês só me dão trabalho!
Passem por báxo. Vô abri a cerca.

Júlio calça o pé no arame bem de baixo e com a mão puxa prá
cima o arame logo acima daquele.

JÚLIO
Marília, pássa o Fernando antes e
depois tu pássa. Ligêro! Dói os
dedo segurá isso.

MARÍLIA
Pronto!Passei!

Julio solta o arame.

9 EXT. ESTRADA DE TERRA/ESTRADA DE FERRO - DIA

As crianças caminham pela estrada de terra e se aproximam da estrada de ferro. Marília e Fernando correm para os trilhos e brincam de saltar de um dormente para outro.

Agora, cada um caminha em um dos lados do trilho, um pé na frente do outro, braços abertos, se equilibrando, rindo bastante.

10 EXT. ESTRADA DE FERRO - DIA

Em outro ponto, longe deles, um trem Maria Fumaça passando.

11 EXT. ESTRADA DE FERRO - DIA

Os três ouvem barulho de trem ao longe.

JÚLIO

(gritando)

Vem vocês os dois numa vez! O bicho já tá vindo! Se ele enxergá vocês, eu não quero nem vê!

Os dois se assustam, descem prá dentro dos trilhos se chocando um contra o outro, se atrapalham, se desvencilham e correm prá fora em direção à moita. Deitam atrás de uma moita alta, de costas prá o chão, ombros tensos prá cima e se dão as mãos apertando, olhando prá cima, e mexendo os olhos arregalados para os lados como se fossem enxergar algo dali onde estão. Júlio deita atrás de outra moita.

MARÍLIA

Tá cum medo?

Fernando quase chorando. Espichando o beijo e lágrimas nos olhos.

FERNANDO

Tô!

MARÍLIA

Eu também.

FERNANDO

E se ele comer a gente mana?

MARÍLIA

Não te preocupa, o Júlio é grande e defende a gente.

Júlio fez sinal para que [U+FB01]cassem quietos e abaixados. Gesticulou avisando que o monstro se aproximava.

O trem Maria fumaça vindo a uns 100 metros.

Marília, devagar, se vira, se apoia nos cotovelos e sobe lentamente o corpo, espiando por cima da moita, arregala os olhos e abre a boca.

O trem Maria fumaça vindo, o sol re[U+FB02]ete na frente do trem em detalhes prateados, sai muita fumaça por baixo do trem, pelas laterais, e por vezes uma língua de fogo também sai. Pasto queimado.

O barulho do trem está bem alto.

Marília abaixa rápido, deitada de costas contra a moita, ela e Fernando dão as mãos apertando, fecham os olhos e bocas apertados. Fernando começa a chorar alto, grita. O barulho do trem aumenta. Os dois levantam rápido de mãos dadas.

Marília e Fernando correm.

EXT. CAMPO DE INVERNADA - DIA

Pulam a cerca próxima, por cima, sem olhar pra trás. Os dois descem da cerca e vêem que se arranharam no arame farpado. Lambem suas feridas, Marília e Fernando correm de mãos dadas em direção a casa.

Fernando perde uma alpargata, pisa em uma roseta. Grita. Os dois param.

FERNANDO

Aaaaiiii.....Dóiii....

MARÍLIA

Que foi?

FERNANDO

(gritando e chorando)

Espinhui!!! Dódóiiii...

MARÍLIA

Dêxa eu vê. Espera! Segura em mim.

Vô tirá e vai pará de doê. Calma!

Marília retira a roseta, assopra o pézinho dele, volta, busca a alpargata perdida, calça no irmão e voltam a andar dessa vez caminhando tão rápido quanto possível. Fernando mancando.

12 INT. COZINHA - DIA

A porta dos fundos abre, Marília e Fernando entram e param ofegantes. Marília fecha a porta rápido. Fernando começa a chorar baixinho. Os dois susurram.

FERNANDO

E o Júlio?

MARÍLIA

Calma! O Júlio é grande, forte e corajoso. E ele já enfrentô o monstro um monte de vez.

Fernando para de chorar, Marília seca as lágrimas do rosto dele. Ele concorda com a cabeça. Os dois tiram e pegam na mão chinelas e alpargatas, e saem da cozinha em silêncio.

13 INT. CORREDOR - DIA

Marília acompanha Fernando até a porta do quarto dele, se despede com um abraço e beijo no rosto. Vai para o quarto dela.

14 INT. QUARTO DE MARÍLIA - DIA

Marília deita na sua cama novamente. Abraça uma almofada cor de rosa. Respira fundo e fecha os olhos.

15 INT. BIBLIOTECA DO INTERNATO - DIA (PRESENTE)

Marília sentada na biblioteca, o livro "O Ateneu" continua aberto na primeira página, os lápis de cor estão espalhados na mesa, termina o desenho de um trem Maria Fumaça. Feito a lápis e colorido com lápis de cor. Ouve um apito de trem. Levanta e vai até a janela.

16 EXT. ESTRADA DE FERRO - DIA

Um trem locomotiva, máquina vermelha, passa puxando um comboio de carga.

17 INT. BIBLIOTECA DO INTERNATO - DIA

Ponto de vista do personagem: através da vidraça, a visão de uma locomotiva vermelha puxando um comboio de carga e apitando.

Depois:

Marília olhando pela janela, leva a mão no seu colar de pingente antigo. Abre o pingente. Olha dentro. Tem uma foto preta e branco dela e os irmãos quando pequenos. Fecha o pingente segurando na mão, olhos fechados, suspira, abre os olhos e fica olhando pela janela. Apito longo de trem. Marília sorri. Beija o pingente, continua segurando na mão e sorrindo olhando pela janela.

Fade out.

Fim.

O RELATÓRIO

DIRLEI FELIPPE

1 INT. QUARTO - DIA

O despertador em cima da mesa de cabeceira toca alto e sem parar, marcando o horário de 5h da manhã. A cama está perfeitamente arrumada e não há ninguém no quarto.

NARRADOR (V.O)

Era uma vez um cara chamado Carlos que era como muitos. E também como ninguém.

2 INT. ESCRITÓRIO - DIA

CARLOS (34 anos) está em sua mesa de trabalho no pequeno escritório de seu apartamento.

Com fones de ouvido e olhos fixos na tela do computador, continua concentrado em uma planilha no Excel. Um pequeno feixe de luz ilumina seu rosto, ofusca brevemente sua visão e tira sua concentração, como que acordando-o de algum transe. Carlos retira o fone, ouve o som do despertador ao fundo e com um suspiro de cansaço, parece perceber que passou outra noite em claro.

Pega seu celular que marca 5h da manhã. Afasta a cadeira e antes de levantar faz um breve carinho em FRED, seu cachorro doméstico de pequeno porte.

CARLOS

Bom dia Fred... Que noite longa, né amigão? Aposto que você roncou a noite toda no meu pé né.

O celular vibra. Na tela do celular aparece: 32 mensagens não lidas.

Carlos se levanta e começa a verificar as mensagens enquanto boceja.

NÚMERO DESCONHECIDO

(Lettering)

Olá Sr. Carlos. Hoje é o último dia para aproveitar o novo plano plus de internet com 50% de desconto.

Carlos se alonga brevemente.

NÚMERO DESCONHECIDO

(Lettering)

Bateu a fome na madrugada? Que tal esse cupom exclusivo de R\$ 20,00 reais para

restaurantes selecionados. Aproveite!

Carlos abre a cortina do escritório e a luz da manhã ilumina o local. Começa a selecionar algumas mensagens de números desconhecidos e apagar mesmo sem ler.

Vê que tem uma mensagem de áudio de sua mãe. Aperta o play.

MÃE (V.O)

Oi filho, como você está? A mamãe está preocupada, parece que se eu não mando mensagem você não me procura.

Carlos passa a mão no rosto. Pega a xícara de café vazia em cima da mesa e se dirige para fora do escritório.

3 INT. COZINHA - DIA

Carlos deixa a xícara na pia.

MÃE (V.O)

Aí Carlinho, eu já tô ficando preocupada. Faz dias que você não me responde, filho. Teu pai acha que eu fico te incomodando demais, mas você sabe que eu me preocupo né. Você aí sozinho agora, cheio de trabalho...

4 INT. QUARTO - DIA

Carlos entra no quarto e se certifica de que desligou o despertador.

Carlos separa roupas sociais e joga na cama.

RUBENS (V.O)

Putá que pariu né Carlos. Eu falei para você não deixar essas coisas para última hora. Daí você vai me entregar isso amanhã o que? Lá pelas 10h? E eu vou ter duas três horas no máximo para estudar tudo e apresentar. Assim você fode né.

Carlos faz uma dancinha, para, e levanta o braço e o dedo do meio.

CORTA PARA:

Carlos mexe no celular, vê que tem um número desconhecido com três mensagens de áudio. Aperta para escutar. É a mesma voz

de Carlos.

NÚMERO DESCONHECIDO (V.0)
 Carlos, sou eu. Ou seja, você. Escute
 minha voz, que é a sua voz. E depois
 escute os outros áudios.

Carlos levanta as mãos para o céu.

CARLOS
 Tão de sacanagem, né?

Aperta para escutar a próxima mensagem.

NÚMERO DESCONHECIDO (V.0)
 Provavelmente você disse: Tão de
 sacanagem, né?

Aperta para escutar a próxima mensagem.

NÚMERO DESCONHECIDO (V.0)
 Não tenho tempo para ficar aqui
 tentando te convencer que eu sou eu.
 Não sei por quanto tempo conseguirei
 falar com você, sem que... Bem, mas
 porra, olha ali direito o número, é o
 teu número, essa é a sua voz... Sou
 eu, você.

Carlos chacoalha a cabeça, confere o número e se assusta. O
 celular voa longe, mas por sorte cai na cama.

CARLOS
 Tão de sacanagem, né?

Carlos pega o celular e digita VÃO SE FODER! DE QUEM FOI A
 IDEIA?

Mal acaba de digitar cai uma mensagem de áudio. Medianamente
 longa.

CARLOS
 Tão de sacanagem, né?

Carlos abre a gaveta de seu criado mudo, tira uma JBL Go
 preta, parecia com o celular.

5 INT. COZINHA - DIA

Carlos entra na cozinha. Coloca a JBL em cima da geladeira, e
 dá o play no celular. E fica observando a caixinha, entre

entusiasmado e assustado.

NÚMERO DESCONHECIDO (V.0)

Eu não sei muito bem quanto tempo a gente tem. Mas eu preciso te contar algumas coisas importantes. A gente passou, ou melhor, você vai passar por tantas coisas. E...

Não vai ser fácil, sabe?

Carlos se abaixa, com as mãos nos cabelos, incrédulo.

NÚMERO DESCONHECIDO (V.0)

Bom, mas antes de qualquer coisa, para provar de verdade que eu sou você, que eu estou no futuro e você no passado, aí vai: têm um erro na coluna de contas a pagar na planilha de gastos. Se você for até lá, vai ver que colocou a vírgula na casa decimal errada em toda essa coluna. Depois disso a gente aprendeu que não é uma boa ideia fazer relatórios a madrugada toda. Não há café no mundo que te deixe imune aos erros da falta de sono. Vai lá.

Carlos levanta-se rapidamente. Dá uma pausa no áudio e corre para fora da cozinha.

6 INT. ESCRITÓRIO - DIA

Carlos senta-se em frente ao computador, vasculha sua planilha de relatório e lá estava. O erro da vírgula nas casas decimais na coluna de contas a pagar.

CARLOS

Tá de sacanagem, né?

Levanta e sai correndo do escritório.

7 INT. COZINHA - DIA

Carlos pega o celular e aperta o play.

NÚMERO DESCONHECIDO (V.0)

Você seria demitido por isso. Um erro que iria custar vinte mil reais para a empresa e o ego ferido do nosso gerente que apresentaria o relatório

na frente de todos os diretores. Até hoje não tenho certeza se o que pesou mais foi o dinheiro ou ego ferido. Mas você levaria um belo de um pé na bunda da empresa.

8 INT. BANHEIRO - DIA

Carlos está sentado no vaso sanitário e segura a JBL com as duas mãos. Atento, escuta a mensagem. De vez em quando escutamos o barulho de fezes caindo na água.

NÚMERO DESCONHECIDO (V.0)

Depois disso, muita coisa ruim aconteceu. Poucas coisas boas. Escolhemos a profissão errada, cara. Contador em pleno século 21, em época de inteligência artificial e *machine learning*? É o mesmo de ser um tecelão artesanal em plena revolução industrial. Daí para frente, nenhum emprego pagou o mesmo que antes. Tivemos que devolver a casa, fomos morar com a tia Neide e perdemos o Fred. Sabe, devíamos mesmo ter ouvido a Júlia, os sinais estavam sempre no cocô.

9 INT. QUARTO - DIA

A JBL está em cima da cama.

Carlos se veste.

NÚMERO DESCONHECIDO (V.0)

Agora vou te contar algumas coisas, mas ó, se prepare... Vão mais alguns áudios...

10 INT. SALA - DIA

Carlos chora copiosamente no sofá.

Fred aparece. Ele abraça Fred e chora ainda mais.

Barulho de chegada de mensagem.

11 INT. BANHEIRO - DIA

Carlos tenta se recompor, se olha no espelho, lava o rosto. A JBL está em cima do tampo da privada.

NÚMERO DESCONHECIDO (V.0)

Não precisa me falar nada, nem me responder... Eu só queria desabafar com alguém que entenderia....

E queria te entregar isso:

Barulho de chegada de mensagem.

Carlos enxuga seu rosto.

E olha o celular.

Vê que chegou um arquivo chamado **Relatório final.xlsb** e logo depois outra mensagem de texto: abra no micro.

Outra mensagem de texto: Esse é o melhor relatório que já fizemos em toda nossa vida. É nossa obra prima!

12 INT. ESCRITÓRIO - DIA

Carlos abre o WhatsApp no computador, baixa o arquivo .xlsb e abre.

O conteúdo do arquivo parecia infinito, linhas e linhas, colunas e mais colunas de informações que em uma primeira olhada eram apenas caos. No momento em que começou a compreender o que aquela massa bruta de dados significava, Carlos, empolgado, se ajeitou na cadeira e se inclinou para ficar mais próximo da tela do computador.

NARRADOR (V. O)

Seu eu do futuro havia feito um relatório dos últimos quinze anos, ou melhor, dos próximos quinze anos, que continha todas as informações sobre a sua vida. Todos os empregos, salários e dívidas que teria. Todos os romances e os motivos de terem chegado ao fim. Seu histórico de saúde, com todos os exames, doenças, crise de apendicite e o dia e horário exato do infarto que quase lhe custaria a vida.

13 INT. SALA - DIA

Carlos está no sofá, olhando um álbum antigo, com fotos suas e de seus pais.

NARRADOR (V. O)

Ao percorrer a coluna com as datas de

mortes de familiares, sua atenção foi tomada um dado: seus pais morreriam daqui a um ano.

14 INT. QUARTO - DIA

Carlos abre as cortinas de seu quarto, e também a janela. A luminosidade e o barulho da rua aumentam.

NARRADOR (V. O)

As últimas colunas não eram sobre si. Eram sobre o mundo. Uma lista com todas as catástrofes mundiais dos próximos anos, as guerras, os terremotos, furacões, tempestades e tudo mais o que a natureza poderia oferecer de mortal. Havia também uma lista com os próximos presidentes e celebridades que iriam morrer. A história do mundo nos próximos quinze anos.

15 INT. SALA - DIA

Carlos pega livros em sua estante. São livros sobre a história do teatro, peças.

NARRADOR (V. O)

Algumas colunas eram a oportunidade de uma vida completamente diferente daquela que seu eu havia descrito como sua. Números da loteria, histórico da bolsa de valores, uma lista com as melhores peças de teatro que seriam lançadas e o número de telefone de agentes. Caso desejasse, poderia realizar o seu antigo sonho de ser um autor de teatro reconhecido.

16 INT. QUARTO - DIA

Carlos tira sua roupa arrumada, de trabalho, e coloca uma bermuda e uma camiseta surrada.

NARRADOR (V.O)

Deu-se conta de que já não era mais um protagonista estagnado em sua zona de conforto, esse papel havia sido suprimido ao longo de cada anúncio vibrante, mensagem após mensagem.

Não pode deixar de pensar, com uma
leve tristeza, que em algum lugar
alguém não receberia seu relatório.

Barulho de chegada de mensagem.

Black out.

Fim.

O ÚLTIMO PRÍNCIPE

EDUARDA VIDAL

1 **INT. SALA DO APARTAMENTO DE VIRGÍNIA - NOITE**

VIRGÍNIA (27 anos) está deitada no sofá, com a cabeça apoiada em duas almofadas de modo que a cabeça pende mais para um lado. Seus cabelos estão jogados por cima das almofadas.

Ela lê o livro "A paixão segundo G.H." e está relaxada com as pernas abertas, apoiando uma delas sobre o encosto do sofá e mantendo a outra esticada na altura do seu corpo.

Logo ao lado, no chão, sua vira-lata adulta dorme.

Seu rosto está enfiado sobre o livro, que é iluminado por uma luminária suspensa ao lado do sofá.

Fecha o livro com força, fazendo um som que acorda o cachorro que imediatamente levanta a cabeça e ergue as orelhas olhando para a sua dona.

Virgínia vira para o lado, olha para o cachorro e o chama para passear.

VIRGÍNIA

Vamo passear?

Levanta-se do sofá dando um impulso com as pernas, de cima para baixo. Faz um som de porta rangendo com a boca enquanto levanta e, decidida a caminhar, reforça o chamado para o cachorro.

VIRGÍNIA

Bora!

2 **INT. SALA/COZINHA/LAVANDERIA - NOITE**

Plano sequência com Virgínia andando pelos cômodos seguida pelo cachorro.

Na sala tira um copo sujo e leva para a pia da cozinha. Volta para a sala, pega uma camisa, joga pelo ombro, passa pela cozinha e entra na lavanderia, colocando a camisa no cesto de roupa suja.

Ainda na lavanderia, pega a coleira do cachorro, o saquinho de catar cocô e passa pela cozinha. Dá meia parada e empurra talheres para dentro da pia.

3 **INT. QUARTO - NOITE**

No quarto, tira o short do pijama, deixando-o embolado no chão. Puxa uma saia pendurada no cabideiro ao seu lado,

veste-a e a amarra em volta da cintura enquanto se olha no espelho.

Estica uma das pernas à sua frente para se certificar de que a saia é longa o suficiente para cobrir os pelos crescendo.

Avista um par de chinelos, se abaixa para pegá-lo, sai do quarto em direção à sala segurando-o e apaga a luz do cômodo que estava.

4 INT. SALA - NOITE

Virgínia se posiciona em frente à porta da sala, abre-a e fecha-a rapidamente.

Solta a guia do cachorro, tira a calcinha apertada por baixo da saia, enrolando-a até os pés.

Dá um suspiro aliviado e lança a calcinha para o sofá.

5 INT. CORREDOR/ESCADAS DO PRÉDIO - NOITE

Joga os dois chinelos no corredor do prédio, ativando o sensor de luz, veste-os e toma novamente a coleira em suas mãos.

Desce um lance de escadas com o cachorro na guia.

6 EXT. RUA - NOITE

Virgínia anda pela rua de casa. Olha ao redor e se certifica de que está vazia. Nesse momento, escutamos apenas o som do mar ao longe, o canto de pássaros noturnos e o coaxar de sapos.

Ela dá pequenas pausas entre os passos para o cachorro farejar com calma cada lugar que deseja. Simula com os lábios fechados uma canção enquanto se deixa puxar pelo cão a uma calçada coberta de grama.

Caminha com cuidado bem próxima ao meio fio. Não há ninguém na rua e, mais uma vez, ela olha em volta.

Sente sob seus pés uma estrutura que faz um som de estalo como um copo descartável. Dá dois passos à frente e olha para trás constatando que era um sapo.

Faz ânsias de vômito e dirige-se para o meio da rua. Ensaia gritos tampando a própria boca em meio ao silêncio da vizinhança.

7 INT. SALA/CORREDOR/BANHEIRO - NOITE

Plano sequência. Entra em casa ofegante, com os cabelos bagunçados, vestindo apenas um dos chinelos. Chuta-o para o canto, passa a mão pelo topo da cabeça, rosto e pescoço.

Solta a coleira e corre para o banheiro arrancando as roupas pela casa. Entra no boxe e liga o chuveiro no máximo.

8 INT. BANHEIRO - NOITE

Virgínia esfrega com força um dos pés com uma bucha vegetal até deixá-lo vermelho.

Deixa a água cair sobre a sua cabeça com os olhos fechados, controlando a sua respiração que aos poucos torna-se mais lenta.

9 INT. BANHEIRO/CORREDOR/QUARTO - NOITE

Virgínia sai nua do banheiro enxugando os cabelos com uma toalha branca com suas iniciais VGN bordadas em vermelho.

Entra no quarto, veste uma camisa larga branca, se olha no espelho, passa a mão pelo rosto e suspira.

VIRGÍNIA(V.O)

Se eu já acostumei com barata, rato,
homem, pombo e gambá, eu posso me
acostumar com sapos.

10 INT. SALA - NOITE

Senta-se à mesa, abre o notebook e, em seguida, a aba do navegador.

Em um site de busca, escreve a frase "como saber se um sapo está morto". Se depara com uma lista de resultados sobre sapos venenosos e vai de um link para outro sobre feitiços, magias e sapos dissecados com giletes ou bisturis.

Enquanto faz suas pesquisas, Virgínia é surpreendida com uma notícia de 2019 sobre mutilação genital feminina. Abre o link, cruza as pernas e tensiona coxas, sobancelhas, panturrilhas e dedos dos pés, respectivamente, com os olhos fixos na tela.

Lê em voz baixa e pausadamente os tipos diferentes de mutilação descritos, na tentativa de compreender como são feitos os procedimentos.

VIRGÍNIA

Clitoridectomia. É a remoção parcial ou total do clitóris e da pele do entorno. Excisão. É a remoção parcial ou total do clitóris e dos pequenos lábios. Infibulação. O corte ou reposicionamento dos grandes e dos pequenos lábios. Em geral inclui costura para deixar uma pequena abertura.

(<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47136842>)

Olha pra sua calcinha jogada no sofá e dá um gole no líquido que está na xícara à sua frente. Cospe o líquido preto de volta na xícara e faz uma careta.

Fecha o notebook com pressa e levanta da cadeira.

11 INT. QUARTO - NOITE

Virgínia está deitada em posição fetal na sua cama abraçada com a sua cadela. Lágrimas escorrem pelo seu rosto.

Enxuga as lágrimas e fala com o cachorro.

VIRGÍNIA

Ainda bem que eu tenho você.

Pega no sono e acorda de madrugada encharcada de suor.

12 INT. SALA - NOITE (SONHO DE VIRGÍNIA)

Virgínia está em sua mesa, com um sapo gigante num prato, ela tenta cortar com garfo e faca.

Cobra subindo entre suas pernas.

13 INT. QUARTO - NOITE

Abre os olhos, vira a cabeça pro lado, se tranquiliza ao olhar para a sua vira-lata que está deitada um pouco acima da sua cabeça.

14 INT. QUARTO - DIA

Acorda no dia seguinte com uma luz branca invadindo o quarto pela larga fresta entre as cortinas.

Virgínia se espreguiça e olha para o cachorro que já está sentado olhando para ela.

Está nublado e ela levanta e começa a se arrumar para o passeio da manhã.

15 **EXT. RUA - DIA**

Enquanto caminha lentamente pelas ruas de paralelepípedo, dá bom dia para um velho de bengala que passa por ela.

O dia está nublado, a praia fica a 100 metros da sua casa e ela observa de longe o mar acinzentado que preenche o horizonte.

Virgínia passa a poucos metros aproximadamente de um sapo que estava no meio da rua e sorri sem mostrar os dentes.

Olha para o lado e vê um carro seguindo com velocidade na direção do sapo que, em poucos segundos, some em meio à estrutura metálica com rodas.

Virgínia vira o rosto, tampa os olhos, e muda o caminho do seu passeio chamando a sua vira-lata pelo nome.

Vemos Virgínia ao longe enquanto ela caminha.

Fade out.

Fim.

PREVIDÊNCIA PRIVADA

DANIEL R. S.

1 EXT. EDIFÍCIO - DIA

Vemos a lateral do edifício de classe média alta.

2 EXT. EDIFÍCIO - DIA

Zoom no prédio, zoom na janela da lavanderia onde Etelvina, 63, fuma um cigarro, expele anéis de fumaça pela boca.

3 INT. ÁREA DE SERVIÇO DO APARTAMENTO - DIA

Etelvina veste uma camiseta puída e uma calça jeans rasgada pelo uso, esta de chinela de tiras, fuma um cigarro na janela. Romeu, o gato, se enrosca em suas pernas e é afastado com o pé. Ela olha ao longe, esta pensativa.

ETELVINA (V.O.)

Vidinha de merda essa. Olha, com exceção do Romeu e da Sofie não salva nada. Sofie, minha amada, não fosse por você tinha morrido quando Deus levou meu anjinho. Agora to eu aqui, amo tanto você sua bandidinha, que não posso nem pensar em me demitir e procurar um emprego com patrões melhores. Só se Deus fizesse por mim, matasse os três ingratos e sobrava só eu e a Sofie. Ah se eu tivesse coragem, eu mesma dava um fim neles.

4 INT. BANHEIRO - NOITE

Adolfo, 51, se olha no espelho, espumando pela boca cai sobre a pia.

5 INT. BANHEIRO - NOITE

Vera, 41, se olha no espelho, espumando pela boca cai para trás.

6 INT. BANHEIRO - NOITE

Enzo, 22, se olha no espelho, espumando pela boca cai no chão.

7 INT. ÁREA DE SERVIÇO - DIA

Etelvina termina de fumar seu cigarro, fica olhando pela janela.

8 INT. SALA- DIA

A sala esta iluminada pelo sol depois do almoço. Enzo, esta deitado no sofá, mexe no celular. Sofie, 19, entra na sala e senta no sofá, mexe no celular. Vera Lúcia, de pé ao lado da janela, fala no celular. Ouve-se de fundo o barulho de descarga, de torneira abrindo e fechando e uma porta sendo fechada.

9 INT. CORREDOR - DIA

Adolfo, vem pelo corredor secando as mãos na calça.

10 INT. SALA - DIA

Adolfo senta numa poltrona com olhar preocupado. Vera esta falando no celular. Adolfo, olha de cara feia para Vera Lucia falando no celular, ela percebe e termina a ligação. Vera senta no tapete, ao sol, encostada no sofá.

ADOLFO

Enzo, Sofie, vou tentar ser breve. Eu e sua mãe conversamos e chegamos a uma conclusão que é o seguinte: a Etelvina ta velha demais e não dá mais conta do serviço aqui de casa, ta fazendo as coisas tudo errado. Outro dia peguei ela fumando ali na janela da lavanderia, perto da central de gás, olha o perigo, quer o que a doida, explodir o apartamento?

11 EXCERTO DE IMAGEM

Imagem de filme ou banco de imagem: uma explosão de bomba atômica.

12 INT. SALA - DIA

SOFIE (AGRESSIVA)

Vocês tão querendo demitir a Etelvina? É isso mãe?

VERA LUCIA

Não me mete nisso, Sofie, você sabe que a palavra final é do seu pai.

ADOLFO (IRRITADO)

Ah, ta bom, né Vera Lucia, você como sempre se isentando. O trabalho sujo fica pra mim, depois o pai malvado que proíbe tudo sou eu, né?

VERA LUCIA (IRÔNICA)

A palavra final não é sempre sua?Então é você quem decide as coisas,esposo amado.

Sofie levanta e vai até a janela.

SOFIE

Eu não acredito que depois de todos esses anos vocês vão botar a nossa Táta na rua.

ADOLFO

Não, Sofie, estamos aqui pra decidir o que fazer.

SOFIE

Mas a mãe disse que você já resolveu.

ADOLFO (IRRITADO)

Não é isso, vocês não me deixam falar, aí não entendem o que eu to dizendo.

Sofie senta no sofá novamente.

ENZO (MEXENDO NO CELULAR)

Eu acho que entendi a mesma coisa que a Sofie, papai.

ADOLFO

Cala a boca Enzo e presta atenção. O fato é que a Etelevina não dá mais conta do serviço, ela ta ficando birrenta, nós vamos ter que demitir ela.

Adolfo levanta, vai a janela, olha para fora.

ENZO (MEXENDO NO CELULAR)
Contrata outra empregada pra fazer
o serviço da Táta.

ADOLFO
Aham, Enzo vocês acham que eu sou o
governo? Vou pagar uma empregada
pra fazer o serviço que a empregada
que eu pago não ta fazendo?

Vera Lucia mexe no celular.

SOFIE
Meu Deus pai, parece que não tem
coração. Não lembra da vez que nós
pegamos catapora e a Táta ficou em
casa com a gente, enquanto você e a
mãe foram pra um hotel?

VERA LUCIA (IRRITADA)
Sofie, minha filha, eu já expliquei
um milhão de vezes que seu pai e eu
tínhamos uma viagem agendada pra
Itália, e se pegássemos catapora
era perigoso, até porque somos
adultos e nunca tivemos...

SOFIE (INTERROMPENDO VERA LUCIA)
A Táta também era adulta e nunca
tinha pego catapora.

Adolfo fica de costas para a janela. Vera Lucia levanta do
chão e senta numa poltrona.

ADOLFO
Mas a Etelvina não tinha uma viagem
marcada pro exterior.

SOFIE
Só to falando que ela criou eu e o
Enzo e agora você quer se livrar
dela.

ADOLFO
O problema, Sofie, é que a Etelvina
ta ficando esquecida, vai fazer as
coisas faz pela metade, as vezes
nem faz.

Enzo, Vera Lucia e o Sr. Adolfo mexem no celular. Sofie
perplexa olha para o pai, Adolfo tem um sorriso cínico nos
lábios.

SOFIE

Não foi só na vez da catapora que Etelvina cuidou de mim e do Enzo. Em cada febre, cada dor de barriga, cada dor de dente quando nascia ou caia um, a Táta tava lá.

13 INT. QUARTO DE SOFIE - DIA (PASSADO)

Sofie olhando fotos antigas da família, fotos de aniversários onde não aparece Etelvina.

SOFIE (V.O)

Apesar de não aparecer nas fotos oficiais da família, estava lá fazendo o bolo, os docinhos os salgadinhos, na preparação da mesa depois na hora de arrumar a bagunça e lavar a louça. Tava sempre junto, amparando eu e meu irmão. Tá, mais eu que o Enzo, mas a Etelvina cuidou da gente a vida toda, coisa que não pode fazer pela própria filha, que via a cada quinze dias, um mês, sei lá.

14 INT. SALA - DIA (PRESENTE)

SOFIE

A filha foi criada pela madrinha, uma vizinha, nem parente era, e morreu bem novinha.

Enzo senta no sofá, ainda mexendo no celular.

SOFIE

Ela não tem ninguém, a filha dela morreu.

15 INT.QUARTINHO DE ETELVINA - NOITE(PASSADO)

Etelvina, 45, chorando esta sentada na cama e olha a foto de uma menininha (sua filha) de 1 ano.

16 INT. SALA - DIA (PRESENTE)

Adolfo para de mexer no celular e olha para Sofie.

ADOLFO

Epa, pera aí. Isso é problema dela, arrumar filha arrumou, devia ter arrumado um marido ou algo assim.

17 INT.COZINHA DE OUTRA CASA - NOITE(PASSADO)

Sentadas em volta da mesa estão Vera Lúcia,21, grávida, com olhar acolhedor e Etelvina,43, grávida, envergonhada ela chora.

VERA LUCIA (CARINHOSA)

Não se preocupa Etelvina, nós vamos dar um jeito nisso, vamos cuidar muito bem desse bebê quando ele nascer.Fica aqui trabalhando, se quiser vem morar com a gente pra facilitar as coisas pra você. Mas não se preocupa, nós vamos dar um jeito nisso.

ETELVINA (CHORANDO)

Ai, Dona Vera, não sei o que seria de mim se não fosse a senhora.

18 INT. SALA - DIA (PRESENTE)

ADOLFO

E tem mais, se ela botar a gente no pau as coisas vão mudar aqui em casa, vai acabar a mordomia, sabe que o Brasil ta em crise, o PT acabou com esse país.A crise tá feia.

ENZO (MEXENDO NO CELULAR)

E se a gente fechar a porta da cozinha e a janela da lavanderia de noite? A Táta morre dormindo, nem vai sentir nada por conta do gás que vaza da central ali do lado do cantinho dela.

19 INT. ÁREA DE SERVIÇO - NOITE

A porta da lavanderia se abre. Vemos uma mão com luva preta abrindo o registro da central de gás. A porta da lavanderia se fecha.

20 INT. SALA - DIA

ENZO

Morria dormindo, sem saber, sem sentir nada, dormia sonhando, ficava bom pra todo mundo, sem sofrimento pra Táta, e sem custos pro papai.

21 INT. QUARTO DE ETELVINA - NOITE

Etelvina deitada na cama abre um olho.

22 INT. SALA - DIA

ENZO

Ia ser só mais uma, todo dia morre alguém por causa de acidente e ninguém liga.

Sofie levanta do sofá e avança dando tapas em Enzo que se defende afastando ela com os pés.

SOFIE (INDIGNADA, GRITANDO)

Seu merdão egoísta, bandido, fascista. Não fala uma coisa dessas nem de brincadeira.

ADOLFO (IRRITADO)

Sofie, para com isso, volta pro teu lugar.

Sofie para de bater em Enzo e senta no sofá.

SOFIE (MUITO IRRITADA)

Tinha é que mandar arrumar aquele vazamento de gás.

ENZO (RINDO)

Tava só brincando, Sofie.

Adolfo senta numa poltrona.

ADOLFO (PENSATIVO)

É óbvio que ninguém aqui é assassino, ninguém vai cometer nenhum crime, nem por acidente. Ainda que isso fosse muito útil.

SOFIE (AGRESSIVA)

Às vezes você me dá medo, pai, vocês todos. Acho mesmo é que fui adotada, de tão tão diferente que eu sou de vocês.

ENZO (MEXENDO NO CELULAR)

É porque você é comunista, é isso, quer ajudar todo mundo.

Enzo para de mexer no celular e mostra o dedo do meio para Sofie, que retribui a gentileza.

VERA LUCIA

Cala boca Enzo, não fala assim com a tua irmã.

ADOLFO

Enzo, chega.

O Sr. Adolfo vê as horas no celular, se levanta e vai até a janela.

ADOLFO

Então é isso. Quem vai cuidar da Etelvina ou onde ela vai morar não é problema nosso, ela não é da família, de verdade, ela é só a empregada, gente. Nós sempre pagamos direitinho, nos últimos dez anos até carteira assinada. Ela vai se aposentar, vai ficar bem, vocês vão ver. Logo arruma um lugar só dela pra morar e passar o resto da vida bem feliz. Não é mesmo Vera Lucia?

VERA LUCIA

Você que está dizendo.

ADOLFO (IRRITADO)

Ei! Foi você que veio reclamar que ela não tá fazendo as coisas direito. Que no Natal e no Ano Novo não ajudou em nada, ficou tudo pros garçons contratados com o buffet. Disse também que não aguentava mais o cheiro de cigarro em volta dela,

ADOLFO (IRRITADO)
 que não ia nunca mais entrar na
 lavanderia por causa do cheiro de
 cigarro e do cheiro da caixa de
 areia do Romeu.

VERA LUCIA
 Isso foi mesmo, os coitados dos
 garçons fizeram tudo sozinhos. Mas
 do Romeu eu não tenho reclamação. E
 vou dizer uma coisa, gato se
 acostuma com a casa, eu acho que
 não adianta ela levar o gato pra
 uma casa nova, ele vai acabar
 fugindo.

SOFIE
 Mãe, até o gato?

Vera Lucia olha pra Sofie e dá de ombros.

SOFIE (cont'd)
 Vocês nunca gostaram do Romeu,
 agora não querem nem deixar ela
 levar o gato embora?

ADOLFO
 Sofie, ta decidido. Vai lá na
 cozinha e chama Etelvina aqui, diz
 que eu preciso falar com ela.

Enzo levanta e sai. Vera Lucia fica de pé ao lado da
 poltrona onde o Sr. Adolfo tornou a sentar imponentemente.
 Sofie levanta.

SOFIE
 (Sofie junta as mãos e implora ao pai).

Não pai, não faz isso hoje, por
 favor, eu te imploro, depois de
 amanhã é o níver da Táta, deixa
 pelo menos passar o aniversário.
 São mais dois dias só.

ADOLFO
 Que nada, vamos resolver isso e é
 agora.

SOFIE (IMPLORANDO)
 Então amanhã, pai. Amanhã de manhã
 quando ela voltar da casa da
 cumadre dela, ela ta esperando o
 aniversário do netinho da Neusa faz

SOFIE (IMPLORANDO)
tempo, até pediu se podia dormir
lá, o senhor deixou, lembra? Se
botar ela na rua hoje, ela vai
ficar chateada, não vai nem
aproveitar a festa.

ADOLFO (PENSATIVO)
Tá bom, Sofie, mas amanhã você já
sabe, nem mais um minuto, já começa
a cumprir o aviso, e é a última vez
que você vem me engambelar com essa
conversinha mole. Vai lá na cozinha
e pede pra Etelvina fazer um café
fresquinho e trazer aqui pra gente.

Sofie sai da sala.

23

INT. COZINHA - DIA

Etelvina chega na cozinha tropeçando em Romeu que se enrosca
em suas pernas. Sofie esta mexendo nos armários, se assusta
com Etelvina e dá um grito.

EETELVINA
Que isso, Sofie? Ta assustada minha
lindinha? Que que ta aí mexendo nos
armários?

SOFIE
O pai pediu pra você fazer um café
e levar na sala, mas vi você ali na
janela fumando teu cigarrinho,
pensando na vida, tão plena, tão
linda, com uma cara tão de paz que
tive uma ideia, resolvi eu mesma
fazer o café e te deixar ali no teu
momento.

EETELVINA
O café não fica aí não, nega, aí é
o material de limpeza, minha
princesinha. Quer me ajudar? Põe a
água pra ferver e me deixa fazer
esse café, tu nem sabe fazer café,
teu pai ia me azucrinar com um café
ruim. Vai lá que eu já levo pra
vocês.

Sofie abraça Etelvina.

SOFIE

Eu espero você fazer, deixa que quando ficar pronto eu levo pra sala. Assim você não perde o começo da tua novelinha da tarde. Minha mãezinha de criação.

Sofie beija a testa de Etelvina.

ETELVINA

Fala baixo pra não deixar sua mãe com ciúmes. Sabe que eu tava ali fumando meu cigarrinho e pensando bem isso, Sofie, como eu te amo minha filha, você é um ser iluminado que abençoa a minha vida todo dia.

Sofie sorri.

24 INT. QUARTO DE ADOLFO E VERA - NOITE

Na cama Adolfo e Vera dormem. Vemos mãos fechando as janelas, a porta do quarto fica aberta.

25 INT. QUARTO DE ENZO - NOITE

Enzo esta dormindo, vemos mãos fechando as janelas, a porta fica aberta.

26 INT. SALA - NOITE

Vemos as mãos de alguém fechando as janelas.

27 INT. COZINHA - NOITE

Vemos as mãos de alguém fechando as janelas

28 INT. ÁREA DE SERVIÇO - NOITE

Vemos as mãos de alguém fechando as janelas. As mãos abrem o gás no máximo.

INT.PORTARIA - DIA

É muito cedo, Etelvina, arrumada e com uma bolsa no ombro encontra Sofie na portaria do prédio.

SOFIE

Se combinasse não chegava no mesmo horário.

ETELVINA

É verdade minha princesinha, mas o que tu faz acordada tão cedo?

SOFIE

Eu dormi na Ana ontem, ela tinha que trabalhar cedinho aproveitei que ela ia passar aqui perto e vim de carona. Vou terminar o sono na minha cama. Mas me diz, como foi a festa do netinho da tua cumadre?

ETELVINA

Ai minha lindinha, tava tão bom, depois que você descansar eu te conto, você nem sabe o babado, o filho mais velho dela.

SOFIE

O Claudio?

ETELVINA

Esse mesmo. Separou.

SOFIE

Não acredito, depois você me conta os detalhes, quero saber de tudo viu? Táta, pega aqui...

Sofie tira uma nota de R\$5,00 e dá pra Etelvina.

SOFIE (cont'd)

Vai ali na padoca do seu Zé e traz um pão quentinho pra nós.

Etelvina tira a bolsa do ombro e entrega para Sofie.

ETELVINA

Então faz um favorzinho pra sua Táta, leva minha bolsa lá pra cima que tá pesando, a cumadre me deu um vidro de mel que o cunhado dela mandou do sítio.

Etelvina sai, Sofie entra no elevador.

30 INT. SALA - DIA

Sofie abre as janelas e as cortinas respira fundo o ar que entra da rua, fica olhando pela janela.

31 INT. LAVANDERIA - DIA

Lethering: 40 DIAS DEPOIS

Etelvina está na janela da lavanderia fumando seu cigarro e tomando um cafezinho.

ETELVINA (V.O.)

Pensar que a vida é assim, cheia de surpresas. Pra morrer basta estar vivo.

Ela termina de fumar o cigarro.

ETELVINA

É isso ai, último cigarro, da última faxina na antiga senzala. Acabar logo pra sair dessa merda. Agora só, ó...

faz uma dancinha.

ETELVINA (cont'd)

...apartamento novo, ai sim dona Etelvina.

32 INT. SALA DO APARTAMENTO NOVO - DIA

Sofie tira coisas de caixas de mudança. Ela tira seu baú de memórias, abre e pega de dentro um recorte de jornal onde a manchete diz: "Família morre asfixiada por vazamento de gás". Sofie coloca o recorte no baú e fecha a tampa.

Blackout

Créditos

FIM

SAGRADA SUBVERSÃO

RODRIGO DE SOUZA BORTOLOTI

1 INT. QUARTO/COZINHA - DIA

Ouvimos um câro de intensos aplausos e vivas.

FADE IN:

LARISSA, 32, abre os olhos vivos e profundos. Senta em sua cama por um momento. Observa a janela do quarto aberta e se levanta.

Ainda sonolenta, vai do quarto à cozinha, pega uma mochila que está na mesa.

Abre a porta e sai.

2 EXT. CACHOEIRA - DIA

Uma linda cachoeira. Ao fundo, a mata fechada completa a paisagem.

CARACTERES em superposição: AMÉRICA DO SUL, 2184

Larissa chega à beira do rio e contempla a beleza do lugar por alguns segundos. Está deserto.

Tira as roupas, pula na água e começa a nadar com força.

3 EXT. ENTRADA DA CABANA - DIA

Meia dúzia de soldados chegam à entrada de uma cabana com rifles em suas mãos. Eles vestem o uniforme do Sagrado Exército Imperial.

Um deles, o CAPITÃO, 35, chuta a porta e entra.

4 INT. COZINHA/QUARTO - DIA

Na COZINHA da cabana, o capitão procura por Larissa, apontando o rifle para todas as direções e vasculhando todos os cantos.

Em poucos segundos chega ao QUARTO. Vê a cama bagunçada e a janela aberta.

5 EXT. ENTRADA DA CABANA - DIA

Os outros cinco soldados aguardam, rifles apontados para a porta da cabana.

O capitão sai.

CAPITÃO

Cama por fazer, janela aberta, ela tá por perto.

6 EXT. CACHOEIRA - DIA

Larissa já fora da água, colocando as roupas.

Ela ouve passos e folhas sendo pisoteadas. Termina de se vestir, põe a mochila nos ombros e entra na mata sem demora.

7 EXT. MATA - DIA

Larissa caminha devagar dentro da mata, tentando não fazer barulho.

Os passos agora estão mais fortes. Os soldados se aproximam, estão praticamente ao lado dela.

SOLDADO #1 (O.S.)

Vai fechando em círculo! Isso aí!

Entra, entra, entra!

Ela corre por alguns segundos.

Dá de cara com um dos soldados, que lhe aponta o rifle.

SOLDADO #2

(gritando)

Parada! Não se mexe ou eu estouro a tua cabeça! Quietinha aí! Mão pra cima, vamos!

Larissa obedece.

SOLDADO #2

(berra, aos outros)

Encontrei! Encontrei!

Os soldados chegam, o capitão à frente deles, a insígnia do Sagrado Imperador brilhando em seu peito.

Encara Larissa, que o encara de volta.

CAPITÃO
Olha só, quem diria!
(aos colegas)
Senhores, hoje é um dia para a
História!

CRÉDITOS INICIAIS

8 EXT. PARQUE - DIA

Cerca de 30 pessoas sentadas em bancos, assistem ao ar livre a um culto de adoração ao Imperador em um bonito parque.

CARACTERES em superposição: DOMINGO. DIA DE LOUVOR AO SAGRADO IMPERADOR.

BENÍTEZ, 29, ouve atentamente a pregação ao lado de sua ESPOSA, 25, e de sua FILHA, 6.

PASTOR
(O.S.)
A vida de cada homem e cada mulher
é sagrada, vital ao funcionamento
de nossa santíssima sociedade. Cada
um deve doar-se plenamente, em
corpo e espírito, aos desígnios de
nosso Pai, o Sagrado Imperador.

No púlpito, O PASTOR, 40, terno e gravata, comanda a celebração fazendo gestos teatrais e entonação sensacionalista.

Ao seu lado, uma estátua dourada do IMPERADOR ARMANDO II.

PASTOR
Mas quando alguns de nós acreditam
serem capazes de prosperar
quebrando os valores sagrados, é
nosso dever impedi-los. Meus
queridos irmãos, essa semana li nos
jornais uma notícia que me deixou
com o coração dilacerado.
(pega o jornal)
Vejam vocês os dias absurdos que
estamos vivendo!

O pastor mostra a manchete do jornal "O Continente", onde lê-se: "GRUPO DE IDOSOS SE NEGA A RECEBER A SAGRADA EUTANÁSIA APÓS O ANIVERSÁRIO".

Murmúrios de espanto entre os presentes.

A mulher de Benítez fica chocada com o que leu. Olha para o marido. Ele põe a mão nos ombros dela.

PASTOR

Irmãos, eu jamais pensei que viveria para ver o dia em que cidadãos do Sagrado Império Sul-Americano se negariam a cumprir seu dever social. Essas ovelhas ingratas, egoístas, execráveis, que viveram sua vida plenamente, completaram 60 anos e portanto, já não possuem mais capacidades, se negam a receber tão sublime sinal de reconhecimento de sua jornada! Se negam a abdicar de sua vida já sem propósito em favor do Sagrado Imperador e do equilíbrio populacional! Quem de vocês aí tem pais vivos? Levantem as mãos, por favor.

Cerca de 15 pessoas levantam as mãos. Benítez e a esposa não.

PASTOR

E avós vivos?

Apenas 3 levantam as mãos.

PASTOR

E algum dos pais de vocês, dos avós de vocês, que muitos nem conheceram, mas conhecem a tradição familiar, algum deles, um só, algum dia se negou a receber, no dia seguinte ao seu aniversário, a Sagrada Eutanásia?

Ninguém levanta a mão.

PASTOR

Ninguém? Abençoados sejam! Cumpriram o seu dever! Defenderam o nosso modo santo de viver! Respeitaram o equilíbrio. Vocês sabem como era a vida nas antigas repúblicas sul-americanas, não sabem? Fome, miséria, violência, devasidão! E pessoas vivendo até 90, 100 anos, causando explosões populacionais que traziam todos esses males. Vocês entendem, meus

(MAIS...)

PASTOR (...cont.)
 queridos irmãos, a gravidade desse gesto, e o porquê ele precisa ser repellido por força, não é? Amém, igreja?

Os fiéis balançam as cabeças em concordância e repetem o amém em côro, como zumbis. Logo após, começam a bater palmas para o pastor.

Benítez, também batendo palmas, é abordado por dois AGENTES IMPERIAIS, 22 e 24.

Um deles lhe fala algo no ouvido, fora de áudio, abafado pelas palmas, deixando-o perplexo.

Ainda sob o som das palmas, Benítez explica a situação à esposa, beija ela e a filha e sai apressado acompanhado dos agentes, expressão de tensão no rosto.

9

EXT. RUA - DIA

Benítez e os dois agentes caminham sem demora por uma rua de barro, com aparência deserta. Diálogos rápidos e ritmo.

BENÍTEZ

Confirmem novamente, nós precisamos ter certeza antes de alertar a Divisão Regional da PIA.

AGENTE #1

Agente Benítez, nós verificamos duas vezes.

BENÍTEZ

Alguém falou com ela? Ela disse alguma coisa?

AGENTE #2

A Patrulha Imperial a trouxe até a casa, até agora não disse uma palavra.

BENÍTEZ

O que ela tava fazendo aqui nesse vale de merda, tirando férias?

AGENTE #2

Se escondendo, provavelmente.

BENÍTEZ

Precisamos saber se mais alguém também está com ela por aqui, se estão planejando alguma coisa. Ninguém divulga nada, ninguém diz nada por enquanto, não quero pânico na cidade.

AGENTE #1

Aparentemente ela estava sozinha.

BENÍTEZ

Aparentemente.

10 INT. QUARTO - NOITE (PASSADO)

CARLOS, 55, pai de um Benítez 5 anos mais jovem, deitado em sua cama, tossindo muito. Está morrendo, e o filho sentado ao seu lado, tentando confortar.

BENÍTEZ

Calma, pai. Senta aqui.

CARLOS

Eu vou morrer agora.

BENÍTEZ

(emocionado)

Não diga isso! O senhor vai morrer daqui a cinco anos, como tem que ser. Sua neta acabou de nascer, o senhor ainda vai ter tempo de correr com ela pelo jardim.

CARLOS

Nós sabemos que eu não vou chegar até lá. Me escute, o que eu vou te dizer é muito importante. Jamais caia em tentação, permaneça fiel aos ideais da Gloriosa Revolução e você nunca se afastará do caminho de casa. Defenda, se preciso for com a própria vida, o nosso País. Prometa.

BENÍTEZ

(chorando)

Eu prometo, meu pai. Eu prometo.

CARLOS

Pela Gloriosa Revolução!

Os olhos de Carlos não mexem mais, e Benítez abraça o pai morto aos prantos.

11 EXT. ENTRADA DO CENTRO DE OPERAÇÕES - DIA

Benítez e os dois agentes chegam em frente a uma antiga casa de arquitetura germânica. Com bastante mato em volta, está aparentemente abandonada.

Eles sobem os degraus da sacada.

Benítez bate, a porta se abre e eles entram.

12 INT. SALA DO CENTRO DE OPERAÇÕES - DIA

Dentro, a grande sala foi adaptada em um centro de operações da PIA.

Quatro agentes operam sistemas e conversam entre si.

Benítez acena com a cabeça para os colegas.

Um dos agentes vai até ele e lhe entrega uma pasta.

Benítez segue até um cômodo, cuja porta é guardada por dois seguranças. Ao vê-lo, eles abrem caminho e ele entra.

13 INT. SALA DE INTERROGATÓRIO - DIA

Larissa, cabeça abaixada para a grande mesa, acorrentada a uma cadeira por pés e mãos, nem se mexe quando Benítez irrompe na sala de interrogatório que um dia foi um quarto.

Ele a observa por dois segundos.

BENÍTEZ

Eu sou o agente especial Benítez,
da Polícia Imperial Antiterrorismo,
designado para interrogá-la. Está
pronta pra falar?

Põe a pasta na mesa e aguarda uma resposta. Nada.

BENÍTEZ

Por quase 15 anos a PIA esperou
pelo dia em que a maior terrorista
do Império, a grande Larissa Rojas,
cometesse um erro fatal, mas logo
aqui, nesse chiqueiro de fundo de
quintal, e de uma forma tão

(MAIS...)

BENÍTEZ (...cont.)
 infantil? Imagino que com o tempo a
 arrogância aumente, e o descuido se
 torne inevitável.

Larissa segue imóvel.

BENÍTEZ
 Vai fazer o tipo durona, é? Não vai
 falar comigo? Pois deixa eu te
 dizer uma coisa, o seu grupo
 terrorista, o autoproclamado
 Libertadores de America, é
 responsável por mais de 200
 atentados só na Costa Oeste. Você
 só tem uma opção, me diz quem são
 seus comandados, onde estão, quais
 os próximos passos, quem são os
 facilitadores, financiadores, e
 talvez você não seja enforcada em
 praça pública.

Larissa ergue a cabeça devagar. Encara Benítez com seus
 olhos profundos, penetrando os dele.

LARISSA
 Lari.

BENÍTEZ
 O quê?

LARISSA
 (tranquila, simpática)
 Ninguém me chama de Larissa há
 muito tempo, é só Lari.

BENÍTEZ
 (irônico)
 Olha, ela fala, já é um começo.

LARISSA
 Falo, e transformo.

BENÍTEZ
 Você quis dizer destrói.

LARISSA
 (irônica)
 Olha, ele aprendeu a imitar as
 palavras do dono.

Benítez senta de frente com ela.

BENÍTEZ

Deboche o quanto quiser. A casa caiu pra você, sua lista de atos subversivos é extensa, múltiplos atentados em boa parte do país. Eu sei que você tá com medo, garota. Coopera, é a tua única chance.

LARISSA

Eu tenho medo. Do movimento das ondas, que é sempre o mesmo e nunca muda. Eu não temo você, um soldadinho cuspidor de palavras de ordem de dentro de sua caixinha de fósforos, seguro, confortável em seu campo magnético impermeável. Eu temo por você.

BENÍTEZ

Ah, claro! Eu não sou livre, sou um prisioneiro do terrível Império, e você é a nobre justiceira que sempre luta por dias melhores! Vocês nunca cansam dessa conversa? Sabe por quê você despreza os valores sagrados? Porque eles te dizem que a ordem, aquela que assegura o equilíbrio do todo, é mais importante que o egoísmo desvairado de um só.

LARISSA

Diz isso pras pessoas que vocês jogam na fogueira por não se ajoelharem diante do teu homenzinho-deus. Valores sagrados porra nenhuma!

BENÍTEZ

Qual o teu sonho, garota? Restaurar as antigas repúblicas com aquela falsa democracia e toda aquela miséria e corrupção que aniquilava a vida de milhões de inocentes? Se as repúblicas sul-americanas caíram foi porque eram podres. E não se recupera mais o que já apodreceu. No fim das contas, de nós dois, eu fiz a escolha sensata.

LARISSA

Escolha é liberdade. Você não escolhe entre viver ou morrer, o
(MAIS...)

LARISSA (...cont.)
 desejo de viver é instintivo, não é
 escolha, você pensa que escolheu,
 mas na verdade só sobreviveu
 fazendo a única coisa que podia
 fazer: obedecer. Você é o filho
 bastardo de um determinismo social
 perverso.

Benítez percebe que Larissa carrega um crucifixo no pescoço.

BENÍTEZ
 Católica? E determinista? Onde você
 enfiou o livre-arbítrio cristão?

LARISSA
 O livre-arbítrio pode ser
 aprisionado por mentiras muito bem
 estruturadas.

BENÍTEZ
 (irônico)
 Como o mito do nazareno?

LARISSA
 Não. Você pode acreditar em Cristo,
 Javé, Alá, Brahma ou em nada. Não é
 o que você acredita que aprisiona
 seu livre-arbítrio, mas a
 impossibilidade de te deixarem
 escolher. A escolha plena, livre de
 determinismos e preconceitos só vem
 pelo conhecimento irrestrito, do
 contrário é mero condicionamento.

BENÍTEZ
 Você acha que somos condicionados?
 Nós eliminamos de nosso meio o que
 julgamos ser enganoso, como as
 falsas religiões e as mentiras
 libertárias. Escolha.

LARISSA
 Devoção a escolhas de outros.

BENÍTEZ
 Os Sagrados Imperadores nos
 mostraram o caminho da verdadeira
 Pax Sudamericana. Por quê trilhar
 pela escuridão e pelo frio, quando
 a luz que brilha é tão mais intensa
 e quente?

LARISSA

E se você estiver errado? E se o povo quisesse outra forma de governo, popular, democrática? Não seria essa a verdadeira Pax Sudamericana? Além do mais, algumas luzes que brilham intensamente são quentes e mortais, como o fogo ou uma descarga elétrica.

BENÍTEZ

O povo escolheu, srta. Rojas. Escolheu apoiar a Gloriosa Revolução de 2108, que varreu as imundícies de antigamente, e deu lugar a um modo de vida justo e ordeiro que não vamos abrir mão.

LARISSA

Uma geração do povo escolheu o nazismo, o fascismo e a ditadura. A seguinte construiu um mundo democrático, multicultural. Uma geração erra a escolha, a outra evolui moralmente e corrige os erros. E aos poucos, nós vamos corrigir essa Guantánamo disfarçada de nação.

BENÍTEZ

Como?

LARISSA

Amor. É a única estrutura que perdura.

BENÍTEZ

Amor, livre-arbítrio, terror. Parece que alguém está em apuros.

LARISSA

Sabe por que eu te aterrorizo? Porque ao contrário de você, eu não sou o cãozinho que late, valente dentro do portão, mas se acovarda quando ele se abre.

BENÍTEZ

Você machuca as pessoas.

LARISSA

Seus lábios se mexem, mas não é você quem tá falando.

Benítez ignora. Pega a pasta e abre o dossiê.

BENÍTEZ

Como as crianças da escola de Guayaquil. 97 pequenos, inocentes, que só estavam estudando, e você... como pôde?

(berra, exaltado)

Crianças, cacete! Crianças! Foda-se essa discussão filosófica de merda, eu quero saber onde eu encontro os outros filhos da puta iguais a você! Coopera, e quem sabe, você viva mais um pouco! Fala! Anda!

Larissa e Benítez fixam olhares, os dela quase lacrimejando.

LARISSA

(cantando, doce)

"Se essa rua, se essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes, para o meu, para o meu amor passar".

Benítez se projeta para impedi-la, mas petrifica.

Olhos dele nos olhos dela enquanto ela canta.

14 INT. QUARTO DE BENÍTEZ - NOITE (PASSADO)

De costas e em pé, AURORA, 30, mãe de um Benítez de 3, o embala enquanto canta docemente.

AURORA

(cantando)

"Nessa rua, nessa rua tem um bosque, que se chama, que se chama solidão, dentro dele, dentro dele mora um anjo, que roubou, que roubou meu coração".

A mãe põe Benítez na cama e olha para o lado.

Uma GAROTINHA de 6 anos, parada ao seu lado, a encara com olhos profundos e penetrantes. É LARISSA.

AURORA

Boa noite, Pedro.

BENÍTEZ CRIANÇA
Boa noite, mamãe.

LARISSA CRIANÇA
Boa noite, Pedro.

BENÍTEZ CRIANÇA
Boa noite, Lari.

Olhos de Benítez conectados aos olhos da irmã.

15 INT. SALA DE INTERROGATÓRIO - DIA

Benítez e Larissa ainda se olhando, ambos com lágrimas nos olhos. Alguns segundos de silêncio.

BENÍTEZ
Por que você nunca me procurou
nesses anos todos?

LARISSA
Caminhos diferentes.

BENÍTEZ
Aurora cantava essa música pra
gente antes de dormir, mesmo
sendo... Ela é viva?

LARISSA
Nossa mãe morreu ano passado,
Pedro. Pneumonia.

BENÍTEZ
Fazem vinte e seis anos que vocês
sumiram, e nesse tempo todo, nunca
tivemos uma notícia sequer. O pai
jamais se perdoou quando soube que
nossa mãe era uma das líderes da
Insurreição do Rio de Janeiro. Eu,
por outro lado, sempre tive uma
esperança infantil de que você
tivesse encontrado seu caminho,
feito a vida, que fosse feliz em
algum lugar, mas você escolheu
seguir os mesmos passos daquela
mulher monstruosa. Por quê?

LARISSA
Nossa mãe foi uma grande mulher,
Pedro. Ela lutou pela retomada da
liberdade a vida inteira, você não
sabe todos os sacrifícios que ela
teve de fazer.

BENÍTEZ

(berra, com raiva)

Não! Ela abandonou a família, traiu o País e levou você embora! Ela me dá nojo! Nós nunca falávamos dela, sabia? Era como se não existisse!

LARISSA

A mãe ia ser presa, sabia que estavam na cola dela, acabou fugindo comigo às pressas, não teve escolha, ela nunca quis abandonar você ou o pai.

BENÍTEZ

(se recompondo)

Eu podia ter te ajudado se você tivesse me procurado antes de tudo isso.

LARISSA

É você quem precisa de ajuda, irmão.

BENÍTEZ

Rojas. De onde vem esse sobrenome? Você é casada?

A porta se abre. O general QUISPE, 50, entra às pressas.

GENERAL QUISPE

(a Larissa)

Eu sou o general Quispe. Dentro de cinco minutos você será escoltada por mim ao Presídio Imperial de Assunção, onde ficará detida à espera de julgamento do Sagrado Imperador Armando II. Apronte-se.

Ele sai, fechando a porta atrás de si.

LARISSA

Eu não tenho muito tempo. Pedro, você já viu alguma de nossas campanhas?

BENÍTEZ

É assim que você chama suas atrocidades?

LARISSA

Já viu?

BENÍTEZ

Não é permitido a civis ver imagens dos atentados, são horríveis, perturbam a mente. Agentes como eu investigam e prendem os suspeitos, nada mais.

LARISSA

(irônica)

Faz sentido.

Larissa se levanta, de súbito.

LARISSA

Pedro, chega perto de mim, por favor.

Ele se levanta e chega perto dela.

LARISSA

Mais perto.

Benítez cola o rosto no dela.

Os dois vão conversar muito baixo, ao pé do ouvido.

LARISSA

Eu prometi à mãe antes de ela morrer que iria te encontrar, e te encontrei.

BENÍTEZ

Como assim?

LARISSA

Eu nunca fui descuidada, nem mesmo hoje, era o único jeito de te ver, precisava te mostrar uma coisa.

BENÍTEZ

(confuso)

O quê? Você fez tudo isso por mim? Por que não mandou alguém me encontrar?

LARISSA

Você não teria ouvido. Presta atenção, hoje, às 19 horas, você precisa encontrar um amigo meu na antiga estação ferroviária, ele tem algo muito importante pra você.

BENÍTEZ

O quê?

LARISSA

Conhecimento irrestrito.

A porta se abre mais uma vez e dois soldados entram para levar Larissa, que ainda está colada a Benítez.

BENÍTEZ

O nome da minha filha é Larissa.
Você me encontrou, e eu vou te encontrar. Eu prometo.

Os soldados retiram as correntes e a levam pelos braços.

Ela se vira, dá uma última olhada no irmão imóvel, os olhos profundos penetram os dele cheios de amor e confiança.

16 EXT. RUA - DIA

Fim de tarde. Benítez caminha pela rua, olhar perdido.

A manchete de "O Continente" é arrastada pelo vento e pára próxima a ele, que lê: "EDIÇÃO EXTRAORDINÁRIA: CAPTURADA LARISSA ROJAS, INIMIGA NÚMERO 1 DO SAGRADO IMPÉRIO".

17 EXT. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA - NOITE

Benítez encostado num canto da antiga estação ferroviária, abandonada e deserta.

Ele olha para os lados, tenso, à procura do amigo de Larissa. Nada.

Passados alguns segundos, o AMIGO DE LARISSA, 28, vem na sua direção.

Ele não diz nada, entrega a Benítez um pequeno objeto e sai.

Depois de ver o homem sumir, Benítez analisa o objeto. É um pen drive, de aspecto sujo e velho.

18 INT. QUARTO DE BENÍTEZ - NOITE

Em seu quarto, Benítez insere o obsoleto pen drive em seu computador igualmente obsoleto.

BENÍTEZ
A escola de Guayaquil.

Na FILMAGEM, vemos Larissa e três amigos: DOIS HOMENS, 35 e 27, e uma MULHER, 50, entrando na escola, facilitados por um PROFESSOR, 30, que abre o portão.

INTERCALA COM:

19 EXT. PÁTIO DA ESCOLA - DIA

Larissa e os amigos agora estão em um pátio. Ela fantasiada de GATA, os outros de GALINHA, JUMENTO e CACHORRO.

Eles encenam a peça teatral "Os Saltimbancos", cantam a música "Todos Juntos" e dançam com muita alegria e energia.

Lá estão as 97 crianças, assistem a apresentação atentamente, olhos vidrados nos artistas, extasiadas com a novidade.

LARISSA
(cantando)
"Uma gata o que é que tem?"

GALINHA, JUMENTO E CACHORRO
(cantando)
"As unhas!"

GALINHA
(cantando)
"E a galinha, o que é que tem?"

LARISSA, JUMENTO E CACHORRO
(cantando)
"O bico!"

LARISSA, GALINHA, JUMENTO E CACHORRO
(cantando)
"Dito assim parece até ridículo um bichinho se assanhar!"

JUMENTO
(cantando)
"E o jumento, o que é que tem?"

LARISSA, GALINHA E CACHORRO
(cantando)
"As patas!"

CACHORRO
 (cantando)
 "E o cachorro, o que é que tem?"

LARISSA, GALINHA E JUMENTO
 (cantando)
 "Os dentes!"

LARISSA, GALINHA, JUMENTO E CACHORRO
 (cantando)
 "Ponha tudo junto e de repente
 vamos ver o que é que dá! Junte um
 bico com dez unhas, quatro patas,
 trinta dentes, e o valente dos
 valentes ainda vai te respeitar!"

As crianças seguem atentas, ainda tomadas pelo fascínio.

20 INT. ACADEMIA DA PIA - DIA (PASSADO)

Benítez, dez anos mais jovem, ouve atentamente ao INSTRUTOR,
 35, que lhe fala cara a cara.

INSTRUTOR
 Benítez, a pior forma de subversão
 é a arte. Parece bela, mas é
 traiçoeira, mortal para a mente,
 mergulha as pessoas numa miséria
 profunda, até chegar o ponto em que
 questionam a existência, os valores
 sagrados. Jamais caia na tentação
 de ouvir músicas, ver obras de arte
 profanas ou, o que é ainda pior,
 assistir a uma peça de teatro.
 Muitos que eram leais ao Sagrado
 Imperador caíram em desgraça, se
 deixando seduzir, fazendo-se atores
 e atrizes, terroristas
 irrecuperáveis que produzem uma
 mentira encenada para subverter a
 ordem sagrada.

21 INT. PÁTIO DA ESCOLA - DIA

Larissa e os três amigos-bichos ainda cantando e
 interpretando "Todos Juntos".

As crianças ouvem e sorriem, estão ainda mais encantadas.

LARISSA, GALINHA, JUMENTO E CACHORRO
(cantando)

"Esperteza, paciência, lealdade,
teimosia, e mais dia, menos dia, a
lei da selva vai mudar. Todos
juntos somos fortes, somos flecha e
somos arco, todos nós no mesmo
barco, não há nada pra temer. Ao
meu lado há um amigo que é preciso
proteger. Todos juntos somos
fortes, não há nada pra temer. E no
mundo dizem que são tantos
Saltimbancos como somos nós!".

A reação das crianças é intensa, aplausos fortes, muitos gritos e vivas.

Os artistas fazem reverência, jogam beijos, acenam.

Larissa sorri, emocionada.

INTERCALA COM:

22 INT. QUARTO DE BENÍTEZ - NOITE

Benítez assiste as imagens da peça, inquieto, extasiado, como se fosse explodir por dentro.

Ao final da canção, ele solta um sorriso puro, como o daquelas crianças, bate palmas e dá vivas junto com elas.

Na imagem congelada, vê Larissa sorrindo, radiante.

Ele cai no choro por alguns segundos.

Enxuga as lágrimas e olha para a imagem congelada da irmã mais uma vez. Os olhos vivos e profundos dela estão em paz.

FADE OUT / FIM.

TEM UM GNOMO NO MEU JARDIM

MERY PETTY

EXT. CÉU/ÁREA DE RECREAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA - DIA

O pássaro cruza o céu e chega num jardim de infância, atraído pelo colorido das flores e das árvores frutíferas carregadas de frutas, bem como um jardim muito bem arquitetado com casa na árvore, muro de escalada, escorregador, balanços, cabanas, casinha de bonecas, quintal de areia, e um pergolado pra piqueniques e contações de histórias. Tudo isso forrado de muita grama verde e uma variedade de arbustos visitados por borboletas, insetos e pássaros.

NARRADOR (V.O)

Voando pelo céu, um voo livre sem fim.

Um pássaro avista de cima, um grande e belo jardim.

Tem grama, tem flores, tem frutas.

Estaciona pra fazer uma boquinha.

Crianças correm espalhadas pelo jardim e brincam em todos os brinquedos.

NARRADOR(V.O)

É um jardim da infância, com certeza

Pois tem crianças correndo e se divertindo.

Crianças vão, crianças vem,
Brincando e inventando até coisas que não tem.

PROFESSORA

Crianças... hora do lanche!

CRIANÇAS

Êeeee... (correm pra dentro com exceção de duas)

NARRADOR(V.O)

Agora vão para dentro, todas juntas de uma só vez,

Mas olha lá... ficaram duas ...

Isabela e Bruno não ouvem a professora chamar e continuam brincando no jardim. Eles correm atrás de uma borboleta como se estivessem brincando de pega-pega com elas. E riem muito, divertindo-se com a borboleta. No meio da brincadeira se deparam com um buraco no meio do gramado no jardim.

ISABELA

Olha Bruno. Aqui tem um buraco!

BRUNO
Tá. Vamos encher de areia...

ISABELA
Não! Não pode.

BRUNO
Por quê?

ISABELA
Lá na casa do meu avô também tinha um buraco assim. E tinha um gnomo lá dentro.

BRUNO
Sério? E tu viu o gnomo?

ISABELA
Não!

BRUNO
Então como sabe que tinha gnomo?

ISABELA
Meu avô me contou.

BRUNO
Ele viu?

ISABELA
Claro né! Meu avô não mente.

BRUNO
E onde está o gnomo do teu avô?

ISABELA
Fugiu.

BRUNO
Por que ele fugiu?

ISABELA
Porque gnomos fogem.

BRUNO
Foi teu avô que disse isso?

ISABELA
Não! Eu já sabia.

Professora aparece no jardim.

PROFESSORA

Isabela e Bruno, vocês estão aí!
Vem, tá na hora do lanche. Vocês
não ouviram quando chamei antes?

ISABELA

Não profe, é que eu e o Bruno
encontramos um buraco no jardim que
tem gnomo.

PROFESSORA

Ahh, é mesmo? Que legal. Mas agora
vão lavar as mãos pro lanche,
vamos.

As crianças vão com a professora para dentro da escola.

Passarinho pousa na horta de morangos, pega com o bico um
morango caído no chão e voa até o buraco.

Então se deita no buraco e come o morango.

Começa um vento que se intensifica e uma flor se desprende e
cai sobre ele, que se assusta e sai as pressas, deixando um
pedaço de morango no buraco.

Isabela e Bruno voltam pro jardim e encontram restos de
morango e uma flor caída no buraco.

ISABELA

Olha Bruno... Um chapéu...

BRUNO

Foi o gnomo... Ele tava comendo,
olha, saiu correndo e deixou cair o
chapéu dele.

Vão correndo pra dentro da escola.

2

INT. SALA DE AULA - DIA

Bruno e Isabela falam com a professora.

BRUNO

Profe, eu e a Isabela achamos o
chapéu do gnomo.

PROFESSORA

Bruno... Isso é só uma florzinha...

ISABELA

Não, profe. Eles se vestem com as coisas da natureza. Meu avô quem disse. E ele não mente!

BRUNO

Ele até comeu um pouco de morango, profe.. Coitado, ele tá com fome.

PROFESSORA

Tá certo Bruno. Agora vamos fazer uma atividade...

ISABELA

Profe... Guarda o chapéu pra mim? Eu quero mostrar pro meu avô.

BRUNO

Não Isabela. Temos que devolver pro gnomo.

ISABELA

Ai Bruno... Mas eu queria mostrar pro meu avô.

BRUNO

Só fala pra ele!

ISABELA

Tá bom. Vamos lá devolver. (Saem)

PROFESSORA

Podem ir, mas não demorem hein Bruno e Isabel... temos atividade aqui.

3 EXT. ÁREA DE RECREAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA - DIA

Bruno e Isabela voltam ao jardim.

ISABELA

Eu queria pegar um gnomo. Só pra ver ele, como o meu avô viu.

BRUNO

Boa ideia. Isabela, fala com o teu avô pra ver como que ele pegou um pra ver.

ISABELA

Eu acho que meu avô fez uma armadilha pra pegar o gnomo.

BRUNO
Armadilha igual de pegar
passarinho?

ISABELA
Não, porque é de pegar gnomo né.

BRUNO
E como é uma armadilha de pegar
gnomo?

ISABELA
É que nem uma casinha de gnomo.
Porque eles são inteligentes, daí a
gente faz eles pensarem que é a
casa deles e pega.

BRUNO
Mas eu não tenho uma casinha, só um
posto de gasolina que eu brinco de
carrinho.

ISABELA
Mas eu tenho a casa da Poly né.

BRUNO
Então vamos logo pegar a casa.

Isabela sai, volta e traz a casinha da Poly pro jardim.

ISABELA
Vamos botar encima do buraco. Daí
quando ele sair, já vai entrar na
casa direto.

BRUNO
Não Isabela, vamos botar do lado,
senão o buraco tampado vai deixar
escuro lá dentro e ele não vai ver
onde sair.

ISABELA
E se ele sair do buraco, olhar pra
casinha e não entrar?

BRUNO
Então vamos colocar uma comidinha
dentro da casa pra ele sentir o
cheiro e ficar com fome. Daí ele
vai entrar de qualquer jeito na
casa.

ISABELA

Bruno, mas tu sabe que comida eles gostam?

BRUNO

Deve ser pão com nutela. Todo mundo gosta disso né.

ISABELA

É mesmo. Boa ideia. então vai lá no refeitório buscar.

5 INT. REFEITÓRIO - DIA

Som instrumental. Não se ouve as falas.

Bruno entra no refeitório e fala com a merendeira.

Bruno sai de cena e volta ao refeitório puxando a professora pela mão.

A professora conversa com a merendeira.

A merendeira entrega pão ao Bruno.

Bruno sai pra fora do refeitório.

A merendeira e a professora se entreolham enquanto Bruno está saindo do refeitório.

Elas riem dele.

6 EXT. ÁREA DE RECREAÇÃO DO JARDIM DE INFÂNCIA - DIA

Bruno e Isabela colocam o pão dentro da casinha e depois a casinha ao lado do buraco. Cada um deles se deita de barriga pra baixo com os rostos de frente pro buraco pra ver a hora que o gnomo aparecerá. A professora aparece.

PROFESSORA

Bruno... Isabela...

ISABELA

A profe tá chamando...

BRUNO

Vamos Isa. Depois a gente volta aqui pra ver se ele já entrou.

Assim que as crianças saem, o passarinho voa até o local. Enfia seu bico dentro da casinha tentando tirar o pão colocado lá dentro, com dificuldade. Então derruba a casinha, pega o pão, come e volta pro galho.

NARRADOR(V.O.)

Ah... crianças... com seus pãezinhos! Com certeza não se lembram da história de João e Maria, onde os pássaros comeram as migalhas de pão.

Algum tempo depois.

Bruno(curioso) volta ao jardim, e vê a armadilha desarmada. Levanta a casa, sacode-a e a coloca no chão novamente, observa os arredores do buraco pra ver se acha o pão.

BRUNO

Isabela, vem cá.

Isabela chega.

ISABELA

O que você fez Bruno?

BRUNO

Eu não fiz nada. Quando eu cheguei já estava a casinha virada e o pão com nutela também já se foi.

ISABELA

E você viu o gnomo?

BRUNO

Sim. Eu vi.

ISABELA

E por que você não pegou ele?

BRUNO

É que ele fugiu.

ISABELA

Fugiu?

BRUNO

Sim. Jogou um pó mágico no meu olho. Daí deu uma coceira. E depois fugiu.

ISABELA
Deu coceira no teu olho?

BRUNO
Deu. Daí eu fui coçar e quando eu
olhei ele já foi embora.

A professora aparece no jardim com o avô de Isabela. Eles os observam por breve tempo.

PROFESSORA
Isabela... Seu avô veio te
buscar! Bruno, é pra você ir junto
com a Isabela. A sua mãe vai te
buscar na casa dela.

7

EXT. FRENTE DO JARDIM DE INFÂNCIA/ÁREA DE RECREAÇÃO - DIA

Bruno e Isabela estão felizes e assim vão saindo da escola com o avô de Isabela. Vemos eles sumirem ao longe enquanto escutamos a sua conversa.

ISABELA
Vô, a gente viu um gnomo.

BRUNO
Eu que vi. A Isabela não.

ISABELA
É, vô. O Bruno viu. Eu não vi. Mas
ele jogou pozinho mágico nos olhos
do Bruno.

BRUNO
Sabia que o pozinho mágico deu uma
coceira no meu olho?

ISABELA
Dai o Bruno foi coçar e ele fugiu
vô.

BRUNO
Mas eu vi ele.

ISABELA
É mesmo. E a gente queria pegar um
gnomo vô.

BRUNO
A gente fez uma armadilha com a
casinha da Poly da Isabela.

ISABELA

Quase que o Bruno pegou né.

BRUNO

Pelo menos eu vi né Isabela.

ISABELA

Meu vô também viu né vô?! Né que é verdade? Meu vô não mente!

O passarinho voa até o portão da escola pra ver os amiguinhos indo embora. Ele observa as crianças sumindo ao dobrar a esquina.

(V.O.)

Dizem que a criança
 Entra fácil na história...
 Mas eu digo e repito
 Que ela nunca sai de lá!
 É neste mundo imaginário
 Que constrói suas verdades;
 Ensaia o medo e a coragem;
 A malvadeza e a bondade;
 Tudo que sua mente cria é um espaço
 de autonomia
 Isabela e Bruno, se viram mesmo um
 gnomo,
 Foi, com certeza, por essa via.

Passarinho voa e volta pro galho lá do jardim.

Vê a professora recolhendo os brinquedos no jardim. Ela acha a casinha da Poly. Olha dentro dela e dá um sorriso grande. Então deixa estrategicamente a casinha ao lado do buraco e vai embora.

A imagem da casinha da Poly vai se aproximando até quase podermos ver o que tem dentro. porém a porta da casa se fecha antes de podermos ver.

(V.O.)

Que sorriso foi aquele?
 Será que teve uma ideia!?
 Ou será que viu um gnomo?
 Não sei!
 Só sei que me parece que essa
 história vai continuar!

Fade out.

FIM

TRAZIDA DO MAR

DIOVANE RUBENS RIEDEL

1 EXT. PRAIA - DIA

J. L. e seu FILHO caminham na beira do mar ao som das ondas quebrando.

As marcas dos pés da criança na areia lado a lado com as marcas dos pés de J. L.

MENINO FILHO de J. L. sentado num banco de madeira.
CINCO HOMENS conversam sem que suas palavras sejam ouvidas.
Estão de costas para o MENINO.

MENINO olha para o encontro da água do mar com a do rio.

MULHER sai de dentro da água até altura do peito, com cabelos compridos. Ela sai da água feito um peixe que se revira e salta da água. Olha para o menino e esboça um leve sorriso, abrindo um pouco a boca, com fios de cabelo descendo pelo seu rosto. MENINO olha para o pai e os demais homens, que não veem a mulher. Olha novamente para o encontro das águas e a MULHER mergulha sem mostrar as pernas e os pés.

MENINO olha e mulher permanece submersa. Rosto do MENINO mostrando uma mancha abaixo do olho esquerdo.

O encontro das águas sem ela emergir.
Sol no céu.

FADE OUT PARA PRETO

2 EXT. PRAIA - NOITE

Lua no céu. Encoberta por nuvens. Reaparece. Águas vivas nas beiradas do mar na praia. Buracos de caranguejos iluminados.

PESCADOR FILHO DE J. L. /ADULTO (V.O.)
É véspera de sair ao mar, estarei acompanhado de três amigos, que estão cada um em sua respectiva casa, com suas devidas esposas e filhos. Tomo o direito de falar por eles. Já é noite e todos nós fomos cedo para a cama. Enquanto descansamos para amanhã cedo irmos pescar. Tomo o direito de falar, porque lembro quando anoitece das coisas que acontecem neste lugar.

3 EXT. PRAIA - MADRUGADA

Esculturas feitas com areia da praia no formato de corujas, gatos, cães, cobras, peixes e gaivotas são destruídas por um HOMEM que caminha pela areia. Ele está atordoado, cambaleia e quase cai sobre as esculturas.

PESCADOR FILHO DE J.L./ADULTO (V. O.)
 Corujas, serpentes, cães e gatos.
 Estão em relações de natureza. As corujas capturando serpentes, que agonizam em suas garras. Cães andam em bandos, na calada da noite, encontrando restos de comida. Os gatos ficam mais nos lugares altos, telhados ou muros, com receio dos cães. Em plena noite, em plena noite. Peixes saltam da água e gaivotas tentam-lhes.

4 INT. QUARTO DE JOÃO - NOITE

Rosto do PESCADOR JOÃO. Olhos fechados. O cabelo é esbranquiçado.

5 INT. QUARTO DE MARCOS - NOITE

Rosto do PESCADOR MARCOS. Olhos fechados. Cabelo e barba pretos.

PESCADOR FILHO DE J. L./ADULTO (V. O.)
 A noite passa mais depressa para um, mais lenta para outro, ou não passa simplesmente e os espíritos que habitam estes corpos em repouso começam a se interligar para compor uma sincronia coletiva...

6 INT. QUARTO DE JONAS - NOITE

Rosto do PESCADOR JONAS. Olhos fechados. Cabelo ruivo.

PESCADOR FILHO DE J. L./ADULTO (V. O.)
 ... que talvez tenha no conforto a necessidade fundante e a explicação para compensar o lado ruim das coisas. Aos poucos estes espíritos que habitam estes corpos que buscam repouso e descanso começam a se conectar com o despertar e...

7 INT. QUARTO PESCADOR FILHO DE J. L. - NOITE

Rosto do PESCADOR FILHO DE J. L. Olho direito aberto e o esquerdo fechado. A mancha da infância abaixo do olho esquerdo.

PESCADOR FILHO DE J. L./ADULTO (V. O.)
...levantar o corpo inerte, que respira fundo e horas passa sem notar o ar entrar e sair. Tudo é ar na praia, na faixa litorânea, a água agitada pelo movimento das ondas, clareia a noite em tons de verde fosforescente.

8 EXT. RIO - NOITE

A correnteza do rio.

9 EXT. PRAIA - NOITE

Praia. Ondas do mar quebrando com espuma branca. O som amplificado do mar. Areia. Céu estrelado. Estrelas do mar vindo pela borda da água, chegando até a praia, estrelas do mar.

10 EXT. JARDIM - NOITE

Flores cobertas por sal sob a luz esverdeada da lua. A mão passa sobre as pétalas. O sal. Vento move as flores. O sal esbranquiçado sobre as flores. As flores com sal são colhidas pela ESPOSA DO PESCADOR J. L./ADULTO. Ela acende uma lamparina fora de casa no jardim e a mesma ilumina uma composição com as flores colhidas. Os grãos de sal sobre as superfícies das flores.

11 INT. QUARTO DO PESCADOR FILHO DE J. L. - NOITE

PESCADOR FILHO DE J. L. deitado, seu olho direito fecha. No lugar da esposa, na cama, "chove" sal, sem que ele acorde. O sal cai ao seu lado sobre o travesseiro.

12 INT. QUARTO DE JOÃO - MADRUGADA

PESCADOR JOÃO abre os olhos lentamente.

13 INT. QUARTO DE MARCOS - MADRUGADA

PESCADOR MARCOS abre os olhos lentamente.

14 INT. QUARTO DE JONAS - MADRUGADA

PESCADOR JONAS abre os olhos lentamente.

15 INT. QUARTO DO PESCADOR FILHO DE J. L. - MADRUGADA

PESCADOR FILHO DE J. L. abre os olhos lentamente.

16 EXT. RUA ESTREITA DE TERRA - MADRUGADA

A luz de uma lamparina. Os quatro PESCADORES caminham pela estrada de terra com uma lamparina segurada pelo PESCADOR FILHO DE J. L.

17 EXT. RIO - MADRUGADA

O barco ancorado no rio.
Embarcam. Passam pelo encontro da água do mar com a do rio usando os remos.

18 EXT. BARCO - MADRUGADA

PESCADOR JOÃO joga anzol com isca no mar.
PESCADOR MARCOS joga anzol com isca no mar.
PESCADOR JONAS joga anzol com isca no mar.
PESCADOR FILHO DE J. L. observa os três, sentado no banco de trás do barco.
PESCADOR JOÃO segura a linha de pesca e fiska um peixe. Puxa a linha e o peixe vem a bordo. Tira o anzol e com um facão decepá a cabeça do peixe. Joga o peixe e a cabeça dentro do barco.
PESCADOR MARCOS e PESCADOR JONAS estão com suas linhas de pesca. Fiskam cada um um peixe e puxam no mesmo instante. Tiram os anzóis e decepam as cabeças dos peixes, primeiro MARCOS, depois JONAS. MARCOS joga peixe no chão do barco. PESCADOR JONAS joga peixe no chão do barco.
As cabeças dos peixes dentro do barco, no chão.

PESCADOR JOÃO

Os de hoje são diferentes, o que está havendo?

19

EXT. BARCO - AMANHECENDO

Barco repleto de peixes, no chão da embarcação.
O PESCADOR FILHO de J. L. observa os peixes e pega a rede.
Lança a rede ao mar.
O mar. A rede afunda.
Rosto do PESCADOR FILHO DE J. L.
Puxa a rede.
Ela prende em algo.
Puxa novamente fazendo mais força e a rede não sobe.

PESCADOR FILHO DE J. L.
Vocês não vão fazer nada?

PESCADOR MARCOS
Sim, vamos!

Ajudam a puxar a rede, que com os quatro puxando sobe ao barco.

PESCADOR JONAS
Mas o que é isso?

Um ser metade humano metade peixe está entre a rede. Metade mulher, metade peixe (SEREIA).
PESCADORES retiram a SEREIA da rede. Ela está fraca e arranhada no rosto.

PESCADOR FILHO DE J. L.
Qual seu nome?
De onde você veio?

SEREIA esbraveja com os braços. Seus olhos reviram, ficam brancos. PESCADORES assustados mexem o braços e ajeitam seus cabelos.
PESCADOR JONAS olha para o facão.

PESCADOR JOÃO
A corda da âncora, rápido!

PESCADOR FILHO DE J. L.
Não deixem ela voltar pra água!

Os PESCADORES amarram a SEREIA ao banco do barco na parte de trás e decidem voltar para a vila. Eles a observam, apreensivos para que ela não pule no mar.

20 EXT. BARCO - DIA

Os quatro PESCADORES estão em estado de choque com a SEREIA dentro barco, e remam desesperadamente para chegarem à terra firme o mais rápido possível.

SEREIA agoniza e está com os braços imobilizados.

Não fala nada.

Os PESCADORES remando.

Ao longe os PESCADORES observam se aproximando um aglomerado de pessoas aparentemente lhes esperando à beira da água do rio.

FADE OUT PARA PRETO

FADE IN DO PRETO

21 EXT. SOLO - DIA

O esqueleto da SEREIA desenterrado.

FADE OUT PARA PRETO.

FIM.

VASSOURAS

CAIO HENRIQUE LEIVAS BORGES

1 INT. QUARTO - NOITE

Leandro (42) deitado na cama. As luzes do quarto, que estão acesas, apagam e o telefone de Leandro vibra com a mensagem da Celesc avisando que faltou luz em seu bairro. Leandro acorda, se assusta com as luzes apagadas e pega o celular. Lê a mensagem e começa a suar. Leandro joga as cobertas para longe do corpo, levanta da cama e vai até a janela. e acende a lanterna do celular. Leandro vai até a janela.

2 EXT. RUA DO APARTAMENTO DE LEANDRO - NOITE

Leandro olha para sua rua que está com todas as luzes apagadas e depois volta a cabeça para dentro de casa.

3 INT. QUARTO - NOITE

Leandro acende a lanterna do celular, calça as pantufas. 2 luzes de emergência instaladas no quarto de Leandro piscam e ele caminha até uma delas, bate com os dedos no vidro da lâmpada na esperança que elas parem de piscar, mas não adianta. Ele sai do quarto com o celular na mão, utilizando a lanterna como guia para seu percurso até o fim do seu percurso.

4 INT. CORREDOR - NOITE

Leandro passa rápido pelo corredor e, iluminadas pela lanterna do celular, vemos caixas, TV enrolada em plástico bolha e algumas painéis. As luzes de segurança do corredor piscam rapidamente.

5 INT. SALA - NOITE

Na sala, mais luzes de segurança piscam, vemos apenas um sofá como mobília e mais caixas da recente mudança de Leandro. Leandro vai até a mesa onde deixa uma fruteira improvisada para guardar as chaves, pega a chave do carro e sai batendo a porta com força.

6 INT. GARAGEM DO PRÉDIO DE LEANDRO - NOITE

Suando e correndo, Leandro chega até seu carro, abre a porta, liga o carro e acende a luz alta dos faróis. Depois disso, encosta a cabeça no volante e chora um pouco. Sai do carro, senta de frente para os faróis acesos e, ali, desaba no chão em um sono profundo.

7 INT. CORREDOR DE UMA LOJA DE DEPARTAMENTOS - DIA

Em busca de luzes de emergência, Leandro caminha pelo

corredor empurrando seu carrinho, já com diversos tipos de lâmpadas dentro, e encontra as luzes de emergência. Pega 3, encara o carrinho, pega mais 5, continua olhando o carrinho e pega mais 2.

8 INT. SALA - NOITE

Leandro descansa sentado no chão enquanto encara o lustre da sala, costas apoiadas na parte inferior do sofá, pernas esticadas. Ao seu redor, lâmpadas usadas e caixas vazias também de lâmpadas. Leandro se levanta e caminha até o quarto.

9 INT. QUARTO - NOITE

Ao chegar no quarto, Leandro encara seu guarda-roupa. O guarda-roupa imponente, grande, antigo, quase sepulcral, parece um monumento dentro do quarto. Leandro entorta um pouco o pescoço, respira fundo, descalça as pantufas, abre as duas portas do guarda-roupa uma de cada vez, olha o fundo, se senta dentro dele, encolhe as pernas e fecha as portas.

10 INT. GUARDA-ROUPA - NOITE

O guarda-roupa é apertado e escuro. Leandro se vira um pouco e fica de lado para as portas, encara uma das paredes laterais do guarda-roupa. As camisas e casacos pendem em cima de sua cabeça e Leandro sente a manga das roupas passando por seu cabelo. Leandro encara a parede do guarda-roupa que parece estar muito longe do que de fato está por causa da escuridão. Lentamente, vemos uma mão de pessoa velha surgindo entre as mangas das camisas e casacos e fazendo carinho no cabelo de Leandro.

11 INT. QUARTO - NOITE

Ouve-se gritos de Leandro vindo de dentro do guarda-roupa. Ele pula para fora do guarda-roupa e cai no chão.

12 INT. QUARTO - DIA

Leandro acorda na cama, se espreguiça, passa a mão no rosto. Se senta na cama e encara o chão por alguns segundos. Leandro se levanta, abre as cortinas com força e fecha os olhos em frente ao sol que ilumina a janela, respirando fundo.

13 INT. CORREDOR - DIA

Vemos a porta do banheiro, ouve-se barulho de descarga, depois de pia sendo aberta e, na sequência, de dentes sendo escovados.

14 INT. COZINHA - DIA

No balcão da cozinha, coloca água dentro de uma chaleira e depois larga em cima do fogão com uma das bocas acesas.

Chaleira solta fumaça.

Leandro passa a manteiga no pão.

Ele coloca queijo e salame no pão e, com o sanduíche pronto, pega um prato para colocá-lo.

Leandro vai até a mesa da cozinha e coloca o sanduíche e uma xícara de café em cima dela. Ele se senta de frente para a mesa, ajeita os talheres que estavam um pouco tortos, encara a comida por alguns segundos e começa a comer.

15 INT. QUARTO - DIA

Com as luzes apagadas e a janela aberta, Leandro, agora de calça jeans e sapato, termina de abotoar a camisa que está vestindo. Depois disso, ele fecha a janela e as cortinas, acende a luz do quarto e sai.

16 INT. BANHEIRO - DIA

Leandro, iluminado apenas pela janela pequena pequena que fica dentro do banheiro, penteia os cabelos e passa perfume. Depois de ter terminado, acende a luz do banheiro e sai.

17 INT. SALA - DIA

Leandro segue em direção a porta de entrada da casa. Abre a porta e encara a escuridão do corredor. Pega um bola de tênis que fica parada do lado da mesa de colocar chaves. Joga ela pelo corredor e todas as luzes se acendem.

18 INT. SALA - DIA

Leandro parado perto da porta de entrada, encara o apartamento com todas as luzes da sala acesas. Fecha a porta.

19 INT. CORREDOR - DIA

Leandro tranca a porta, pega a bola de tênis e a coloca no bolso. Entra no elevador.

20 INT. GARAGEM - DIA

Leandro tira a bola de tênis do bolso, joga ela para fora do elevador e as luzes do corredor que levam a garagem se

acendem. Ele pega novamente a bola e a coloca no bolso. Caminha até o seu carro, entra e acende a luz interna.

21 INT. ESCRITÓRIO - DIA

Leandro está em sua mesa, ele encara o relógio do notebook.

São 18:29.

Leandro continua encarando o relógio.

Ainda são 18:29.

Leandro passa a mão no rosto e depois nos cabelos.

O relógio muda para 18:30

Leandro fecha o notebook, recolhe sua carteira, telefone e chave do carro que já estavam organizadas previamente e sai da sala sem dizer tchau para ninguém. Outras pessoas dentro do escritório acompanham a saída dele e depois comentam entre si.

22 INT. GARAGEM DO ESCRITÓRIO - DIA

Leandro caminha com a bola de tênis na mão e chega rápido até o carro, liga a luz interna do veículo e vai em direção a rua.

23 INT. CARRO DE LEANDRO - NOITE

Leandro dirige com o peito inclinado em cima do volante, suas mãos suam e a a camisa também tem marcas de suor, ele aumenta o ar condicionado para a potência máxima. Luzes de outdoors, postes e faixadas de lojas banham o retrovisor do carro, mostrando que a área que Leandro mora é iluminada.

24 INT. GARAGEM DO PRÉDIO DE LEANDRO - NOITE

O carro estaciona e a sua porta abre lentamente, depois é empurrada com força. Leandro arremessa sua pasta no chão, depois sai do carro com os pés arrastando, a coluna torta e bola de tênis na mão. Pega a pasta e vai em direção ao corredor para chegar no elevador.

25 INT. SALA - NOITE

Leandro, de banho tomado e usando sua tradicional camiseta branca e calça de moletom cinza, prepara um copo de suco de laranja. Descasca três laranjas, coloca no espremedor e depois serve o suco em um copo de 300ml. Enquanto isso, apita

a torradeira para indicar que os dois pães que estavam nela estão prontos. Ele pega os pães, passa manteiga em cada um deles e coloca em cima de um prato.

26 INT. CORREDOR - NOITE

Leandro se senta no chão do corredor, ao lado da cozinha e encara o quarto em que fica o guarda-roupa. Sentado comendo, ele consegue ver de longe o guarda-roupa que parece encará-lo.

27 INT. QUARTO - NOITE

Leandro abre uma das portas do guarda-roupa, depois a outra. Entra dentro dele e sua respiração fica controlada, profunda, ele fecha os olhos.

28 INT. QUARTO DE VASSOURAS DA ESCOLA - DIA (PASSADO)

O cômodo é apertado, mal cabe mais de duas pessoas. Prateleiras altas expõem produtos de limpeza, dentro de um balde saltam cabos de vassouras, um uniforme de zelador fica pendurado na parte de trás da porta.

29 INT. GUARDA-ROUPA - NOITE (PRESENTE)

Leandro abre os olhos e vê, [IMAGINAÇÃO DE LEANDRO] saindo daquela escuridão causada pela porta que fica de frente para Leandro, o pescoço e a cabeça do zelador: rosto de um homem de 74 anos, calvo no topo da cabeça, apenas com cabelo grisalho nos lados, olhos esbugalhados e rugas na testa e no queixo.

30 INT. QUARTO - NOITE

Leandro pula para fora do guarda-roupa e cai no chão. Suado e chorando, ele olha para o guarda-roupa com raiva. Fecha as portas do guarda-roupa com força, elas rebatem e voltam a ficar abertas. Ele bate mais uma vez com força e elas se fecham. Leandro sai correndo do quarto.

31 INT. ESCRITÓRIO - DIA

Leandro está trabalhando e cuidando o relógio quando vê pessoas chegando com um bolo e velas de aniversário. Ele olha as velas e começa a suar. Dois funcionários acendem as velas e posicionam o bolo na entrada da sala. Outro funcionário distribui chapéus de aniversário e apitos de papel. É uma festa surpresa para um dos colegas de trabalho. Apagam as luzes e fecham as cortinas, Leandro acende a lanterna do celular e vai para o fundo da sala, distante dos

outros colegas. Fica com a lanterna mirada para a palma de sua mão e encara isso. O aniversariante chega e todas as luzes se acendem. Leandro respira aliviado e até consegue cantar parabéns junto aos outros colegas. Depois disso, começa os comes e bebes e, enquanto Leandro conversa com uma das pessoas da festa, percebe Joana (36) olhando para ele. Ele retribui o olhar e os dois sorriem um para o outro.

32 INT. BANHEIRO - NOITE

Leandro está de frente para o espelho. Escova os dentes, penteia os cabelos, pega o casaco que estava em cima da tampa da privada e o coloca, arruma a gola da camisa e sai do banheiro.

33 INT. SALA - NOITE

Leandro pega novamente a bola de tênis, as chaves do carro, liga a lanterna do celular e sai de casa.

34 INT. RESTAURANTE - NOITE

Leandro está sentado em uma mesa jantando com Joana. A música e o som ambiente é mais alto que suas vozes. Eles estão rindo muito. Entre uma risada e outra, Joana olha atenta para Leandro que fica encabulado, o que só fazer ela gostar ainda mais dele. Os dois continuam comendo e conversando interessados demais pelas histórias um do outro. De cabeça baixa, começam a conversar sobre as pessoas que os cercam no restaurante. Dão mais risadas.

35 EXT. RUA - NOITE

Leandro leva Joana até o carro dela. Ele está com uma das mãos no bolso. Eles se despedem com um beijo e ela aponta para o carro com a cabeça, convidando Leandro para ir com ela para casa. Ele balança o corpo para frente, em direção ao carro, e volta. Fica paralisado. Joana expressa não compreender, mas, mesmo assim, entra dentro do carro e sai. Leandro encara a partida de Joana e depois de não conseguir mais ver o carro, tira o telefone do bolso que está com a lanterna ligada apontando para sua mão e fica olhando para a luz, enquanto respira fundo.

36 INT. QUARTO - NOITE (PRESENTE)

Leandro levanta a cabeça que estava baixa, encara o guarda-roupa. Bate com a cabeça nele. Grita, soca e cospe no guarda-roupa. Seus olhos demonstram a raiva que tem de si mesmo. Bate mais vezes no guarda-roupa e abre as portas enfurecido. Leandro entra dentro do guarda-roupa.

37 INT. GUARDA-ROUPA - NOITE

Leandro, dentro do guarda-roupa, fecha os olhos e tenta novamente respirar de forma controlada.

38 INT. QUARTO DE VASSOURAS DA ESCOLA - DIA (PASSADO)

Agora vemos o quarto de vassouras de forma mais definida, específica. As paredes de tijolos, laterais e a do fundo, são preenchidas por prateleiras com produtos de limpeza, um lustre velho e sujo que liga ao puxar uma cordinha acoplada a ele pende do teto, um balcão com gavetas para guardar panos e toalhas fica encostado na parede que tem a porta. Atrás da porta, em um suporte para pendurar chapéus e roupas, está o macacão do zelador pendurado. O zelador virado de costas, mexe as mão sob algo em cima do balcão que não conseguimos ver. Ele parece lutar com a coisa. Irritado e ofegante, o zelador alcança com uma das mãos uma vassoura que estava apoiada na parede perto do balcão, com a outra mão ele segura a coisa. Da perspectiva da coisa, vemos que o zelador lambe os lábios e faz "shhhh shhhh" com a boca para tentar manter a coisa quieta que ainda se debate. O zelador aponta o cabo da vassoura para a coisa.

39 INT. GUARDA-ROUPA - NOITE (PRESENTE)

Leandro começa a se debater dentro do guarda-roupa, abre a boca o máximo que consegue para emitir um grito. Não se ouve o grito.

40 INT. QUARTO - NOITE

Vemos o guarda-roupa de perto e, então, ouvimos os gritos. O guarda-roupa treme de um lado para o outro. Chacoalha por causa dos movimentos de Leandro lá dentro. Vendo o guarda-roupa cada vez mais de longe, os gritos sessam e o chacoalhar também. Uma das portas do guarda-roupa abre uma pequena fresta.

BLACKOUT

FIM

NÃO TEM NOME

AMILCAR BRITZ

FADE IN:

1 INT. SALA - NOITE.

Música instrumental triste.

Cortinas abertas. A luz da rua entra pela grande janela de vidro que vai de uma parede a outra. As luzes da sala estão desligadas, mas é possível ver com certa nitidez.

Marcos (40 anos) está de pijamas, sentado no sofá, com os braços apoiados nos joelhos. Ele olha fixamente para o rack: a televisão está desligada, mas ao lado dela há um porta-retratos. Não é possível ver a foto do porta-retratos, apenas o reflexo da luz que vem da rua.

Ele gira várias vezes o anel do dedo anelar da mão esquerda, tira e coloca o anel várias vezes, mas sem olhar para a mão, e seu semblante é de tristeza.

Levanta com dificuldades e vai até o rack, mancando, e pega o porta-retratos, olha para a foto. Não vemos a foto.

2 INT. QUARTO - NOITE.

O quarto está escuro, mas dá para ver os traços de uma mulher. Laura(40 anos) está deitada na cama, de olhos fechados. Chora agarrada ao travesseiro.

Soluça.

Dorme.

3 INT. SALA/CORREDOR/QUARTO - NOITE.

Marcos coloca o porta retrato no mesmo lugar, suspira.

Ele olha o relógio no pulso, que marca 02:40h.

Lentamente, mancando, sai da sala e vai para o corredor, para, suspira e se segura na parede. Continua lentamente e abre a porta do quarto, bem devagar.

Da porta, olha para a cama onde está deitada Laura, dormindo, e entra caminhando nas pontas dos pés.

Ele senta na cama, deita bem devagarinho, pega o cobertor que está na altura da cintura e cobre a esposa até os ombros.

4 INT. QUARTO/BANHEIRO - AMANHECER

Pés de Marcos fora do cobertor, dorso descoberto, os braços: cheios de cicatrizes. Ele abre os olhos.

MARCOS(V.O.)

O que eu sinto?

Ele se vira e procura por Laura do outro lado da cama. Mas só ele está na cama. Levanta sem muita vontade. Com dificuldades.

MARCOS(V.O.)

Não sei se vai ser um dia bom, ou um dia ruim.

Vai em direção ao banheiro (é uma suíte). A porta do banheiro está aberta, ele para na porta, e observa. O espelho do banheiro embaçado, umidade no box e na parede, o chão molhado, com marcas de pisadas.

5 INT. COZINHA - DIA

Laura sorri e assovia baixo uma música alegre. Coloca a água para esquentar. No armário pega torradas, cereal, e coloca na bancada.

6 INT. BANHEIRO - DIA

Marcos escova os dentes, enxagua a boca, arruma seu cabelo.

MARCOS(V.O.)

Acho que estou desaprendendo a falar... Falta prática, e vontade...

7 INT. COZINHA - DIA

Laura, sorrindo, pega pratos e talheres, um copo de princesa. E coloca tudo na bancada. Vai até a geladeira e abre a porta.

8 INT. QUARTO - DIA

Marcos sai do banheiro, trôpego, abre o guarda-roupas, veste uma calça jeans com dificuldades, pega uma camisa preta, olha para ela, observa as outras camisas no guarda-roupas. Observa uma cinza.

9 **INT. SALA - DIA**

Laura dispõe uma faca e um garfo na mesa. Não vemos a mesa inteira.

Ela sorri e volta para a cozinha.

10 **INT. QUARTO/CORREDOR - DIA.**

Marcos veste uma camisa cinza, abotoa e vai andando descalço pelo corredor.

11 **INT. SALA - DIA.**

Laura volta da cozinha, feliz, e Marcos chega na sala. Se encontram perto da mesa (que está sempre desfocada ou num ângulo em que não aparece o que tem nela ou então aparece somente partes dela).

Ela vê o marido e sorri.

MARCOS (V.O.)

Então... Um ano depois ela volta a sorrir, e nem sei porquê...

Marcos sorri.

MARCOS

Bom dia.

LAURA

Bom dia.

Laura dá um selinho no marido, arruma o cabelo dele.

MARCOS (V.O.)

Ela está tão linda hoje...

Os olhos verdes de Laura, o sorriso, os cabelos dela.

Marcos senta.

Laura vai para a cozinha.

Marcos olha fixamente para a mesa, surpreso, e a expressão dele muda.

Laura volta da cozinha, sorrindo, e com uma caixa de cereal na mão. Olha para o marido, para de sorrir, olha para a mesa.

Ela se segura em uma cadeira, um pouco trêmula, e deixa a caixa de cereal cair. Olha para o marido, para o cereal no chão, e sai.

Marcos olha para a mesa. Levanta com dificuldades e vai atrás de Laura.

Enfim, vemos a mesa integralmente: além dos pratos e talheres para Marcos e Laura, estão um prato e talheres de menina, tudo cor-de-rosa, e o copo de princesas.

12 **INT. SALA - DIA (PASSADO)**

Na mesa, prato (com frutas) e talheres de menina, tudo cor-de-rosa e o copo de princesas. E também talheres e xícaras de Marcos e Laura.

Laura, Marcos e Sofia (8 anos) estão à mesa.

Sofia faz caretas e mostra a língua para o pai, enquanto a mãe olha para o outro lado. Laura olha para a filha, e Sofia finge não estar fazendo nada. O casal ri com as brincadeiras. Marcos pega uma fruta do prato da menina, Laura bate na mão do marido. A menina faz uma expressão de quem não entendeu nada, e todos acabam dando gargalhadas.

13 **INT. CORREDOR/QUARTO DE SOFIA - DIA (PRESENTE)**

Laura atravessa o corredor com passos firmes e semblante sério, vai até o quarto que fora da filha, se encosta no batente da porta e observa a cama. Brinquedos e bichinhos de pelúcias em cima da cama.

LAURA (V.O.)

Eu estou esquecendo a sua voz,
minha princesa, daria a minha vida
pra ouvir novamente a sua voz, as
suas risadas.

Na parede, um quadro com uma foto de Sofia sorrindo.

LAURA (V.O.)

O seu quarto está do mesmo jeitinho
que você deixou, minha princesa, eu
não tinha mais coragem de entrar
aqui... Mas...

Laura entra no quarto, senta no chão, abraça a cama e chora.

Marcos chega, fica uns instantes parado na porta, sem falar nada, mas entra no quarto e senta ao lado da companheira.

14 INT. COZINHA - DIA

Piso da cozinha. Em câmera lenta: um prato rosa e um copo de princesas caem no piso, e se quebram, com os cacos voando para todos os lados. Mas não ouvimos o som deles se quebrando, e sim uma buzina de carro e um estrondo.

15 INT. SALA - DIA (PASSADO)

Marcos está no centro da sala. De pijamas. Está com a cabeça enfaixada. Tenta se alongar, com dificuldades, tenta se esticar, mas o corpo não responde muito bem.

MARCOS(V.O.)

Quando morrem os pais, nos tornamos orfãos, quando morre o marido, a mulher torna-se viúva ou quando morre a esposa torna-se viúvo...

Marcos aperta e massageia com a mão direita o braço esquerdo todo, sua expressão demonstra dor, põe a mão no ombro esquerdo, fecha os olhos e joga a cabeça para trás.

MARCOS(V.O.)

Quando morre um filho, a dor é tão grande, mas tão grande, que ainda não foi inventada uma palavra para descrever a dor que sentimos...

Marcos vai até a estante, pega o porta-retratos.

MARCOS(V.O.)

O que eu sinto, a dor que eu sinto,
NÃO TEM NOME...

Vemos a foto: o casal com a filha, felizes.

16 EXT. PARQUINHO - DIA (SONHO DE LAURA)

Sofia brinca, corre de um lado para outro. Marcos está sentado na grama, olha para filha e sorri. Laura está parada a dois metros deles.

Laura tenta caminhar, não consegue sair do lugar, olha para os pés, confusa.

Sofia olha para a mãe, sorri e sai correndo.

Marcos olha para a filha se afastando, ele para de sorrir e olha para a esposa.

Laura tenta chamar a filha, mas não consegue falar, tenta várias vezes falar enquanto Sofia vai desaparecendo.

LAURA
(baixinho)
Sofia...

17 **INT. QUARTO DE SOFIA - AMANHECENDO(PRESENTE)**

Laura e Marcos estão deitados na cama de Sofia, dormindo. Laura acorda assustada e se debatendo, Marcos também acorda e segura e acalma Laura. Se olham. Se abraçam.

LAURA (V.O.)
Sinto pena do meu marido, parece
errado a gente fazer amor, não
deixo mais ele me tocar, até beijar
parece errado, não consigo mais ter
intimidade com ele, mesmo sabendo
que nada daquilo foi culpa dele...

Marcos seca as lágrimas do rosto de Laura, se beijam, param de se beijar, se olham.

18 **INT. SALA - DIA**

Lettering: Um ano depois.

Marcos está parado em frente à janela, pensativo, olha para fora. A luz do sol bate em seu rosto com força. Ele franze o cenho.

19 **INT. BANHEIRO - DIA**

Laura se observa no espelho, e respira fundo.

20 **INT. SALA - DIA**

Pelo vidro da janela, vemos o reflexo de Marcos no vidro, assim como carros e pessoas passando na rua.

21 **INT. BANHEIRO - DIA**

Laura está sentada na privada, de olhos fechados.

Abre os olhos, olha para a mão.

Um teste de gravidez, que marca positivo. Dois risquinhos vermelhos.

22

INT. SALA - DIA

Marcos continua olhando para a rua, por trás dele chega Laura, vagarosamente, e põe a mão no ombro do marido.

Marcos vira e olha para a companheira.

Laura pega a mão do marido, e coloca o teste de gravidez.

Ele pega o teste, e olha de perto, sorri, passa a mão na barriga da mulher.

FADE OUT**MARCOS(V.O.)**

Hoje é um bom dia...

FIM

ENTRANHAS

BRUNA MARTINS

1 INT. CORREDOR/SALA - DIA

É uma casa humilde de madeira. Barulho de chave. A porta abre.

MULHER 1 (30) entra em cena carregando um monte de roupas sujas.

Um balde apara uma goteira incessante.

Na sala com pouca iluminação, a MULHER 1 larga as roupas em um sofá velho, que já tem algumas peças acumuladas.

Inclina o corpo por cima do sofá e abre uma janela emperrada com esforço. O som da rua entra pela janela e ela acena para alguém na rua.

Ela se abaixa, pega uma peça de roupa no chão e a devolve para a pilha.

Liga um ventilador antigo conectando-o à tomada e sai de cena.

A cortina puída não se movimenta porque não há vento.

Pela janela, é possível ver uma rua suja e movimentada com pessoas andando, sentadas nas calçadas, bastante conversa, risos e barulho.

No meio da rua, crianças negras jogam futebol em meio as poças ainda cheias de água da chuva. Algumas crianças estão sem camiseta e outras com camiseta.

2 EXT. RUA - DIA

Pés descalços de crianças disputam uma bola na rua ainda molhada.

Uma mão masculina leva um cigarro aos lábios, traga e sorri.

Vários pés correndo atrás da bola.

O lábio masculino expele a fumaça do cigarro.

3 EXT. FRENTE DO BAR - DIA

MULHER 2 (45) se abana com um panfleto, sentada em uma cadeira de plástico com um copo e uma garrafa de cerveja na mesa ao lado.

MULHER 3 (35) gargalha e bate na mesa, enquanto conversa com a MULHER 2.

4 EXT. RUA - DIA

Crianças jogam bola e correm pelo meio da rua, desviando de poças d'água.

O MENINO 1 (7) arruma as havaianas no meio-fio, marcando a área do gol.

O MENINO 2 (9) para a bola com o pé e impede a MENINA 1 (4) de atravessar a rua quando um moto-táxi passa buzinando.

O moto-taxista passa por eles e rapidamente as crianças voltam a tomar conta da rua.

MENINO 2 arremessa a bola e o jogo recomeça.

A chuva recomeça a cair, aliviando o calor.

A rua continua movimentada, alguns adultos se recolhem às marquises.

MENINO 2 (9) acerta um gol, a bola atravessa o espaço entre as havaianas e ele corre comemorando com os braços abertos e o rosto levantado para o céu. As outras crianças se aproximam aos gritos e gargalhadas.

Gotas de chuva caem no rosto do MENINO 1 (9), que tem um sorriso largo e continua comemorando o gol feito pelo MENINO 2 (9).

Os adultos na rua acompanham a partida de futebol em um clima descontraído regado a cerveja, música e risadas.

Um trovão encobre o barulho da rua. Um blecaute total desliga as luzes e a música para de tocar, mas ainda há conversas.

A bola velha de futebol atravessa o espaço entre as havaianas, suja de lama e sangue.

No silêncio completo, a imagem começa a abrir, mostrando pessoas praticamente imóveis e rostos assustados.

MÃE (25) surge correndo por entre as pessoas, com os olhos arregalados, empurrando algumas para tirá-las da frente.

Algumas pessoas na rua a acompanham com os olhos. Outras olham fixamente para um mesmo ponto.

A MÃE (25) se ajoelha em desespero.

Seu rosto se desfigura pela dor.

O MENINO 1 (7) está caído de bruços, com parte da cabeça dentro de uma poça d'água que começa a ficar vermelha de sangue.

A MÃE (25) vira o corpo do MENINO 1 (7) que está com os olhos abertos. Ela chacoalha o MENINO 1 (7), pega-o pelos ombros e o abraça ainda ajoelhada na rua.

O silêncio é quebrado pelo grito visceral da MÃE (25), que embala o MENINO 1 (7) em seus braços.

Fade out.

Fim.

NÃO TOC

HELOISA DIAS

INT. QUARTO - MANHÃ

O quarto está escuro, é possível ver Almir (34) dormindo na cama de solteiro de barriga para cima apenas pela luz da luminária no bidê ao lado da cama, junto com seu celular e os fones bluetooth.

O relógio digital contabiliza exatamente 7h da manhã.

Ele senta na cama e coloca seus chinelos, que estão perfeitamente arrumados com a distância exata de 15 cm um do outro e 5 cm em frente ao pé lateral de sua cama de solteiro.

Pega seus fones de ouvido bluetooth, que estão no bidê ao lado da cama, e os coloca nos ouvidos. Pega seu celular (sem nenhum risco ou poeira, parecendo um celular totalmente novo) e coloca sua playlist de Mozart. Começa a tocar "Sinfonia n. 40" de Mozart que irá se estender até a próxima troca de música.

Durante 3s, fecha os olhos, com um sorriso sereno enquanto escuta a música.

Apoia o celular novamente no bidê e abre a gaveta. Pega um espelho de mão e um pente fino de vários dentes. Segura o espelho com a mão esquerda enquanto divide o cabelo perfeitamente no centro da cabeça com a mão direita. Com um sorriso de satisfação, ele guarda o espelho e o pente exatamente no mesmo local em que estavam, a 2 cm de distância um do outro.

Almir levanta da cama, vai até seu armário, onde todas as roupas estão organizadas em degradê de cor, retira seu pijama branco de elastano e o dobra apoiando no pé da cama, para garantir a perfeita dobradura.

Guarda o pijama recém retirado e veste uma calça de moletom cinza clara e uma blusa branca. Fecha o armário.

Vai até o bidê e pega na gaveta uma pequena régua de 15 cm.

Ele vai até a cama e a arruma, verificando várias vezes se a coberta está a exatos 10 cm dos travesseiros.

Em seguida, vai para a janela, abre o blecaute e as janelas. O tempo está nublado e ameaça chover.

Vira de frente para o interior do quarto e, durante alguns segundos, admira seu trabalho de arrumação com um sorriso orgulhoso no rosto.

Sai do quarto com a cabeça erguida.

2

INT. CORREDOR - MANHÃ

Almir entra no corredor. Na parede do corredor, encontra-se um retrato emoldurado de Mozart, ao meio um retrato torto e pendurado apenas por uma das extremidades com uma fotografia antiga de sua família. Do outro lado uma partitura escrita a mão da música "Minueto e Trio em Sol Maior" de Mozart, em uma caligrafia refinada. Toda organização da decoração está mantida com medidas exatas e harmônicas.

O quadro da família mostra um Almir de 4 anos, com os olhos inchados de chorar e a boca levemente puxada nos cantos fazendo uma careta de tristeza. Sua mãe (30) tem a aparência cansada, com a testa levemente franzida e seu padrasto (50) está com o rosto vermelho e inchado da bebida, seus olhos estão semi fechados e ele se apoia em Almir para se manter de pé.

Almir coloca o quadro no lugar, mas ele desliza novamente para a posição torta. Almir arruma o quadro três vezes. Na terceira vez, o quadro permanece no lugar.

Ele sorri.

O quadro desliza à posição original.

Almir franze a testa, bufando forte, arranca o quadro da parede e o joga no chão.

O quadro se espatifa no chão, espalhando vidro para todos os lados. A fotografia está levemente arranhada e amassada. Ele retira a fotografia da bagunça e a apoia atrás de si, na estante de livros.

Olha para a sujeira, respira fundo e sai do corredor.

3

INT. CORREDOR/COPA/SALA/LAVANDERIA - MANHÃ

Ele caminha a passos largos para a Lavanderia, passando pela Copa e Sala.

Na Lavanderia, com um inspirar longo, Almir abre violentamente o armário de vassouras e retira seu aspirador de pó e uma das três vassouras novas. Fecha o armário com uma batida forte e abre a gaveta embaixo da pia e retira um saco de lixo. Fecha a gaveta. Pega de trás da porta sua pазinha de limpeza.

Bate a porta da lavanderia e volta para o corredor carregando todos os utensílios com muita dificuldade, andando lentamente.

Ele passa pela Copa e Sala com muita dificuldade carregando o aspirador de pó, a vassoura, a pazinha de limpeza e o saco de lixo.

4 INT. CORREDOR - MANHÃ

Almir coloca seus materiais de limpeza no chão. Agacha em frente aos destroços do quadro, abre o saco de lixo e joga os cacos maiores de vidro dentro.

A cada caco de vidro que joga no saco de lixo, ele vai amenizando a expressão e age de forma mais suave com os objetos.

Som muito alto de trovoadas. Olha para a janela da sala e vê que, do lado de fora, está chovendo e ventando muito. Almir volta a colher os cacos de vidro.

Em seguida, pega a vassoura e passa por todo o corredor e, no fim, recolhe a sujeira com a pazinha de limpeza.

Pega a pazinha de limpeza e joga a sujeira no saco de lixo.

Pega o aspirador de pó e passa por todo o corredor, pelas paredes, pelo chão e pelo teto.

Com um sorriso no rosto, Almir pega o aspirador de pó, a vassoura, a pazinha de limpeza e o saco de lixo cheio. Sai confiante do corredor.

5 INT. COPA E SALA - COMEÇO DA TARDE

Com passos largos, Almir tropeça no cabo do aspirador e cai no chão, deixando o aspirador de pó, a vassoura e a pazinha de limpeza caírem por debaixo dele.

O saco de lixo voa espalhando a sujeira.

Com violência, Almir levanta do chão, pega o aspirador de pó e o arrasta até a porta de entrada.

Começa a tocar "Réquiem em Ré Menor"

Ele abre a porta e joga o aspirador de pó para fora com muita violência. Bate a porta com força fazendo um grande estrondo.

Almir alisa seus cabelos com força, endireita a postura e vai até a sujeira.

6 INT. QUARTO DE ALMIR - NOITE (PASSADO)

Corta a música.

A mão da mãe de Almir segura a vara de marmelo e a bate com força nas mãos estendidas do filho.

As pequenas mãos dele sangram. Ele chora.

Encostado na beira da porta, ao longe, o padrasto de Almir o olha com ódio, franzindo as sobrancelhas. Todos usam as mesmas roupas da fotografia.

7 INT. COPA E SALA - FINAL DA TARDE

Volta a música.

Novamente, Almir recolhe os cacos maiores de vidro e os coloca na sacola de plástico.

Depois, novamente, passa a vassoura por toda a Copa e Sala e recolhe a sujeira com a pzinha de limpeza.

Ele estende a mão para onde antes estava o aspirador e tenta pegar o ar.

Com as sobrancelhas franzidas, Almir retira do bolso da sua calça de malha um pano branco. Ele esfrega a Copa e Sala com o pano branco.

Esfrega o chão, as paredes, a mesa, as cadeiras e o teto.

Passa o pano na televisão.

Passa pano na janela da sala e toma um susto quando um relâmpago brilha do lado de fora da janela.

A chuva aumenta e as janelas começam a tremer pelo vento.

Almir confere se as fechaduras da janela estão bem fechadas.

Começa a tocar "Alla Turca da Sonata nº 11 em Lá Maior".

Ele termina de limpar o teto com o pano branco e o joga dentro do saco de lixo que apoia na bancada.

Por alguns instantes, não consegue levantar a coluna. Apoia a mão esquerda nas costas e a direita na parede para ficar de pé devagar.

Som de barriga roncando. Almir coloca a mão direita na barriga e olha o relógio da sala.

Marca 17h.
Ele sai da Copa e Sala e entra na cozinha.

8 INT. COZINHA - FINAL DA TARDE

Almir vai até a geladeira e a abre.

Do lado de dentro a geladeira contém apenas uma caixa de 4 ovos com 1 ovo restantes, um tomate, uma mortadela exatamente na metade e um saco de pães francês.

Retira um pão francês e a mortadela e os coloca em cima da bancada.

Abre a gaveta dos talheres e retira uma faca e uma régua de 10cm.

Abre a gaveta de baixo e retira uma folha de papel toalha.

Almir faz um corte no meio do pão.

Ele usa a régua para medir exatos 3cm de mortadela e corta.

Coloca a fatia de mortadela no pão e come sem emoção.

Lava três vezes a faca usada, com muito detergente.

Sai da cozinha.

9 INT. CORREDOR - COMEÇO DA NOITE

Almir entra no corredor e olha a foto apoiada em cima da estante de livros.

A pega nas mãos e acaricia seu rosto na fotografia.

10 INT. SALA DA MÚSICA - COMEÇO DA TARDE (PASSADO)

Corta a música.

Almir apoia sua mão no piano.

Ele está deitado sobre o piano, de bruços.

As lágrimas escorrem em seu rosto.

Gotas de suor caem de em sua bochecha de cima dele.

11 INT. CORREDOR - COMEÇO DA NOITE

Começa a tocar "As Bodas de Fígaro".

Som de buzina de trem enquanto o prédio começa a tremer.

Os quadros pendurados ameaçam cair e batem violentamente contra a parede.

Com os olhos esbugalhados, Almir corre para fora do corredor.

12 INT. COPA E SALA - COMEÇO DA NOITE

Almir chega na Copa e Sala a tempo de ver o saco de lixo cair no chão.

Em câmera lenta, o saco plástico voou para o chão, espalhando toda a sujeira para fora.

A veia de sua testa aparece e seus olhos ficam ainda mais esbugalhados.

Ouve-se um barulho muito alto de vidro se quebrando vindo do quarto de Almir. Ele corre para fora da Copa e Sala.

13 INT. QUARTO - COMEÇO DA NOITE

Almir entra de supetão em seu quarto e fica paralizado.

A janela de seu quarto bate violentamente contra a parede, devido a grande ventania.

O abajur jazia quebrado aos seus pés.

Sua cama está toda molhada e cheia de folhas mortas, assim como todo o resto do quarto.

Seu armário de roupas escorre água da chuva.

14 INT. SALA DE MÚSICA - COMEÇO DA TARDE (PASSADO)

Corta a música.

Almir se apoia com as mãos em cima do piano enquanto se escuta um gemido abafado e o barulho de várias teclas do piano sendo pressionadas juntas, de forma ritmada.

Depois de alguns instantes, seu padraço geme alto e se apoia das costas do menino com uma das mãos. Na outra mão, segura uma garrafa de whisky.

(CONTINUA...)

O padraço se afasta, sobe a calça desajeitadamente, quase derrubando a bebida.

Almir continua deitado sobre o piano, chorando baixo.

15

INT. QUARTO - NOITE

Almir está paralizado olhando o quarto bagunçado. De seu rosto escorre chuva misturada com lágrimas.

Com passos lentos e pesados, ele vai até a janela para fechá-la.

Olha seu reflexo no vidro e para de lutar contra o vento.

Seu rosto está com olheiras profundas, os olhos inchados, o queixo roxo e a boca curvada bizarramente para baixo. Por alguns instantes, Almir olha para o seu reflexo.

Ele olha para sua cama em total desordem, caminha a passos tímidos e lentos até ela.

Deita sobre as sujeiras, fecha os olhos e dá um leve sorriso.

Volta a música "As Bodas de Fígaro".

Fim.

CONTATO COM OS AUTORES

Adriana Niétkar chuvazul@gmail.com
Adriano Salvi professoradrianosalvi@gmail.com
Amilcar Britz amilcarbritz@gmail.com
Anna Theresa Schipmann Rebelo therebelo@gmail.com
Bruna Martins martinsbrunac@gmail.com
Caio Henrique Leivas Borges caioborges70@gmail.com
Cristina Pretti cristinaprettifaria@yahoo.com.br
Daniel R. S. danielsan1972@yahoo.com.br
Didié Kinsey didie@anglocamboriu.com.br
Diovane Rubens Riedel diovanerubensriedel@gmail.com
Dirlei Felipe dirlei.felippe@gmail.com
Eduarda Vidal evidalennes@yahoo.com.br
Felipe Utpadel felipeut33@gmail.com
Gustavo Zinder gustavozinder@gmail.com
Heloisia Dias heloisadias.publicidade@gmail.com
Jéssica dos Santos de Souza souza.jessicadossantosde@gmail.com
Leonardo Bittencourt leonardo@lebt.com
Lilian Regina Schmeil lilianschmeil@gmail.com
Luiz Cláudio Cerqueira luizclaudiocb@gmail.com
Maykon Ely maykonely92@gmail.com
Mery Petty merypetty@almalivre.com.br
Natália Trentini natrentini@gmail.com
Nelson de Faria Campos ncurica@gmail.com
Nielson Modro nielson@modro.com.br
Paulo Zwolinski paulozwolinski@gmail.com
Pimentel Filipi pimentel.felipi@gmail.com
Rita Duarte ritcduarte@gmail.com
Rodrigo de Souza Bortoloti rodrigo_bortoloti_tik@hotmail.com
Suellen Cordovil da Silva sue_ellen11@yahoo.com.br
Thaysa Petry Lisbôa thaysapl@yahoo.com.br

ADRIANA NIÉTZKAR
ADRIANO SALVI
AMILCAR BRITZ
ANNA THERESA SCHIPMANN REBELO
BRUNA MARTINS
CAIO HENRIQUE LEIVAS BORGES
CRISTINA PRETTI
DANIEL R. S.
DIDIÉ KINSEY
DIOVANE RUBENS RIEDEL
DIRLEI FELIPPE
EDUARDA VIDAL
FELIPE UTPADEL
GUSTAVO ZINDER
HELOISA DIAS
JÉSSICA DOS SANTOS DE SOUZA
LEONARDO BITTENCOURT
LILIAN REGINA SCHMEIL
LUIZ CLÁUDIO CERQUEIRA
MAYKON ELY
MERY PETTY
NATÁLIA TRENTINI
NELSON DE FARIA CAMPOS
NIELSON MODRO
PAULO ZWOLINSKI
PIMENTEL FILIPI
RITA DUARTE
RODRIGO DE SOUZA BORTOLOTTI
SUELLEN CORDOVIL DA SILVA
THAYSA PETRY LISBÔA

